

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Eduardo Andrade Gomes

**A DATILOGIA NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA
LIBRAS-PORTUGUÊS:
UM ESTUDO EXPERIMENTAL**

Belo Horizonte
2025

Eduardo Andrade Gomes

**A DATILOLOGIA NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA
LIBRAS-PORTUGUÊS:
UM ESTUDO EXPERIMENTAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Lourenço

Belo Horizonte
2025

G633d Gomes, Eduardo Andrade.
A datilologia na interpretação simultânea Libras-português
[manuscrito]: um estudo experimental / Eduardo Andrade Gomes. —
2025.
1 recurso online (270 f. il., grafs., tabs. (algumas color.)) : pdf.
Orientador: Guilherme Lourenço.
Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 236-255.
Anexos: f. 256-260.
Apêndices: f. 261-269.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Língua brasileira de sinais –
Teses. 3. Tradução simultânea – Teses. I. Lourenço, Guilherme. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A datilologia na interpretação simultânea Libras-português: um estudo experimental

EDUARDO ANDRADE GOMES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 01 de setembro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Guilherme Lourenço - Orientador

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof(a). Diego Mauricio Barbosa

UFG

Prof(a). Carlos Henrique Rodrigues

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof(a). Fernando de Carvalho Parente Junior

Universidade Federal do Ceará

Prof(a). Igor Antonio Lourenco da Silva

Universidade Federal de Uberlândia

Belo Horizonte, 01 de setembro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Lourenco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 23/09/2025, às 07:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antônio Lourenço da Silva, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Henrique Rodrigues, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 11:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando de Carvalho Parente Junior, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 15:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diego Mauricio Barbosa, Usuário Externo**, em 23/09/2025, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4568479** e o código CRC **95EDC4F9**.

Agradecimentos

A Deus, primeiramente, pela vida, e por sempre guardar e iluminar os meus caminhos;

Aos meus familiares, aqui representados por minha mãe, Mara, por todo amor, dedicação, educação e incentivo, não apenas neste percurso acadêmico, mas durante toda a minha existência;

Ao meu orientador, Dr. Guilherme Lourenço, por sua atenção e parceria devotadas a mim e à construção desta pesquisa, acreditando, desde o início, no potencial da temática;

Aos membros da banca de qualificação, Dr. Diego Barbosa e Dr. Fernando Parente-Júnior, e da de defesa, Dr. Diego Barbosa, Dr. Fernando Parente-Júnior, Dr. Carlos Rodrigues e Dr. Igor Da Silva, pela esmerada leitura e pelas importantes considerações que contribuíram para o aprimoramento do trabalho;

Ao meu amigo, Charley Soares, por sua disponibilidade, generosidade e entusiasmo em gravar as sentenças em Libras e, mais que isso, sempre brindar-me com essa língua;

Aos meus amigos, Jéssica Costa, Maria Luiza de Sá, Rafael Gomes e Werison Lopes, pelo fundamental suporte na edição dos vídeos das sentenças, na configuração do *PsychoPy*, e na geração de imagens e de gráficos;

Aos intérpretes que, generosa e prontamente, aceitaram participar deste estudo, propiciando, literalmente, voz, às discussões geradas. Sem vocês, este trabalho não seria viabilizado;

Às comunidades surdas, nas quais nós, intérpretes, também as compõem, pela oportunidade de novos conhecimentos e aprendizados;

Aos demais amigos, por toda torcida, companhia e partilha ao longo desta e de muitas outras jornadas da vida;

À Universidade Federal de Viçosa, pela autorização de alguns dias para que eu pudesse me dedicar integralmente à condução e finalização deste trabalho.

“[...] interpretação simultânea é, em certa medida, cercada de mistério: os intérpretes podem dar a impressão de que interpretam sem esforço. No entanto, o mistério e, em certa medida, o glamour, que parecem caracterizar a prática, tendem a ignorar o sério custo que ela impõe aos profissionais.”

Valdeón, 2021

GOMES, Eduardo Andrade. A datilologia na interpretação simultânea Libras-português: um estudo experimental. 2025. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

Resumo

A datilologia é um item lexical produtivo em línguas de sinais e apresenta desafios singulares na interpretação simultânea intermodal. O presente estudo investiga como três principais variáveis linguísticas — classe gramatical (nome e verbo), frequência lexical (alta e baixa) e velocidade de exibição (normal, lenta e acelerada) — influenciam a capacidade dos intérpretes de reformular, com precisão e fluência, palavras soletradas da Libras para o português. Para isso, adotou-se um delineamento experimental, a fim de averiguar a interação entre essas variáveis. Um quantitativo de 48 sentenças experimentais e 96 distratoras foi produzido em Libras, sendo as palavras soletradas selecionadas do *corpus* nacional LexPorBR. Anterior ao teste com os intérpretes, 21 participantes surdos julgaram a aceitabilidade das sentenças-experimentais para verificar a naturalidade e a coerência semântica. A tarefa interpretativa com essas sentenças utilizou o *software PsychoPy*, sendo avaliada por meio do estudo-piloto e, posteriormente, aplicada a 12 intérpretes profissionais. Os participantes também responderam a um questionário de competência em interpretação, e realizaram dois testes distintos de fluência verbal. Com base em análises estatísticas, os resultados revelaram que a classe gramatical não influenciou significativamente no desempenho positivo dos intérpretes. Por outro lado, itens de alta frequência e, principalmente os em velocidade lenta, demonstraram relevante impacto nesse desempenho. Ainda, apesar de não ser determinante, indica-se que os intérpretes que demoraram mais tempo para iniciar as interpretações possuíam mais acertos. Estabeleceu-se, também, uma correlação estatística entre alguns pontos do questionário, sugerindo que as pessoas que aprenderam a Libras mais cedo e assistem a vídeos nessa língua por mais horas apresentaram um melhor desempenho. Todavia, não foi possível associar a quantidade de acertos com a autopercepção da prática interpretativa da Libras para o português. Este estudo oferece evidências empíricas interessantes e anseia-se que investigações adicionais possam ser desenvolvidas na exploração das nuances das datilologias e das suas interfaces e impactos na interpretação-voz simultânea.

Palavras-Chave: Datilologia; Estudos da Interpretação; Gatilhos de problema; Interpretação simultânea; Interpretação de línguas de sinais.

GOMES, Eduardo Andrade. Fingerspelling in Libras-portuguese simultaneous interpreting: an experimental study. 2025. Thesis (Doctor's Degree in Applied Linguistics) – Faculdade de Letras, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

Abstract

Fingerspelling is a productive lexical item in sign languages and presents unique challenges in intermodal simultaneous interpreting. This study investigates how three main linguistic variables—grammatical class (noun and verb), lexical frequency (high and low), and display speed (normal, slow, and accelerated)—influence interpreters' ability to accurately and fluently reformulate spelled words from Libras into Portuguese. To this end, an experimental design was adopted to investigate the interaction between these variables. A total of 48 experimental sentences and 96 distractor sentences were produced in Libras, with the spelled words selected from the national corpus LexPorBR. Prior to testing with the interpreters, 21 deaf participants judged the acceptability of the experimental-sentences to verify naturalness and semantic coherence. The interpretive task with these sentences used the PsychoPy software, was evaluated through a pilot study and subsequently administered to 12 professional interpreters. Participants also completed an interpreting competency questionnaire and took two separate verbal fluency tests. Based on statistical analyses, the results revealed that grammatical class did not significantly influence interpreters' positive performance. On the other hand, high-frequency items, especially those at a slow speed, demonstrated a significant impact on performance. Furthermore, although not decisive, it appears that interpreters who took longer to begin interpreting had more correct answers. A statistical correlation was also established between some points on the questionnaire, suggesting that people who learned Libras earlier and watched videos in that language for more hours performed better. However, it was not possible to associate the number of correct answers with self-perception of interpreting practices from Libras to Portuguese. This study offers interesting empirical evidence, and we hope that further research can be developed to explore the nuances of fingering and their interfaces and impacts on simultaneous sign-to-voice interpreting.

Keywords: Fingerspelling; Interpreting Studies; Problem Triggers; Simultaneous Interpreting; Sign Language interpreting.

Lista de figuras

Figura 1. Categorias de gatilhos de problemas, conforme Mankauskienė (2016).	70
Figura 2. Sistematização das etapas do experimento.	117
Figura 3. <i>Layout</i> principal do LexPorBR.	121
Figura 4. Estúdio de gravação na Faculdade de Letras da UFMG.	129
Figura 5. Postura do falante surdo.	130
Figura 6. Apresentação do questionário.	134
Figura 7. Disposição dos vídeos e das respostas.	135
Figura 8. Registro ampliado de T1 realizando a tarefa no estudo-piloto.	137
Figura 9. Registro ampliado de T2 realizando a tarefa no estudo-piloto.	139
Figura 10. <i>Layout</i> interno com a configuração da contagem regressiva no <i>software</i> .	152
Figura 11. <i>Layout</i> interno com a configuração da mensagem escrita no <i>software</i> .	152
Figura 12. <i>Layout</i> interno com a configuração dos vídeos no <i>software</i> .	153
Figura 13. Sequência das telas do <i>PsychoPy</i> durante a tarefa.	154
Figura 14. Janelas de objeto e de imagem do Praat.	157
Figura 15. <i>Layout</i> do manuseio dos arquivos de áudio no Praat.	158

Lista de quadros, gráficos e tabelas

Quadro 1. Apresentação das palavras selecionadas para o experimento.	124
Quadro 2. Esboço da organização dos grupos das sentenças.	126
Quadro 3. Orientações disponibilizadas aos intérpretes.	136
Quadro 4. Questões para apreciação dos intérpretes em relação ao estudo-piloto.	137
Quadro 5. Síntese das etapas do estudo-piloto.	139
Quadro 6. Sistema de Transcrição de Jefferson.	156
Quadro 7. Sistematização para a análise das interpretações	159
Quadro 8. Dados demográficos dos participantes.	169
Quadro 9. Dados do questionário, referentes à formação.	184
--	
Gráfico 1. Efeito da classe gramatical sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.	165
Gráfico 2. Efeito da frequência lexical sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.	166
Gráfico 3. Efeito da velocidade de exibição sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.	167
Gráfico 4. Gênero dos participantes.	172
Gráfico 5. Grau de escolaridade dos participantes.	174
Gráfico 6. As línguas dos participantes.	175
Gráfico 7. Línguas de fluência dos participantes antes dos sete anos.	176
Gráfico 8. Meio determinante para o aprendizado da Libras pelos participantes.	178
Gráfico 9. Grupos com quem os intérpretes falam em Libras.	179
Gráfico 10. Frequência em que os intérpretes falam em Libras.	180

Gráfico 11. Par linguístico de trabalho dos intérpretes.	183
Gráfico 12. Quantitativo de horas semanais dedicado à interpretação da L1 para a Libras.	189
Gráfico 13. Quantitativo de dias anuais dedicado à interpretação da L1 para a Libras.	190
Gráfico 14. Quantitativo de horas semanais dedicado à interpretação da Libras para a L1.	191
Gráfico 15. Quantitativo de dias anuais dedicado à interpretação da Libras para a L1.	192
Gráfico 16. Proporção semanal de atuação entre interpretação simultânea e consecutiva.	193
Gráfico 17. Filiação à associação de intérpretes de línguas de sinais do estado.	194
Gráfico 18. Boxplot comparando o desempenho dos intérpretes nos testes de fluência, por categoria.	197
Gráfico 19. Boxplot comparando a fluência média dos intérpretes, por categoria.	198
Gráfico 20. Dispersão dos escores médios de fluência verbal dos intérpretes, com identificação individual.	199
Gráfico 21. Produção dos intérpretes, com base na classe gramatical.	201
Gráfico 22. Produção dos intérpretes, com base na frequência.	203
Gráfico 23. Produção dos intérpretes, com base na velocidade.	204
Gráfico 24. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na frequência.	208
Gráfico 25. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na classe gramatical.	209
Gráfico 26. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na velocidade.	210

Gráfico 27. Relação entre o total de acertos dos intérpretes e a idade de aquisição da Libras.	212
Gráfico 28. Relação entre o total de acertos dos intérpretes e o tempo de exposição à vídeos em Libras.	213
Gráfico 29. Distribuição do tempo de início e o tipo de resposta dos intérpretes.	215
--	
Tabela 1. Distribuição do quantitativo de sentenças.	125
Tabela 2. Dados do questionário, referentes ao contato com materiais nas línguas.	181
Tabela 3. Dados do questionário, referentes à capacidade de interpretação.	188
Tabela 4. Influência das variáveis sobre o tipo de resposta dos intérpretes.	205
Tabela 5. Probabilidade média entre as variáveis e os tipos de respostas dos intérpretes.	207
Tabela 6. Agrupamento de faixas de <i>onset</i> e respostas equivalentes.	217

Lista de abreviaturas e siglas

AA - Audição e Análise
AGE - Autogestão no espaço
AIIC - Associação Internacional de Intérpretes de Conferência
Amitils - Associação Mineira de Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais
ANOVA - Análise de variância
APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência
ASL - Língua de Sinais Americana
Auslan - Língua Australiana de Sinais
BSL - Língua de Sinais Britânica
C - Coordenação
CAS - Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CILSC - Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos Comunitários: Saúde, Educação & Justiça
CM - Configurações de mão
Coda - *Children of deaf adults*
ConEI - Congresso sobre Estudos da Interpretação
ConTAVi - Congresso Brasileiro de Tradução Audiovisual
Covid-19 - *Coronavirus Disease 2019*
CV - coeficiente de variação
DSGS - Língua de Sinais Alemã Suíça
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
ENTRAD - Encontro Nacional e Encontro Internacional de Pesquisa em Tradução
ESIT - *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs*
EUA - Estados Unidos da América
FEBRAPILS - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
IIS - Interação imediata com pessoas surdas
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos
IRTIN - *International Research and Theory Information Network*
ISL - Língua de Sinais Irlandesa
L1 - Primeira língua
L2 - Segunda língua
LETRA - Laboratório Experimental de Tradução

LexPorBR - Léxico do Português Brasileiro
Libras - Língua Brasileira de Sinais
LSA - Língua de Sinais Argentina
LSC - Língua de Sinais Chilena
LSF - Língua de Sinais Francesa
LSI - Língua de Sinais Italiana
M - Memória
MEC - Ministério da Educação
NZSL - Língua de Sinais da Nova Zelândia
ONU - Organização das Nações Unidas
P - Produção
ProLibras - Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras
ProTILS - Projeto de capacitação de tradutores e intérpretes de língua de sinais
R - Recepção
SASL - Língua de Sinais da Arábia Saudita
SINTRA - Sindicato Nacional dos Tradutores
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TICQ - *Translation and Interpreting Competence Questionnaire*
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFC - Universidade Federal do Ceará
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
UFG - Universidade Federal de Goiás
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB - Universidade Federal da Paraíba
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRR - Universidade Federal de Roraima
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFScar - Universidade Federal de São Carlos
UFV - Universidade Federal de Viçosa
UnB - Universidade de Brasília

Sumário

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	18
1.1 Justificativa	21
1.2 Objetivos	25
1.3 Hipóteses	25
1.4 Estrutura da tese	26
CAPÍTULO 2: ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO E INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA	28
2.1 Os Estudos da Interpretação	29
2.2 A interpretação simultânea e os gatilhos de problema	55
2.3 Síntese do capítulo	74
CAPÍTULO 3: A INTERPRETAÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS E A DATILOGIA	76
3.1 Aspectos linguísticos das línguas de sinais e a interpretação Libras-português	76
3.2 A datilografia nas línguas de sinais	85
3.3 Datilografia e interpretação simultânea	101
3.4 Síntese do capítulo	109
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	112
4.1 A abordagem experimental	113
4.2 Etapas da investigação	116
4.3 Pré-experimento	117
4.3.1 Preparação do material	117
4.3.2 Julgamento de aceitabilidade linguística por surdos	131

4.3.3 Estudo-piloto	135
4.4 Experimento	140
4.4.1 Participantes	140
4.4.2 Questionário de Competência em Interpretação	142
4.4.3 Testes de fluência verbal	144
4.4.4 Experimento: tarefa de interpretação das sentenças	149
4.5 Pós-experimento	155
4.5.1 Transcrição e anotação	155
4.5.2 Categorias de análise	158
CAPÍTULO 5: APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	163
5.1 Julgamento de aceitabilidade das sentenças-experimentais	163
5.2 Questionário de competência em interpretação	168
5.2.1 Primeira seção - dados pessoais e aquisição da Libras	169
5.2.2 Segunda seção - experiência profissional	182
5.2.3 Terceira seção - competência em interpretação	187
5.3 Testes de fluência verbal	196
5.4 Tarefa de interpretação das sentenças	200
5.4.1 As produções dos intérpretes e as três variáveis do estudo	201
5.4.2 As produções equivalentes dos intérpretes e algumas respostas do questionário	211
5.4.3 As produções dos intérpretes e o tempo de início das respostas	214
CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	219
6.1 Aspectos da datilologia e a produção dos intérpretes	219

6.2 Limitações do estudo	227
6.3 Perspectivas futuras	229
CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS	230
REFERÊNCIAS	236
Anexo 1: TICQ (<i>Translation and Interpreting Competence Questionnaire</i>)	256
Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	261
Apêndice 2: Frequência absoluta das palavras selecionadas para o experimento	263
Apêndice 3: Sentenças-experimentais em Libras (glosas)	265
Apêndice 4: Sentenças-distratoras em Libras (glosas)	267

Capítulo 1: Introdução

A interpretação entre línguas, enquanto atividade de reformulação interlingual¹ de mensagens (García; Mikulan; Ibáñez, 2016), é uma prática milenar e que vem galgando contornos teóricos e acadêmicos, além dos profissionais. A partir do século XX, por exemplo, Pöchhacker (2022) destaca que, perante a potencialização da internacionalização das ações e da migração de povos, as sociedades tornaram-se mais multilíngues e multiculturais. Assim, a interpretação deixou de ser aplicada somente no contato entre nações e passou a ser efetuada em situações internas, no próprio nicho social. No caso das línguas de sinais, essa mediação linguístico-cultural realiza-se entre falantes² surdos-surdos e surdos-ouvintes.

¹ Apesar de haver a possibilidade de reformulações intralinguais, todas as discussões desta tese estão concentradas no processo de interpretação entre línguas distintas, mais precisamente entre as línguas de sinais e as orais (e.g., Libras e português).

² Nesta tese, acompanhando uma perspectiva da linguagem humana, na qual o ato articulatório de manifestação linguística e os seus produtores circunscrevem tanto as línguas de modalidade oral-auditiva quanto as gestuais-visuais, este termo será utilizado.

Principalmente em relação ao segundo grupo mencionado, a interpretação pode ocorrer entre duas línguas de modalidades³ distintas, sendo uma a gestual-visual (e.g., Língua Brasileira de Sinais – Libras), e a outra a oral-auditiva (e.g., português), caracterizando-se como uma tarefa intermodal. Há ainda a possibilidade de essa atividade ser desempenhada entre duas línguas de sinais (i.e., mesma modalidade), configurando-se como um processo intramodal gestual-visual. Essa noção de modalidade de língua é concebida em função da realização física em que as línguas se manifestam foneticamente em sua produção e percepção, como observam Bellugi e Fischer (1972), Meier (2004) e Quer e Steinbach (2019).

Além das combinações entre línguas e modalidades, a direcionalidade da tarefa de interpretação, que se vale de qual(is) língua(s) se parte ou se chega, precisa ser considerada e tem sido tema de pesquisa na área dos Estudos da Interpretação (Apfelthaler, 2020; Bartłomiejczyk e Gumul, 2024).

Para além dos notórios contornos sociais, é importante vislumbrar que a interpretação, independentemente do seu modo, é uma atividade mental, contemplando a compreensão da mensagem do texto de partida, o armazenamento das informações e a produção na língua de chegada. García (2019) ressalta que, apesar de essas operações não serem palpáveis e tangíveis, deixam marcas estimáveis dentro e fora do corpo do intérprete, como a reflexão quanto à tarefa, a qualidade do texto de chegada, entre outras.

Ao efetuar esse complexo trabalho cognitivo, os intérpretes se deparam com dificuldades de diversas naturezas, entre elas a linguística. Gile (2021) avulta que unidades presentes no texto de partida podem acarretar adversidades e desafios para a tarefa de interpretação, sendo geradoras de problemas. O autor exemplifica esses

³ Neste trabalho, a palavra “modalidade” acomoda três significações. Essa primeira se filia aos sistemas e aos canais de produção e de percepção linguística. A segunda associa-se ao modo como a interpretação é concebida e executada. A terceira assenta-se à materialidade e ao uso efêmero e interpessoal das línguas.

problemas quando há um enunciado proferido em alta velocidade e com uma densidade maior de informações que contemplam palavras pouco conhecidas, terminologias específicas, lista de palavras citadas, números, nomes próprios e comuns etc. Tais pontos podem majorar a capacidade de processamento ou, nas palavras mais recentes de Gile (2020), os recursos de atenção dos intérpretes, excedendo o seu limite de saturação cognitiva, e comprometer a entrega do texto de chegada.

Tratando de processos interpretativos intermodais, as línguas de sinais possuem um elemento linguístico bastante presente, denominado datilologia (i.e., soletração manual), que, de acordo com Cordeiro (2019), consiste na manifestação das palavras das línguas orais por meio do alfabeto manual, realizado em estrutura segmentar com configurações de mão (CM), orientação da palma da mão, movimento e locação.

Estudos como o de Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) demonstram que esse mecanismo é um fator de dificuldade para os intérpretes e, por isso, preferem atuar na direção de uma língua oral para uma língua de sinais. Em uma pesquisa realizada no par e direção linguística Libras-português, Viana (2022) identificou a existência de erros (i.e., divergência do texto de chegada em relação ao de partida, às normas linguísticas e ou às de coerência) e de omissões (i.e., ausência de algum segmento do texto de partida na reformulação para o de chegada) nas produções dos profissionais, além de pausas, com maior ocorrência após o item desejado, e de prolongamentos na mensagem do texto de chegada.

É patente, portanto, que a datilologia, por si só, insere-se como um problema na interpretação. McDermid, Finton e Chasney (2016) listam diferentes tipos de datilologia como a completa, a incompleta, a lexicalizada, e a formada por siglas e abreviações, sendo que algumas podem ser mais ou menos desafiadoras para os intérpretes. Ademais, esses elementos podem estar relacionados a outras variáveis

como a velocidade de expressão da datilologia, a classe gramatical e a frequência de uso das palavras soletradas.

Assim, a presente pesquisa propõe-se a discutir e a problematizar, por um viés experimental, a presença da datilologia completa e os seus efeitos na interpretação simultânea Libras-português.⁴

1.1 Justificativa

Apesar de essenciais na história da humanidade ao mediar relações linguísticas, comerciais, diplomáticas e econômicas, Valdeón (2021) acentua que os intérpretes podem ter sido menos prestigiados, se comparados aos tradutores, pelo fato de muitas vezes as suas atividades não serem remuneradas e por não possuírem uma formação formal. Além disso, segundo o autor, por dominarem as línguas envolvidas nas tratativas e territórios, assumiram funções até mesmo de informantes e de espões.

No Brasil, durante o século XVI, no processo de colonização empreendido pelos portugueses, Silva-Reis e Bagno (2016) dissertam que as pessoas que atuavam como intérpretes para promover as interações comunicacionais entre os invasores e os povos nativos (i.e., indígenas) eram, por vezes, pessoas, provenientes de Portugal, que cometeram algum crime. Esse público era impelido a conviver com os indígenas para, então, aprenderem a sua língua.

Nesse período, em vários países europeus, as respectivas línguas eram respeitadas e, portanto, a atuação dos intérpretes era mais direcionada à mediação, mesmo havendo diversos interesses econômicos e políticos enredados. Diferentemente, em solo brasileiro, as línguas indígenas e, logo adiante, as africanas,

⁴ Neste texto, a menção e a disposição das línguas representa o par linguístico e a direção investigada (i.e., Libras para português). Importa ressaltar que, no Brasil, além da Libras, existem outras línguas de sinais oriundas de comunidades regionais e indígenas, por exemplo. Ademais, outros pares intermodais e intramodais gestuais-visuais e orais-auditivos também são explorados academicamente e profissionalmente.

foram sumariamente marginalizadas e desprezadas. Conduta e perspectiva semelhante foram empreendidas com as línguas de sinais, pelo fato do tardio reconhecimento linguístico e da desvalorização das comunidades surdas.

Apesar de ser uma marcação política e social, para fins acadêmicos e científicos, não parece ser razoável explorar ou preservar uma perspectiva em que a prática da interpretação envolvendo línguas de sinais assuma uma postura dissonante ou, até mesmo, extraordinária, se comparada às línguas orais. É certo que os efeitos de modalidade linguística podem afetar negativa ou positivamente a tarefa interpretativa e, por isso, Gile (2021, 2025) realça que essas argumentações alimentam e revigoram os Estudos da Interpretação. Em contrapartida, os procedimentos operacionais adotados serão similares, independentemente dos pares de línguas envolvidos.

Tratando-se dos itens linguísticos do texto de partida que podem desencadear problemas na interpretação, a datilologia é um deles. Pessoas que desconhecem a conjuntura das línguas de sinais, ou mesmo iniciantes no aprendizado dessas línguas, podem supor que a soletração manual seja um mecanismo simples e compensatório na comunicação, em que basta compreender e manifestar as letras individualmente. Todavia, Occhino *et al.* (2024) expandem essa concepção ao mencionar que a datilologia abarca restrições fonéticas e fonológicas, coarticulação e processamento convencionado das unidades. No caso dos intérpretes profissionais, principalmente, que lidam com esse fenômeno na prática, Nicodemus e Emmorey (2015) aludem que eles reconhecem a sua complexidade.

Em estudo empírico-experimental de interpretação simultânea do português para a Libras de um texto relacionado à educação de pessoas surdas, Rodrigues (2013) discute que o uso da datilologia pela maioria dos profissionais sucedeu em razão pragmática. Isso porque, apesar de haver um sinal correspondente para a reformulação da sentença que contemplava o trecho “tomar banho”, o teor do vídeo

imputava a aplicação literal, em soletração manual, por se tratar do destaque dado à estrutura diretamente em português, mais especificamente quanto ao verbo “tomar”.

Petitta, Halley e Nicodemus (2016) também salientam o emprego da datilologia como um mecanismo para retratar explicitamente a mensagem pelos léxicos da língua oral de partida, porém advertem quando tal recurso é usado demasiadamente e sem reflexão.

Em tarefa interpretativa de mesma modalidade, direção e par de línguas de Rodrigues (2013), Barbosa (2020) e Barbosa e Lima (2022) asseveram que a produção da soletração manual pode ser considerada uma estratégia (i.e., ações programadas com o intuito de resolver ou mitigar problemas presumíveis) linguística. Para os autores, esse conceito abrange diversas possibilidades, mas será exitoso somente quando o objetivo é alcançado. Isso significa que a datilologia precisaria, então, ser entregue de forma coerente.

Nesse escopo, os autores ponderam que a datilologia tende a ser usada para manifestar alguma informação que não apresente um signo linguístico nessa língua, que o intérprete não conheça ou mesmo para a marcação e a reprodução literal da língua de partida. Entretanto, nesse modo, como as mensagens são recebidas a todo momento, se não houver uma regulação por parte do profissional, o tempo empregado na soletração manual poderá prejudicar a sua produção, e assim, gerar um item incorreto e incompreensível para os interlocutores surdos. No estudo de Barbosa (2020, p. 128), essa constatação é relatada por um intérprete em entrevista posterior ao desempenho na tarefa de interpretação simultânea: “[...] por isso, a datilologia me exige uma atenção maior e eu acabei usando um tempo muito longo pra isso e isso fragilizou o outro trecho da mensagem, com certeza.”

Ainda que possa não ser bem-sucedida, tem-se admitido, na atuação, a datilologia como estratégia, embora ela seja, antes de tudo, conforme já externado, um fenômeno linguístico das línguas gestuais-visuais. Para utilizá-la no bojo de

estratégia, também é preciso que o intérprete pondere outros aspectos como, por exemplo, o gênero textual e o público-alvo. O uso da soletração manual em fábulas para crianças surdas não seria tão efetivo e viável, como atestam Tassara, Rodrigues e Fonseca (2022).

Em contrapartida, na interpretação para o português, tal condição estratégica (e.g., utilizar na ausência ou no desconhecimento de um sinal) não se sustenta, pois, se o intérprete não compreender a palavra ou o termo expresso, não será possível produzi-la. Assim, para não produzir na língua oral um item incorretamente, caberá a ele omiti-la, o que poderia ser, sim, uma estratégia.

Diante da distinção entre como conceber e agir com a datilologia na sua produção e na recepção, esta tese discute esse item em atividades de interpretação simultânea Libras-português, notando que tal temática ainda é tímida, tanto no Brasil quanto no exterior, e pouco têm povoado os debates científicos (Lourenço; Viana, 2022; Viana, 2022; Nicodemus; Lang; Haug, 2023).

Assume-se, ainda, que esse tipo de investigação, por ocupar-se a problematizar a tarefa de interpretação, traz contribuições teóricas e práticas substanciais para a formação de novos profissionais e para o conhecimento e a capacitação dos intérpretes que já estão inseridos no mercado de trabalho. Para exemplificar, tem-se a preparação e a execução da interpretação ou da tradução de atividades avaliativas como exames, provas, materiais didáticos etc.

Ademais, um importante desdobramento é orientar os falantes de línguas de sinais quanto à complexidade envolvida na constituição da datilologia e, assim, se atentarem a forma de manifestar esse item, sobretudo quando estiverem sendo acompanhados por intérpretes em aulas, em eventos etc. Tal conscientização poderá potencializar a efetividade da interpretação das soletrações manuais.

1.2 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é investigar de que maneira a presença da datilologia no texto de partida pode impactar o processo de interpretação simultânea Libras-português.

Os objetivos específicos são:

- i) verificar se a presença da datilologia no texto de partida constitui-se como um gatilho de problema em tarefas de interpretação simultânea Libras-português, conforme é sugerido na literatura;
- ii) identificar se diferentes variáveis como a velocidade de apresentação da fala em línguas de sinais, a frequência lexical e a classe gramatical/lexical da palavra soletrada (i.e., nomes comuns e verbos) podem interferir no desempenho da produção do intérprete.

1.3 Hipóteses

Com base nas questões postas anteriormente, tem-se as seguintes hipóteses:

- A datilologia imprime, visualmente, palavras ou termos das línguas orais-auditivas nas produções em línguas de sinais, possuindo caracterizações fonéticas e fonológicas e finalidades próprias, configurando-se um gatilho de problema na interpretação da Libras para o português, pelo fato de requererem, para a compreensão, elevada carga cognitiva.
- A presença da datilologia no texto de partida poderá levar a um número significativo de erros e de omissões na expressão de palavras ou de termos pelos intérpretes, segundo proposição já existente na literatura.

- Considerando-se a discussão propiciada por Padden e Gunsauls (2003), dada a menor frequência de ocorrência de soletração manual de verbos, os intérpretes podem apresentar maior dificuldade para lidar com a manifestação desses itens, uma vez que demandam, a depender do contexto sintático, mais tempo de processamento. Soma-se ainda ao fato de que, em português, a morfologia verbal é mais complexa do que a morfologia nominal.

- A produção em português dos intérpretes pode ser afetada a partir da velocidade de fala em línguas de sinais, da classe gramatical das palavras e da frequência de uso delas. Assim, a soletração veloz de palavras como verbos e com baixa regularidade ou redundância tendem a ser as mais desafiadoras, por impactarem a percepção e o processamento.

1.4 Estrutura da tese

Esta tese está organizada em sete capítulos. O Capítulo 1, aberto por esta introdução, apresentou a justificativa da pesquisa, os objetivos e as hipóteses que projetaram a construção deste trabalho.

O Capítulo 2 inicia as bases de sustentação teórica com um panorama e descrição dos Estudos da Interpretação e da interpretação simultânea.

O Capítulo 3 segue essa tônica, porém se debruça à interpretação simultânea Libras-português e da datilologia no âmbito das línguas de sinais.

O Capítulo 4 acomoda a concepção e o desenvolvimento metodológico da pesquisa, iluminando a forma, os instrumentos e os caminhos trilhados para que os dados aflorassem, descrevendo todas as etapas da investigação.

O Capítulo 5 revela os resultados encontrados, enquanto que, no Capítulo 6, os dados são discutidos, e ponderadas algumas limitações desta pesquisa e projeções futuras.

Por fim, o Capítulo 7 destina-se às considerações finais, se dedicando à retomada dos argumentos e dos fenômenos discutidos e defendidos, e aos apontamentos para a prática da interpretação simultânea Libras-português.

Capítulo 2: Estudos da Interpretação e interpretação simultânea

Esta seção apresenta parte das discussões teóricas que embasam e orientam este trabalho. A partir da reunião de concepções e de perspectivas fomentadas por diversos autores e autoras, é possível desenvolver um fio condutor que culminará no engendramento de (novos) conhecimentos.

As argumentações tecidas estão organizadas em dois eixos. O primeiro manifesta-se como uma possibilidade de conceituar e singularizar o campo (inter)disciplinar dos Estudos da Interpretação, explanando a sua construção histórica e as proposições que contribuíram para a expansão e, principalmente, a caracterização da interpretação como uma tarefa de reformulação linguístico-cultural.

O segundo eixo aborda exclusivamente a definição e a composição da interpretação simultânea, bem como os itens que podem gerar dificuldades durante a execução dessa atividade pelos intérpretes.

2.1 Os Estudos da Interpretação

A interpretação é considerada uma atividade de reformulação entre/de línguas, possuindo características próprias. Todavia, em uma das primeiras tentativas de defini-la, Pöchhacker (2004) a introduziu como uma forma de “Tradução”, empregando a primeira letra maiúscula, a fim de referendar um hiperônimo, em que a tradução e a interpretação, mesmo que operacional e cognitivamente distintas, seriam atividades com finalidades semelhantes. Pöchhacker (2022) reconhece que, apesar de expandir o fenômeno, essa designação é limitante quanto às especificidades e os recursos que a tarefa exige e detém, não sendo apropriado mantê-la.

Perante essas singularidades, umas das mais marcantes é o fator oralidade, por pautar-se na manifestação enunciativa interpessoal, não havendo a necessidade de registros (e.g., áudio, escrita, imagem, vídeo), como observa Pöchhacker (2009). Por isso, para o autor, seria uma “tradução humana em ‘tempo real’, em um contexto comunicativo essencialmente compartilhado”⁵ (p. 128).

Diante das relações face a face estabelecidas, seja presencialmente, seja remotamente, os contextos sociais e situacionais serão importantes para a marcação e a delimitação das ações, já que o intérprete estará em contato imediato com os provedores e os interlocutores dos discursos de partida e de chegada. Para Pöchhacker (2022), essa relação umbilical entre o intérprete e o contexto da interpretação seria essencial para retratar essa tarefa. Esse contexto, de acordo com o autor, é, além de amplo, multifacetado, pois envolve a interação do e entre o ambiente espacial, físico; os agentes (e.g., intérprete, orador e público); e as línguas.

Além disso, outro aspecto capaz de conceituar a interpretação está conectado ao imediatismo temporal e, por vezes, espacial, em que a atividade se realiza durante

⁵ Tradução de: *“real-time’ human translation in an essentially shared communicative context”*.

a interação comunicativa presencial. Pöchhacker (2022) ressalta que a partir da segunda metade do século XX essa concepção se amplificou, uma vez que esse caráter aparentemente instantâneo não está mais associado à coexistência física, por exemplo, dos intérpretes, dos oradores e dos interlocutores. A possibilidade de interagir remotamente, além de redesenhar a interpretação enquanto atividade, por envolver, dentre outros, aspectos tecnológicos (e.g., manipulação dos dispositivos, conexão e oscilação da *internet* referente à transmissão e ao trânsito de conteúdos virtuais, interação com os agentes ou materiais textuais e imagéticos), contribuiu para a ampliação do mercado.

Recentemente, em virtude da pandemia do *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19),⁶ esse cenário acelerou e se acentuou, sobretudo no escopo das interpretações intermodais e intramodais gestuais-visuais. Inclusive, pelo fato das línguas de sinais dependerem do canal visual para a recepção das informações, capitanearam a necessidade das interpretações remotas serem realizadas por vídeo. Inicialmente, em pares linguísticos orais, apenas os equipamentos de transmissão, de recebimento, de produção e de armazenamento sonoros eram suficientes. No entanto, a captação da imagem, especialmente em contextos de conferência em modo simultâneo, mostrou-se essencial, a fim de acessar pistas visuais importantes expressas pelos oradores (Krouglov, 2021).

Pöchhacker e Liu (2024) acrescentam que a mediação da tecnologia sonora e visual também foi essencial para a implementação e a expansão da interpretação comunitária, sobretudo no que tange a oferta de serviços públicos. Segundo os autores, a interpretação mediada por vídeo, principalmente em modalidade consecutiva, em situações de serviços direcionados à saúde, difunde-se nos Estados

⁶ Segundo descrição da Organização Mundial de Saúde, a pandemia foi classificada como tal no período de 11 de março de 2020 a 5 de maio de 2023.

Unidos da América (EUA) e resulta da experiência das línguas de sinais, conforme já mencionado.

Amparado em Kade (1968), Pöchhacker (2004) indica que a mensagem emitida pelo orador e, a partir dela, a expressão pelo intérprete, são apresentadas apenas uma vez, não sendo possível, ou muito limitada, a sua revisão ou correção. Exatamente em razão dos aparatos tecnológicos supracitados de transmissão, gravação e reprodução de imagens e de sons, e, até mesmo por canais e plataformas da inteligência artificial, Pöchhacker (2019, 2022) realinha essa perspectiva do “aqui e agora”. Isso porque torna-se possível ao intérprete acessar na íntegra ou em partes o texto de partida ou mesmo materiais visuais complementares como ocorre na interpretação simultânea em canais televisivos, por exemplo, acoplando processamentos humano-máquina como legendagem ao vivo. Dessa forma, Pöchhacker (2024) pondera que esse imediatismo temporal hospeda questões graduais de corporificação, atreladas às de situacionalidade e de multimodalidade, na qual o intérprete as modifica e modaliza durante a atividade.

Nesse cenário, pelo fato de estar incurso no evento comunicativo, o intérprete segue o ritmo ou, melhor, o tempo de fala do orador. Dessa forma, tanto a compreensão das informações no texto de partida quanto a produção para o texto de chegada são empreendidas sob uma forte pressão temporal — esse fato é mais recorrente na interpretação simultânea do que nas outras modalidades interpretativas, como a consecutiva curta e longa, a de diálogo etc. Isso sugere que o esforço de memorização desempenhado pelo intérprete será expressivo, em razão do alto fluxo, da densidade e da quantidade de informações a serem renderizadas.

Em relação aos materiais a serem operados na língua de partida, Rodrigues (2018c) destaca que, mesmo o intérprete recebendo com alguma antecedência, a mensagem está submetida ao compasso do orador. Ainda, durante a tarefa, o profissional do turno pode obter o auxílio do colega de apoio que compõe a equipe

de trabalho. Nesse caso, Pöchhacker e Liu (2024) ressaltam que a tecnologia é uma aliada, pois será útil antes e durante a interpretação, principalmente se ocorrer em formato remoto, no momento de recorrer a pesquisas lexicais e terminológicas nas línguas envolvidas.

A partir do panorama traçado, Pöchhacker (2022) advoga que a interpretação não é uma tarefa estanque ou uniforme. Para o autor, por ser entremeada às práticas sociais, está sujeita a contínuas mudanças e reavaliações conceituais.

Mesmo diante de tamanha complexidade e especificidade, no âmbito acadêmico, inicialmente, a interpretação figurou de modo explícito como uma temática ou uma (sub)disciplina no campo dos Estudos da Tradução, como expõe o mapeamento de William e Chestermann (2002)⁷ e a categorização da editora *Saint Jerome Publishing*.

Vasconcellos (2010) situa que um campo dessa natureza é estabelecido quando há uma “[...] *investida teórica e institucionalizada* à prática da atividade específica (p. 123, grifos da autora). Recentemente, Rodrigues e Christmann (2023, p. 3) acrescentam que esse estabelecimento é subsidiado por alguns aspectos como: (i) a delimitação do objeto de pesquisa; (ii) a expansão das pesquisas em prol desse objeto; (iii) a organização para a construção dos conhecimento que os define e os aborda; (iv) a formação de pesquisadores em programas de pós-graduação; (v) a articulação e o estreitamento entre grupos e ou núcleos nesses programas; (vi) o volume e a periodicidade das publicações; e o (vii) desenvolvimento de eventos específicos ou compartilhados a áreas afins que os constituem.

A respeito da categorização da editora supracitada, Vasconcellos e Bartholamei-Junior (2009, p. 9) sublinham que, das 27 empreendidas, sete são relacionadas à interpretação (i.e., Interpretação para a Comunidade/Interpretação de

⁷ Neste mapeamento, das 12 áreas elencadas, a interpretação surge como a nona. Em seu escopo, alocadas como “tipos especiais”, ainda são mencionadas a interpretação de línguas de sinais e a interpretação para surdos [pessoas surdas].

Diálogo/Interpretação para Serviço Público; Interpretação Simultânea e de Conferência; Interpretação Legal e Jurídica; História da Tradução e Interpretação; Estudos de Interpretação; Interpretação de Línguas Sinalizadas; Formação de Tradutor e Intérprete).⁸ Os autores introduzem que, em relação às línguas de sinais, a mesma editora publicou, em 2007, o volume 1, número 1, e em 2008, o volume 2, do periódico “O tradutor e intérprete de língua de sinais” (*The Sign Language Translator & Interpreter*).

Embora tenha emergido nessas publicações e demonstrado algum comportamento na direção de institucionalização nos Estudos da Tradução (Vasconcellos, 2010), a interpretação apresenta condições para ser um campo (inter)disciplinar independente.

Pöchhacker (2004) menciona alguns eventos históricos importantes que contribuíram para pavimentar a construção desse campo mais autônomo. O primeiro deles foi em 1986, no Simpósio Internacional de Trieste, dedicado a discutir a formação de intérpretes de conferência em um viés mais empirista, com orientação científica. Segundo Setton (2011, p. 1), essa temática também esteve presente nas discussões do Simpósio em 1989, como forma de fomentar uma abordagem empírica mais robusta à área e se distanciar do que ele nomeou como “teorização pessoal”.⁹

Em 1992, na Universidade de Viena (*University of Vienna*), Daniel Gile discursou na abertura do Congresso de Estudos da Tradução (*Translation Studies Congress*), que postulava a sua interdisciplinaridade, e, acompanhado de outros estudiosos como Hans Vermeer e José Lambert, empregou, pela primeira vez, a nomenclatura “Estudos da Interpretação” (*Interpretation Studies* ou *Interpreting Studies*). No ano seguinte, em 1993, Heidemarie Salevsky defendeu essa concepção

⁸ Menção e tradução realizadas por Vasconcellos e Bartholamei-Junior (2009).

⁹ Tradução de: “*personal theorising*”.

em seu artigo intitulado “A natureza distinta dos Estudos da Interpretação” (*The Distinctive Nature of Interpreting Studies*).

Carneiro (2017) acrescenta que o gradativo deslocamento do francês para o inglês enquanto línguas utilizadas nas pesquisas, e o estabelecimento das primeiras publicações acadêmicas como o Boletim Informativo dos Intérpretes (*The Interpreters' Newsletter*) e o Boletim IRTIN (*IRTIN Bulletin - International Research and Theory Information Network*), atual CIRIN,¹⁰ também colaboraram para a formação do campo. Importa ressaltar que o segundo Boletim mencionado (i.e., CIRIN) é organizado, desde 1990-91, por Daniel Gile, como um mecanismo independente de compilação e de divulgação de pesquisas, apresentado geralmente em janeiro e em julho de cada ano, de modo que os pesquisadores e os interessados pela temática da interpretação possam conhecer o que tem sido discutido e produzido a respeito em diferentes países e regiões. Gile (2025) frisa o trabalho árduo e voluntário empreendido por ele, e que esse levantamento ainda se pauta mais especificamente à interpretação de conferências.

Salevsky (1993) reconhece que, para além do natural estabelecimento de um diálogo (inter)disciplinar, os Estudos da Interpretação têm buscado construir delineamentos teóricos e metodológicos próprios, indo ao encontro da sua natureza operacional e cognitiva (e.g., imediatismo e condição única na recepção e no consumo das mensagens).

Em função disso, não caberia a esse campo uma subordinação científica e social aos Estudos da Tradução. Mesmo assim, apesar de tratar especificamente dos Estudos da Interpretação, Silva (2020, p. 88), a partir da definição de Pöchhacker (2004), opta por empregar “[...] forma de tradução [...]” ao se referir à interpretação. A justificativa para tal é que “[...] nenhum estudioso de interpretação pode ficar

¹⁰ O Boletim pode ser conhecido e acessado em: <https://www.cirin-gile.fr/>. A edição mais recente, de número 70, é datada de 23 de julho de 2025.

indiferente às contribuições teórico-conceituais dos Estudos da Tradução” (p. 89). Todavia, não se trata ser alheio aos arcabouços desse campo, mas, novamente, compreender que a interpretação possui brilho e musculatura teórica, conceitual, operacional e metodológica particular, ainda que parte da sua estruturação e progresso seja decorrente de outras (sub)disciplinas já estabelecidas (Pöchhacker, 2011).

Os Estudos da Interpretação, apesar de cientificamente jovens, já que a prática da interpretação é extremamente antiga, aparentam demonstrar menor resistência em contemplar as línguas de sinais em seu bojo. Obras fundantes como, por exemplo, “O Livro de consulta dos Estudos da Interpretação” (*The Interpreting Studies Reader*), e o “Introdução aos Estudos da Interpretação” (*Introduction Interpretation Studies*) abarcam essas línguas, ainda que, por um período, as tenham vinculado visceralmente às interpretações comunitárias (e.g., educacional, jurídica, médica), e ao escopo intrassocial. Nos EUA, por exemplo, Nascimento (2016) frisa que as discussões estavam substancialmente planificadas às ações das políticas de assistência social, de acessibilidade e de inclusão. É provável que essa conjuntura seja fruto da idealização de que as comunidades surdas são minoritárias e minorizadas. Apesar desse viés benévolo, Pöchhacker e Liu (2024) consideram, também nos EUA, que a atuação dos intérpretes de línguas de sinais contribuiu para o impulso da prática profissional na segunda metade do século XX.

Ao longo dos anos, ainda que a concepção a respeito dos agentes possa permanecer estável, a atuação desses intérpretes tem explorado diversos contextos, inclusive os de conferência, que, historicamente, é elevado ao mais alto grau de prestígio (Gile e Napier, 2020). Entretanto, Saavedra-Rodríguez e González-Montesino (2024) reforçam que o estabelecimento e o desenvolvimento desses profissionais não possuem uma unicidade. Isso porque esse fator está

diretamente atrelado à expansão e ao reconhecimento das línguas de sinais e dos respectivos falantes, sobretudo os nativos.

A despeito de empreender um mapeamento quanto os Estudos da Interpretação no Brasil, Cavallo e Reuillard (2016) não examinaram as publicações a respeito da interpretação de línguas de sinais, embora pretendessem demonstrar o volume dessas pesquisas (i.e., de línguas orais). Tal quantitativo, inclusive, se mostrou baixo ao longo de uma década. Em um levantamento mais atualizado em torno desse campo, Silva (2020) informa que não contemplaria a interpretação envolvendo as línguas de sinais, pelo fato de essa possuir uma consolidação tanto institucional, com cursos de formação a nível universitário, quanto legal, pela regulamentação da profissão.¹¹ Entretanto, equivocadamente, o autor a instala como uma modalidade interpretativa. Na verdade, apesar dos importantes efeitos que a sua condição gestual-visual pode trazer ao processo, é válido reavivar que as línguas de sinais são sistemas que compõem os pares linguísticos, assim como as línguas orais-auditivas.

A nível internacional, mais precisamente no eixo da Europa Ocidental, Baxter (2022) implementou um robusto mapeamento em torno dos Estudos da Interpretação ao consultar 1.267 artigos em 53 periódicos distintos de tradução e de interpretação entre os anos de 2001 a 2020. Não obstante, o autor também retira do escopo de coleta e de análise a interpretação envolvendo as línguas de sinais, alegando que, apesar de relevantes, necessitariam de categorizações específicas e dissonantes das empregadas por ele para as línguas orais. Além disso, reitera que muitos artigos com esse escopo foram encontrados, mas compondo dossiês temáticos, o que dificultaria e restringiria a elaboração de um subtópico mais abrangente a respeito. Nota-se, porém, que essa

¹¹ A profissão foi regulamentada pela Lei nº 12.319/2010 e revisada pela nº 14.704/2023. As principais modificações se localizam no reconhecimento profissional dos guia-intérpretes, na introdução da formação superior específica, na carga horária semanal de trabalho em 30 horas, e na atuação de, pelo menos dois profissionais, em formato de alternância, quando uma demanda de trabalho extrapolar uma hora de duração.

pesquisa, assim como as supracitadas, se devota exclusivamente aos Estudos da Interpretação de línguas orais, embora estejam intituladas como um panorama do todo.

Frente a esses posicionamentos, que partem das escolhas dos pesquisadores, a denúncia de Pereira (2018) ainda reverbera ao anunciar que recorrentemente as línguas de sinais são relegadas ou assentadas em segundo plano nas abordagens mais amplas dos Estudos da Interpretação. Consoante a autora, essa postura não contribui para o fortalecimento e a revitalização do campo.

Em outra medida, Rodrigues e Christmann (2023), ao mapearem as pesquisas desenvolvidas e defendidas nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução no Brasil entre os anos de 2005 e 2022, constatam que, as relacionadas direta e explicitamente¹² à interpretação totalizam 35, sendo cinco teses e 23 dissertações na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), duas dissertações na Universidade Federal do Ceará (UFC), e cinco dissertações na Universidade de Brasília (UnB). Dessas, as temáticas mais frequentes são “análise de características da interpretação (8); interpretação em diferentes contextos (6); aspectos profissionais (5); e uso de estratégias (5)” (p. 33). Ao examinar individualmente esses trabalhos, nota-se que 20 (i.e., quatro teses e 16 dissertações) abordam ou lidam mais especificamente com a interpretação simultânea intramodal e intermodal, sendo oito (i.e., duas teses e seis dissertações) na direção da Libras para o português. Vale mencionar que essas, assim como outras pesquisas nessa direção, foram compiladas no levantamento realizado por Gomes (2024).

Na tentativa de fomentar um maior entrosamento entre as línguas orais e as de sinais nesse campo, Daniel Gile, em entrevista concedida em Barbosa e Quental (2022), propõe a realização de seminários e de projetos de pesquisa em conjunto, com

¹² Segundo os autores, essa definição foi baseada na consulta aos títulos e aos resumos das dissertações e das teses.

temáticas afim, como carga cognitiva,¹³ estratégias na interpretação, percepção de qualidade, entre outras, na qual pesquisadores das duas áreas se envolvam.

Quanto a esse revigoramento e desenvolvimento, sobretudo no Brasil, Silva (2020) ressalta que está atrelado, indissociavelmente, ao mercado de trabalho em interpretação. Havendo demanda, haverá oferta e formação e, assim, a engrenagem tende a funcionar. Em relação às pesquisas, o autor resgata o XIII Encontro Nacional de Tradutores/VII Encontro Internacional de Tradutores (ENTRAD),¹⁴ realizado em 2019 na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que não é específico da interpretação, mas que envolveu uma variedade de temáticas em torno da área. Além dele, há o já consolidado Congresso sobre Estudos da Interpretação (ConEI), que realizou quatro edições (i.e., anos 2019, 2021, 2023 e 2025).¹⁵ Esse evento é desenvolvido juntamente com o Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos Comunitários: Saúde, Educação & Justiça (CILSC), que iniciou em 2017 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e já concluiu cinco edições. E, neste ano, em uma primeira edição, também foi realizado concomitante ao 1º Congresso Brasileiro de Tradução Audiovisual (ConTAVi). Para Silva (2020), essa possível pulverização pode enfraquecer o campo e dificultar o seu estabelecimento.

Por isso, de acordo com o pesquisador, é preciso refletir se é interessante seguir independente ou abrigado nos Estudos da Tradução, a fim de evitar o

¹³ Segundo Shao e Chai (2021), este construto surge primeiramente no âmbito da psicologia. Mais tarde, se popularizou nos Estudos da Interpretação por meio das proposições de Daniel Gile em tentar explicar a razão pela qual alguns fenômenos como erros, infelicidade e omissões ocorrem na interpretação simultânea. Nesse escopo, acompanhando Chen (2017) e Broś *et al.* (2025), entende-se como uma carga ou capacidade que a execução da tarefa interpretativa compele ao sistema cognitivo do intérprete.

¹⁴ A XIV e a VIII edição, que ocorreram em 2022 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); e a XV e a IX, que será realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em novembro de 2025, também abarcam explicitamente discussões em torno da interpretação.

¹⁵ O evento sucedeu, respectivamente, na UnB; em formato remoto, devido à pandemia do Covid-19; na UFMG; e na Universidade Federal de Goiás (UFG).

esfacelamento precoce dos Estudos da Interpretação no Brasil. Apesar das dificuldades relatadas, o campo se mantém vivo e impulsionado, em alta parcela, pela atuação dos intérpretes que lidam com línguas de sinais. Para Ren (2020), quanto mais profissionalizada estiver a interpretação e os seus membros, mais condições e possibilidades de se manter como um campo autônomo haverá.

Segundo Barbosa e Quental (2022), em partes, há algum tempo Gile compartilha desse pensamento em manter os dois campos unidos, sendo uma possibilidade de fecundar ideias e propostas, com ângulos distintos, porém trabalhando com a mesma essência de transposição linguístico-cultural. Ele sugere, apoiado por outros estudiosos, o campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação, como uma maneira de gerar mais visibilidade e render, inclusive, mais ganhos aos Estudos da Interpretação. Se houvesse essa formulação, Gile e Napier (2020, p. 67) consideram que seria um “nome-guarda-chuva”¹⁶ mais oportuno. Nesse escopo, Baxter (2022) pondera que as pesquisas em interpretação, apesar de estarem se ampliando, ainda ocupam uma posição marginal em periódicos e materiais acadêmicos de tradução e interpretação, sendo sobrepujadas pela tradução escrita.

Algo semelhante foi discutido por Rodrigues e Beer (2015), ao buscarem uma delimitação política com a proposição dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, que se caracterizariam pela centralidade das línguas gestuais-visuais enquanto objeto de investigação. Apesar de argumentarem que tal área não possui “[...] existência fora desses dois outros campos disciplinares [Estudos da Tradução e Estudos da Interpretação]” (p. 19), essa abordagem pode encastelar essas línguas e dificultar a sua condução ou naturalização nos demais campos estabelecidos. Ainda assim, Rodrigues e Christmann (2023, p. 4) defendem que um campo específico para as línguas de sinais coopera para: (i) a formação de tradutores e de intérpretes dessas línguas; (ii) a dilatação da formação de pesquisadores,

¹⁶ Tradução de: “*umbrella-name*”.

sobretudo em programas de pós-graduação *stricto sensu* em Estudos da Tradução; (iii) a ampliação de programas de pesquisa e de extensão que dialoguem com os direitos das comunidades surdas falantes de línguas de sinais; e (iv) a construção e a divulgação de conhecimentos que possam assistir políticas linguísticas e de tradução ou de interpretação.

Consoante a Pöchhacker (2019), ao postular a existência ou a afirmação de uma área ou campo do conhecimento, os seus defensores e afiliados necessitam estar cientes do objeto de estudo, seus desafios e seus limites, especialmente se a abordagem ou a natureza adotada ambicionar ser interdisciplinar. Para Behr (2024), até o presente momento, a interdisciplinaridade é um dos fatores que impõe aos Estudos da Interpretação desafios no que tange às metodologias e aos métodos empregados em suas pesquisas. Segundo Moser-Mercer (2011), esse caráter interdisciplinar demonstrou maior pujança quando as demandas e as inquietações, principalmente no que tange a interpretação simultânea, começaram a surgir e requerer respostas.

Retomando a construção histórica desse campo, iniciado em contexto europeu, Silva (2020) identifica a sua evolução e organização em grandes momentos. Anterior aos anos 1950, Kotait (2019) aprecia que a interpretação estava intensamente atrelada às teorias linguísticas e a sua formulação era sedimentada nas correspondências entre os signos linguísticos das línguas.

De acordo com Silva (2020), no período entre a década de 1950 e a de 1960, que é anterior à pesquisa científica, houve situações e pensamentos mais prescritivos abordados por intérpretes em torno da própria prática. O caminho percorrido, portanto, parte da esfera profissional, enredando a formação, por meio de métodos observacionais, até alcançar o seio acadêmico. Esse início, distintamente da tradução, não estava constituído por reflexões filosóficas ou intelectuais (Gile, 2009a).

Gile (2017) registra que o campo dos Estudos da Interpretação despontou com base nas interpretações realizadas em conferências, por serem reputadas como locais e ações de alto prestígio. O autor destaca que na década de 1960 alguns psicólogos demonstraram-se devotados a entender como funcionava a interpretação simultânea, pelo fato de revelar uma atuação instigante com operações, ao mesmo tempo, de compreensão e de produção das línguas envolvidas.

Gile (2018) evoca que esse interesse era legítimo, pois, inicialmente, não acreditavam que seria possível uma pessoa concentrar-se tanto em novas informações recebidas em uma língua quanto na manifestação em outra. Além disso, tratando-se de língua de mesma modalidade, na ocasião, as orais-auditivas, ele menciona a suposta inviabilidade de o intérprete ouvir a voz do orador e, mesmo assim, na sequência, emitir, com a própria voz, a reformulação das mensagens. Contudo, Gile (2018) reflete que, se as línguas de sinais fossem consideradas, mais precisamente em processos intermodais, possivelmente esses questionamentos seriam atenuados.

Por isso, principalmente nesse período, parte-se da concepção de que os intérpretes eram sujeitos intelectualmente diferenciados. Nessa toada, Pöchhacker (2023) menciona que Pierre Oléron, um psicólogo francês, e seu assistente, Hubert Nanpon, publicaram o primeiro artigo científico sobre essa modalidade interpretativa em um periódico especializado, a Revista de Psicologia Normal e Patológica (*Journal de Psychologie Normale et Pathologique*).

Para essa formatação, são apresentados modelos e teorizações propostas por autores à sua concepção e época. Importa esclarecer que os modelos, seja de natureza teórica, seja de ordem empírica, são instrumentos um tanto quanto incompletos e simplificados, capazes de descrever e representar, com maior ou menor grau de exatidão, um objeto e ou um fenômeno de estudo, compostos por elementos que, indicados e estruturados, o retratam.

Pöchhacker (2004) e Sampaio (2017) ponderam que, para além da sistematização aritmética, gráfica, imagética ou verbal, os modelos e ou as teorias são submetidos a sucessivos testes e aprimoramentos, com o propósito de cotejar, dilatar ou redefinir seus pareceres. Ainda, alerta-se para o fato de que, a depender da área e da conexão entre si, um modelo pode ser a base inicial para outro. Por isso, é válido admitir o contexto histórico e social da sua elaboração para que a leitura não seja sob perspectiva da incorreção, mas da natural limitação da presunção.

Segundo Pöchhacker (2010), na seara da interpretação, diversos autores empreenderam proposições, intuindo evidenciar e explicar essa tarefa, partindo de pressupostos que admitiam ser cruciais. Ao mesmo tempo, Moser-Mercer (2011) denota que, nesse processo de ampliação do campo, muitas pessoas, incluindo estudiosos e profissionais, avaliaram que um modelo ou uma teoria poderiam competir entre si. Esses atritos culminariam na fragmentação, sendo em um movimento oposto ao desejado.

No espectro de operações de cunho cognitivo e na busca por soluções para os problemas que ocorrem na tarefa interpretativa e, assim, promover ações de treinamento dos intérpretes que atuavam em conferência, durante parte da década de 1970, um dos primeiros modelos propostos, a partir de auto-observação da atividade de interpretação consecutiva longa, é a Teoria Interpretativa da Tradução ou, inicialmente, Teoria do Sentido (*Théorie du Sens*), da intérprete e professora Danica Seleskovitch.

A base dessa proposição está no procedimento da compreensão das informações no texto de partida e a sua conversão para o texto de chegada, porém com foco no sentido da mensagem na língua de partida e não nas unidades linguísticas em si. Segundo Seleskovitch (1978ab) e Seleskovitch e Lederer (1985), esse processo é denominado desverbalização, em que as palavras ou os termos são

desobrigados da sua produção em estrutura lexical e, até mesmo sintática, sendo reduzidas ou concebidas fortemente pelo sentido não-verbal que representam.

Assim, Seleskovitch (1978b) descreve que as operações cognitivas do intérprete e o processo interpretativo se pautam na apreensão do significado da mensagem proferida pelo orador; no afastamento deliberado das palavras (i.e., significante) e no armazenamento da representação mental da mensagem; e na manifestação na língua de chegada sem a necessidade de seguir correspondências linguísticas entre os itens lexicais. Dessa maneira, para a autora, os intérpretes enunciam os significados, a fim de torná-los mais explícitos para o público-alvo.

Quando a reformulação interlinguística orienta-se por essas equivalências, recomendadas, por exemplo, para nomes próprios, números e termos específicos, há a transcodificação (i.e., transposição literal).

Pagura (2012), a partir de alguns autores como Gile (1995), descreve críticas que a Teoria Interpretativa da Tradução recebeu, sobretudo por ser holística e não apresentar comprovações científicas e empíricas a respeito da existência da desverbalização. Pauta-se, portanto, apenas em concepções e intuições reflexivas e seletivas, baseadas em anos de prática em interpretação (Setton, 2002).

Pagura (2012) adita que, pela conjuntura procedimental da interpretação consecutiva, que lida com blocos discursivos, seria inviável a retenção de todas as informações lexicais e sintáticas e a sua (re)expressão tão espontânea na língua de chegada, ainda que haja o apoio pela tomada de notas. Nesse caso, como descreve Freire (2008, p. 157, grifos do autor), o intérprete não precisaria reter *como* a mensagem foi manifestada, mas “[...] *o que* foi apresentado no discurso”. Logo, a desverbalização seria necessária. Em seu estudo, Seleskovitch (1978b) realça que, durante a etapa de recebimento das informações na língua de partida, até mesmo as anotações redigidas pelos intérpretes demonstravam mais o sentido do que a reprodução literal das palavras. Não obstante, na interpretação simultânea, por

mobilizar a reformulação do discurso em um curto intervalo de tempo e as informações estarem, de certo modo, mais vigentes na mente do intérprete, de fato, a Teoria Interpretativa da Tradução pouco se relacionaria.

Por conseguinte, essa concepção pode ser considerada pré-científica ou pré-teórica, pois insere-se como um primeiro passo para a sistematização e a formulação dos Estudos da Interpretação, não assumindo uma proposição científica. O método empregado está na observação, na introspecção e na racionalização da atividade. Na verdade, a não aplicabilidade da Teoria Interpretativa da Tradução está no fato de que, diante dos conhecimentos de linguagem e de cognição, é implausível pensar em excluir a forma de um item lexical ou a estrutura sintática e extrair somente o seu sentido abstrato. Todavia, é factível admitir a construção de sentidos como algo processual.

Ademais, Gile (2020) declara seu desconforto à Teoria ao desconsiderar que o intérprete, durante o processo de compreensão do texto de partida e de reformulação do de chegada, não retém qualquer forma linguística em sua memória. Seria, apenas, um estágio intermediário em vácuo. Ainda assim, diante da lacuna de estudos, o autor reconhece que, à época, a proposição foi atraente e auxiliou os intérpretes, sobretudo, a evitar ingerências linguísticas.

De qualquer forma, conforme Setton (2002), diante da postura radical e disruptiva de Danica Seleskovitch, é inegável a sua importância para os Estudos da Interpretação, pelo fato de ter sido a primeira a defender uma tese de doutorado em interpretação na Escola Superior de Intérpretes e Tradutores (*École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs - ESIT*), atualmente vinculada à Universidade Sorbonne Nouvelle (*Université Sorbonne Nouvelle*) - Paris 3, França, além de ter idealizado o primeiro programa de doutoramento nessa área no país, o Tradutologia (*Traductologie*).

Gile (2009a) explicita que, durante a década de 1970, dos sete trabalhos de doutorados de interpretação defendidos no mundo, cinco são oriundos da ESIT. Exemplificando, Marianne Lederer é uma das intérpretes e pesquisadoras que seguiu a Teoria Interpretativa da Tradução, porém com mais aplicação na interpretação simultânea. Tornou-se, assim, uma forte representante da conhecida Escola de Paris. Ela, em parceria com a proponente dessa Teoria, editou, em 1984, uma coleção de artigos publicados em outros periódicos, denominada Interpretar para traduzir (*Interpréter pour traduire*), que, mais tarde, foi reeditada e revisada em versões em 2001 e em 2015 (Plassard, 2015).

Além disso, a propositura de Seleskovitch (1978b) também incide como uma reação à uma conjuntura mais reducionista vivenciada, principalmente nos Estudos da Tradução, de que o processo de reformulação linguística seria configurada como exclusiva correspondência ou transposição mecânica entre as línguas e da suposta fidelidade condicionada entre os textos. A esse respeito, Gile (2020) relata que, certa vez, Danica Seleskovitch expôs os seus anseios em trabalhar na reformulação de textos do japonês para o francês e necessitar efetuar alterações estruturais, uma vez que essas línguas apresentam composições distintas. Ela se sentia incomodada por pensar estar, de alguma forma, aparentemente, violando o texto de partida.

Um dos desdobramentos desses trabalhos, e que ecoam até hoje, apesar de em relativa menor intensidade, é a elaboração de um pensamento de que a direcionalidade linguística está intimamente atrelada à qualidade da interpretação. Assim, Seleskovitch (1978ab), partindo, novamente, da experiência em interpretação em conferência, e posteriores estudiosos dessa Escola, defendem que a direção da segunda língua (L2) para a primeira língua (L1) seria a mais indicada para a atuação dos intérpretes. Admitindo que a compreensão de uma língua anterioriza a sua produção, sugeriram que a forma mais natural em uma interpretação ocorreria somente para a língua materna ou nativa, já que apresentariam maior repertório

linguístico (Xu; Liu, 2024). Na outra direção, da L1 para a L2, haveria forte interferência da primeira língua e, assim, uma escalada de produções incongruentes no âmbito lexical, fonológico, semântico e sintático, por postularem que a manifestação nessa língua demandaria maior esforço cognitivo¹⁷ em comparação com a recepção (Bartłomiejczyk; Rojczyk, 2025).

Essa posição influenciou, por exemplo, as diretrizes de composição e de operação da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC),¹⁸ fundada em 1953, e a atuação pela Europa, como no Parlamento Europeu, pela América do Norte, como na Organização das Nações Unidas (ONU), e pela Ásia. A esse respeito, Gile (2020, 2021) atesta o seu incômodo ao fato da Escola de Paris afirmar que a reformulação para a L1 ocorria espontaneamente e sem qualquer esforço, além de que, independentemente dos pares linguísticos envolvidos, a dificuldade nas reformulações seriam as mesmas. Xu e Liu (2024), por exemplo, demonstram em seu estudo que as estruturas sintáticas reformuladas simultaneamente do inglês para o chinês (i.e., da L2 para a L1) por intérpretes profissionais¹⁹ eram menos complexas e mais simples. Por esse motivo, as autoras sublinham que a direcionalidade e os seus desdobramentos são atravessados, entre

¹⁷ Broś *et al.* (2025) destacam que, geralmente, nos Estudos da Interpretação, assim como nos da Tradução, o esforço cognitivo é empregado intercambiavelmente a carga cognitiva. Na tentativa de especializar esse conceito, segundo os autores, trata-se de um aspecto atrelado à essa carga, ou mesmo uma resposta a ela, referente a capacidade cognitiva destinada a ajustar as demandas exigidas pela tarefa. Esse esforço pode ser avaliado por meio de indicadores fisiológicos como a dilatação das pupilas, e linguísticos como disfluências.

¹⁸ Segundo Wit, Crasborn e Napier (2021), os intérpretes de línguas de sinais foram autorizados a se filiar nesta associação a partir de 2012, conquistando, aos poucos, equidade nas condições de trabalho com os intérpretes que atuam com pares linguísticos intramodais orais-auditivos.

¹⁹ Nesta tese, para que haja um padrão na nomenclatura empregada, optou-se pelos termos “profissionais” e “iniciantes” para distinguir os intérpretes quanto a expertise. A depender dos autores citados, essas palavras podem assumir semelhança com “experientes”, “expertos”, “inexperientes” e “novatos”.

outros, pelos pares de línguas, pela formação e pela preparação prévia dos profissionais.

Nesse ínterim, Gile (2017) observa que a Teoria Interpretativa da Tradução não contemplava a estrutura das línguas arroladas na interpretação e eventuais desencadeadores de problemas que poderiam emergir. Para Seleskovitch (1978b), as línguas envolvidas e, por natureza, as diferenças sintáticas existentes entre elas, não imporiam dificuldades aos intérpretes, uma vez que o relevante no processo é o sentido extraído (i.e., desverbalizado) do texto de partida. Por isso, Gile (2017) afirma que, nesse escopo, as pesquisas em linguística eram desvinculadas das de interpretação. Ressalta ainda que, inusitadamente, mesmo a Teoria ter se inspirado, em certa medida, a alguma perspectiva de cognição, as investigações da psicologia cognitiva e da psicolinguística também não foram consultadas ou prestigiadas para a sua composição. Segundo Gile (2021, 2025), a proponente dessa Teoria avaliava que essas áreas ainda estavam carentes de validação das metodologias aplicadas e do próprio conhecimento específico em relação à interpretação, além de desconsiderar o caráter contextualizado da comunicação.

Gile (2017) e Pöchhacker (2023) citam o russo Ghelly Chernov e a austríaca Ingrid Kurz, contemporâneos a Danica Seleskovitch, e enfatizam que, sob a ótica do ocidente, pelo menos, os mesmos não foram devidamente reconhecidos ou consagrados na história da interpretação e nos Estudos da Interpretação. Ambos alinharam a prática profissional como intérpretes a outras áreas do conhecimento. Chernov, por exemplo, pautou em seus estudos a interpretação simultânea e se atentou às questões do funcionalismo e das situações comunicativas. De acordo com Pöchhacker (2023), Kurz, à época, se ocupou de entender ou a relacionar a prática profissional dos intérpretes às experiências psicológicas. Talvez, justamente esse caráter mais interdisciplinar tenha dificultado a adesão de outros profissionais e estudantes do centro europeu às suas abordagens.

De acordo com Ziobro-Strzepek (2011), pesquisas têm demonstrado que a interpretação simultânea enfatiza uma alta carga cognitiva. Esse ponto seria considerado uma das maiores dificuldades no desempenho dos intérpretes. Por isso, modelos de processamento intentando delinear possíveis operações mentais dos intérpretes nessa modalidade, principalmente quanto à memória de trabalho, foram sugeridos também na década de 1970. David Gerver, com um viés alinhado à psicologia e ao processamento sequencial na interpretação, propôs um modelo com base mais estrutural da memória (i.e., de curto prazo, longo prazo e de saída), consistindo no armazenamento das informações recebidas, enquanto são entendidas e avaliadas na língua de partida, e sistematizadas, via correspondências lexicais e de significado, para a língua de chegada. Gerver (1975, 1976) sublinha que esse processo, para ser operado, demanda a gestão dos recursos atencionais.

Na época, ele inovou ao mencionar que o automonitoramento e as eventuais correções são momentos imprescindíveis que permitem aos intérpretes reorientar a produção do texto de chegada. As mensagens retidas inicialmente na língua de partida seriam alocadas em um depósito de entrada (*input buffer*) e o conteúdo linguístico reformulado para a língua de chegada seria ofertado pelo depósito de saída (*output buffer*).

Silva (2020) realça que a proposição de Gerver (1976), oriunda da sua tese de doutorado apresentada à Universidade de Oxford (*University of Oxford*), Inglaterra, inaugura uma tentativa de emplacar nos Estudos da Interpretação uma abordagem mais técnica e científica, com bases experimentais e voltadas para o processamento da interpretação, especificamente aos componentes cognitivos da tarefa. Entretanto, Kotait (2019) versa que esse modelo não demonstra a atividade como operações sobrepostas, que ocorrem de maneira processual. Elas são apresentadas como se sucedessem de forma contínua e fragmentada.

O modelo de Barbara Moser-Mercer, que é intérprete de conferências e professora emérita da Universidade de Genebra (*University of Geneva*), Suíça, baseado em um modelo psicolinguístico de processamento de mensagens e na compreensão de fala de Massaro (1975), é similar ao de Gerver (1976). Entretanto, Moser-Mercer (1978) adiciona questões singulares em que a memória não seria apenas um dispositivo cumulativo de informações, mas se envolveria no encadeamento das mensagens recebidas e nas operações mentais na formulação do produto textual, buscando e averiguando equivalências linguísticas entre o texto de partida e o texto de chegada. A autora destaca que é por meio desse processo que o intérprete consegue alcançar a base conceitual e significativa das mensagens, armazenando, também, conforme Ferreira e Schwieter e Festman (2020), regras de cunho lexical, gramatical e sintático.

Para os modelos de Gerver (1976) e Moser-Mercer (1978), Gile (1999) acena que, apesar de relevantes para os Estudos da Interpretação, não houve testes e experimentos meticolosos e sistematizados. Uma das razões para tal é a complexidade posta e a indispensabilidade de robustos investimentos em recursos humanos e financeiros. Não obstante, Tiselius e Jensen (2011) reconhecem que esses modelos e os seus desdobramentos contribuíram, com base nos arcabouços da psicologia cognitiva, com estudos que visam avaliar o desempenho na interpretação em conferência, tanto no processo quanto no produto, ao comparar grupos de intérpretes profissionais e iniciantes.

Na sequência, em uma fase conhecida, segundo Silva (2020), pela atuação dos intérpretes-pesquisadores, entre a década de 1970 e a de 1980, e um declínio do interesse de psicólogos e psicolinguistas pela interpretação, há a propositura do conhecido Modelos dos Esforços²⁰ (*Effort Models*) do intérprete e professor emérito da

²⁰ Os apontamentos e as proposições do Modelo dos Esforços feitas por Gile (2009b) lidam com pares linguísticos orais-auditivos. Mais tarde, baseada nesse modelo, em sua tese de doutorado, Pointurier-Pournin (2014), orientada por Gile, apregoa um Modelo singular para a interpretação simultânea intermodal da língua oral-auditiva para a gestual-visual (e.g., francês para a língua de

Universidade Sorbonne Nouvelle (*Universite Sorbonne Nouvelle*) - Paris 3, Daniel Gile, para a interpretação simultânea em conferências, que será detalhado na seção seguinte.

Gile (2021), descontente com o viés simplório ou mesmo naturalista da Teoria Interpretativa da Tradução em ponderar que a produção em outra língua sucede somente pelos sentidos, mesmo na L1, sustenta-se em duas noções intuitivas para desenvolver o seu Modelo. Exprime que: (i) a interpretação requer certa energia mental disponível em porção limitada, e que (ii) essa tarefa interpretativa consome a tal energia mental podendo gerar deletérios em sua execução. Esse Modelo atende às restrições operacionais, revelando algumas possíveis parcelas aptas a referenciar o funcionamento cognitivo no decurso da interpretação simultânea, porém não referenciam uma única e exclusiva estrutura mental para tal (Gile, 1999).

É válido aludir que, em nenhuma ocasião, Gile (1995, 2009b, 2016b, 2021) se ampara em aspectos ou questões da neurociência e da psicologia cognitiva como, por exemplo, os processos e a arquitetura cognitiva, a memória de trabalho, as funções executivas e os estágios do processamento da compreensão. As considerações são, portanto, focadas em análises de dados dos produtos interpretativos, na tentativa de explicar os fenômenos reais que acometem os intérpretes em sua prática (Gile, 2020). A esse respeito, Gile (2021, p. 140) afirma que “o papel dos EMs [Modelos dos Esforços] nunca foi modelar o processo cognitivo de interpretação para fins puramente científicos”.²¹

Wang (2022) acrescenta que, em razão da concepção voltada para a formação de intérpretes, o Modelo dos Esforços é amplamente empregado para detectar e

sinais francesa), acrescentando os esforços de autogestão no espaço (AGE) e interação imediata com pessoas surdas (IIS). Além disso, renomeia o esforço de audição e análise para recepção. Gile (2021, 2025) também apresenta um Modelo dos Esforços adaptado para outras modalidades como a interpretação consecutiva, à prima vista, e simultânea com texto, além de composições como a interpretação remota e a interação humano-máquina.

²¹ Tradução de: “*The EM’s role has never been to model the interpreting cognition process for purely scientific purposes*”.

avaliar estratégias interpretativas, a partir de erros, de omissões e de infelicidades, demonstrando que os problemas na interpretação não se limitam à ausência ou à defasagem de conhecimento linguístico ou extralinguístico.

Após análise comparativa do produto da interpretação simultânea de um mesmo texto de partida em inglês para três línguas orais (i.e., alemão, francês e japonês) e uma de sinais (i.e., Língua de Sinais Americana - ASL), Swabey *et al.* (2016) aludem que um maior quantitativo de erros e de omissões podem ocorrer em línguas com menor acervo de léxicos, e que há menos correspondência lexical entre si. Kincal (2020) ainda adita que as omissões, ao serem empregadas como estratégias pelos intérpretes, podem ser influenciadas pela taxa de entrega da língua de partida.

Gile (2017) depreende que, desde o final da década de 1980, os Estudos da Interpretação começaram a vivenciar alguns fatores significativos que culminaram em sua evolução e expansão. São eles: (i) as mudanças geopolíticas e a circulação mundial de povos e de línguas, necessitando de mais profissionais e atividades na interpretação; (ii) a formação inicial e continuada de intérpretes, possibilitando a academização da área e dos profissionais; (iii) o desenvolvimento ou fortalecimento da interpretação comunitária, saindo de uma perspectiva de esfera inferior para de importante alcance, sendo as línguas de sinais das comunidades surdas, as línguas de imigrantes, de asilados e de refugiados inseridas nesse bojo; (iv) a prosperidade das conexões via *internet* e das tecnologias digitais, potencializando o contato entre pesquisa e pesquisadores, bem como de ampliação das atividades e dos mercados de interpretação; (v) o crescimento e a identidade disciplinar dos Estudos da Tradução, que exaltou os da Interpretação pela criação e extensão de publicações, de periódicos e de eventos científicos em torno dessas tarefas de reformulação linguístico-cultural; e (vi) o impulsionamento de pesquisadores na área a partir das Teorias e dos Modelos sugeridos e das investigações acadêmicas realizadas.

O retrospecto de Modelos e de proposituras apresentadas nesta tese não esgota a estruturação e a diversidade teórica, conceitual e metodológica dos Estudos da Interpretação enquanto campo (inter)disciplinar, por se constituírem a partir de fontes relacionadas a outras áreas do conhecimento. Não obstante, Stern e Liu (2020) e Pöchhacker (2023) refletem que esse campo, em essência, assim como os intérpretes, se profissionalizou. O amadurecimento da abordagem conceitual, da conjuntura institucional da academia e dos pesquisadores-acadêmicos se sobrepôs às observações eminentemente práticas e da experiência ou vivência dos pesquisadores-profissionais.

Nesse processo, Behr (2024) discorre que as pesquisas no âmbito dos Estudos da Interpretação estão inseridas em duas grandes bases. Uma delas é a empirista, em que as variáveis são analisadas de maneira individual, uma vez que, por vezes, as demais não podem ser criteriosamente controladas. A outra é a holística, na qual os dados apresentam uma natureza mais fenomenológica.

Gile (2021) realça que os Modelos de Gerver (1976) e de Moser-Mercer (1978), por exemplo, podem ser considerados mais provisórios quanto ao processo da interpretação e falseáveis a partir de testes empíricos, sendo possível haver a sua substituição ou aprimoramento. Por outro lado, a Teoria Interpretativa da Tradução de Seleskovitch (1978a) e o Modelo dos Esforços do próprio autor são generalistas e didáticos, também podendo ser atualizados ou suprimidos por outros mais robustos e com respaldo experimental. Gile (2021) ainda expõe que, interessantemente, esses Modelos abrangentes são mais testados do que os demais. Ele pondera que, nesses casos, apesar dos novos estudos tenderem a corroborar as proposições feitas, as formulações são mais flexíveis do que aqueles experimentos que testam hipóteses no âmbito das ciências cognitivas.

Entretanto, todos os Modelos apresentados convergem no entendimento e na análise da interpretação enquanto um objeto de ordem mental. Ademais,

evidenciam, além do trajeto percorrido sob o ponto de vista histórico, um conjunto de abordagens cognitivas consideradas simbólicas ou não-neurais em que aspectos como o aprendizado ou a aquisição da língua, a compreensão, a memória e a produção são descritos e representados. No caso do processamento interlinguístico, Muñoz Martín (2016b apud García, 2019) debate que, segundo a perspectiva da psicolinguística, as línguas são acionadas concomitantemente durante a realização da tarefa de reformulação.

Reforçando, portanto, que a interpretação envolve a cognição, a partir do século XX, notou-se a necessidade em avançar com estudos que pudessem trazer respostas mais contundentes quanto a esse processo. Pöchhacker (2004) sugere que entender as conexões que são estabelecidas no cérebro pode suscitar ganhos para a área, já que a mente abarca as operações efetuadas no cérebro. Por consequência, são indissociáveis. Sendo assim, outras abordagens, nomeadas como conexionistas ou neurais, foram sendo requeridas, a fim de conhecer a fisiologia e o substrato cerebral, os componentes e os circuitos envolvidos na tarefa de reformulação linguístico-cultural.

O estudo de Rinne *et al.* (2000) é considerado um dos primeiros a averiguar as bases neurais da interpretação simultânea. Os pesquisadores recrutaram um grupo de oito intérpretes profissionais para a realizar a interpretação nas duas direções entre o inglês e o finlandês, além de uma tarefa de sombreamento (i.e., repetição simultânea do texto de partida sem a necessidade de reformulação para o texto de chegada). Para acompanhar, por imagem, a ativação cerebral, esses profissionais foram submetidos, durante às atividades, a uma tomografia por emissão de pósitrons.²² Os dados evidenciaram que na interpretação do inglês para o finlandês (i.e., da L2 para a L1) uma porção do giro frontal inferior esquerdo (i.e., responsável

²² São partículas que apresentam propriedades semelhantes aos elétrons, mas com carga elétrica positiva. Apesar dessa carga, possuem massa distinta dos prótons.

por controlar, organizar e tomar decisões, sobretudo do ponto de vista da linguagem) estava implicado no resgate de informações semânticas. Na interpretação do finlandês para o inglês (i.e., da L1 para a L2) duas áreas foram abarcadas no lobo temporal inferior esquerdo (i.e., lida com percepções auditivas, visuais e elementos da linguagem), em que ocorre o processamento semântico e a busca de palavras. Nota-se, assim, que as áreas do cérebro ativadas na interpretação simultânea, subtraídas das que também foram acionadas no sombreamento, estão relacionadas à recuperação lexical, à memória de trabalho e ao processamento semântico.

García (2019) defende a ampliação de estudos dessa natureza e sublinha que as pesquisas baseadas no cérebro não podem ser recebidas ou empreendidas com tom de excentricidade. Para ele, a “[...] perspectiva neurocognitiva pode aproveitar os avanços das abordagens anteriores e colmatar algumas das suas lacunas, iluminando questões antigas e originais por meio da apropriação de métodos externos [...]”²³ (p. 29).

García (2019) discorre que investigações nesse sentido têm sido desenvolvidas em torno da direcionalidade do processo, do uso de métodos eletrofisiológicos e neurocientíficos para averiguar o impacto anatômico-funcional na competência e expertise dos intérpretes, entre outros. A partir da reunião de alguns desses estudos, Ferreira, Schwieter e Festman (2020, p. 6) declaram que os “intérpretes profissionais parecem mostrar um perfil neuroanatômico e neurofuncional específico de processos verbais e não verbais”.²⁴

O intercâmbio e a cooperação entre essas áreas se mostram necessário, pois, conforme ponderações de Albl-Mikasa *et al.* (2020) e Ferreira, Schwieter e Festman

²³ Tradução de: “[...] *neurocognitive perspective can profit from the advances of previous approaches and bridge some of their gaps, illuminating both long-standing and original questions through the appropriation of external methods [...]*”.

²⁴ Tradução de: “*Professional interpreters seem to show a specific neuroanatomical and neurofunctional profile of verbal and non-verbal processes*”.

(2020), por vezes, os estudiosos do campo da interpretação podem apresentar amostras pequenas de dados de intérpretes e com variações no que tange à idade, à proficiência linguística, e à experiência profissional. Por outro lado, os neurocientistas, em seus estudos laboratoriais, tendem a utilizar pequenas unidades linguísticas e relativamente desconectadas das situações reais de interpretação.

Em suma, os diferentes Modelos e as atuais perspectivas da neurocognição revalidam que a interpretação é uma atividade mental.

2.2 A interpretação simultânea e os gatilhos de problema

A interpretação simultânea ganhou notoriedade e repercussão internacional durante o extenso Julgamento de Nuremberg, entre 1945 e 1946, que envolveu quatro línguas, a saber, o inglês, o francês, o alemão e o russo. Mustafakulovich (2023) revela que houve a participação de duas equipes de intérpretes, sendo uma americana e outra soviética.²⁵ Apesar desse marco histórico, Ibrahim (2021) e Mustafakulovich (2023) denotam que, desde o início da década de 1920, houve o desenvolvimento de protótipos tecnológicos (i.e., equipamentos semelhantes a fones de ouvidos para a captação de vozes e de demais sons) empregados em tentativas de realizar essa modalidade interpretativa na Organização Internacional do Trabalho e na Liga das Nações. Esses dispositivos foram projetados por Edward Filein e Alan Gordon-Finlay.

Tal modo consiste na reformulação de informações de uma língua a outra em um pequeno intervalo de tempo. É nesse período temporal, denominado, entre outros, como tempo de atraso (*lag time*), que o intérprete recebe, (re)organiza as

²⁵ Na ocasião do julgamento, que implicou na apreciação dos crimes de guerra durante a Segunda Guerra Mundial, existia a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Atualmente, após a dissolução desse bloco em 1991, formaram-se as nações: Armênia, Azerbaijão, Belarus, Cazaquistão, Estônia, Geórgia, Letônia, Lituânia, Moldávia, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia e Uzbequistão.

mensagens expostas na língua de partida, para, então, (re)expressá-las na língua de chegada, como ressaltam Pagura (2015), Nascimento (2016), Cavallo (2019), Kotait (2019) e Broś *et al.* (2025). Dessa forma, é nesse ínfimo espaço de tempo que o intérprete maneja a mensagem e o sentido inferido por ela.

Há, portanto, conforme Aal-Hajiahmed (2022, 2024) destaca, uma coexistência entre o entendimento das mensagens captadas e a manifestação dessas, já reformuladas, para a outra língua, mobilizando itens linguísticos e extralinguísticos. O autor, assim como Christoffels, Groot e Kroll (2006), Gile (2009b), Hervais-Adelman e Babcock (2020) e Amos e Pickering (2025), assinala que a ocorrência e o gerenciamento de dois complexos processos da comunicação como a compreensão e a produção, indissociáveis na interpretação simultânea, abarcando a manipulação da mensagem, o controle articulatorio, além do intervalo temporal no recebimento e na entrega das mensagens e as unidades linguísticas na interpretação, são aspectos de interesse investigativo de diversos autores nos Estudos da Interpretação.

A respeito dessa agenda de pesquisas na interpretação simultânea, observa-se um importante movimento, cujo foco se deslocou do produto para o processo interpretativo. Aal-Hajiahmed (2022) notabiliza que os estudos, quando voltados para o produto da interpretação, tendem a debater o texto de chegada e a qualidade dessa mensagem, como os realizados por Gile (1995, 2009b), por exemplo. Em contrapartida, quando as investigações se orientam ao processo, o comportamento dos intérpretes e a execução da atividade passam a alcançar mais evidência e relevância, acoplando (novas) tendências e métodos como os empírico-experimentais, além de fomentar uma busca em conhecer os procedimentos cognitivos que são ativados ou acentuados na mente dos intérpretes (Albl-Mikasa *et al.* 2020).

Recuperando o desenvolvimento da interpretação simultânea como uma tarefa, Ferreira, Schwieter e Festman (2020), Chmiel (2021), Shao e Chai (2021), Xu e Liu (2024) e Amos e Pickering (2025) enfatizam que se trata de um complexo processamento bilíngue, em que ambas as línguas estão ativadas nos níveis fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos e, por isso, pode haver uma interferência interlinguística. Babcock e Vallesi (2017) indicam que, em aproximadamente 70% do momento em que estão manifestando mensagens na língua de chegada, os intérpretes também estão compreendendo informações na língua de partida. Assim, ao mesmo tempo que enfrentam níveis mais elevados de interferência, necessitam reduzir os erros na produção.

A esse respeito, Amos e Pickering (2025) elucubram que, nos Estudos da Interpretação, há muitas pesquisas evidenciando os desafios e os efeitos negativos da interferência interlinguística no decorrer da interpretação simultânea. Todavia, pouco tem se debatido ou investigado acerca da extensão ou da incidência dos facilitadores da ativação interlinguística. Para os autores, essa ativação pode potencializar a produção dos intérpretes, uma vez que palavras ou sentenças na língua de chegada são acionadas pela recepção dos seus equivalentes na língua de partida.

Aal-Hajiahmed (2022) frisa que o período, seja curto, seja longo, entre o acesso da mensagem na língua de partida e a reformulação na língua de chegada pode reverberar no desempenho dos intérpretes. O autor menciona as ponderações de Anderson (1994). Segundo ele, esse necessário atraso entre as mensagens é decorrente do acúmulo de unidades do texto de partida a serem armazenadas, ao passo que as informações recebidas primeiramente são processadas, seguindo o fluxo. Quando há um intervalo temporal mais longo, para Anderson (1994 apud Aal-Hajiahmed, 2022), os intérpretes conseguem acessar um maior número de informações. Contudo, justamente por essa elevada quantidade, em função da limitação do tempo para a produção na língua de chegada, as omissões podem ser

proeminentes. Sob outra perspectiva, Aal-Hajiahmed (2022) elucida os apontamentos de Barik (1973), na qual uma curta janela temporal pode suavizar a carga cognitiva, porém culminar em erros demasiados. Isso porque não haveria tempo suficiente para o intérprete empreender as reformulações cabíveis para a língua de chegada.

De acordo com Seeber (2011), os dados de Oléron e Nanpon (1965) e Lee (2002) indicam que na interpretação simultânea do alemão para o francês foi detectado um atraso de um vírgula nove segundos. Do inglês para o francês foi de dois vírgula seis segundos e, na direção do francês para o inglês, cinco vírgula quatro segundos.

Chernov (2004), por sua vez, notou que esse tempo pode variar por um mesmo intérprete e em um mesmo discurso. De acordo com o autor, no início, houve um atraso de dois vírgula cinco a três segundos, atingindo, nos trechos mais desafiadores, até seis segundos, e, em algumas partes, rápidos lapsos inferiores a um segundo.

Tratando de processo intermodal, no desempenho de quatro intérpretes em contexto de conferência, em um clássico estudo, Cokely (1992) identificou um atraso de dois a quatro segundos na interpretação simultânea do inglês para a ASL, calculados pela quantidade de itens lexicais²⁶ do texto de partida e do texto de chegada e o tempo entre eles. O autor pretendeu relacionar esse período temporal à quantidade de omissões, de substituições e de acréscimos proferidos pelos intérpretes, demonstrando que existe uma associação entre esse atraso e a qualidade ou a quantidade de erros, infelicidades (e.g., manifestações com sintaxe precária, ausência de concordâncias verbais e nominais, orações incompletas) e omissões na interpretação. Em motivação às singularidades estruturais e quadrimensionais das línguas de sinais, por incorporar as mãos, o rosto e o tronco, Wilcox e Shaffer (2015)

²⁶ Este termo, assim como “léxico”, são assumidos, nesta tese, como unidades que integram quaisquer línguas e estão à disposição dos falantes para uso. Não há, portanto, anseio em defender ou aprofundar discussões envolvendo a sua concepção e formulação pelo Lexicalismo ou pela Morfologia Distribuída.

realçam que elas requerem mais tempo para a serem visualizadas e compreendidas, inclusive em tarefas interpretativas e tradutórias.

Atualmente, a literatura tem pacificado que não existe um melhor e ou mais adequado intervalo para o atraso entre o recebimento e o oferecimento da informação na língua de partida e de chegada, respectivamente. Aal-Hajiahmed (2022) destaca que esse tempo pode ser mensurado a partir da dificuldade ou da facilidade encontrada pelo intérprete no texto de chegada, e gerenciado com base na experiência do profissional. Entretanto, Seeber (2011) e Barakat (2018) salientam que as combinações linguísticas, as direções dos processos interpretativos, o tipo e o gênero textual, e a carga cognitiva são fontes essenciais para relativizar esse ponto. Assim, essa pressão e limite temporal tende a impactar a reformulação das mensagens, orientando os intérpretes a recorrerem até mesmo a transcodações (Aal-Hajiahmed, 2024). A possibilidade de trânsito discursivo em um curto período é um dos principais fatores que coloca essa modalidade de interpretação em uso para além dos contextos de conferência, como o educacional, o político, o midiático, entre outros.

Nota-se, portanto, que o evento da interpretação simultânea ocorre sob alto processamento cognitivo e, inclusive, é avultado por Pöchhacker (2009) como um dos paradigmas de pesquisa no escopo dos Estudos da Interpretação. Nessa perspectiva, o autor aciona Daniel Gile como uma das referências que têm se preocupado em entender e em explicar a interpretação simultânea. Para isso, a nível abrangente, Gile (1995, 2009b) propôs o Modelos dos Esforços, frequentemente reexaminado e atualizado²⁷ pelo autor (Gile, 2025), na qual pontua quatro esforços cognitivos requeridos, sincronicamente, durante essa atividade.

²⁷ A última atualização é datada de 3 de abril de 2025 e consta em: <https://cirin-gile.fr/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>.

Esses esforços podem ser considerados elementos circundados por ações cognitivamente competitivas que exigem decisões, com base na disponibilidade ou não de recursos finitos de atenção.

O primeiro dos esforços é a audição e análise (AA), ou recepção (R),²⁸ que contempla o momento inerente ao entendimento da mensagem na língua de partida, abarcando desde a identificação dos signos linguísticos, até a tomada de decisão em relação ao seu sentido, implicando na desambiguação de léxicos e na construção de inferências. Gumul (2019) realça que essa etapa de compreensão pode ser considerada a mais relevante na interpretação simultânea, pois os intérpretes precisam se ater a todas as informações, não sendo possível efetuar uma recepção seletiva. Ademais, também é intensa pelo fato dos assuntos, das palavras e dos termos apresentados no texto de partida, por vezes, não serem comuns ou familiarizados pelos intérpretes. Por isso, Aal-Hajiahmed (2024) sublinha que esses elementos presentes na compreensão contribuem intimamente para a elevação da carga cognitiva dos intérpretes, podendo afetar o seu desempenho.

Amos e Pickering (2025) acrescentam que, nessa fase (i.e., compreensão), os intérpretes podem acessar os significados das mensagens por predição. Os autores caracterizam esse conceito como “[...] a pré-ativação de aspectos de um enunciado, como seu significado, sua sintaxe ou sua fonologia, antes que ele seja ouvido [recebido]” (p. 171),²⁹ distinguindo-o de nomenclaturas já consagradas nos Estudos da Interpretação como a antecipação (i.e., produção de um item na língua de chegada anterior ao recebimento na de partida), ou como a integração (i.e., rápido

²⁸ Conforme exposto na nota de rodapé número 20, as primeiras versões do Modelo lidavam apenas com as línguas orais-auditivas. Por essa razão, esse esforço foi intitulado “audição e análise”. Entretanto, Pointurier-Pournin (2014), ao considerar uma língua gestual-visual e, portanto, não se pautar somente no canal auditivo para a execução da tarefa, o renomeia como recepção. Frente a isso, como Gile (2021) mantém essa nomenclatura mais ampla, este texto segue em consonância à proposta revisada do autor.

²⁹ Tradução de: “[...] *the pre-activation of aspects of an utterance, such as its meaning, its syntax, or its phonology, before it is heard*”.

entendimento e açodada produção, com base no contexto). Esse momento pode, ainda, ser realizado, mesmo com recursos atencionais reduzidos.

Para além do caráter linguístico, Gile (2021) complementa essa etapa com a possibilidade de haver materiais escritos ou visuais a serem recebidos pelos intérpretes. Um exemplo desse cenário é a atuação em interpretação simultânea em que o orador realiza a leitura de algum texto em suporte como *slides*. Nesse caso específico, outros esforços, como o de leitura e de coordenação dessa leitura, serão mobilizados.

O segundo esforço é a memória de curto prazo (M), destinada a reter, por um reduzido período de tempo, e a conceber e a manusear as informações da mensagem na língua de partida para serem reformuladas à língua de chegada, sendo compartilhada tanto na fase de AA ou R quanto na de produção (P). Isso porque, no momento em que expressarem a mensagem na língua de chegada, novas informações estarão sendo recebidas na língua de partida e deverão ser preservadas. Diante da explanação e da concepção de que esse Modelo intenta gerir os recursos mentais da capacidade de processamento dos intérpretes durante a atividade e não somente avultá-los, a depender da demanda, Liu (2008) arrazoia que o esforço da M talvez não seja, de forma singela, o mero armazenamento de informações por um curto período. Gile (2021) pondera que, de fato, a M aparenta a memória de trabalho, por englobar a retenção e a capacidade de processamento de informações, porém a sua proposição não se pautou nela, e se encaixa em uma perspectiva mais comportamental e funcional. Para Gile (2016b), se algum excerto recebido do texto de chegada não for devidamente processado para a posterior reformulação, os erros e as omissões poderão ser encontrados.

O terceiro esforço contempla a produção, fase em que as informações são expressas na língua de chegada, considerando a sistematização enunciativa dessa outra língua. Gile (1995, 2009b, 2021) assenta que essa etapa constitui a finalização do

processo interpretativo, envolvendo a representação, a autocorreção e o processamento mental da mensagem a ser expressa enquanto produto da tarefa. É considerada, pelo autor, desafiadora, pois, na tentativa de reduzir o esforço despendido, os intérpretes podem seguir as estruturas linguísticas da língua de partida e formular sentenças agramaticais na língua de chegada. Além disso, as hesitações, seja pela busca mental dos léxicos, seja pela alta velocidade de fala do orador, seja pelas tomadas de decisões, são indícios, demonstrados ao público, de elaboração da mensagem para a língua de chegada. Para tentar atenuar esses prolongamentos e, até mesmo potencializar o tratamento assertivo com itens sintáticos, terminológicos e não redundantes na língua de partida, Díaz-Galaz, Padilla e Bajo (2015) reconhecem a importância da preparação antecipada, a partir dos materiais recebidos.

Gile (1995, 2025) argumenta que esses esforços mencionados possuem natureza não automática, por requisitar atenção e um maior tempo, uma vez que a abrangência de processamento é limitada. Assim, a compreensão, a memória e a produção em uma interpretação simultânea são processos mais custosos do que em uma situação de comunicação cotidiana.

Objetivando distribuir, organizar e monitorar balanceada e simultaneamente todos os três esforços sobreditos, tem-se o de coordenação (C), sugerido em uma segunda versão do Modelo, que também requer recursos de atenção.

Sucintamente, esse processo é representado por: $IS=R+M+P+C$, na qual a congregação dos mesmos é indicada em forma somativa ampla e não, necessariamente, aritmética. Assim, em uma interpretação simultânea, os três principais esforços (i.e., R, M e P) são fortemente ativados e fomentados. Cada um deles exige algum recurso de atenção, mas quando dois ou três desses esforços principais são operados concomitantemente, os requisitos totais desses recursos são maiores, se comparados aos individuais (Gile, 2020). Assim, Barakat (2018) e Gile

(2020) reforçam o fato da interpretação ser uma atividade mental que requisita recursos de atenção em seu processo.

Gile (2021) esclarece que o Modelo não apresenta um esforço específico de transposição linguística, citado por ele como “tradução/conversão”, pelo fato dessa operação, que lida com equivalências ou correspondências mais diretas entre as línguas (e.g., nomes próprios, números, termos técnicos), causar um alívio na carga cognitiva, não requerendo tantos recursos atencionais. Assim, está incluso no esforço cognitivo de produção. Além disso, do ponto de vista didático, Gile (2025) elucida que, como, à época, a Teoria Interpretativa da Tradução tratava a interpretação como uma reformulação do sentido baseada na sua representação mental desverbalizada de léxicos comuns, e não como transposição ou equivalência linguística, ele não quis se enveredar e relevar explicitamente esse ponto em sua proposição. Não obstante, Gile (2025) frisa que, se o Modelo dos Esforços tivesse sido engendrado como um modelo cognitivo para a interpretação, certamente a transcodificação teria sido mencionada e inserida separadamente.

Resgatando um apontamento feito no capítulo anterior, é válido reforçar que a intenção de Gile (2009b, 2021, 2025) ao propor o Modelo dos Esforços e as suas variações é apenas didática e explicativa. O autor não o considera como um procedimento descritivo ou preditivo, por surgir como um método empregado na formação de intérpretes simultâneos que atuam em conferência, sobretudo ao discutir táticas (i.e., ações aplicadas na tentativa de solucionar algum problema imediato) e estratégias na interpretação. Ele explana que esses instrumentos podem ser rogados quando houver restrições na capacidade de processamento cognitivo do intérprete, impostas ou não pela pressão do tempo, desconhecimento ou lacuna lexical, incompreensão intercultural, entre outros. Gile (2021) também salienta que o Modelo tem sido aplicado para abordar aquisição de competências, direcionalidade e especificidades das línguas de trabalho.

Barbosa e Quental (2022) balizam, diretamente pelas palavras de Gile, que a intenção do Modelo dos Esforços é ser simples e oferecer contribuições na explicação dos custos cognitivos encontrados em meio a interpretação. Além disso, cada um dos esforços é parcialmente deliberado e possui distintas particularidades. Ainda, Gile (2021) acentua que, apesar de não se basear na psicologia cognitiva e na psicolinguística para a construção do Modelo, essas áreas são referências relevantes para a existência e o aprimoramento de tal proposição.

Frente a isso, Gile (2025) enfatiza que a essência do Modelo dos Esforços é a economia cognitiva, que abarca a oferta, a demanda e a gestão dos esforços cognitivos. Todavia, ele pondera que, por vezes, o dimensionamento desses esforços será viabilizado por questões sociais e profissionais dos intérpretes. Isso significa que, apesar da interpretação ser concebida no Modelo como uma atividade mental, baseada na natureza dos esforços, os aspectos ambientais também poderão influenciá-los.

Segundo Gile (2009b, 2021), os intérpretes sempre trabalham em meio a capacidade disponível e a capacidade total de processamento, aproximando da saturação cognitiva. Portanto, se excederem esse limite, o processo e, como consequência, o produto interpretativo, serão impactados. Gile (2020) deslinda que essa saturação se refere a duas situações distintas. Uma é quando mesmo o intérprete apresentando recursos atencionais, que seriam suficientes para a execução da tarefa, não se mobiliza e apresenta um desempenho aquém do esperado. Outra é quando tais recursos atencionais são, de fato, exíguos, e o processo interpretativo em torno de um item ou de um excerto da fala fica comprometido.

Essa sucessiva operação via raia de processamento é tida como Hipótese da Corda Bamba (*Tightrope Hypothesis*). Segundo Gile (1999), essa constatação advém do fato de que, dificilmente, muitos erros e omissões são frutos da compreensão insatisfatória do texto de partida; e ao interpretar uma mesma mensagem por duas

vezes, os intérpretes podem cometer erros em segmentos e em trechos que, na primeira vez, reformularam adequadamente. Segundo o autor, se os intérpretes operassem abaixo do nível de saturação, os erros e as omissões ocorreriam somente em itens de particular dificuldade do texto de partida. Apesar dessas considerações, Gile (2020, 2025) destaca que a Hipótese da Corda Bamba não define quantitativamente essa saturação, mas, somente, que operam próximos a ela, viabilizando a sua vulnerabilidade. Ademais, não há evidências empíricas mais robustas que poderiam ser investigadas para conhecer o que está saturado e quais aparatos cognitivos estão ou podem ser afetados.

Ocelková (2019) e Shao e Chai (2021) corroboram e aditam que essa saturação ocorre com intérpretes iniciantes ou profissionais, mesmo em tarefas interpretativas simultâneas consideradas fáceis, e que a eventual deterioração não se limita a elementos linguísticos ou extralinguísticos. Em um estudo experimental com 18 intérpretes, sendo dez estudantes de interpretação e oito intérpretes profissionais, Mankauskienė (s/d) identificou que ambos os grupos apresentaram as mesmas dificuldades ao interpretarem duas vezes um vídeo com excerto de falas de três pessoas em um seminário organizado pelo Parlamento Europeu, com duração de um pouco mais de oito minutos, do inglês para o lituano (i.e., da L2 para a L1). Todavia, os resultados expõem que os profissionais lidaram melhor com esses elementos do que os estudantes.

Ainda a respeito da Hipótese da Corda Bamba, caso o profissional privilegie, independentemente de qual seja a razão, algum dos quatro esforços aludidos, os demais poderão ser afetados. Isso porque, apesar de imprimirem a noção de colaborativos, já que compõem o transcurso da interpretação, os esforços, na modalidade simultânea, podem ser caracterizados como competitivos, uma vez que operam juntos e requerem recursos de atenção do intérprete.

Quando há esse saturamento mental, Gile (2021) alega que é esperado o surgimento de alguns problemas durante a atividade interpretativa e, nessas situações, o esforço da audição e análise ou, melhor, recepção, é altamente pressionado. Intuindo exemplificar, ele demonstra situações corriqueiras vivenciadas pelos intérpretes em que o orador está manifestando um discurso mais veloz e ou denso, empregando nomes próprios, termos técnicos, palavras com baixa frequência de uso, lista e enumerações, ou, ainda, está lendo um material escrito.

Esses, seriam, então, de acordo com Gile (2009b, p. 171), alguns gatilhos de problemas, concebidos como itens existentes no texto de partida, que implicam ao intérprete uma elevação da capacidade de processamento, podendo gerar prejuízos e fragilidades na produção das informações na língua de chegada. Nas palavras dele, “[...] estão associados ao aumento da demanda de capacidade de processamento, que podem exceder a capacidade disponível ou causar problemas de gerenciamento de atenção [...]”.³⁰ Nessa mesma linha, Mankauskienė (2018, p. 6) sustenta que os gatilhos de problemas:

podem ser entendidos de forma ampla como qualquer fator que tenha um efeito negativo sobre a produção dos intérpretes simultâneos, ou em um sentido mais restrito, como qualquer elemento no discurso original [texto de partida] e (ou) no de entrega [texto de chegada] que pode aumentar os requisitos da capacidade de processamento de um intérprete e, portanto, ser uma causa de deterioração na produção dos intérpretes simultâneos.³¹

O profissional, para tentar sanar essa questão, poderia, imediatamente, imputar mais atenção para os esforços da compreensão, da memória e ou da produção, desarmonizando a relação de equilíbrio prevista entre eles. Contudo,

³⁰ Tradução de: “[...] are seen as associated with increased processing capacity requirements which may exceed available capacity or cause attention management problems [...]”.

³¹ Tradução de: “can be understood broadly as any factor which has a negative effect on the output of simultaneous interpreters, or in a narrower sense, as any element in the original speech and (or) its delivery that may increase the processing capacity requirements of an interpreter and thus be a cause of a deteriorated output of simultaneous interpreters”.

importa esclarecer que somente a presença desses gatilhos não é determinante para o infortúnio nos recursos atencionais do intérprete. Eles seriam, então, de acordo com Gile (2009b), fontes de potenciais erros e ou omissões, passíveis ou não de ocorrer.

O autor argumenta que os gatilhos de problemas podem estar atrelados à insuficiência ou à limitação do intérprete no que tange aos seus conhecimentos declarativos (e.g., extralinguístico, gramatical, lexical) e, até mesmo, às habilidades cognitivas, havendo uma dificuldade para ele gerenciar os esforços arrolados e decidir como resolver os problemas existentes na tarefa interpretativa, uma vez que a saturação cognitiva é parte pertencente à tarefa. Para Gile (2009b), esses gatilhos são de ordem crônica.

Segundo o autor, outro tipo de gatilho seria o ocasional, no qual os intérpretes apresentam os devidos conhecimentos requeridos pela atividade, porém, em razão de algum aspecto do texto de partida (e.g., pronúncia, semântica, contexto de atuação), produz erros, omissões e ou infelicidades.

Por esse motivo, Mankauskienė (2018) e Kopar e Stachowiak-Szymczak (2020) advertem que entre profissionais ou estudiosos da área, a baixa qualidade ou precisão da interpretação, observada, neste caso, sob itens linguísticos, pode estar conectada com a existência de um ou mais gatilhos de problemas no mesmo discurso. Todavia, Gile (2009b), Ziobro-Strzepek (2011) e Ocelková (2019) salientam, novamente, que pode não ser trivial associar esses dois pontos, uma vez que, ao deparar com gatilhos, os intérpretes podem concentrar esforços neles, majorar a saturação da capacidade de processamento e comprometer segmentos de mensagens posteriores. Em outras palavras, os gatilhos podem gerar efeitos direta e exatamente na manifestação do item e ou, principalmente, em outros subsequentes.

Em relação à qualidade da interpretação, Pöchhacker (2004) e Zwischenberger (2010) destacam que, nos Estudos da Interpretação, esse conceito, para ser delineado, hospeda diversas variáveis e fatores (e.g., aspectos linguísticos, fluência nas línguas,

ética dos profissionais, contextos de atuação, atribuições e papéis dos intérpretes). Por isso, uma única caracterização, na verdade, estará abordando uma parcela e não o todo da interpretação. Ademais, Arum (2022), após desenvolver uma pesquisa experimental, constatou que a taxa de entrega do texto de partida — um dos desencadeadores citados por Gile (2009b) — era elevada e gerou erros na produção dos intérpretes. Sugere, portanto, que a qualidade da interpretação também perpassa por uma cooperação entre o intérprete e o orador. Nessa relação, Thóroddsdóttir e Gísladóttir (2024) acrescentam que a etapa de preparação da interpretação se insere como um momento importante para a redução da carga cognitiva e a elevação da qualidade do produto.

Nesse ínterim, é cabível conceber que Gile (1995, 2009b) elenca quatro grandes gatilhos de problemas, a saber, (i) o aumento da capacidade de processamento (e.g., elevada densidade do texto de partida, reduzida antecipação desse e de outros discursos, qualidade do som, sotaque, nomes desconhecidos); (ii) a vulnerabilidade de alguns itens linguísticos da mensagem de partida que não demandam alta capacidade de processamento, e apresentam baixa repetição e previsibilidade (e.g., nomes, números, siglas); (iii) a especificidade do tema (e.g., redundância gramatical e construções sintáticas); e (iv) os fatores sociolinguísticos (e.g., pronúncia, questões culturais-locais-regionais). Gile (2009b) pondera, no entanto, que todos esses itens já detectados em diversos estudos e, de fato, intrincados na interpretação simultânea, não foram analisados a partir de um enquadramento conceitual e metodológico comum.

Kotait (2019) acrescenta que Setton (1999), por ter desenvolvido um modelo pragmático-cognitivo para a interpretação baseado em *corpus*, também sugere classificações para os gatilhos de problemas relacionados: (i) ao discurso de chegada (e.g., forma, estilo); (ii) ao tema abordado (e.g., preparação do intérprete); e (iii) às condições ambientais (e.g., espaço, equipamentos). Contudo, Kotait (2019) alerta que,

apesar de relevantes para a atender a esse modelo, a organização dos gatilhos se mostra muito ampla e pouco diretiva.

Mankauskienė (2016) notabiliza que os gatilhos foram organizados por Gile (1995, 2009b), sobretudo, com o propósito educacional para a formação dos intérpretes. Sendo assim, para fins de sistematização e de investigação, Mankauskienė (2016, 2018) parte do pressuposto que tais desencadeadores de problemas na interpretação simultânea decorrem do material linguístico de partida.

Ademais, com base em um modelo de comunicação³² de Ingram (1974/2015) e Kirchoff (1976/2002), a autora propõe os gatilhos de problemas em categorias relacionadas: (i) ao orador; (ii) à mensagem, incluindo os de ordem lexical, sintática e semântica; (iii) ao intérprete; e (iv) aos problemas técnicos, conforme descrito na Figura 1.

³² Neste modelo, o emissor produz uma mensagem codificada que, ao ser recebida pelo receptor, independentemente de quais sejam os canais e os códigos, é decodificada. Nesse processo, o contexto sociocultural de ambas as línguas envolvidas (i.e., de partida e de chegada) é considerado.

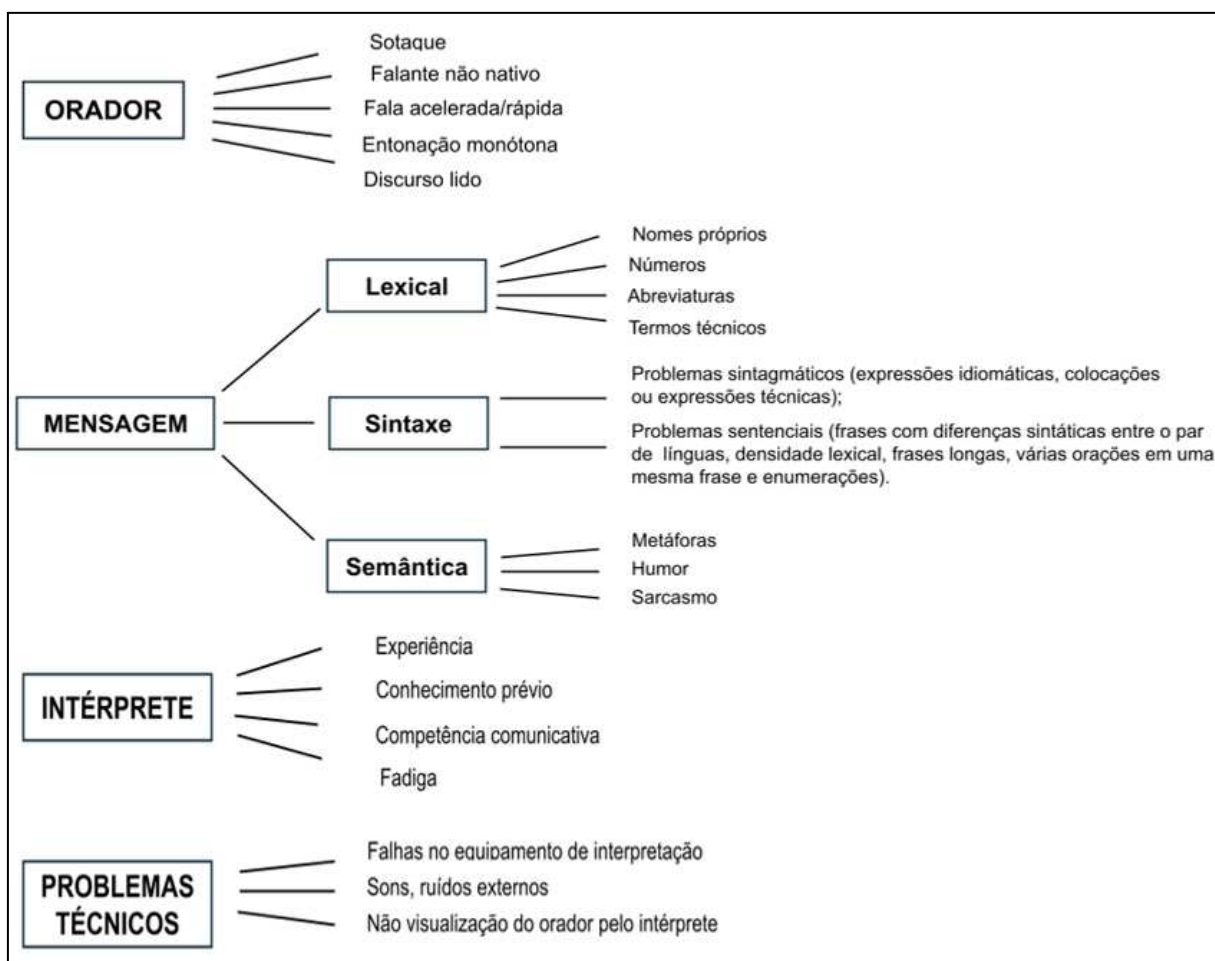


Figura 1. Categorias de gatilhos de problemas, conforme Mankauskienė (2016).

Fonte: Elaborado pelo autor

Gile (2009b) acentua que, diante da definição e da natureza desses gatilhos de problemas, é desafiador abarcar todos no mesmo estudo. Por isso, pesquisas como a dele têm sido desenvolvidas elegendo apenas um item ou um grupo. Todavia, Mankauskienė (2016) destaca que, mais recentemente, alguns estudos tentam agregar mais de um problema e a sua possível interação entre si. Dessa forma, a autora reforça a importância em categorizar os tantos gatilhos encontrados na interpretação simultânea, de modo que seja mais palpável a realização de pesquisas e a projeção de resultados.

Nessa esteira, Mankauskienė (2016), por exemplo, investigou como nove intérpretes iniciantes e cinco profissionais lidam com os gatilhos de problemas de

cunho lexical na interpretação simultânea do inglês para o lituano (i.e., da L2 para a L1). Aos participantes foi disponibilizado um excerto, com cerca de oito minutos de duração, de um seminário apresentado no Parlamento Europeu, cuja taxa de entrega é considerada alta (e.g., 156 palavras por minuto). Os resultados indicam a dificuldade na interpretação dos nomes, sendo que, dos cinco apresentados no texto de partida, quatro foram omitidos ou produzidos incorretamente por mais da metade dos sujeitos da pesquisa. O mesmo ocorreu na interpretação dos números, em que dos 13 disponibilizados, seis foram omitidos ou manifestados equivocadamente pela maioria dos intérpretes. Um montante semelhante dos participantes também não conseguiu interpretar alguns termos técnicos. Um achado importante do estudo é que alguns itens de ordem lexical que não possuíam correspondência exata em lituânio ou que demandava um acréscimo de explicações na interpretação foram considerados provocadores dos gatilhos de problemas.

Shamy e Ricoy (2017) tentaram estabelecer uma relação entre as percepções de 15 intérpretes, concluintes de mestrado em interpretação em conferência inglês-árabe, no tocante à sua prática, por meio de protocolos verbais retrospectivos, e o desempenho real, considerando o produto entregue na língua de chegada em árabe. Para isso, as autoras se atentaram a alguns gatilhos de problemas em nível sintático, semântico e pragmático (e.g., siglas, ordem de palavras, construções passivas, estilo de argumentação, artigo definido como meio de ênfase, modais, marcadores de discurso) existentes em dois vídeos em inglês. Um deles era referente ao pronunciamento do Secretário-Geral das Organizações das Nações Unidas a respeito da crise na Síria, e o outro, produzido pela pesquisadora, mas emitido por outra pessoa, a fim de simular comentários tecidos por um representante do governo estadunidense em torno de um grupo de trabalho com viés econômico também da Síria. Os dados oriundos da interpretação simultânea do inglês para o árabe (i.e., L2 para L1) e dos protocolos verbais indicam que, apesar de ter sido encontrado erros e

dificuldades em reformulação dos itens nas mensagens, os intérpretes não associaram esses pontos aos gatilhos de problemas específicos nesse par linguístico, relevando baixa conscientização quanto a eles.

Ocelková (2019) desenvolveu um estudo empírico intuindo verificar se alguns gatilhos de problemas como números, enumeração, termos técnicos e palavras e frases específicas (e.g., expressões idiomáticas, sentenças preposicionais, itens que não possuem equivalentes diretos entre as línguas) geram erros em segmentos posteriores a sua aparição na interpretação simultânea ao sobrecarregarem a capacidade de processamento. A pesquisadora reuniu um grupo de sete estudantes do segundo ano de mestrado em interpretação, mas que já possuíam experiência na área. Desses, cinco realizaram a tarefa do tcheco para o inglês (i.e., da L1 para a L2) e dois, apesar de viverem há mais de 20 anos na República Tcheca, são oriundos de outro país. Por isso, a autora considera que a tarefa não partiu da língua materna e foi executada de uma L2 para outra L2. O material a ser interpretado consistia em um vídeo com duração aproximada de nove minutos, em que o orador, um defensor da engenharia de tecidos, explana a respeito da produção artificial de couro. Os sujeitos da pesquisa receberam, antes do início da tarefa, uma lista de vocabulários e, em 15 minutos puderam consultar e pesquisar expressões correspondentes. Esse texto de partida apresentava um montante de 12 números, 13 enumerações, 57 termos e 26 palavras e frases específicas. Os dados revelam que os maiores erros se concentraram nos números e nas enumerações. Apesar de ratificar a presença desses gatilhos de problemas, não foi possível detectar em qual medida os segmentos seguintes a esses elementos foram comprometidos.

Em outra investigação, Kopar e Stachowiak-Szymczak (2020) intentaram verificar, por meio do rastreamento ocular, como os intérpretes manuseiam dois gatilhos de problemas já conhecidos, os números e a elevada taxa de entrega do texto de partida. Para isso, os pesquisadores reuniram um grupo de 23 intérpretes

profissionais com experiência em interpretação simultânea, e 20 em formação, que consiste no segundo ano de mestrado em interpretação em conferência. Os participantes realizaram a interpretação simultânea do inglês para o polonês (i.e., da L2 para a L1) de dois discursos preparados e controlados em vídeo, com duração em torno de quatro minutos, em que as temáticas abordaram informações de apresentação da Alemanha e da Espanha, respectivamente, sendo que um estava em ritmo de gravação lento (e.g., 100-110 palavras por minuto) e outro veloz (e.g., 142 palavras por minuto). Durante a tarefa, acrescido a esses vídeos, os participantes acessaram um conjunto de cinco slides em *PowerPoint* no computador. Esse material continha informações verbalizadas no discurso oral da oradora, como, por exemplo, números. O total de números girava em torno de até dez, sendo compostos por um a cinco dígitos. Os resultados do estudo corroboram o fato de que a precisão da interpretação pode ser afetada pela velocidade da manifestação do texto de partida. Assim, comparado aos intérpretes em formação, os profissionais demonstraram maior exatidão na produção numérica. Ainda, em razão do ritmo acelerado da fala, houve maior fixação do olhar nos números inscritos nos slides.

Em sua tese, Aal-Hajiahmed (2022) investigou como dois grupos de intérpretes operam com gatilhos de problemas de ordem lexical, sintática e cultural (i.e., nomes próprios, números, voz passiva, aspectos culturais e terminologias religiosas) em duas tarefas gravadas de interpretação simultânea, sendo uma em cada direção, entre o inglês e o árabe. Esses grupos foram delimitados em um profissional, de cinco pessoas, constituído por intérpretes que atuam no setor de língua árabe na sede da ONU, e outro iniciante, de 17, divididos em dois subgrupos, nove e oito, que são estudantes de dois cursos distintos de formação de intérpretes de conferência. Como a pesquisa se delineou durante a pandemia do Covid-19, as gravações ocorreram individuais e remotamente. Antes e após o experimento foi empregado questionários, a fim de verificar se os intérpretes reconhecem esses

gatilhos e quais estratégias utilizam para tentar saná-los. De maneira geral, os resultados desvelam que, em comparação aos dois grupos, os intérpretes profissionais apresentaram êxito tanto na identificação quanto na operação das estratégias interpretativas, enquanto o desempenho dos iniciantes foi caracterizado por omissões dos *rich points* (i.e., itens considerados mais difíceis ou problemáticos no texto de partida). Os elementos lexicais, sobretudo os números, foram os pontos mais desafiadores para ambos os grupos.

Mankauskienė (2016) argumenta que os aspectos lexicais, por vezes, são negligenciados pelos pesquisadores dos Estudos da Interpretação por admitirem que os intérpretes necessitam trabalhar com o significado e as intenções dos oradores, conforme defendido inicialmente por Seleskovitch (1978). Apesar de notório que os sentidos sejam importantes e que podem não haver equivalências exatas e diretas entre línguas, não é cabível desprezar que os itens lexicais também podem se constituir como desencadeadores de problemas na interpretação simultânea.

2.3 Síntese do capítulo

O presente capítulo apresentou a constituição dos Estudos da Interpretação como campo (inter)disciplinar, mencionando os entraves e as conquistas, amparado, sobretudo, nos profissionais e, mais recentemente, nos acadêmicos. Esse movimento é pautado por algumas importantes Teorias (e.g., Teoria Interpretativa da Tradução de Danica Seleskovitch) e Modelos (e.g., Modelo dos Esforços de Daniel Gile) que o ajudaram a caminhar, da introspecção à experimentação, e a se estabelecer. Também como parte dessa dinâmica de mobilização, atualmente, algumas investigações têm buscado conhecer a fisiologia e o substrato cerebral envolvidos na interpretação.

Um dos principais objetos de trabalho e de pesquisa desse campo é a interpretação simultânea que, projetada em visibilidade pelo Julgamento de Nuremberg, trata-se da reformulação linguístico-cultural de mensagens de uma língua a outra, quase ao mesmo tempo. Esse processamento é cognitivamente demandado, pois enreda a interação entre a compreensão de novas informações e a produção das anteriores, ao passo que os intérpretes entram em contato com o significado de um enunciado.

Para compreender holisticamente esse processo e fomentar a formação de intérpretes, o Modelo dos Esforços foi criado há aproximadamente 40 anos e segue sendo uma proposição amplamente empregada por estudiosos e profissionais. Por meio dele, Gile ressalta que, em tarefas interpretativas, os intérpretes, profissionais ou iniciantes, estarão submetidos a uma natural saturação de recursos atencionais. Assim, a mensagem na língua de chegada poderá ser deteriorada, não se restringindo a elementos de cunho linguístico ou extralinguístico. Isso significa que, erros e omissões podem não estar meramente associados ao conhecimento dos intérpretes, mas à natureza da tarefa de interpretação simultânea.

Todavia, existem, principalmente, alguns itens presentes na língua de partida (e.g., nomes próprios, números, léxicos especializados, construções sintáticas, metáforas) e na postura do orador (e.g., velocidade de fala, sotaque) que impõem aos intérpretes um aumento da capacidade de processamento, e isso pode provocar prejuízos e fragilidades na produção das informações na língua de chegada. Por essa razão, pesquisas têm sido desenvolvidas para detectar o impacto desses elementos na interpretação simultânea e reflexões em como lidar com elas.

Capítulo 3: A interpretação Libras-português e a datilologia

Este capítulo é destinado a apresentar a interpretação simultânea Libras-português e a datilologia, foco desta pesquisa. A primeira subseção apresenta as particularidades gramaticais das línguas de sinais, sobretudo em razão da modalidade gestual-visual, que pode impactar a tarefa interpretativa.

Sequencialmente, a constituição histórica e linguística da datilologia é iluminada. Ainda, a terceira subseção se ocupa de exibir e de problematizar a aplicabilidade desse elemento na interpretação simultânea.

3.1 Aspectos linguísticos das línguas de sinais e a interpretação Libras-português

Diante das características e particularidades que a interpretação detém, é válido assumir um olhar investigativo para a interpretação simultânea da Libras para

o português, com ambas as línguas em modalidade oral³³ de uso. Esse processo pode ser denominado de interpretação-voz (Lourenço, 2018a) ou de vocalização (Rodrigues, 2018ab). Pesquisas nacionais e internacionais têm mostrado que a maioria dos intérpretes³⁴ de línguas de sinais não se sentem confortáveis para atuar nessa direção, optando pela direção de uma língua oral para uma de sinais, como demonstram Nicodemus e Emmorey (2013), Lourenço (2018a), Rodrigues (2018b), Gomes (2020, 2022), Nicodemus, Lang e Haug (2023) e Saavedra-Rodríguez e González-Montesino (2024).

Segundo esses estudos, algumas razões são firmadas para essa preferência como: (i) a menor prática e formação nas tarefas de interpretação-voz; (ii) o desconhecimento lexical, terminológico e temático enredado nas línguas de sinais; (iii) a estrutura gramatical de ambas as línguas; (iv) a incompreensão da datilologia no texto de partida; (v) a velocidade de fala na língua gestual-visual; (vi) a pressão do tempo imposta pela interpretação, sobretudo no modo simultâneo; (vii) a possibilidade de se ouvir na produção em língua oral e, assim, detectar eventuais erros; (viii) a autoavaliação e avaliação do público-alvo; e (iv) os fatores psicofisiológicos (e.g., ansiedade, insegurança, memória). Verifica-se que esses pontos são, além de linguísticos, relacionados à natureza da tarefa interpretativa.

No tocante à direcionalidade do processo, é válido frisar que este trabalho acompanha a reflexão de Whyatt (2019) em referenciar as direções a partir da marcação das línguas e não as delimitarem como direta ou inversa. Essa ressalva é importante, pois, ao tentar instituir uma nomeação (i.e., direta e inversa) para esses

³³ A oralidade, conforme exposto anteriormente, se alinha a manifestações interpessoais, sem a obrigatoriedade de registro, independentemente das línguas.

³⁴ Todas as considerações feitas ao processo de interpretação-voz se referem aos intérpretes intermodais ouvintes. Essa marcação surge pelo fato de as pessoas surdas estarem ganhando espaço e visibilidade como profissionais da interpretação. Nesse escopo, eles podem atuar na mediação entre línguas de sinais ou entre uma língua oral escrita e uma de sinais, como ocorre na interpretação à prima vista, por exemplo.

processos, indica que somente uma das direções seria a adequada e prestigiada, marginalizando a outra. Tal postura, oriunda dos teóricos do campo da tradução escrita e importada pelos estudiosos e profissionais tradicionais da interpretação, como a Escola de Paris, contradiz, portanto, a importância, a legitimidade e a necessidade de ambas as direções em quaisquer contextos de reformulação linguístico-cultural. Aal-Hajiahmed (2022) pondera que a direcionalidade precisa ser assumida como um aspecto mais complexo que envolve, por exemplo, os modos de interpretação e os pares linguísticos, distanciando-se, por consequência, somente de introspecções e observações dos intérpretes. Na busca por uma delimitação mais analítica da direcionalidade nas interpretações simultâneas entre a Libras e o português, Silva (2021) registrou alguns indicativos de esforço cognitivo, os efeitos da modalidade das línguas e as estratégias interpretativas.

Apesar das interpretações intermodais ou intramodais orais-auditivas e gestuais-visuais mobilizarem os mesmos processos, Wang e Napier (2015) sublinham que é pertinente admitir a modalidade linguística das línguas de sinais como um fator adicional que pode impactar a reformulação das mensagens. Isso porque, de acordo com Rodrigues (2018a), Quadros (2019), Emmorey (2023) e Silva e Quadros (2023), elas apresentam articuladores maiores, mais lentos e externos ao corpo, se comparados às das línguas orais, como os manuais, empregando, sistematicamente, expressões faciais e corporais também para fins gramaticais.

Leonard *et al.* (2020) afirmam que o tamanho e a visibilidade desses articuladores implicam em um complexo controle do corpo, dos braços e das mãos, possibilitando a análise linguística a nível gestual, e demonstrando a existência de estrutura composicional (i.e., distribuição dos elementos) na formação dos sinais. Essa particularidade corrobora para a elevada intensidade de estruturas simultâneas, que surgem pela concatenação dos parâmetros fonológicos (e.g., configuração da mão, movimento, localização, orientação da palma da mão e expressões

não-manuais). Villameriel *et al.* (2019) frisam que essa simultaneidade é mais notória no início da articulação do sinal, em que a conformação da mão e a localização são definidas. Todavia, conforme Quer e Steinbach (2019), a natural transição entre essas unidades sublexicais, que não é linguisticamente desguarnecida, pode auxiliar na identificação do próximo sinal a ser expresso em um contexto comunicacional.

Apesar de várias línguas de sinais possuírem relações históricas distintas e praticamente não haver uma análise filogenética mais profunda em que as famílias linguísticas possam ser devidamente associadas, Coons (2022) e Emmorey (2023) concebem que, em virtude da modalidade, essas características tipológicas³⁵ (i.e., classificação ou padronização das línguas conforme as suas estruturas) apresentadas são compartilhadas. No entanto, Bisnath (2024) alega que, apesar da modalidade, as línguas de sinais podem não ser estruturalmente homogêneas.

Wilbur (2003 apud Lourenço, 2018b) defende a existência de um ordenamento linguístico em que variadas informações são externadas e os articuladores de cada uma delas não afeta os demais, de maneira que a junção dos mesmos permita a significação e a fluidez dos enunciados. Para a autora, esse procedimento é denominado camadas (*layering*). Diante disso, Lourenço (2018b) arrazoa que os insumos visuais ocorreriam, basicamente: (i) pela construção manual; (ii) pelo espaço de sinalização[fala em línguas de sinais]; (iii) pelas expressões não-manuais da face superior; e (iv) pelas expressões não-manuais da face inferior. Enquanto isso, as línguas orais possuem articuladores internos ao corpo e a sua manifestação linguística procede-se de maneira sonora e sequencial (Rodrigues, 2018a). Logo, há dissemelhança nos níveis de interface articulatorio-perceptual entre essas línguas.

Sob o viés de diferença morfossintática entre a Libras e o português, Lourenço (2018a) enfatiza o gênero biológico, o tempo e o aspecto. O autor analisou a produção

³⁵ De acordo com Zeshan e Palfreyman (2020) e Coons (2022), as pesquisas em torno das tipologias das línguas de sinais têm se centrado, principalmente, em questões de cunho lexical e oracional (e.g., sentenças interrogativas, negativas, ordem de sinais), além do semântico e sintático.

de intérpretes, a partir de tarefas de interpretação-voz simultânea em curso de formação continuada para profissionais que atuam em contexto educacional. Ele esclarece que, em português, o gênero é marcado pelo próprio substantivo ou por meio de um morfema preso a esse nome, identificando-o, biologicamente, como masculino (i.e.,{-o}) ou feminino (i.e.,{-a}). Em contrapartida, em Libras, por não haver marcação semelhante, o morfema é livre, acrescentando, ao substantivo, o sinal *HOMEM*³⁶ ou o sinal *MULHER*. Em algumas situações, a depender do discurso, tal marcação pode ser facultativa. Ao averiguar os dados, Lourenço (2018a) notabiliza que, por exemplo, no caso do sinal *MEDIC@*,³⁷ dez dos 11 intérpretes expressaram em português o gênero masculino, optando pelo mais prototípico, sendo essa uma possível estratégia.

No que tange ao tempo e ao aspecto em Libras, Finau (2008) e Lourenço (2018a) declaram que a sistematização pode ser empreendida de maneiras variadas, como, por exemplo, o uso de sinais que fazem menção a advérbios de tempo (e.g., *ONTEM*, *HOJE*, *FUTURO*), realizados no início ou no fim dos enunciados, ou mesmo posteriormente ao sujeito. Um sinal emitido próximo ao ombro, indica o verbo no passado. Sinal à frente, mas próximo ao corpo, presente. Quando estão à frente, porém em uma localização mais alta, representam o futuro. Lourenço (2018a) acentua que os resultados provenientes da interpretação-voz revelaram expressões temporal e aspectualmente incompatíveis em português, além de pausas por parte dos intérpretes. Isso denota os desafios gramaticais impostos pelas línguas e o seu impacto na tarefa interpretativa.

³⁶ Para representação, os sinais em Libras estão apresentados em palavras grafadas, com letras maiúsculas e em português, a fim de destoar do uso e da grafia habitual nessa língua. Neste trabalho, essa notação, cunhada como glosa, não pretende substituir ou reduzir a concepção semântica e gramatical dos léxicos em ambas as línguas, mas apenas reproduzir, de maneira simplificada, a informação multidimensional das línguas de sinais, como sugerem Quer e Steinbach (2019).

³⁷ Conforme Souza (1998), o símbolo “@” está sendo empregado para demonstrar a ausência de desinência, em que o léxico pode assumir o gênero masculino ou feminino.

Lidando especificamente com os pronomes enquanto referentes, Quinto-Pozos, Muroski e Saunders (2019) explicitam que esses sistemas denotam questões gramaticais como pessoa, número, gênero, caso, entre outras e, a depender das línguas, haverá diferenças. Nas línguas de sinais, os pronomes não evidenciam a distinção de gênero. Nessas línguas, conforme Silva (2021), geralmente os pronomes são expressos pelo dedo indicador estendido e direcionado a um referente (e.g., entidade, pessoa, local).

Analisando resultados de interpretação simultânea da ASL para o inglês, Quinto-Pozos, Muroski e Saunders (2019) reputam que os pronomes pessoais, sobretudo os de primeira pessoa do singular, apesar de dispensáveis nas línguas de sinais, e do plural, não apresentam dificuldades para a compreensão e nem variação quanto ao seu contexto de uso. Assim, a produção dos intérpretes ocorre de maneira precisa. Entretanto, os de terceira pessoa podem não evidenciar de qual referência se trata e culminar em erros e em omissões, além de que, por vezes, os intérpretes precisam ajustar as regras gramaticais de acordo com a língua de chegada. O estudo também identificou que os pronomes demonstrativos singulares na ASL são os mais desafiadores, pois podem gerar ambiguidade na informação, não havendo entendimento exato da mensagem pelos intérpretes. Quanto a esses pronomes, Silva (2021), em um estudo com dados naturalísticos, espontâneos, semiespontâneos e elicitados da Libras, os identifica como apontação lateral e que assume distintos valores morfológicos, corroborando o impasse na compreensão, por parte dos interlocutores.

Em relação às estratégias de referenciação das línguas de sinais, Quinto-Pozos, Quadros e Maynard (2020) destacam que, novamente, em virtude da modalidade dessas línguas, elas se diferem das orais. Para exemplificar, mencionam o uso da mão não dominante do falante intuindo referenciar alguma entidade ou objeto, ao passo que a mão dominante está disponível para a manifestação de distintos sinais e, por

consequência, a emissão de informações concomitantes. Essa possibilidade existe, uma vez que, conforme já abordado, essas línguas possuem dois articuladores primários e externos (e.g., mãos), porém cinesteticamente diferentes.

Outro exemplo de referência, segundo Quinto-Pozos, Quadros e Maynard (2020), é a conhecida alternância de papéis ou perspectivas (*role shift*) promovida pelo falante. Há, nessas situações, uma representação de um ou mais interlocutores, ora como narrador ora como interlocutor, englobando, inclusive, espaços e tempos variados. Essa mudança também pode suceder a partir do uso de itens lexicais, em que são marcados em determinado espaço de sinalização, e a identificação pode ser feita pelo falante por meio de movimentos do corpo, do olho, do tronco e de expressões não-manuais.

Nesse espectro, a referência também pode ser assumida pelo emprego de ações construídas, em que há a exposição de atributos, de informações, de postura, de emoções e de sensações de outro agente. Bernardino *et al.* (2020) explanam que esse rico mecanismo linguístico, e também literário, funciona a partir da incorporação do referente pelo falante, permitindo que as ideias empreendidas sejam entendidas pelos interlocutores, a partir da percepção do orador. As autoras esclarecem que as ações construídas são distintas dos gestos espontâneos, uma vez que apresentam parâmetros definidos para a sua sistematização, como o não deslocamento no espaço, ainda que haja a representação de alguém correndo, por exemplo. É possível, então, encontrar as características do referente no corpo do falante e propiciar, pelo campo visual, um maior entendimento aos interlocutores.

Ferrara *et al.* (2023) preconizam que, a partir de estudos com falantes de variadas línguas de sinais, a referência hospeda gradientes de iconicidade, de representação (e.g., sinais, ações construídas) e de indicação. Ademais, o próprio espaço de sinalização é o complexo local em que toda a construção discursiva é efetivada e as informações de cunho locativo físicas ou virtuais (e.g., sinais

referenciais) são dispostas e organizadas visualmente. Quadros (2006) e Wilcox e Martínez (2020) salientam que esse espaço, para além da sua conjuntura mental, fonológica e semântica, também coopera para a realização dos itens lexicais. Durante o enunciado, a partir da delimitação, as informações arranjadas espacialmente podem ser introduzidas ou resgatadas por meio do olhar, da direção do olhar, e de apontamentos manuais para dar sequência e evitar a redundância lexical. Quadros (2019) enfatiza que o corpo do falante e o seu posicionamento é o eixo que determina a órbita desse espaço gramatical. Frente a essa caracterização do espaço de sinalização e sob o viés neurobiológico das línguas de sinais, Emmorey (2023) destaca que o hemisfério direito do cérebro de um falante de línguas de sinais está mais envolvido tanto na compreensão quanto na produção dessa condição espacial.

O espaço é algo tão crucial para a constituição das línguas de sinais que, conforme a entrevista de Daniel Gile para Barbosa e Quental (2022), uma ex-orientanda de doutorado sugeriu a adição de um esforço que especificasse a memória espacial, pela necessidade de o intérprete lembrar da marcação mental dos referentes feita nesse *locus*. Entretanto, apesar de interessante, o proponente do Modelo dos Esforços reputou que essa questão já estaria incluída na etapa de produção em línguas gestuais-visuais.

Considerando esses aspectos que evidenciam a diferença entre as línguas de sinais e as orais, ao analisarem dados extraídos de trechos de palestras proferidas em Libras por dois professores surdos e interpretadas simultaneamente para o português por dois profissionais, Quinto-Pozos, Quadros e Maynard (2020) salientam que é desafiador para os intérpretes expressar todas as formas, os registros e os detalhes que essas estruturas espaciais apresentam, uma vez que os referentes podem não ser bem entendidos e, por isso, a mensagem na língua de chegada tenderá a ser comprometida.

Ainda nesse escopo, ao analisar a interpretação simultânea de quatro histórias curtas em ASL documentadas em vídeo para o inglês de 22 intérpretes, McDermid, Humphrey e Harding (2023) notaram a introdução de artigos e de conjunções, que não estavam presentes no texto de partida, como uma forma de potencializar o entendimento do público ouvinte na língua de chegada.

As singularidades constitutivas e contrastivas dessas línguas são um dos fatores que implicam, portanto, na requisição de esforços em um processo interpretativo, sobretudo aos relacionados à compreensão e à produção.

Os efeitos de modalidade supracitados residem, principalmente, nos níveis fonológico, morfológico e sintático. Contudo, Zeshan e Palfreyman (2020) postulam a necessidade de ampliar as ações e os projetos — alguns já em andamento — de compilação de gramáticas de referências de línguas de sinais, com o propósito de reunir mais dados para a descrição de tipologias linguísticas e, assim, continuar a verificar quais elementos são em maior ou em menor escala exclusivos dessas línguas e quais comungam com as línguas orais. Para os autores, que organizaram categorias (e.g., absoluta e relativa) para os efeitos de modalidade ao estimarem uma análise intermodal (i.e., entre as línguas gestuais-visuais e orais-auditivas), é “[...] é mais útil considerar os efeitos da modalidade como um espaço de design flexível, dentro do qual as diferentes estruturas intermodais comparáveis estão temporariamente situadas”³⁸ (p. 539).

Além desses já postos e que, conforme indicado nos estudos sobreditos, impactam a tarefa interpretativa intermodal, Zeshan e Palfreyman (2020) mencionam a datilologia como um importante item das línguas de sinais, que, diante da sua formação, possuem características distintas dos sinais e são oriundas do contato com uma língua de outra modalidade.

³⁸ Tradução de: “[...] *it is more useful to view modality effects as a flexible design space, within which the different comparable crossmodal structures are temporarily situated*”.

No tocante à interpretação simultânea, essa soletração manual é um dos aspectos que geram dificuldades no processo de interpretação-voz, como denotam McDermid, Finton e Chasney (2016) e Viana (2022). Esse elemento será detalhado na sequência.

3.2 A datilologia nas línguas de sinais

A datilologia ou soletração manual é um mecanismo linguístico das línguas de sinais que se insere na produção, por meio das configurações de mãos, das palavras ou dos termos de uma língua oral-auditiva. Quadros e Karnopp (2004, p. 88), ao analisarem a datilologia na Libras, ressaltam que não se trata de uma “[...] representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”.

Reily (2007) avulta que, apesar de evidências demonstrarem o uso de alfabetos manuais ou sistemas de escrita correspondente desde a Idade Média nas igrejas monásticas (i.e., modo religioso em que os monges viviam isolados em seus mosteiros), a origem dessas soletrações ainda pode ser considerada inexata. Em conformidade com o levantamento feito pela autora, o alfabeto manual foi desenvolvido, independentemente das línguas de sinais, e utilizado nesses espaços eclesiásticos intuindo manter um diálogo silencioso e oculto entre os seus membros.

Mais adiante, religiosos espanhóis, como Pedro Ponce de León e Juan Martin Pablo Bonet, e, na sequência, o francês Charles Michael de l'Épée, foram alguns dos responsáveis por aplicar os tais alfabetos manuais na educação de pessoas surdas, espalhando-se por todo o mundo. Esse movimento é oriundo de alguns paradoxos da Igreja com esse público, pois, para Reily (2007, p. 320), “na Idade Média, as

atitudes do cristianismo em relação aos deficientes [às pessoas com deficiência]³⁹ revelavam uma certa ambiguidade, gerando ora acolhida ora exclusão”.

A intenção desses agentes era iniciar um processo de ensino das línguas orais. Entretanto, Padden e Gunsauls (2003) indicam que Bonet, por exemplo, empregava tal alfabeto, representando sons, para fomentar a prática da fala oral nos estudantes surdos. Segundo Souza (2023), a obra do religioso, datada de 1620 e intitulada “Redução das letras para ensinar os mudos a falar” (*Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los Mudos*), é a documentação mais antiga destinada ao uso do alfabeto manual como subsídio na educação de pessoas surdas. L’Epée, por sua vez, fundador da primeira escola pública em Paris para esse público, desenvolvia o seu trabalho buscando ensinar a ortografia por meio da escrita pelas mãos.

Mais recentemente, Alawad e Musyoka (2018) e Alzahrani (2022) examinam que, acompanhada de práticas pedagógicas visuais e alinhadas com as línguas de sinais, o uso da soletração manual pode ser um fator a contribuir na educação bilíngue de pessoas surdas (i.e., uma língua de sinais e outra oral em modalidade de uso escrita) com o desenvolvimento do vocabulário e da alfabetização desses estudantes. Nesse bojo, conforme Sofiato e Reily (2014), obras lexicográficas (i.e., dicionários) e iconográficas impressas também se inserem como materiais para registro, consulta, ensino e aprendizagem da datilologia.

Padden e Gunsauls (2003) sugerem, apesar de não demonstrarem registros históricos da época, que os pais e os irmãos ouvintes das pessoas surdas tenham adotado esses alfabetos manuais como forma de comunicação intra e interfamiliar. Em todo caso, percebe-se que houve uma mobilização de comunicação das pessoas ouvintes para com esse grupo.

³⁹ Tal palavra está sendo utilizada apenas para fins de reprodução do texto original da autora. Este trabalho entende as pessoas surdas como singulares e detentoras de uma diferença linguístico-cultural, distanciando-se de quaisquer perspectivas reabilitativas de cunho clínico e terapêutico.

Mesmo diante dessa possibilidade de interação entre as pessoas, mas considerando o histórico de opressão e de silenciamento linguístico, engendrado por parte dos falantes das línguas orais, Ladd (2004) sublinha a aversão que muitas comunidades surdas possuem/possuíam pela datilologia.

Por outro lado, Lee e Secora (2022) notabilizam que o alfabeto manual pode ser, de fato, oriundo das línguas de sinais. As autoras exemplificam ao expor que ASL e a Língua de Sinais Britânica (BSL) usam distintas configurações das mãos para externalizar o mesmo alfabeto inglês (i.e., de uma língua que é oral). Em muitas situações, o formato das mãos é icônico ou bem similar às letras que representam.

Esses alfabetos manuais são diferentes entre as línguas e podem ser realizados de forma unimanual (i.e., somente com uma mão, direita ou esquerda, como ocorre na Libras, na ASL, na Língua de Sinais Francesa - LSF, entre outras) e bimanual (i.e., a soletração sucede pelas duas mãos de forma concomitante, como na BSL, na Língua de Sinais Australiana - Auslan, na Língua de Sinais da Nova Zelândia - NZSL etc). Diniz (2020) menciona, ainda, que existem algumas poucas como a Língua de Sinais Argentina (LSA) e a Língua de Sinais Chilena (LSC) que se emprega uma combinação de letras unimanuais e bimanuais, realizadas, inclusive, próximas ao pescoço, ao tórax, e no rosto.

No que tange às soletrações unimanuais, Sehyr *et al.* (2023) reportam que geralmente a mão dominante é a empregada nesse procedimento, apesar de que a não dominante também pode ser utilizada, sobretudo para apresentar uma oposição entre dois itens, tópicos ou entidades, ou mesmo auxiliar na articulação e na sustentação da mão dominante.

Conforme Miller (2020), a datilologia é uma retratação manual dos léxicos de uma língua oral-auditiva, por meio, principalmente, das CM convencionalizadas, mas também de uma sucessão de segmentos como da orientação da palma da mão, do movimento e da localização ou ponto de articulação. Distintamente da Língua de

Sinais da Arábia Saudita (SASL), que a soletração ocorre da direita para a esquerda (Alzahrani, 2022), a maioria se dá da esquerda para a direita. Segundo Geer e Keane (2018, p. 440), grande parte das CM nas soletrações “[...] são produzidas com o pulso estendido ou ligeiramente hiperestendido, cotovelo flexionado além de 90 graus, e o antebraço girado de modo que a palma fique voltada para fora”.⁴⁰

Na Libras, Cordeiro (2019) avulta que essa representação é efetuada pelo alfabeto manual — oriundo do alfabeto da LSF, constituído por 27 configurações de mão, por denotarem as 26 letras do alfabeto ortográfico do português, acrescida de um item diacrítico como a cedilha “Ç”, e por símbolos de notação léxica como o acento agudo “{’}”, o acento circunflexo “{^}” e o til “{~}”. Todavia, Diniz (2023) pormenoriza que, na verdade, são 22 CM distintas, enquanto que as configurações [C] e [Ç]; [G] e [Q]; e [H], [K] e [P] são as mesmas, havendo modificações pelo movimento e pela orientação da palma da mão.

Ao analisarem no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras 196 configurações de mãos em que apenas um dos dedos estaria estendido, Maia e Carneiro (2023) revelam que existem somente aquelas que contemplem o indicador, o mínimo e o polegar. Segundo os autores, isso ocorre por restrições referentes à cinesiologia do movimento dos dedos e do punho, incidindo, portanto, na construção fonética dessa língua. Maia e Carneiro (2023) exibem que as CM com o indicador estendido se sobrepõem e, por isso, tendem a ser menos marcadas, culminando em 148 sinais, sendo que 89 são unimanuais e 59 bimanuais. O polegar estendido apresenta a segunda maior ocorrência com 34 sinais, dos quais 19 são unimanuais e 15 bimanuais. Os sinais com o dedo mínimo estendido correspondem a 14, em que 12 são unimanuais e dois bimanuais.

Embora se pautem na ASL, Kim (2016) ressalta que investigações a respeito da soletração manual são desafiadoras, pois esses itens abarcam pequenos e rápidos

⁴⁰ Tradução de: “[...] are produced with the wrist extended or slightly hyperextended, elbow flexed past 90 degrees, and the forearm rotated such that the palm is facing outward”.

movimentos que, por vezes, são acentuadamente articulados; e possuem relevante variação quanto aos falantes. Além disso, lida-se, no meio acadêmico, com a baixa catalogação de dados dessa natureza.

Lee e Secora (2022) argumentam que a expressão das datilologias é mais demoradas, se comparadas a dos sinais, pois abrangem uma sequência de alterações, ainda que rápidas, dessas complexas conformações que as mãos assumem. Enquanto isso, os sinais se constroem, basicamente, a partir da transição de uma ou duas CM, de localização e de movimento. As autoras também ressaltam que a diferença na produção desses itens ocorre em função da disposição da mão ser um traço menos proeminente e ser realizado no espaço neutro. Em Libras, assim como em várias outras línguas de sinais, Cordeiro (2019, p. 40) declara que “[...] a datilologia geralmente é articulada no espaço neutro ipsilateral em frente ao ombro do sinalizante[falante de línguas de sinais] [...]”.

Lee e Secora (2022) ainda discorrem que, normalmente, durante situações enunciativas reais e fluentes, o falante lida com a manifestação da datilologia por blocos e não necessariamente letra por letra. Apesar de variar entre alguns estudos, elas informam que a alternância de uma configuração de mão para outra transcorre em aproximadamente quatro a cinco letras por segundo. Keane (2014) expõe que essa diferença na duração da expressão manual das letras pode estar atrelada à sua posição na palavra soletrada, ao tipo de datilologia, ao estilo particular de produção do falante e ao movimento realizado entre cada uma das letras. Quanto ao movimento, Lee e Secora (2022) ressaltam que a CM anterior e a posterior podem impactar a articulação da CM desejada.

Diante da mobilização motora e da fluência que os sinais e as datilologias das línguas gestuais-visuais imputam, Jerde, Soechting e Flanders (2003) e Channer (2012) verificam que, assim como nas línguas orais-auditivas, pode haver uma coarticulação entre os segmentos (e.g., configuração de mão, movimento), em que um

se justapõe ao outro, alterando, modulando e rearranjando a sua canonicidade individual. Exemplificando esse fenômeno na Libras, Cordeiro (2019) cita a soletração manual A-M-O-R,⁴¹ na qual “[...] a formação do segmento [A] influencia na formação do segmento [M], que se modifica com o dedo mínimo estendido e em adução [i.e., movimento de aproximação de alguma estrutura do corpo ao centro]. Isso ocorre porque a constituição canônica do segmento [M] é formada com três dedos estendidos e em adução [...]” (p. 41). Nesse caso, segundo Channer (2012), a coarticulação é considerada perseveratória (*perseveratory coarticulation*), pelo fato do item da esquerda interferir no segmento imediatamente mais à direita.

Quando sucede o oposto, a coarticulação é antecipatória (*anticipatory coarticulation*). Cordeiro (2019) também o ilustra na Libras citando A-L-H-O, na qual o segmento [H], que possui um movimento característico de supinação (i.e., palma da mão posicionada externamente para cima ou para frente) e está em posição posterior ao [L], influencia o antecessor. Assim, o segmento [L], que normalmente não apresenta movimento, é impactado por [H] e inicia uma movimentação para a realização da soletração.

Conforme observado por Channer (2012) na ASL, os efeitos desse tipo de coarticulação (i.e., antecipatória) são mais comuns. Ainda, os dados da autora demonstram que a coarticulação ocorre em maior frequência em posição medial das palavras do que no início ou no fim. As primeiras e as últimas letras geralmente são produzidas de forma mais prolongada. Por isso, nessas, os efeitos da coarticulação seriam menores. Em ambos os casos, Wager (2012) sugere que se a soletração manual for efetuada mais rapidamente, a coarticulação tende a ser afetada.

Embora não seja um dispositivo alternativo ou eletivo das línguas de sinais, para alguns pesquisadores, a soletração manual é enquadrada apenas como

⁴¹ Glosas dessa natureza, em que as letras são separadas por hífen, evidenciam a soletração manual.

transliteração,⁴² contato e ou empréstimo linguístico (Nascimento, 2011) ou, ainda, “mera transposição para o espaço, por meio das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral”. (Rosa, 2005, p. 40). No entanto, Keane, Brentari e Riggle (2012) e Montemurro e Brentari (2018) reconhecem que essa percepção é muito limitada e rasa. Diante disso, necessitam ocupar as agendas de pesquisa.

Apesar de a datilologia não ser a forma preponderante de comunicação das línguas de sinais, ela apresenta uma gama de possibilidades e de funções para o seu uso. Cordeiro (2019), Leeson *et al.* (2020) e Lee e Secora (2022) acenam que a datilologia é usada para reproduzir nomes próprios de pessoas, de localidade e de termos inexplorados ou inequivalentes nas línguas de sinais em relação aos das orais, de siglas e até mesmo para esclarecer ou enfatizar palavras de baixa constância e ou contrastar classes gramaticais.

Dessas funcionalidades, Keane, Brentari e Riggle (2012) e Geer e Keane (2018) mencionam que a representação de nomes próprios e a ausência ou o desconhecimento de léxicos em sinais são uma das principais justificativas. Entretanto, Padden (2005) e Cormier, Schembri e Tyrone (2008) defendem que, por se tratar de uma forma de comunicação dos falantes surdos, a datilologia também pode ser utilizada quando houver sinais já estabelecidos. Por essa razão, Williams e Newman (2016) destacam que ela insere-se como um item integrado ao léxico nativo das línguas de sinais, potencializando o compartilhamento de associações semânticas com os sinais.

Leeson *et al.* (2020) e Xavier e Souza (2022) sublinham que, em diversas línguas de sinais, o emprego recorrente dessas datilologias pode acarretar a sua lexicalização.

⁴² Segundo Malcolm (2015), trata-se de uma condição na qual os léxicos da língua de chegada (e.g., Libras) são subordinados à estrutura gramatical da língua de partida (e.g., português). Nesse modo, o texto de chegada é ofertado por equivalência entre palavra e sinal. Por isso, a datilologia, por meio da reprodução literal pelas CM, pode figurar como um exemplo.

Exemplificando, em Libras, tem-se o sinal #PAI.⁴³ Esses seriam denominados sinais soletrados ou datilológicos, ou, ainda, segundo Lepic (2019) e Occhino *et al.* (2024), sinais altamente reestruturados ou convencionalizados, respectivamente.

De acordo com Xavier e Souza (2022), por meio de processos de adaptação fonético-fonológica como, por exemplo, assimilação (i.e., letras ou configurações de mão que assumem características semelhantes em um segmento próximo no sinal datilológico) e apagamento (i.e., remoção de uma letra, de uma CM ou de uma notação léxica em um sinal datilológico), além de situações em que não há qualquer alteração, esses itens se formatam a padrões fonológicos das línguas de sinais. Assim, a sua produção assemelha-se aos sinais.

Para Freitas-Júnior *et al.* (2020), quanto mais frequentes forem esses sinais datilológicos, mais expostos e suscetíveis a mudanças e a alterações fonológicas eles estarão, tendendo a uma redução na extensão do sinal, e demonstrando maior integração dos segmentos remanescentes. Isso porque, qualquer item da língua que seja recorrente será, cognitivamente, mais proeminente, de maneira que o acesso, seja para compreensão, seja para produção, demandará menor complexidade de formas para a significação.

Lee e Secora (2022) e Occhino *et al.* (2024) ponderam que essas formas não são estáticas, sendo passíveis de manifestar funções gramaticais mais diversificadas e, por isso, tendem a surgir com mais frequência. Segundo os pesquisadores, essas construções, que culminam em maior ou menor grau fonológico, estão atreladas, além das questões propriamente linguísticas, a comunicativas, contextuais, discursivas e sociais. Reconhecendo a existência de uma diferença bastante sutil entre os sinais datilológicos e as palavras soletradas, sobretudo aqueles que possuem apenas duas ou três letras, Diniz (2023) sugere cautela na análise e na afirmação

⁴³ Esta tese, assim como Swabey *et al.* (2016), Occhino *et al.* (2024) entre outros, emprega a simbologia cerquilha, proposta pioneiramente por Battison (1978 apud Cordeiro, 2019), para representar o sinal datilológico que, conforme já exposto, é fruto da lexicalização da soletração manual.

desses itens. De acordo com a autora, a frequência do uso e o movimento direcional do braço podem ser aspectos importantes na classificação de um ou de outro.

Ao averiguar os processos fonológicos na soletração manual na Libras, Souza (2023) apurou que, dos 25 já identificados para os sinais em outra investigação, 17 se estendem também para as datilologias, como a assimilação da configuração e da orientação da mão, da localização e da mão dominante; a metátese (i.e., alteração da posição de alguma unidade sublexical durante a produção) da configuração de mão e do movimento; a antecipação; a perseveração; a ipsilateralização (i.e., sinais realizados do mesmo lado do corpo do falante); a contralateralização (i.e., sinais realizados do lado oposto ao corpo do falante); o alçamento (i.e., expressão dos sinais em regiões mais altas do que as formas convencionais); a não realização do contato; a inserção de transição; a inserção de movimento; o apagamento da suspensão entre movimentos, da rotação e da repetição em sequência única; e a distalização⁴⁴ (i.e., movimento de deslocamento para mais distante do eixo central/tronco, se comparado com a forma canônica). Além desses, o autor encontrou outros que, até então, não haviam sido observados para os sinais, como o apagamento do movimento e o abaixamento da mão dominante. Pelos resultados, Souza (2023) ainda destaca que a influência de um sinal posterior ou anterior à soletração culminou na ipsilateralização e na contralateralização.

Cordeiro (2019), em seu estudo com sinais datilológicos retirados de um dicionário digital da Libras, denominado “Acessibilidade Brasil”, catalogou 147 itens, sendo que, desses, 122 sofreram alguma acomodação fonológica em sua composição. As mais frequentes são o apagamento das letras e a reestruturação da configuração de mão e da orientação da palma da mão. Ademais, ele verificou que a maior parcela

⁴⁴ O exemplo apresentado por Souza (2023, p. 85) para o sinal NUNCA esclarece que o “[...] movimento de transição da letra manual N para U e de U para N se dá através da flexão da articulação metacarpofalangeana dos dedos indicador e médio e não da flexão do pulso, onde normalmente ocorre”.

desses sinais, 75%, apresentaram coarticulação perseveratória. Esse ponto é interessante, pois, conforme apresentado anteriormente, Channer (2012), ao lidar com a datilologia na ASL, detectou o oposto (i.e., maior incidência da coarticulação antecipatória).

No mesmo dicionário utilizado por Cordeiro (2019), Pinheiro e Xavier (2019) coletaram 114 sinais, alcançando as configurações de mão em A até E. Dentre as subcategorias de empréstimo linguístico, os autores sistematizaram os sinais soletrados (i.e., 47) como parciais (i.e., há omissão de alguma letra na soletração) e integrais. A ordenação total se organizou em palavras e em acrônimos/siglas. Essa segunda, por sua vez, em convencionalizadas (i.e., soletração manual das mesmas letras da palavra em português - D-V-D) e não convencionalizados (e.g., [A]-SETE para adventista do sétimo dia). Desses, Pinheiro e Xavier (2019) detectam que os mais frequentes são palavras (i.e., 33) integrais (i.e., 40).


Nessa esteira, porém com base no primeiro volume do “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil”, Barbosa da Silva (2023), ao analisar 4.607 entradas — a partir das palavras em português, entre A e D, declara a existência de aproximadamente 3,6% de sinais datilológicos.

Ainda a respeito de empréstimos linguísticos, porém com base em um acervo que a língua apresenta-se de forma espontânea em uso (e.g., entrevistas), Machado (2022), extraiu itens lexicais da produção de 12 pessoas surdas que compõem o *Corpus Surdos de Referência*, do Inventário Nacional da Libras.⁴⁵ O autor contabiliza que, dos 3.141 itens, a maior parcela (i.e., 73%) é oriunda do português em modalidade de uso escrito, categorizando-se, conforme nomeação própria, em soletração pragmática (i.e., empregada manualmente para representar palavras e termos), em lexicalizada e em inicialização. Embora, desse quantitativo (i.e., 2.298),

⁴⁵ Este inventário se situa em um contexto mais amplo, no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, contribuindo para a documentação mais representativa da Libras no país (Quadros *et al.*, 2020).

Machado (2022) tenha analisado somente 70 unidades que envolvem a soletração, ele não informou numericamente a quantidade que compõem essas categorias.

Por serem dispostos na língua, Diniz (2020) defende que a soletração manual, assim como os sinais nativos, também está sujeita a mudanças e variações linguísticas. A autora exemplifica ao demonstrar distinções na expressão manual do segmento [E] de forma espontânea e geral no nome de uma pessoa e em outros contextos específicos como em um sinal datilológico #CESTA. Quando esse segmento é expresso com os dedos tocando o dorso do polegar, Diniz (2023) verifica que essa forma é mais encontrada na produção das pessoas com mais idade, enquanto que, sem o contato com o dedo polegar, é uma manifestação mais habitual dos jovens.

Não obstante, Cordeiro (2019) salienta que os sinais que possuem somente uma CM alusiva à primeira letra da palavra na língua oral, como PAZ, não são sinais datilológicos. São, na verdade, sinais inicializados, que apresentam articulação junto a outros parâmetros fonológicos, podendo ser diferentes do alfabeto manual comum. Por outro lado, Cormier, Schembri e Tyrone (2008) indicam que alguns sinais de mesmo significado podem ser iniciados por letra ou não. Na Libras, um exemplo seria PESSOA, que pode ser realizado com o segmento [P] ou com outra configuração de mão como .⁴⁶ Além disso, Cordeiro (2019) releva que, em Libras, existe uma exceção de sinal datilológico, o #É. Nesse caso, apenas o acento agudo é produzido, e a configuração de mão em [E] dissipada. Em um mesmo estudo supracitado (i.e., no primeiro volume do “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil” das A a D), Barbosa da Silva (2023) registra a presença de cerca de 9,4% de sinais inicializados.

Admitindo esses processos naturais, Castro-Júnior *et al.* (2023) sugerem para a Libras, mas que pode ser estendido para outras línguas de sinais, uma evolução

⁴⁶ A representação imagética desta configuração de mão foi retirada de Pimenta e Quadros (2006, p. 63).

linguística iniciando pela datilologia, tornando-se um sinal datilológico até seguir à padronização e à convencionalização.

Montemurro e Brentari (2018), ao analisarem um acervo de 216 vídeos com manifestações em ASL de pessoas surdas nativas fluentes, disponíveis em uma plataforma digital *on-line*, constataram que a soletração manual enreda, também, aspectos de cunho pragmático e sentencial, de maneira a fornecer, nos enunciados, ênfase a alguns léxicos em construções de foco e de tópico, além de marcação mais restrita a um determinado campo semântico. Isso significa que, em alguns momentos, a datilologia é realizada acompanhada ou não de um sinal existente na língua, a fim de delimitá-lo e ressaltá-lo. Nesse sentido, segundo as autoras, esse instrumento linguístico é acionado “[...] não por necessidade, mas como uma escolha lexical e estilística [...]”⁴⁷ consciente (p. 12).

Patrie e Johnson (2011 apud Wager, 2012) preconizam que as datilogias podem, assim como as palavras das línguas orais, ser expressas de forma mais cuidadosa ou rápida, ou, na concepção de Diniz (2023), hiperarticulada e hipoarticulada, respectivamente. Para Patrie e Johnson (2011 apud Wager, 2012), os indícios de uma soletração cuidadosa é quando há indexação (e.g., pelo olhar, pelo suporte da outra mão); acompanhadas frequentemente por movimentos da boca/prolação oral; é disponibilizada integralmente, com uma coarticulação mais restrita e uma taxa de produção lenta em línguas de sinais. A rápida, por sua vez, pode não ser indexada; potencializa a perda de alguma(s) letra(s), sendo que a primeira e a última comumente permanecem e são manifestadas em maior tempo; e a taxa de produção é elevada. Geralmente, as cuidadosas são empregadas quando a palavra em datilologia surge pela primeira vez no texto e, também, por vezes, com o intuito de enfatizá-la. A cada momento que esse mesmo item reaparece, a tendência é que a datilologia rápida seja efetuada.

⁴⁷ Tradução de: “[...] *not out of necessity but rather as a lexical and stylistic choice* [...]”.

Em sua pesquisa, Wager (2012) detectou que, em um discurso enunciado por um falante surdo nativo da ASL composto por 45 datilologias, das 13 indexações realizadas, 11 ocorreram pela marcação do olhar. Tanto as primeiras quanto as segundas menções de palavras foram indexadas, sendo, inclusive, a segunda mais aguda. Ainda, houve uma relação diretamente proporcional entre o aumento das repetições das palavras e o efeito da coarticulação. Por outro lado, a taxa de produção em línguas de sinais diminui ao passo que as palavras se tornam recorrentes e com perdas em letras, gerando uma produção mais rápida.

Lepic (2019) deslinda que essa diferença na duração das palavras soletradas apresenta uma causa funcional. Isso porque, ao surgirem pela primeira vez no discurso e serem expressas em um intervalo maior de tempo, as CM que formam a estrutura interna do item geram pistas favoráveis à identificação e ao reconhecimento do referente em questão. Quando as mesmas palavras são mencionadas posteriormente, não há a necessidade de serem completamente articuladas para serem processadas e compreendidas. Nesse caso, esses itens podem, para o propósito de eficiência articulatória, se reduzirem ou fundirem foneticamente.

À título de exemplificação, a partir de uma entrevista gravada que, mais adiante, tornou-se uma conversação entre duas mulheres surdas nativas da ASL, com duração de 42 minutos, Thumann (2012) contabilizou a ocorrência da mesma palavra soletrada (i.e., Mobile - cidade do estado do Alabama nos EUA) em 23 vezes. Como já documentado, houve, no geral, um declínio temporal gradual (i.e., de 34 para 14) entre as produções mais pausadas, que emergiram primeiramente, e as mais rápidas, em versões posteriores. A autora verificou que os segmentos [I] e [L] foram os mais suscetíveis aos fenômenos de compressão e de sobreposição.

Na tentativa de maior detalhamento, McDermid, Finton e Chasney (2016) anunciam, com base em publicações, que existem cerca de sete tipos de soletração manual, a saber: (i) a letra por letra, em que, pausadamente, o falante às expressa

uma por uma; (ii) a rápida, na qual a expressão da palavra como um todo é posta imediatamente; (iii) a lexicalizada, quando alguma palavra da língua oral foi incorporada ao repertório das línguas de sinais, seja de maneira integral, seja de forma parcial; (iv) a sigla, composta pela primeira letra de algumas palavras que constituem uma entidade; (v) a abreviação, sendo a junção de parte das palavras para representá-las; (vi) a combinação, em que há a associação e o uso de um sinal acrescido de uma palavra; e (vii) a cuidadosa/acurada, feita de maneira clara, semelhante a letra por letra, porém não possui, necessariamente, uma pausa entre as configurações de mão, podendo haver exclusão de algum trecho da palavra.

Essas variações sobreditas podem indicar que a estrutura fonética e fonológica das datilologias se modifica, conforme Keane, Brentari e Riggle (2012) destacam. Entretanto, verifica-se na catalogação de McDermid, Finton e Chasney (2016) que a velocidade se afasta de um fator impactante para se amalgamar a categorização das datilologias.

Ratificando a constância de uso desse recurso em meio a comunicação, seja por preferência do falante, seja pela lacuna lexical em sinais, Padden e Gunsauls (2003) detectaram que, em interação diária em ASL por pessoas surdas, a soletração manual estaria presente em torno de 12 a 35%, independentemente da idade, do gênero, da classe social e da etnia. A fim de pormenorizar esses dados, as autoras recrutaram 36 falantes, sendo 18 nativos e 18 não nativos, com escolaridade e idade variadas. Para estabelecer a frequência de uso da datilologia, Padden e Gunsauls (2003) quantificaram a soletração em excertos compostos por 150 sinais e verificaram um volume de dez a 15%. A maior frequência é esboçada em temáticas e assuntos mais técnicos, entre nativos (i.e., 18%) e com escolaridade mais elevada (i.e., graduação ou pós-graduação - 21%). Em contrapartida, os não nativos (i.e., 15%) e com formação em ensino médio (i.e., 15%) aplicam em uma escala um pouco menor. Talvez, esse

fato seja reflexo do processo histórico de escolarização e educação de pessoas surdas nos EUA, sobretudo no que tange o Método Rochester.⁴⁸

Nicodemus *et al.* (2017) também notam que a datilologia parece ser mais recorrente na ASL do que em outras línguas de sinais. Contudo, as autoras ponderam que esse apontamento de frequência está imbuído a questões de variação interlinguística como os textos, os contextos e os falantes nativos analisados. Por isso, há a necessidade de estudos adicionais para corroborar essa observação e, até mesmo, até que ponto a preponderância de datilologia por falantes surdos é a mesma, maior ou menor em relação aos intérpretes intermodais ouvintes, por exemplo. A própria pesquisa de Nicodemus *et al.* (2017), que averiguou a soletração manual pela produção de intérpretes em cinco línguas de sinais (i.e., ASL, BSL, Auslan, Língua de Sinais Irlandesa - ISL e Língua de Sinais Italiana - LSI) do mesmo texto de partida em inglês, ratifica a maior frequência (i.e., 137) desse item em ASL. Essa ocorrência é tão vigorosa que, em testes de fluência verbal semântica com pessoas surdas e ouvintes bilíngues intermodais, Sehyr, Giezen e Emmorey (2018) a reportam como um importante elemento para a recuperação lexical.

Considerando essa alta presença, Padden e Gunsauls (2003) apreciaram episódios de produções linguísticas de 14 falantes nativos da ASL, em eventos comunicativos contínuos com duração de cerca de dez minutos,⁴⁹ angariando 2.164 datilologias. Constatou-se que, no montante das soletrações realizadas, mais da metade, por volta de 70%, eram classificadas como substantivos (i.e., divididos uniformemente em próprios e comuns), 10,1% adjetivos, 6,3% verbos e, em menor frequência, outras categorias de palavras como 3,8% de preposições, 3,1% de

⁴⁸ Método desenvolvido em 1878, cujo foco era a aplicação da soletração manual para a comunicação, excluindo as línguas de sinais desse processo. Tal nome é derivado da localização física da instituição de ensino (Padden; Gunsauls, 2003).

⁴⁹ Os achados analisados são um recorte de um banco de dados sociolinguísticos, compilados em 2001 por Ceil Lucas, Robert Bayley e Clayton Valli. O repositório abarca 207 falantes surdos, organizados em grupos de dois a cinco participantes, que conversaram por cerca de uma hora. Todos os diálogos foram registrados em vídeo.

advérbios, 3% de conjunções, 2,7% de pronomes, 2,5% de interjeições, e 0,4% de artigos.

Na BSL, Sutton-Spence (1998 apud Leeson *et al.*, 2020) atesta que, em um conjunto de dados contendo 19.450 itens soletrados, a maioria também abarca os substantivos, perfazendo um quantitativo de 60%, enquanto os verbos respondem por 14%.

Schembri e Johnston (2007), em robusto estudo com 2.667 enunciados coletados de 205 falantes surdos de Auslan em cinco distintos locais da Austrália, encontraram a mesma frequência de classificação para as datilologias que Padden e Gunsauls (2003), sendo maior quantidade de substantivos, seguidos de adjetivos e de verbos.

No Brasil, ao analisar 180 sinais soletrados inseridos em um reconhecido dicionário em suporte físico da Libras (i.e., Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue), Xavier e Souza (2022) também verificaram, na categoria gramatical, maior incidência de nomes, principalmente comuns. A mesma predominância é constatada por Souza (2023), ao analisar 227 soletrações manuais em 25 vídeos de um canal de um *youtuber* surdo brasileiro entre os anos de 2016 e 2020.

Em estudo com a Auslan, Napier (2002) depreende que em contextos formais, como palestras acadêmicas, se comparado àqueles informais, como diálogos cotidianos, as manifestações em línguas de sinais possuem um maior quantitativo de soletração manual. A autora destaca que essa postura pode estar vinculada à intenção do orador em exprimir as informações, sobretudo técnicas, de maneira mais peculiar aos interlocutores. Nesse mesmo par linguístico, Schembri e Johnston (2007) acrescentam que essa variação de uso também pode estar atrelada a fatores sociolinguísticos como idade e região geográfica.

Em certa medida, algo semelhante ocorre na Arábia Saudita. Alzahrani (2022), ao realizar um estudo quantitativo nas três maiores cidades do país e que acomoda a

maior parcela de pessoas surdas, demonstrou que a datilologia na SASL, apesar de não ser tão utilizada cotidianamente, é mais empregada por pessoas surdas jovens e que estão inseridas em fases de escolarização, seja básica (i.e., escolas), seja superior (i.e., faculdades e universidades).

Na Irlanda, por sua vez, Leeson *et al.* (2020) indicam que os homens são mais inclinados a utilizar a soletração manual na ISL do que as mulheres. E, nesse grupo masculino, os mais velhos se sobressaem aos mais jovens. Eles notam que, nesses interlocutores, a datilologia é constantemente acompanhada por *mouthings* (i.e., prolação oral ou labial das palavras, sem a necessidade de proferir sinais acústicos). Assim, os autores sugerem que esse grupo é mais propenso a usá-la em razão da abordagem oralista na qual as pessoas surdas foram historicamente submetidas.

3.3 Datilologia e interpretação simultânea

A recepção e o entendimento da datilologia que, segundo Taylor (2002), promove um impacto significativo na qualidade da interpretação, podem ser acometidos por variáveis como: (i) a velocidade de fala em línguas de sinais do orador; (ii) a (in)completude das palavras; (iii) a disposição no espaço e no corpo, além da configuração das mãos na expressão das palavras; (iv) os encontros vocálicos e consonantais que formam as palavras, sobretudo quando se trata de palavras e de termos advindos de línguas estrangeiras; (v) a presença de recursos gráficos como acentos; (vi) o uso de espaçamento para evidenciar a separação entre as palavras ou termos; e (vii) o emprego de *mouthings* ou articuladores-boca (Pêgo, 2021), parciais ou totais, durante a apresentação das palavras. Isso demonstra um perfil diversificado que a soletração manual possui, como registram Nicodemus *et al.* (2017).

Dos pontos levantados, talvez os *mouthings* sejam os elementos que possam ser utilizados para auxiliar na compreensão do interlocutor. Rodrigues e Medeiros

(2016), Gomes (2019), Leonel (2019) e Jaraisy e Stamp (2024) explicam que o uso desse fenômeno ocorre em razão das modalidades das línguas envolvidas, permitindo a sobreposição dos códigos linguísticos (*code-blending*). Além disso, na interpretação, pode ser uma estratégia gerenciada para clarear datilologias aceleradas, lentas ou manualmente ilegíveis, desambiguar sinais e expandir ou cercar o significado pretendido, já que, geralmente, os significados são semanticamente equivalentes aos sinais manuais empregados (Jaraisy; Stamp, 2024). Em sua pesquisa a respeito da interpretação simultânea do francês para a LSF, Leuenberger (2017) constatou que 85% das soletrações empreendidas por um intérprete, a partir de um discurso oral em vídeo de 6 minutos e 17 segundos a respeito do Renascimento Italiano, estavam acompanhadas pela prolação labial das palavras, que se referiam, em grande medida, a nomes próprios.

Essas questões, contidas na composição da datilologia, podem incitar maior disponibilização de recursos atencionais, por parte do intérprete, na etapa de compreensão das informações, sendo um potencial gatilho de problema. Não havendo esse entendimento, a produção pode ser acometida por infelicidades, erros e ou omissões.

Lee e Secora (2022) realçam que a percepção no processamento visual é mais eficiente se as informações forem disponibilizadas simultaneamente. Além da simultaneidade, Emmorey, Midgley e Holcomb (2022) atestam, em estudo com 32 pessoas surdas falantes de ASL, que o rápido reconhecimento lexical de sinais, se comparado às palavras das línguas orais, sucede pelo fato dos articuladores manuais estarem total e visualmente disponíveis. Entretanto, como a soletração manual é realizada de maneira sequencial, configuração por configuração, a tendência é que haja uma maior dificuldade e lentidão de compreensão dessas em detrimento aos sinais.

É importante validar que a identificação dessas palavras soletradas não ocorre pausadamente, letra por letra. Conforme Ebling *et al.* (2015) e Leannah, Willis e Quandt (2022), o receptor acompanha esse sequenciamento, porém, se atenta, principalmente, às transições entre as letras e aos movimentos deflagrados. Além disso, segundo Leannah, Willis e Quandt (2022), para compreender a datilologia, esse interlocutor pode recorrer ao contexto, ao conhecimento prévio do assunto ou a um processamento preditivo.⁵⁰

Todavia, dificuldades também podem surgir na manifestação da datilologia em línguas de sinais, em que o intérprete precisará gerenciar o tempo e a atenção na soletração manual de letra por letra, de modo que a palavra ou o termo expresso esteja claro e compreensível/legível.

Nesse espectro, focando na interpretação simultânea do português para a Libras em um evento científico dos Estudos da Interpretação e, portanto, um contexto de conferência, Barbosa (2020) conclui que a realização da datilologia impõe maior tempo e atenção aos intérpretes. Em seus resultados, o autor notou a geração de equívocos (i.e., palavras expressas incorretamente), desvirtuando a finalidade do uso, que seria para expressar coerentemente as informações soletradas.

Barbosa e Lima (2022) analisaram o uso de datilogias como estratégias, eficientes ou não, na interpretação simultânea do mesmo par e direção linguística sobredito em dois vídeos, de domínio público, com temáticas referentes à Mudança Climática e à Radioatividade, com duração em torno de 20 minutos, inseridos em um contexto audiovisual televisivo. Em um dos vídeos, das 28 ocorrências, 50% foram

⁵⁰ Amos, Seeber e Pickering (2022) mencionam que, durante uma comunicação trivial, a ativação de previsões de informações/palavras sob aspectos fonológicos, sintáticos e semânticos em L1 é algo fortemente documentado na literatura. Todavia, em situações adversas como a interpretação simultânea, apesar da predição também ocorrer, há alguns apontamentos. A partir de um estudo utilizando rastreamento ocular e o paradigma do mundo visual com 24 intérpretes profissionais de conferência e 24 tradutores profissionais (i.e., bilíngues, mas não intérpretes) que atuavam no par linguístico francês-inglês, os autores destacam que não há evidências para a predição de aspectos fonológicos das palavras durante a interpretação simultânea e que o treinamento e a experiência profissional não se mostraram fatores que influenciam esse processamento.

usadas em face da lacuna de equivalência lexical entre as línguas. No segundo vídeo, das 31 soletrações manuais utilizadas, 99% são referentes à mesma justificativa. Pelos resultados, os autores ponderam que, se por um lado a datilologia pode ser aplicada na interpretação simultânea como uma estratégia linguística, por outro, o tempo despendido na soletração pode comprometer o recebimento de novas mensagens do texto de partida e culminar em uma produção insatisfatória e incorreta na língua de chegada, prejudicando o entendimento do público surdo. A partir de dados experimentais, Pointurier-Pournin (2014) e Leuenberger (2017) avaliam que, na interpretação simultânea, há mais risco de ilegibilidade em palavras cuja proporção de soletração é de três letras por segundo.

Os dados de Barbosa (2020) e de Barbosa e Lima (2022) vão ao encontro dos de Pointurier-Pournin e Gile (2019), que examinaram um outro par linguístico (i.e., francês para a LSF) e uma esfera de atuação dos intérpretes distinta (i.e., educacional - quatro aulas de controle de gestão na pós-graduação). Nesse estudo, a datilologia foi a segunda estratégia mais aplicada, em 33 situações, na qual também foi percebido como esse item demanda maior tempo para a execução do que os sinais. Pode, portanto, segundo o Modelo dos Esforços de Gile (2009b), reverberar na sobrecarga da memória de curto prazo e, na sequência, em mensagens incompreensíveis na língua de chegada. Por isso, os autores indicam uma inclinação para omissões de segmentos linguísticos subsequentes às datilologias, refletindo 45% dos casos. Frente a essas questões, Pointurier-Pournin e Gile (2019, p. 284) alegam que “a ausência de correspondentes lexicais facilmente acessíveis entre a língua de partida e a língua de chegada constitui um gatilho de problemas potencial se a ausência conduz o intérprete a um consumo suplementar de tempo ou de recursos atencionais”.

Sob um viés em que a marcação cultural é um importante componente extralinguístico, Santos e Rodrigues (2020), em um estudo empírico-experimental de

interpretação simultânea do português para a Libras de uma lenda folclórica amapaense, verificaram que não basta empregar a datilologia como uma estratégia diante da ausência de sinais, por exemplo. É preciso que o seu uso seja efetivo e correto. Em seus dados, atentaram que parte dos intérpretes não conheciam a grafia do nome da personagem indígena referenciada, evidenciando que, embora seja importante a menção nominal, tal estratégia não foi bem sucedida.

Em posição semelhante, porém no contexto educacional em aulas de biociências, e estendendo para a grande área das engenharias, matemática e tecnologia, Vesel *et al.* (2024) alertam para a dificuldade de entendimento do conteúdo pelos intérpretes e a necessidade de uso demasiado da datilologia.

Nicodemus, Lang e Haug (2023) constataram, a partir de hipóteses citadas em outros estudos e da percepção de dez intérpretes dos EUA, que trabalham com o inglês e a ASL, e dez da Suíça, operando entre o alemão e a Língua de Sinais Alemã-Suíça (DSGS), que a datilologia é um item linguístico imbricado na modalidade das línguas de sinais que coopera para a maior preferência em produzir nessa língua. Isso porque, segundo os autores, o uso é mobilizado, principalmente, para expressar alguma informação em que os intérpretes desconhecem ou não possui um sinal equivalente. Entretanto, assim como nas pesquisas anteriores, a concepção de que a soletração manual é uma estratégia compensatória parte dos intérpretes, por considerarem, sobretudo em território estadunidense, que a audiência surda, talvez por ser amplamente bilíngue (i.e., ASL e inglês escrito) intermodal, é complacente com essa produção. Na Suíça, porém, segundo as respostas de alguns intérpretes, o uso da datilologia durante o ato interpretativo não é tão difundido, uma vez que essa situação condiciona, ao público-alvo, o acesso às informações no texto de chegada pelo entendimento das palavras da língua oral.

Por outro lado, em razão da dificuldade de compreensão da soletração manual, Nicodemus, Lang e Haug (2023) sublinham que esse grupo de profissionais não

possui propensão em atuar da língua gestual-visual para a língua oral-auditiva. Afinal, “[...] se um consumidor surdo produzir um sinal que seja desconhecido para um intérprete, não existe estratégia de evasão para representar o desconhecido em sinais na língua oral. Como resultado, a interpretação para a língua oral pode facilmente falhar”⁵¹ (p. 106). Nota-se, assim, que, em uma direção essa soletração pode ser, para os intérpretes, uma solução, enquanto que, na outra, uma adversidade.

Precedentemente, com base, respectivamente, na aplicação de um questionário e de uma tarefa interpretativa a 633 e 30 intérpretes intermodais entre iniciantes e profissionais dos EUA, Nicodemus e Emmorey (2013, 2015) identificaram as mesmas questões quanto à preferência e ao uso da datilologia. Contudo, ao contrastar tal predileção com a precisão das informações na língua de chegada, percebem que há uma incompatibilidade, sobretudo em relação aos intérpretes iniciantes. Ademais, sem uma abordagem mais específica e somente diante dessas proposições, as autoras preconizam que produzir uma L2 é mais difícil exigindo mais recursos cognitivos dos intérpretes do que na L1. Em estudos envolvendo interpretação entre pares linguísticos intramodais orais-auditivos, Bartłomiejczyk e Rojczyk (2025) reforçam que as manifestações para a segunda língua apresentam, por exemplo, disfluências com pausas preenchidas e silenciosas, alongamento de vogais, e falsos inícios e taxas de articulações bucais das palavras. Isso é reportado como indício de aditamento na carga cognitiva dos intérpretes.

No tocante à aquisição das línguas de sinais como L2, Jamrozik *et al.* (2010) e Occhino *et al.* (2024) afirmam que, geralmente, a apreensão de competências de reconhecimento e, até mesmo, de produção da datilologia, são mais desafiadoras, se comparadas às demais de cunho linguístico em que envolve os sinais.

⁵¹ Tradução de: “[...] if a deaf consumer produces a sign that is unknown to an interpreter, there is no evasion strategy for representing the unknown sign into spoken language. As a result, an interpreter’s spoken language interpretation can easily break down”.

Nesse bojo, há situações em que a mensagem datilológica do texto de partida está sendo ressignificada para a língua oral de chegada e, precocemente, antes da conclusão, é exposta ao público de maneira fragmentada ou incompleta. Ainda, pode ocorrer de tal informação ser processada e construída diante do público, quando o intérprete produz sílaba por sílaba, por exemplo. McDermid, Finton e Chasney (2016) sublinham que observar a palavra como um todo, ao contrário de processar configuração de mão por configuração de mão, contribui para a redução da carga cognitiva ao intérprete nessa etapa.

Além disso, conforme declaram os autores, em situações nas quais as línguas de sinais são as de partida, a preparação dos intérpretes ao ter contato com o material que embasará a fala a ser reformulada para a língua de chegada poderia ser um recurso para auxiliar a reconhecer o termo, sobretudo quanto ao contexto e ao campo semântico inserido.

Em sua dissertação, que abordava a interpretação simultânea da Libras para o português em cabines em um congresso nacional de pesquisas a respeito de tradução e interpretação do par linguístico supracitado, Nogueira (2016) anuncia, após entrevistas retrospectivas com os seis profissionais atuantes no evento, que a datilologia no texto de partida, empregada, sobretudo, para apresentar nomes de autores e de localidades, foi uma das dificuldades encontradas pelos intérpretes durante a interpretação e que necessitava de apoio dos colegas. Não obstante, um dado interessante detectado pelo autor é que a soletração manual foi a terceira forma de apoio (i.e., 8% de ocorrências) mais empreendida pelos intérpretes para auxiliar o colega do turno. De acordo com ele, esse ponto foi inesperado, uma vez que poderia haver concorrência visual entre a sinalização do orador, projetada para a equipe de intérpretes por meio de uma tela na cabine, e a datilologia como suporte. Nogueira (2016) singulariza ainda que esse tipo de apoio possuía a finalidade de: (i) esclarecer algo mais específico ou contextual; (ii) sugerir alguma palavra para a interpretação;

(iii) complementar alguma informação; e (iv) corrigir algo equivocado expresso anteriormente pelo intérprete.

Gomes (2020, 2022) investigou, por meio da interpretação simultânea de vídeos de duas conferências acadêmicas da área de tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais, a produção em português de nomes próprios nacionais/nacionalizados e estrangeiros oriundos da Libras. Entre os dados, havia, nos textos de partida, a ocorrência de datilologia de nomes, de sobrenomes e de nomes e sobrenomes isoladas, seguidas ou precedidas do sinal-pessoal.⁵² A presença dessa soletração manual contribuiu para a identificação nominal das respectivas pessoas. Essa produção é frequentemente encontrada em falantes, uma vez que a pessoa é apresentada culturalmente nessa língua e, na sequência, pelo seu nome. Tratando das incidências somente de datilologia dos itens nacionais/nacionalizados, o sobrenome foi o mais evocado na Libras e o mais interpretado para o português, sendo condizente ao contexto discursivo analisado.

Em linhas gerais, apesar de em menor frequência, se comparada ao de sobrenome, de acordo com o autor, as datilologias de nome e de nome e sobrenome também ocorreram e os intérpretes as seguiram, havendo ainda omissão de nome e de sobrenome, quando essas foram apresentadas em Libras. Para os itens estrangeiros, essa mesma dinâmica de ocorrência da datilologia se manteve. Outro dado do estudo de Gomes (2020, 2022) é que a locução “Sinal-pessoal + Datilologia (Nome)” foi a segunda maior incidência manifestada em Libras e a que culminou em mais omissões dos nomes por parte dos intérpretes, indicando um possível não entendimento nem pelo sinal-pessoal e nem pela datilologia.

Viana (2022), ao analisar o fenômeno da soletração manual em tarefa de interpretação simultânea Libras-português em um grupo de 29 intérpretes

⁵² De acordo com Gomes (2020, p. 54), “[...] os sinais-pessoais são legítimos fenômenos, estritamente linguísticos-culturais e identitários dessas línguas, sendo instituídos e empregados em um caráter de referência aos sujeitos”.

profissionais, divididos em duas turmas,⁵³ submetidas a um vídeo em Libras em cada, constatou um alto índice de omissões e poucos erros, considerando nomes próprios, comuns e um acrônimo. A autora também verificou e atestou, estatisticamente, por meio do Teste de Friedman, a existência de uma propensão de os intérpretes efetuarem pausas subsequentes à manifestação do elemento datilológico no texto de partida. Ainda, os dados revelaram um elevado montante de prolongamentos exatamente durante a interpretação do item soletrado manualmente para o português. As pausas, assim como os prolongamentos, além de serem possíveis atitudes do ponto de vista estratégico, podem indicar um esforço cognitivo. Por essa razão, Viana (2022, p. 92) reforça que “[...] esses resultados parecem confirmar que a interpretação de datilologia implica, seguramente, em um gasto maior de energia mental por parte do intérprete”.

Frente ao exposto, corrobora-se, portanto, o argumento já levantado de que a datilologia pode ser reputada como um gatilho de problema, recrutando, conforme Pointurier-Pournin (2014) destaca, a disponibilização de mais recursos atencionais durante a interpretação simultânea.

3.4 Síntese do capítulo

⁵³ A autora frisa que, como o material analisado é oriundo de um projeto de extensão universitária direcionado para a capacitação de intérpretes educacionais de línguas de sinais, não houve qualquer definição quanto ao perfil do grupo de profissionais. Por isso, a divisão em duas turmas foi completamente aleatória, pautada, somente, na logística de ocupação das salas e dos horários para a realização das atividades.

Este capítulo iniciou ao desvelar que a modalidade linguística pode impactar a interpretação simultânea de uma língua de sinais para outra oral (e.g., Libras para português), sobretudo ao considerar a sua condição articulatorio-perceptual.

Nesse escopo, algumas questões são mencionadas como, em Libras e português, as diferenças morfossintáticas quanto ao gênero biológico, ao tempo e ao aspecto. Além dessas, outras mais amplas, que tendem a ser compartilhadas por outros pares intermodais, como os pronomes, as estratégias de referenciação e a estrutura espacial, que lidam com elementos fonológicos, morfossintáticos e semânticos. Todas essas construções reverberam em desafios para os intérpretes ao necessitarem de recursos atencionais para linearizar informações quadrimensionais.

Na sequência, a datilologia ganhou destaque, ao ser resgatada historicamente, e caracterizada como um legítimo fenômeno das línguas de sinais. Apesar de não ser a maneira mais usual de comunicação nessas línguas, a estrutura das soletrações manuais envolve, sobretudo, a transição de movimentos entre as configurações de mão. Linguisticamente, esses itens não são triviais, pois sofrem alterações e adaptações fonético-fonológicas, a depender da palavra a ser composta, e da posição que ocupar. Além disso, possuem importantes funções discursivas e enfáticas, sendo usadas recorrentemente por falantes.

Nas interpretações simultâneas, os estudos apresentados evidenciam que, na direção do português para a Libras, geralmente, a datilologia assume um papel estratégico eficiente ou não, sendo um elemento para representar itens lexicais inexistentes ou que o intérprete desconhece. Essa eficiência dependerá tanto da boa articulação do intérprete, para que se revele compreensível e legível ao público, assim como do entendimento do significado da palavra soletrada pelo próprio público.

Na direção da Libras para o português, esse efeito compensatório ou mesmo transcodificador/literal da datilologia não se revela sustentável para o intérprete.

Nesse caso, se o profissional não entender a soletração, a produção do item será omitida ou erroneamente emplacada. Assim, nessa direção, o intérprete pode estar diante de um gatilho de problema que requisitará mais recursos atencionais, tornando a tarefa interpretativa simultânea mais vulnerável.

Capítulo 4: Metodologia

Este capítulo apresenta todo o caminho metodológico percorrido para alcançar os objetivos propostos, descrevendo a seleção dos sujeitos da pesquisa; a construção e a composição do material utilizado como texto de partida; a aceitabilidade linguística desse material; os procedimentos para o cumprimento da tarefa; e, conseqüentemente, a geração dos dados; e o modo de análise deles.

Por meio de uma abordagem experimental, que será explicitada na sequência, o presente estudo analisou a produção em português de intérpretes por atuação em modo simultâneo, a partir de sentenças curtas em Libras que possuem um item de soletração manual.

4.1 A abordagem experimental

Esta pesquisa⁵⁴ almeja promover um estudo de cunho empírico-experimental, a partir da observação direta do comportamento dos intérpretes, e com base em evidências testáveis e comparáveis. Alves (2005), Liu (2011) e Gile (2016a) argumentam que, para isso, os experimentos são acionados, por suscitar investigações em que um ambiente ou uma tarefa são criados, definindo um objeto de análise, selecionando fatores que poderiam influenciá-lo, e demarcando os modos de controle e de observação dos impactos que tais pontos incidem no mesmo. Destarte, essas investigações podem ser desenvolvidas sob condições de monitoramento e manipulação de elementos que possuam relação com o objeto posto e que influencie o estudo, denominados variáveis, e de forma individual ou em grupos. Sob esse crivo, para a etapa da análise, o pesquisador acessa os dados gerados espontaneamente.

Neunzig (2011) e Gile (2016a) destacam que, em sua execução, as variáveis podem ser independentes, dependentes e confundidoras. As independentes são as escolhidas para serem controladas, manipuladas ou selecionadas (e.g., velocidade, taxa de produção, tempo), e passíveis de influenciar o fenômeno estudado. As dependentes, são assim definidas pelo fato de serem aplicadas como indicador de efeito, sendo a consequência das variáveis independentes e gerando os resultados do estudo (e.g., erros, taxa de acertos). Neunzig (2011) acrescenta que as variáveis confundidoras são aspectos externos que podem contaminar ou deturpar os resultados obtidos (e.g., formação e proficiência linguística dos participantes). Elas representam desafios aos pesquisadores que lidam com tradução e interpretação,

⁵⁴ Esta pesquisa compõe um projeto mais amplo, denominado “A interpretação simultânea intermodal Libras-Português”, sob coordenação do prof. Dr. Guilherme Lourenço, e foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG. Número CAAE: 76902623.2.0000.5149.

pois, em alguns casos, podem ser assemelhadas, equivocadamente, às independentes.

Segundo Gile (2016a), para indivíduos ou grupos serem comparados, é válido realizar testes estatísticos com os valores encontrados das variáveis independentes a fim de atestar se há alguma diferença expressiva e que poderia comprometer a amostra. Havendo esse impasse, o autor recomenda a retirada dos dados desse(s) participante(s).

Todavia, se os critérios iniciais forem seguidos e o(s) sujeito(s) se enquadrarem, ainda que possa surgir alguma divergência entre os dados obtidos entre alguns indivíduos, é importante que sejam apresentados. Evidenciar os resultados com a presença e a ausência desses dados destoantes talvez seja uma interessante possibilidade de discutir os achados e, além de respeitar as pessoas que se disponibilizaram a participar da pesquisa, valorizar o trabalho realizado pelo pesquisador, mesmo que as hipóteses iniciais sejam refutadas e dificulte encontrar um padrão de comportamento dos sujeitos.

Gile (2016a) realça que a abordagem experimental, por natureza, é quantitativa, e, assim, utiliza métodos para testar hipóteses, havendo a necessidade de planejar com rigor todas as etapas, de maneira a evitar ou mitigar os impactos de alguma variável confundidora ou o enviesamento da amostragem. Ademais, seguindo estritamente esses critérios, o estudo pode ser replicado por outros pesquisadores.

Não obstante, Gile (2016a) menciona que a alta variabilidade interindividual no comportamento dos participantes é um fator limitante para o desenvolvimento de estudos experimentais. Isso porque rogaria proporcionalmente um maior tamanho da amostra, e recrutar um quantitativo elevado e representativo de intérpretes, por exemplo, pode ser desafiador, sobretudo profissionais, dependendo da finalidade do estudo e dos pares linguísticos envolvidos, como acentuam Christoffels (2004) e

Ziobro-Strzepek (2011). No entanto, é possível refletir que o ponto esteja, novamente, na elaboração do experimento e não na eventual discrepância do comportamento dos participantes. Afinal, se tal comportamento fosse tão variável, seria impraticável desenvolver pesquisas nessa perspectiva empírico-experimental para tentar alcançar algum dado que fosse comum aos intérpretes.

Nesse escopo, Neunzig (2011) alega que o método experimental implica a observância de alguns fatores como: (i) a objetividade, capaz de instruir e regular as ferramentas usadas; (ii) a validade interna, sendo o controle de todos os aspectos que poderiam comprometer ou distorcer os resultados esperados; (iii) a replicabilidade, permitindo que os resultados sejam reproduzidos em outros experimentos; (iv) a confiabilidade, em que todos as medidas sejam controladas para certificar que os objetivos propostos foram alcançados; (v) a extrapolabilidade, na qual os resultados encontrados ou o estudo possa auxiliar na formulação de hipóteses para outras pesquisas; (vi) a quantificabilidade, para mensurar, em dados numéricos, os resultados; e (vii) a validade ecológica, de modo que o experimento tente se aproximar de situações reais de atuação dos sujeitos.

É certo que, a depender da pesquisa, nem todos esses parâmetros serão meticulosamente adotados, sobretudo o item vii. No caso da interpretação, como essa é uma tarefa atravessada por diversos fatores (e.g., línguas, agentes dos discursos de partida, público-alvo, contexto de atuação, equipamentos) seria difícil manipular as variáveis independentes, e as confundidoras se potencializariam.

Por fim, Pagano (2001), Alves (2015), Alves e Vasconcellos (2016) e Gile (2016a) salientam que o uso de pesquisas empírico-experimentais, no escopo dos Estudos da Tradução e nos da Interpretação, evidencia a maturidade metodológica que a pesquisa a respeito da reformulação linguístico-cultural vem ganhando, principalmente, no que tange à abordagem processual. Todavia, Neunzig (2011) recomenda cautela e critérios na definição dos objetos e dos métodos de estudo para

que a pesquisa que siga essa linha não incorra em banalidades ou mesmo em dificuldade de reprodução.

4.2 Etapas da investigação

Como se trata de um estudo experimental, três grandes momentos foram delimitados para a estrutura e a organização dos eventos.

O primeiro deles é a fase que antecede o experimento em si. Essa etapa se orientou na preparação das sentenças curtas em Libras; na formulação do julgamento de aceitabilidade linguística, pelas pessoas surdas, das sentenças-experimentais; e do estudo-piloto com alguns intérpretes.

A segunda etapa é a do experimento com os intérpretes, que se concentrou na aplicação dos questionários de competência em interpretação; na realização de dois testes distintos de fluência verbal, sendo um para a Libras e outro para o português; e na tarefa interpretativa.

A terceira e última etapa sequencia as demais, pois é o momento de averiguar os dados gerados, categorizando-os para a análise e, assim, discuti-los e aplicá-los com respaldo no arcabouço teórico. Essa organização está retratada na Figura 2.

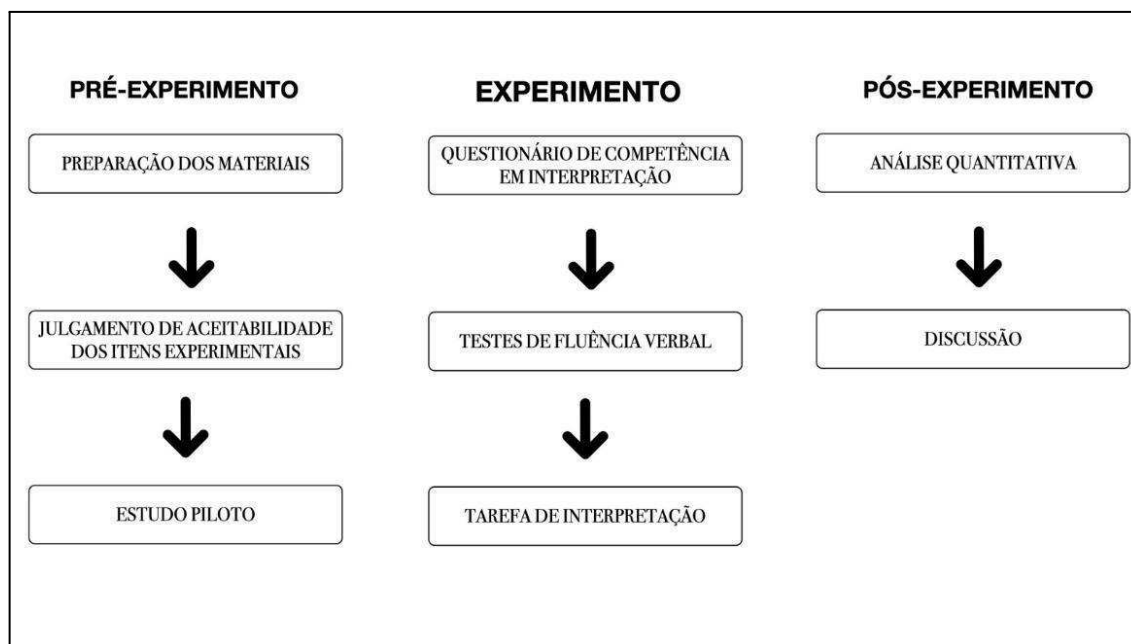


Figura 2. Sistematização das etapas do experimento.

Fonte: Elaborado pelo autor

4.3 Pré-experimento

A etapa precedente ao experimento é essencial para garantir a firmeza na condução da pesquisa e o êxito nos resultados a serem encontrados. Ela consistiu na seleção e na extração das palavras a serem soletradas manualmente; na elaboração e na gravação de todas as sentenças em Libras; na avaliação de aceitabilidade linguística das sentenças que seriam objeto do estudo; e no estudo-piloto com os intérpretes.

4.3.1 Preparação do material

O material interpretado simultaneamente para o português pelos intérpretes consiste em sentenças curtas, formadas por cinco léxicos, de modo que o objeto deste estudo, a datilologia, esteja na quarta posição. Essa definição é importante, pois, a

depende da construção sintática, que abarca a disposição da datilologia na sentença, a duração de exibição desse item pode ser alterada.

Assim como na pesquisa de Channer (2012), esta se concentra na escolha de palavras da língua oral e não em sinais datilológicos. Isso porque, como a soletração manual é constituída por um sequenciamento de letras e o alvo da tarefa são os intérpretes ouvintes (i.e., falantes do português como primeira língua), há, por parte deles, um processamento de leitura e reconhecimento ortográfico.

Morford *et al.* (2011) evidenciam que as línguas de sinais e as línguas orais não partilham formas ortográficas e fonológicas, pois apresentam articuladores distintos. Assim, em uma investigação para verificar a semelhança do processamento da datilologia e das palavras escritas em suporte físico por estudantes surdos e ouvintes fluentes em ASL, Williams, Darcy e Newman (2015) detectaram que a soletração manual estabelece uma relação com a ortografia. Admitindo condição natural de restrição auditiva, as pessoas surdas possuem limitada ou mínima representação fonológica, com base em sons, durante o reconhecimento de palavras. Por essa razão, em oposição aos leitores ouvintes, Sehyr *et al.* (2023) observam que as pessoas surdas possuem tendência a desenvolver significações neurais mais bilateralmente estipuladas para palavras escritas. Assim, os com alta proficiência bilíngue (e.g., ASL e inglês escrito) fortaleceriam conexões entre a ortografia e as representações léxico-semânticas.

Não obstante, Williams, Darcy e Newman (2015) constataram que os participantes ouvintes, ao se depararem com uma soletração manual, acionam cognitivamente a ortografia do item lexical remetido, além de associá-la a sua consciência fonológica. Nas palavras deles,

esses estudantes ouvintes de L2 têm um sistema ortográfico de L1 rico e robusto. É mais provável que os bilíngues bimodais [intermodais] ouvintes recodifiquem sua soletração manual em L2 em representações ortográficas de L1. Novamente, devido à natureza

serial da datilologia, o participante deve manter cada letra na memória até que uma palavra possa ser formada. É provável que para esses aprendizes ouvintes de L2 essa informação esteja sendo mantida na memória de trabalho verbal em uma representação fonológica. Portanto, as letras soletradas podem ser primeiro convertidas para a letra análoga e depois para um fonema⁵⁵ (p. 62).

Além disso, apesar da Libras já possuir um *corpus* em constante construção, com o propósito de armazenar, divulgar e sistematizar dados da língua e respaldar pesquisas linguísticas, como salientam Quadros *et al.* (2020), informações referentes às datilogias, como este estudo busca, não estão presentes.

Nesse íterim, a seleção das palavras para a soletração manual não ocorreu aleatoriamente. Elas foram retiradas do *corpus* psicolinguístico, intitulado Léxico do Português Brasileiro⁵⁶ (LexPorBR). Segundo Estivalet e Meunier (2017), esse *corpus*, fruto de uma pesquisa de doutoramento entre os anos 2012 e 2016, é aberto, livre e gratuito, acessado em plataforma digital, e reúne uma gama de informações metalinguísticas e psicolinguísticas de palavras do português brasileiro para fins de consulta e, principalmente, de pesquisa.

De acordo com a publicação dos autores (i.e., em 2017), o acervo contém 215.175 léxicos. Entretanto, considerando a data atual e a permanente alimentação, é provável que esse quantitativo tenha se ampliado. A última atualização informada no sítio eletrônico é de 24 de dezembro de 2019, mas não menciona qual é o quantitativo.

Para realizar a busca, Estivalet e Meunier (2017) afirmam que o *corpus* possui 21 colunas organizadas, sendo possível efetuar pesquisas nomeadas como complexas

⁵⁵ Tradução de: “These hearing L2 learners have a rich and robust L1 orthographic system. It is most likely the case that hearing bimodal bilinguals recode their L2 fingerspelling into L1 orthographic representations. Again, because of the serial nature of fingerspelling the participant must hold each letter in memory until a word can be formed. It is likely that for these hearing L2 learners that this information is being held in verbal working memory in a phonological representation. Therefore the fingerspelled letters may be first converted to the analogous letter and then to a phoneme”.

⁵⁶ O referido *corpus* pode ser conhecido e acessado em: <<http://www.lexicodoportugues.com/>>.

e simples. No caso das complexas, por serem mais detalhadas, há a disposição de quatro campos para a inclusão/seleção, em cada, de três critérios a respeito das palavras a serem pesquisadas em ícones. O primeiro espaço abarca a informação que direciona a busca (e.g., frequência ortográfica, categoria gramatical, número de letras). O segundo é para definir se há aceitação ou não em considerar tal critério (e.g., sim ou não). O terceiro campo proporciona ao usuário a inserção, por escrito, do critério exclusivo da sua pesquisa. Ainda, abaixo, é possível ordenar de forma crescente ou decrescente a frequência de uso das palavras consultadas.

Objetivando uma consulta simples, Estivalet e Meunier (2017) mencionam que basta digitar a palavra desejada ou várias em formato de lista, sendo permitido, inclusive, reproduzir, por meio do mecanismo de copiar e colar, uma planilha ou editor de texto já existente.

A partir da inserção dos dados metalinguísticos e psicolinguísticos informados nas buscas, a apresentação das palavras é disposta de forma organizada e hierárquica, sendo possível exportar o quadro com os resultados. Tanto na busca quanto na apresentação dos dados, alguns símbolos são empregados, como para as categorias gramaticais (e.g., ver- verbo, nom- substantivo, prop- nome próprio, adj- adjetivo, adv- advérbio, num- numeral) e para as estruturas das palavras (e.g., C- consoante, V- vogal, A- acentos, P- pontuação, N- números).

A Figura 3 apresenta a página principal da plataforma com alguns critérios específicos de consulta no âmbito da pesquisa complexa. Esses serão empregados neste trabalho.



Figura 3. Layout principal do LexPorBR.
Fonte: Extraído do sítio eletrônico do *corpus*

Para o desenvolvimento deste estudo experimental, foi preciso controlar e padronizar alguns parâmetros. O primeiro deles é a combinação fonológica. Como uma das variáveis é a classe gramatical das palavras, a literatura, conforme Padden e Gunsauls (2003) e Schembri e Johnston (2007), já demonstrou que os nomes são as categorias mais expressas, enquanto que os verbos possuem baixa aderência. Assim, todas as palavras para a soletração manual estão constituídas, ortograficamente, em três sílabas e em sete letras, em formato de consoante seguida de vogal (i.e., CV.CV.CVC). O propósito dessa definição é obter léxicos com um tamanho razoável, nem muito curto e nem muito extenso, e evitar encontro consonantal nas palavras. Duas consoantes juntas poderiam dificultar a compreensão e, sobretudo, a produção dos intérpretes, já que os sons de ambas tendem a se manter, e isso implicaria na pronúncia.

Essas palavras estão submetidas a outras duas variáveis: velocidade (i.e., normal, lenta e acelerada) e frequência de uso (i.e., frequente e infrequente). Embora a velocidade da fala — que normalmente é quantificada em palavras por minuto — não seja um aspecto tão problemático para a compreensão entre os falantes em situações cotidianas, Combe e Stosic (2024) assentam que, em tarefas de interpretação

simultânea, esse elemento na língua de partida é um dos fatores que podem impactar o desempenho dos intérpretes, ocasionando erros lexicais e de pronúncias, além de omissões. Logo, a depender da velocidade, a recepção e o entendimento da datilologia poderão ser mais custosos aos intérpretes.

Sendo assim, nesta tese, a velocidade foi digitalmente manipulada na edição do vídeo, por meio do *software* Sony Vegas, versão 20, com a fala em Libras em três taxas distintas. A execução normal é de 450 ms (i.e., milissegundo)/caractere, correspondendo, aproximadamente, a 3s,⁵⁷ enquanto a mais lenta é 650 ms/caractere - 4,5s, e a acelerada 250 ms/caractere - 1,5s. Esses valores são estimados e adaptados do estudo de Viana (2022), que calculou a velocidade média da datilologia consultando o intervalo de tempo em que foram realizadas no vídeo, dividido pelo número de caracteres soletrados.

A frequência, a nível lexical, segundo Fenlon *et al.* (2014), é geralmente obtida por meio de *corpora*, e contribui para a compreensão do uso, para a aquisição de quaisquer línguas, e para o processamento natural da linguagem. Afinal, as palavras conhecidas ou empregadas com maior constância podem ser acionadas ou identificadas mais rapidamente.

Brybaert, Mandera e Keuleers (2018) argumentam que o efeito da frequência incide na facilidade ou na dificuldade em reconhecer palavras, sendo um importante subsídio para demonstrar a eficiência do processamento. Além disso, abarca uma variedade de ações como a própria nomeação e a decisão de cunho lexical e semântico. Brybaert, Mandera e Keuleers (2018) ainda acrescentam que essa frequência está atrelada, também, a aspectos gerais, como o comprimento da palavra e a semelhança de uma palavra com outra, e individuais dos falantes, como a idade em que foi adquirida ou aprendida, e os distintos níveis de exposição à linguagem.

⁵⁷ O cálculo considera o tempo, em milissegundo, multiplicado pelo número de caracteres da palavra (i.e., 450 x7), resultando em 3.150 ms. Após a conversão para segundo, obtém-se, aproximadamente, 3s.

Em pesquisa desenvolvida em interpretação simultânea com dados naturalistas de um *corpus* de línguas orais-auditivas, Chmiel *et al.* (2023) verificaram que, se cotejadas com as palavras de alta frequência, as de baixa apresentaram um aumento na carga cognitiva dos intérpretes, ao serem expostos a esses itens do texto de partida, demonstrando problemas nessa etapa de compreensão.

Na presente investigação, a frequência, por sua vez, não se pautou em índice nominal, mas em ordem de exposição na plataforma do LexPorBR. Para acessar palavras mais frequentes, ordenou-se como “decrecente”, encontrando a listagem com as 200 mais. No caso das menos frequentes, inseriu-se em ordem “crescente” para consultar o acervo de 500 palavras. O espectro das menos frequentes se ampliou para 500, com o intuito de conseguir encontrar mais léxicos como alternativa viável para a construção de sentenças. Isso foi necessário, sobretudo para os verbos, já que a seleção sucedeu por aqueles no infinitivo. Para os nomes comuns, pela formação fonológica encerrando com uma consoante, muitas palavras, especialmente as com baixa frequência, apresentaram-se no plural (i.e., flexão gramatical de número).

Novamente, como os sujeitos da tarefa são intérpretes falantes de português como L1, a frequência de palavras nessa língua é uma importante variável a ser considerada e que tende a causar efeito na produção da língua de chegada. No Apêndice 2 há a relação de palavras e a sua frequência absoluta, de acordo com o *corpus* LexPorBR.

O Quadro 1 representa essa organização e a seleção das palavras:

Nome		Verbo	
Frequente	Infrequente	Frequente	Infrequente
futebol	bolador	colocar	cobiçar
general	lajotas	decidir	defecar
relator	rebocos	repetir	marinar
bagagem	salivas	relaxar	picotar
caráter	soroban	começar	refogar
garagem	taludes	visitar	xavecar
japonês	cágados	dividir	deletar
ditador	catéter	resumir	licitar
funeral	cozumel	dirigir	depenar
capital	galletos	namorar	galopar
monitor	tylenol	coletar	latejar
litoral	papadas	revogar	rebocar

Quadro 1. Apresentação das palavras selecionadas para o experimento.
Fonte: Elaborado pelo autor

A partir dessa sistematização, nota-se que para cada uma das duas classes gramaticais, nome e verbo, há seis entradas, considerando que, para cada uma das três velocidades, existem léxicos frequentes e infrequentes. Isso remonta, respectivamente, a um fatorial $2 \times 3 \times 2$. Objetivando que a pesquisa consiga reunir dados minimamente analisáveis e gerem resultados interessantes, optou-se pela definição de quatro palavras para cada um desses itens, constituindo, portanto, 48 palavras, sendo o mesmo quantitativo para nome e verbo, 24. Conforme já exposto, essas palavras compuseram sentenças curtas, que estão apresentadas no Apêndice 3.

Entretanto, em estudos dessa natureza, em que se almeja aproximar de situações reais, é preciso que haja, em meio a esses itens desejáveis para a pesquisa, outros, denominados distratores, de modo que os participantes não percebam qual é o objeto eleito para a investigação. Penha, Travassos e Teixeira (2022) salientam que, de fato, como o próprio nome revela, esses elementos são incorporados à pesquisa

para distrair os sujeitos. De acordo com as autoras, os distratores linguísticos compõem, por exemplo, sentenças em que o foco esteja em outros fenômenos e níveis da língua (e.g., morfologia, sintaxe, pragmática). Em contrapartida, os distratores não linguísticos podem abarcar e potencializar condições ambientais e sensações físicas (e.g., calor, estresse) para desviar a percepção dos participantes. Contudo, esses não linguísticos podem ser difíceis de contornar e, assim, inviabilizar a amostra e os dados gerados.

No caso da presente pesquisa, se os intérpretes depreendessem que em todas as sentenças havia datilologia, provavelmente destinariam mais recursos atencionais para esse elemento, o que tenderia a enviesar os resultados encontrados, imprimindo um caráter mais artificial e destoante da realidade. Penha, Travassos e Teixeira (2022) ainda assinalam que a quantidade de distratores dependerá da natureza e do objetivo da investigação, de maneira que não fique dispendioso e oneroso para os sujeitos, e isso também possa interferir nos dados.

Para garantir a viabilidade desta investigação, as sentenças distratoras equivalem a 200% das experimentais, remontando a um número de 96, e dispostas no Apêndice 4. Esse número é factível, uma vez que são sentenças curtas e o tempo direcionado à interpretação simultânea de cada uma delas é um pequeno intervalo, em segundos, como será descrito a partir do estudo-piloto. Assim, os intérpretes realizaram a tarefa com um montante de 144 sentenças, conforme esboçado na Tabela 01.

Sentenças	Quantitativo
Experimentais	48
Distratoras	96
Total	144

Tabela 1. Distribuição do quantitativo de sentenças.

Fonte: Elaborado pelo autor

Cabe ressaltar que, para diluir ainda mais a percepção dos intérpretes quanto ao objeto do estudo, esse quantitativo poderia ser ampliado em até 500%, por exemplo, mas isso acarretaria a extensão e a fragmentação em dias da aplicação da tarefa, o que poderia comprometer, entre outros, a disponibilidade dos participantes.

Considerando que o estudo é constituído por variáveis, foi necessário organizar as sentenças-experimentais em três *scripts*, de modo que todos os participantes lidassem com todas as palavras selecionadas, porém em velocidades diferentes, como o Quadro 2 ilustra. Todas as sentenças-distratoras foram inseridas nos grupos, culminando em 144 sentenças para cada.

<i>Script 1</i>	<i>Script 2</i>	<i>Script 3</i>
S1 ⁵⁸ (velocidade normal)	S2 (velocidade normal)	S3 (velocidade normal)
S2 (velocidade lenta)	S3 (velocidade lenta)	S1 (velocidade lenta)
S3 (velocidade acelerada)	S1 (velocidade acelerada)	S2 (velocidade acelerada)

Quadro 2. Esboço da organização dos grupos das sentenças.
Fonte: Elaborado pelo autor

Os vídeos com as sentenças-experimentais foram codificados por quatro caracteres, sendo que os de velocidade normal iniciavam com 1; os da velocidade lenta com 2; e os da acelerada com 3. Como, para cada, são 48 vídeos, os códigos eram, por exemplo, 1001, 2035 e 3048. As sentenças-distratoras, que totalizaram 96, seguiram a mesma concepção de nomeação, mas, todas, principiaram com o dígito 8, a fim de afastar qualquer possibilidade de equívoco na manipulação dos materiais. Assim, a título de menção, a sua rotulação ficou em 8036, 8076 etc.

Importa esclarecer que a opção por essas sentenças curtas avulsas em detrimento de um único texto ou discurso maior em Libras se deve ao fato de que,

⁵⁸ Estes códigos, com letra e número, representam as sentenças-experimentais distintas.

em somente um vídeo, seria inviável moderar as variáveis e os seus espectros de possibilidades supracitados (i.e., velocidade e frequência).

Ainda, como o foco desta investigação é verificar, estritamente, a recepção da datilologia, em um material linguístico como texto, o contexto poderia ser um fator não controlado que auxiliaria os intérpretes na interpretação simultânea para o português da soletração manual. Cabe ressaltar que o suporte que eventualmente o contexto promoveria aos intérpretes é algo legítimo e natural da cognição humana, não sendo um demérito se pautar nele. Segundo Guimarães (2004), o contexto gera pistas sintático-semânticas, potencializando, ao interlocutor, o reconhecimento de palavras, possibilitando o acesso, por esse meio, a itens que, isoladamente, talvez não seriam significativos.

Vários estudos a respeito da presença do contexto na compreensão se dão com base em jovens leitores de línguas orais em modalidade de uso escrita. Por isso, apesar de não se relacionar diretamente com intérpretes, mas ser útil para iluminar a presente pauta, Guimarães (2004) realizou uma pesquisa com estudantes ouvintes dos primeiros anos do ensino fundamental I da rede municipal de educação de Curitiba. A autora verificou que o contexto verbal subsidiou aqueles que possuíam dificuldades de leitura, conseguindo ler corretamente 75,24% das palavras.

Especificando a compreensão da datilologia pelo contexto na qual está inserida, Jamrozik *et al.* (2010) desenvolveram uma pesquisa experimental com 25 estudantes ouvintes de um curso de especialização em interpretação ASL-ínglês. Esses sujeitos foram expostos a dois materiais distintos e controlados (e.g., padronização no comprimento das palavras, na ordem de exibição, na velocidade da datilologia), sendo um com a presença de contexto e outro somente com palavras soletradas isoladas, na qual os pesquisadores informaram aos participantes as categorias gramaticais dessas palavras. Nesse caso, nota-se que o contexto é uma variável independente do estudo. Do montante de participantes, 13 assistiram

primeiro o material em vídeo com as palavras que não possuíam contexto, seguida pelo com contexto. Os demais, 12, fizeram o oposto. Primeiramente, assistiram palavras em contexto e, na sequência, as sem contexto.

Os resultados de Jamrozik *et al.* (2010) revelam que, de 30 palavras, o quantitativo médio daquelas reconhecidas corretamente sem o contexto foi de 17,4. Considerando o contexto, esse número cresce para 25,72, correspondendo a um desempenho melhor, de 48%, em um desvio padrão (i.e., grau de variação dos dados) de 3,6. Em relação a ordem de exposição dos dois materiais, os autores sublinham que não houve uma diferença significativa, porém os que assistiram às palavras em contexto antes das sem contexto obtiveram um desempenho de 62,5%, enquanto o outro grupo alcançou uma performance de 54%.

Diante dos dados, Jamrozik *et al.* (2010) evidenciam que o contexto é um fator que contribui para o reconhecimento correto da datilologia. Ainda, pensando na formação de falantes, de intérpretes profissionais ou iniciantes, os autores explanam que os classificadores, o uso do espaço, a identificação de sinônimos ou de categorias gramaticais podem ser itens estratégicos que colaboram para a compreensão das soletrações manuais.

Para a execução desta pesquisa, as 144 sentenças curtas foram produzidas em Libras por uma pessoa surda, destra e que possui essa língua como L1. A gravação em vídeo ocorreu em um estúdio da Faculdade de Letras da UFMG, utilizando um celular Xiaomi Infinix HOT 11 - modelo x689F, fixo em um tripé. O fundo é preto e o enquadramento se deu em cerca de cinco centímetros abaixo do umbigo e sete da cabeça do falante. Ele manteve-se a uma distância de um metro e vinte e sete centímetros do aparato de filmagem. Todos os arquivos de vídeo estavam em formato mp4.



Figura 4. Estúdio de gravação na Faculdade de Letras da UFMG.
Fonte: Elaborado pelo autor

As palavras em soletração manual foram expressas pela mão direita, de forma integral e em posicionamento ipsilateral em frente ao ombro do falante, como sugere Cordeiro (2019), sem indexação pela mão não dominante ou pelo olhar.

Como algo intrínseco na Libras, ao realizar algumas datilologias, o falante empregou *mounthings*. Das 48 soletrações manuais realizadas nas sentenças experimentais, nota-se uma tendência semelhante entre os nomes comuns e os verbos, sendo que 15 itens de cada apresentaram articulação-boca enquanto nove não. Desses que não possuíam, em três, o falante de línguas de sinais manteve, naturalmente, os lábios fechados. Apesar de Pêgo (2021) empreender um estudo detalhado e propositivo relacionando a articulação-boca aos sinais manuais, é possível expandir tais considerações para a soletração manual.

Assim, de acordo com as categorizações da autora, no que tange às relações semânticas entre a datilologia e o *mouthings*, de forma geral, houve uma elevada prototipagem, uma vez que as prolações orais seguiram o significado da palavra. Sob o aspecto funcional, obteve-se mais posições flexionadas, visto que algumas articulações-boca seguiram a flexão nominal (e.g., plural) e verbal (e.g., infinitivo). Ainda, no que concerne ao tempo da execução da soletração manual, a

articulação-boca mostrou-se, em maior incidência, reduzida, pelo fato de reproduzir fragmentos iniciais ou finais das palavras.

A postura deste falante de línguas de sinais e a pausa estilística com as mãos fechadas entre si, podem ser consideradas, conforme descrição de Silva (2019, p. 147), do tipo dominado, com o detalhe dos dedos polegares estendidos para cima. Essa escolha partiu naturalmente do falante surdo, já que é uma definição que baseia-se, também, no conforto.



Figura 5. Postura do falante surdo.
Fonte: Elaborado pelo autor

Tal postura, em que as mãos estão à frente do tronco, são empregadas em contextos e materiais em línguas de sinais reputados como formais e institucionais que, em alguma medida, como destaca Silva (2019), também está atrelada ao espaço de sinalização, possibilitando maior clareza na visualização. Esse aspecto é importante, pois imprime, ao interlocutor, um caráter mais valoroso do discurso. Se houver um posicionamento menos rígido e mais descompromissado, pode ressoar descrédito ao discurso e, neste caso, à etapa de aceitabilidade linguística e à tarefa interpretativa em si. Esses elementos, de acordo com o estudo de Silva (2019), caracterizam e compõem os gêneros discursivos acadêmicos (e.g., prova) em Libras.

Na sequência, a fim de garantir isonomia nas velocidades normal, lenta e acelerada das respectivas informações datilológicas, se realizou uma edição, de modo que não afetasse a visualização e o entendimento de todo o conteúdo.

4.3.2 Julgamento de aceitabilidade linguística por pessoas surdas

Antes de serem aplicadas aos sujeitos da pesquisa (i.e., intérpretes), todas as sentenças-experimentais foram submetidas a uma verificação de aceitabilidade linguística a 21 pessoas surdas nativas de Libras como L1 (i.e., avaliadores), que possuem formação acadêmica (i.e., graduação e ou pós-graduação) em andamento ou concluída. Esta etapa foi importante para salvaguardar que se tratava, em alguma medida, de períodos naturais, gramaticais, plausíveis e semanticamente coerentes e compreensíveis na Libras.

Bross (2019) sublinha que o julgamento de aceitabilidade de sentenças e ou de palavras se insere em uma concepção direta de mensuração e de classificação, implicando em uma avaliação a partir da gramática interna do indivíduo. Distintamente do que alguns autores citam, Bross (2019) realça que a gramaticalidade é uma construção abstrata e indiretamente observável na língua. Portanto, não é possível quantificar a gramática em si, mas estimar o quanto os sujeitos aprovam o objeto específico.

Todavia, como esse processo é permeado, também, por experiências, o autor destaca que, diante disso, esse julgamento de aceitabilidade pode se deparar com entrave na discordância entre sujeitos em relação às sentenças. Para mitigar esse ponto, Bross (2019) salienta a necessidade de recrutar um maior número possível de informantes. Ademais, a fim de evitar que os sujeitos imprimam uma preferência semântica, por exemplo, na avaliação, é importante que diversas sentenças, fundamentadas no mesmo critério, sejam apresentadas. Bross (2019) acrescenta que,

em tarefas de julgamento linguístico, considerando um significativo número de sentenças, não é preciso inserir distratores, pois, normalmente, esses julgamentos são constantes e estáveis.

A título de exemplificação, em uma pesquisa de aceitabilidade de 63 sinais-termo da Libras empregados na prova de Ciências da Natureza e suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2018, Albuquerque (2024) demonstrou que, para as sete pessoas surdas que avaliaram, o aspecto semântico foi o mais atrativo, 45%, para aceitarem o uso. Ele enfatiza que “a compreensão de enunciados em Libras perpassa a consciência linguística, as experiências de vida dos sujeitos, o repertório adquirido em Libras, as trajetórias sociais, as características individuais e as situações comunicativas vivenciadas pelos sujeitos” (p. 10517).

Por isso, este estudo exibiu 48 sentenças, que foram editadas em três velocidades (i.e., normal, lenta e acelerada) da soletração manual. Para acessar esse julgamento de aceitabilidade das pessoas surdas, três questionários *on-line* foram preparados, sendo contempladas todas as sentenças, porém, para cada grupo, em uma velocidade distinta. Isso significa que a sentença com a datilologia F-U-T-E-B-O-L, por exemplo, foi destinada a um grupo/questionário em velocidade normal, ao outro em velocidade lenta e ao outro acelerada. Esse agrupamento de vídeos (i.e., *script*) foi o mesmo para a tarefa dos intérpretes e, desse modo, sete respondentes surdos distintos os verificaram.

É válido mencionar que, conforme Lopes e Mota (2019) caracterizam, este estudo empregou um método não-cronométrico, pois, apesar do sistema registrar, não foi considerado o tempo da reação e da resposta dos participantes para cada um dos vídeos e para o questionário em geral.

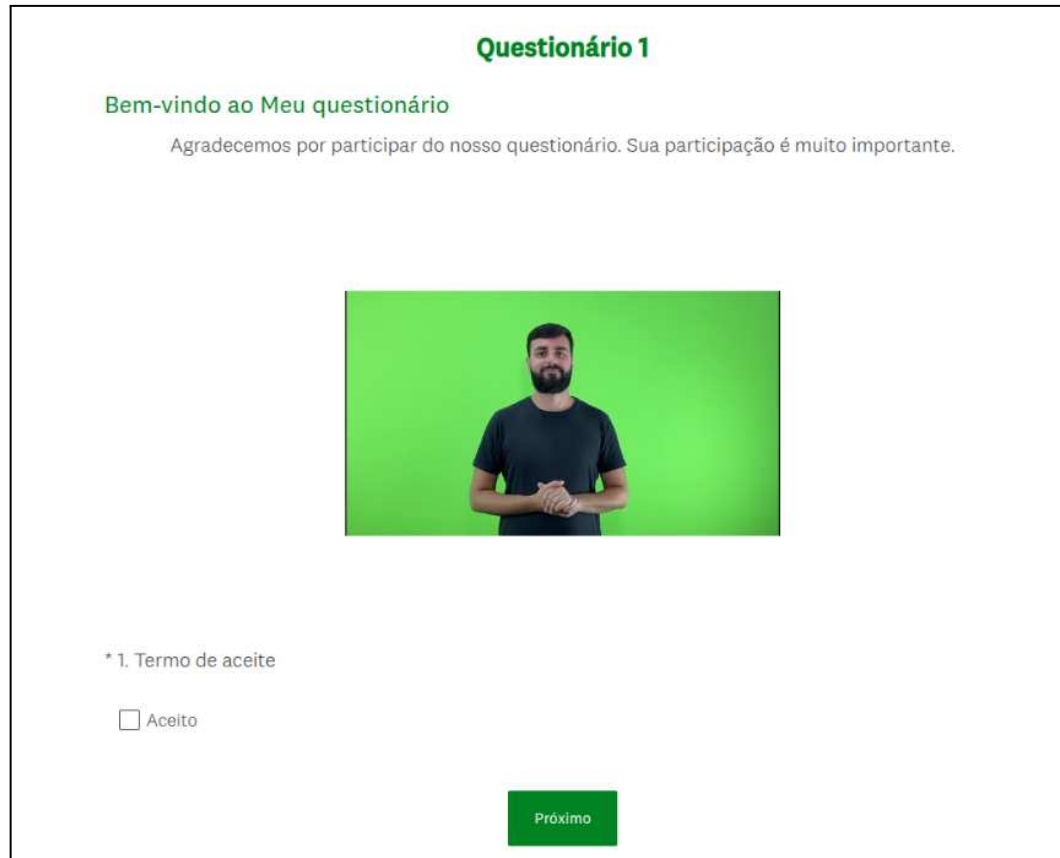
Os formulários foram desenvolvidos no *Survey Monkey*, que é um *software on-line*, com versão gratuita e paga, para, entre outros, criar e compartilhar

documentos dessa natureza. A versão gratuita não permite a disseminação dos *links* para os respondentes. Por isso, foi preciso reservar, por dois meses, um plano (*standard*) individual. O formato pago possibilita, durante o período, uma quantidade ilimitada de perguntas e de questionários, além do armazenamento de até mil respostas e da exportação dos dados.

Os questionários foram individualmente disponibilizados em *link*, via e-mail e ou por contato em aplicativo de mensagens (e.g., WhatsApp), entre dezembro de 2024 e início de janeiro de 2025, pelo autor e pelo orientador desta tese. Esse processo foi cuidadoso, de modo a acompanhar a quantidade de respostas em cada um dos questionários, evitando que um possuísse um número muito excedente ao outro. Afinal, para que a análise fosse efetiva, era necessário a mesma quantidade de respostas em cada. Oito respondentes não completaram o questionário, culminando na exclusão das respostas registradas, sendo necessário serem substituídos por outros.

O formulário está estruturado em Libras e em formato digital visual, de modo que os participantes surdos fossem respeitados em sua primeira língua e, assim, mitigar qualquer possibilidade de desconhecimento ou incompreensão das orientações por estarem, por exemplo, exclusivamente em português.


Na página introdutória há, em português, uma pequena mensagem de boas-vindas e de agradecimento aos participantes. Essa mensagem escrita foi imperativa, pois a plataforma não permite unicamente a inserção de vídeo, de imagem ou de algum ícone. Além dela, encontra-se um vídeo em Libras do autor se apresentando, informando que, para iniciar e participar, seria necessário clicar em “Aceito”. Ainda, a explicação de que avaliação das sentenças se pautava apenas no seu entendimento.



Questionário 1

Bem-vindo ao Meu questionário

Agradecemos por participar do nosso questionário. Sua participação é muito importante.



* 1. Termo de aceite

Aceito

Próximo

Figura 6. Apresentação do questionário.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os vídeos com as sentenças foram disponibilizados separadamente, um por página, e de forma randomizada pelo sistema. Após assistirem, os respondentes selecionaram uma opção que abarcou um espectro (i.e., nomeado na plataforma por *slider*) entre a numeração de 0 a 10, equivalente ao que seria menos e mais compreensível na Libras, conforme consta na Figura 7. Todas as respostas eram obrigatórias. Por essa razão, se os respondentes não a efetuassem, não era possível avançar para a próxima.

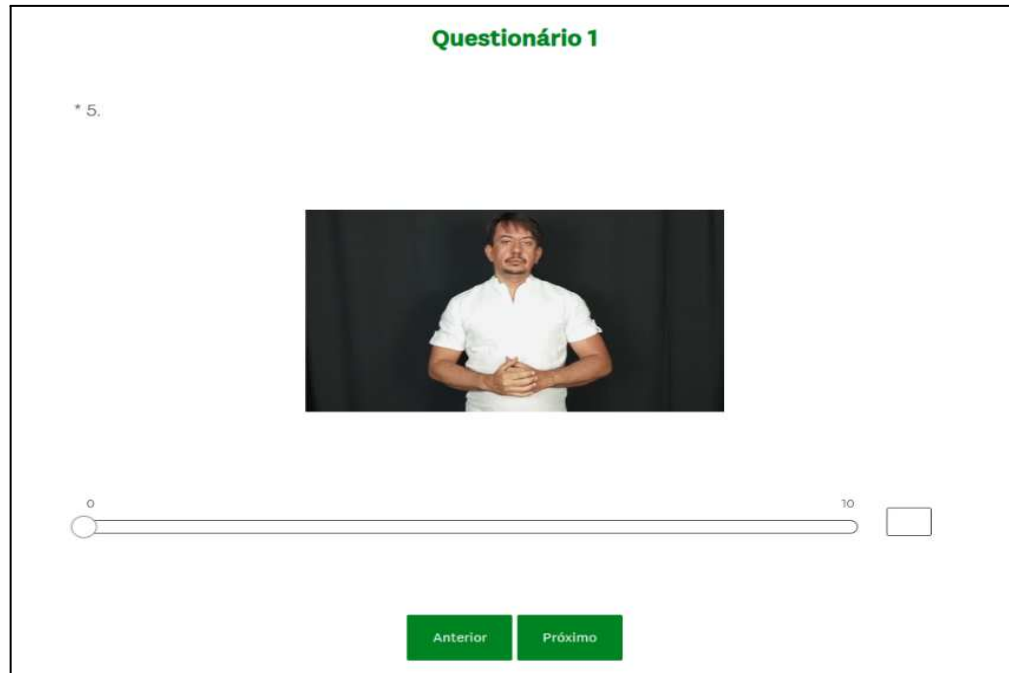


Figura 7. Disposição dos vídeos e das respostas.
Fonte: Elaborado pelo autor

4.3.3 Estudo-piloto

A realização desta etapa foi fundamental para ajustar e aprimorar alguns pontos para a aplicação da pesquisa, garantindo a viabilidade da metodologia posta.

Após a programação do *software*, dois intérpretes, um homem e uma mulher, aqui denominados como T1 e T2 (i.e., Teste 1 e Teste 2), foram convidados, por meio de um aplicativo de mensagens (i.e., WhatsApp), a participar. Ambos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Estes testes foram gravados e ocorreram em datas e horários distintos, mas no mesmo local, em uma sala reservada no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA)⁵⁹ da Faculdade de Letras da UFMG. Isso porque a intenção inicial era realizar o primeiro estudo com um intérprete e, a partir das impressões dele,

⁵⁹ Espaço destinado a desenvolver pesquisas de cunho empírico-experimental relacionadas aos processos de tradução e de interpretação. Para informações adicionais, consulte: <<http://www.letras.ufmg.br/letra/>>.

eventualmente reformular alguns pontos. Implementado esses ajustes, reaplicar a tarefa com outro profissional, a fim de verificar, novamente, a viabilidade do estudo. Na sequência, também após essas considerações, reparar ainda algum aspecto que estivesse difuso para a plena aplicação aos sujeitos da pesquisa. Por isso, eles foram indagados quanto ao andamento do processo e da tarefa em si. Os dois intérpretes executaram o estudo-piloto da tarefa interpretativa com base no *Script 1* e em um MacBook.

No primeiro teste, o orientador desta tese conduziu a abordagem, de modo que o autor acompanhasse e experienciasse o procedimento e, assim, posteriormente, o desenvolvesse com os demais intérpretes. Adentrando ao local, T1 foi recebido pelos pesquisadores, e as instruções quanto ao objetivo geral da atividade, que é interpretar sentenças curtas em Libras para o português, e a respeito de como estava estruturado o estudo-piloto, foram repassadas. Essas orientações, emitidas em português oral, estão dispostas no Quadro 3.

O estudo está organizado em três partes, de modo que, ao finalizar cada uma delas, você poderá descansar, ir ao banheiro, se hidratar etc.
--

Quando o estudo iniciar, surgirá na tela uma contagem regressiva de dez segundos e a mensagem escrita "Prepare-se". Na sequência, um ícone sonoro será expresso, indicando a entrada do vídeo. Você interpretará simultaneamente, mas considere que, posteriormente, a partir do mesmo sinal sonoro, outro vídeo emergirá na tela. Esse processo ocorrerá sucessivamente.

Ao finalizar cada grupo de vídeos, retornaremos à sala.

A partir do momento em que se sentir confortável, será possível iniciar.
--

Quadro 3. Orientações disponibilizadas aos intérpretes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Encerrada cada uma das duas primeiras seções, T1 foi questionado se gostaria de descansar ou continuar imediatamente. Ele optou por prosseguir. Findada a tarefa, novos questionamentos foram feitos, como elenca-se no Quadro 4.

A realização da tarefa ocorreu de forma confortável?
Algum vídeo travou ou se repetiu?
O intervalo de tempo entre cada um dos vídeos foi suficiente para realizar a interpretação?
As instruções de ordem sonora e escrita auxiliaram na organização?
Ao assistir a todas as sentenças, você nota qual(is) é/são o(s) foco(s) deste estudo?

Quadro 4. Questões para apreciação dos intérpretes em relação ao estudo-piloto.

Fonte: Elaborado pelo autor

O retorno de T1 foi positivo no que tange à formulação do experimento, no caso do tempo destinado para cada vídeo, e o emprego do indicativo sonoro e escrito. Importa ressaltar que essa descrição será retomada na seção seguinte.

Ainda, informou que nenhum vídeo demonstrou travamento ou repetição, apesar de excertos de alguns vídeos parecerem estar mais rápidos que outros. Isso corrobora ao fato da existência das sentenças-experimentais em que a datilologia é acelerada. O tempo total para a execução da tarefa de T1, admitindo o período de interrupção entre uma fração dos vídeos e outra, alcançou aproximadamente 38min.

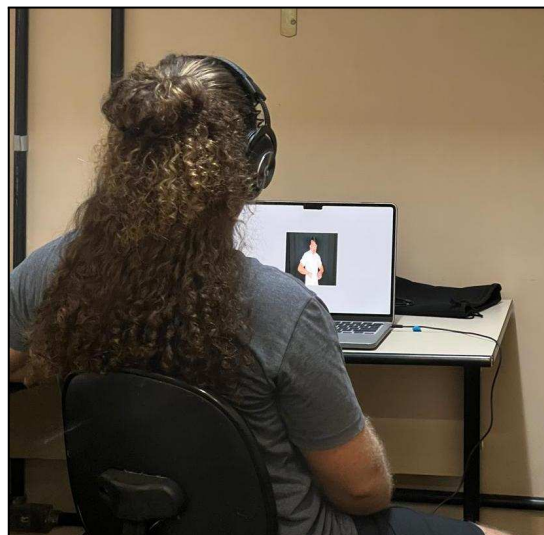


Figura 8. Registro ampliado de T1 realizando a tarefa no estudo-piloto.

Fonte: Elaborado pelo autor

No segundo teste, os dois pesquisadores conduziram a coleta, mas, inicialmente, T2 foi solicitada a preencher, reservadamente, o questionário de competência em interpretação, que trata do perfil linguístico e profissional. Essa etapa durou cerca de 15min.

Em seguida, por meio da gravação de áudio e de imagem na mesma sala do experimento, os testes de fluência verbal, ambos em modalidade oral de uso, foram registrados. Em sessenta segundos cada, T2 produziu palavras que iniciam com a letra A; sinais de animais, mas evitando expressar também as palavras em português; palavras que iniciam com a letra F; e sinais de frutas, respectivamente. Todos esses testes, juntos, compreenderam 5min15s. Esse período da gravação também contemplou os comandos do pesquisador quanto aos itens a serem produzidos.

Na sequência, as orientações do Quadro 3 foram explicitadas e o teste com a interpretação das sentenças encetado. Da seção 1 para a 2, T2 realizou imediatamente. A seção 2 sofreu um travamento do *software* ou do Macbook. Assim, T2 se disponibilizou a refazer essa etapa, mas isso tentaria ser evitado no estudo experimental com os intérpretes.

Nesse momento, T2 optou por pausar um pouco. Cerca de 15 minutos depois, retomou a tarefa com a interpretação da terceira seção e, posteriormente, também foi indagada com os questionamentos do Quadro 4. Essa tarefa foi concluída por T2 em praticamente uma hora (i.e., 58min). Desconsiderando a primeira versão da fase 2, que impediu a continuidade, e englobando o questionário, os testes de fluência verbal, e a tarefa interpretativa das sentenças com o intervalo, T2 completou o estudo-piloto em aproximadamente 1h20min.

Finalizado o teste, as respostas de T2 referente ao Quadro 4 foram semelhantes às de T1, em relação ao tempo estimado para cada vídeo e ao uso de mensagens sonoras e escritas, além da percepção de que alguns trechos aparentavam estar mais velozes que outros.



Figura 9. Registro ampliado de T2 realizando a tarefa no estudo-piloto.
Fonte: Elaborado pelo autor

Por fim, o Quadro 5 apresenta uma síntese das etapas que compuseram o estudo-piloto.

Etapa	Procedimento
1	Chegada do participante ao Laboratório Experimental de Tradução
2	Aplicação do questionário
3	Aplicação dos testes de fluência verbal
4	Orientações da tarefa, conforme o Quadro 3
5	Aplicação da tarefa interpretativa, com ou sem intervalo
6	Apreciações a respeito da tarefa, conforme o Quadro 4
7	Agradecimento pela participação ,e saída do intérprete

Quadro 5. Síntese das etapas do estudo-piloto.⁶⁰

Fonte: Elaborado pelo autor

⁶⁰ Como já exposto nesta subseção, T1 desenvolveu apenas a tarefa interpretativa. Por isso, não percorreu as etapas 2 e 3.

4.4 Experimento

Esta etapa foi a mais aguardada, pois, por aplicação dela, os dados da pesquisa seriam gerados. Houve o envolvimento direto e basilar dos intérpretes, que responderam a um questionário de competência em interpretação; realizaram dois testes de fluência verbal; e efetuaram a tarefa de interpretação simultânea das sentenças curtas da Libras para o português.

4.4.1 Participantes

Todos os participantes desta pesquisa foram contatados por meio de aplicativo de mensagem (i.e., WhatsApp). Alguns partiram diretamente da rede de contatos conhecidos do autor, e outros por indicação de colegas intérpretes que também atuam no par linguístico Libras-português. Diante das causalidades e dificuldades impostas, sobretudo pela disponibilidade de horários e de deslocamento, essas indicações e, evidentemente, a presteza de todos os sujeitos, foram fundamentais para a ampliação e a consolidação desse quantitativo.

Inicialmente, a única condição para a participação era apresentar experiência na interpretação e ou possuí-la como atividade profissional. Esse quesito de experiência é importante, pois, segundo o experimento desenvolvido por Tiselius e Jensen (2011), o desempenho dos intérpretes profissionais, ao serem cotejados com os ainda estudantes de interpretação, foi superior tanto na tarefa que avaliou o processo quanto a do produto interpretativo.

Na sequência, para o perfilamento dos sujeitos que, de fato, realizaram a tarefa interpretativa, um questionário de competência em interpretação e dois testes de fluência verbal foram aplicados. Todas essas etapas serão descritas nas subseções seguintes.

Para o desenvolvimento deste estudo, alcançou-se um quantitativo de 13 intérpretes, sendo dois Coda⁶¹ e 11 não Coda. No entanto, após a transcrição dos dados da tarefa interpretativa — composta por sentenças curtas, com foco nas que apresentam informações datilológicas controladas —, uma pessoa foi excluída, em razão da inconsistência das respostas. Isso se deve apenas ao fato de ter havido um baixo número de produções, independentemente do mérito. Caso fosse mantida, poderia destoar ou enviesar os resultados. Em função disso, para que o montante fosse igualmente distribuído, mais uma pessoa foi convidada e contribuiu com a pesquisa. Assim, 13 intérpretes participaram, mas 12 constituíram a amostra analisada.

É importante frisar que, conforme já exposto, a presente amostra é por conveniência, não sendo proveniente de um cálculo de poder amostral. No entanto, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o Brasil possui aproximadamente 12 mil intérpretes de línguas de sinais atuando na educação básica. É certo que esse quantitativo foi contabilizado em um determinado contexto (i.e., educacional) e não representa o montante de intérpretes no país. Ainda assim, partindo desse total catalogado, estimando 5%, seriam aproximadamente 600 potenciais profissionais para compor a presente amostra, sendo impossível ser contemplada em uma única pesquisa como esta. Seria necessário parcerias com outras instituições, além de volumosos recursos humanos, tecnológicos e financeiros.

Como se trata de um estudo empírico-experimental, anterior a essa fase dos participantes, foi necessário realizar um estudo-piloto de maneira a harmonizar e reparar todas as etapas. Esse teste inicial foi conduzido com dois intérpretes. Todos os 15 (i.e., estudo-piloto e tarefas para análise) assinaram o TCLE, disposto no

⁶¹ É a denominação estadunidense, *Children of deaf adults*, criada para se referir aos filhos ouvintes de pai e ou mãe surdos. Essa expressão, quando grafada com todas as letras maiúsculas, nomeia uma organização internacional que, desde 1983, busca reunir esse grupo. No Brasil também há, desde 2010, encontros promovidos com essa finalidade. A maneira como a siglema está posta neste texto, em letras minúsculas, representa as pessoas, distinguindo-se, portanto, da organização.

Apêndice 1, conforme recomenda o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMG.

A geração dos dados, incluindo o estudo-piloto, foi realizada, aproximadamente, ao longo dos primeiros seis meses de 2025. Esse espaçamento ocorreu, sobretudo, em razão da necessidade de haver convergência entre as agendas do autor desta pesquisa, que residia e trabalhava em outra cidade, dos intérpretes que gentilmente aceitaram participar, e do local em que as sessões foram realizadas. Espacialmente, com 13 intérpretes, incluindo o estudo-piloto, as atividades ocorrem em uma sala reservada no LETRA da UFMG. Diante, também, do desafio na conciliação de agendas, duas aplicações sucederam em um laboratório interdisciplinar reservado com características físicas semelhantes ao da UFMG, na Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Com o propósito de resguardar a identidade dos participantes da pesquisa, eles foram identificados com o código em formato PY, na qual P se refere a participante, e Y a um número sequencial (i.e., 01 a 12).

4.4.2 Questionário de Competência em Interpretação

Tiselius (2013) ressalva que iniciativas destinadas a conhecer e a identificar a competência em interpretação são relevantes e se tornaram mais utilizadas a partir dos anos 2000, com foco mais direcionado à interpretação simultânea de conferências.

Neste estudo, empregou-se o questionário, referente à competência em interpretação, denominado *Translation and Interpreting Competence Questionnaire*⁶² (TICQ).

⁶² O questionário pode ser conhecido e acessado na versão em inglês, alemão ou espanhol, pelo sítio eletrônico: <<https://traco.uni-mainz.de/ticq/>>.

Esse procedimento, que pode ser realizado em formato *on-line* ou em suporte físico pelo arquivo em PDF, em modo digital ou impresso, foi criado por Adolfo García, Moritz Schaeffer, Silvia Hansen-Schirra e Sasha Hofmann, e, no caso de interpretações, contempla questões organizadas em duas seções, como explanam Schaeffer *et al.* (2019). As questões sistematizadas no Módulo A (i.e., A1, A2 e A3) compreendem, respectivamente, pontos quanto aos dados pessoais dos participantes, aquisição de segunda língua e aquisição de uma terceira língua. O Módulo C (i.e., C1, C2, C3, C3.1, C3.2, C3.3), abarca, também respectivamente, pontos como a experiência profissional, a competência em interpretação, as questões a respeito do processo de interpretação, a fase de preparação para a tarefa, as estratégias de consulta, e a interpretação simultânea.⁶³

Schaeffer *et al.* (2019) frisam que o questionário proposto, em consonância com a sua validação por profissionais, por estudantes da área e por bilíngues, fornece subsídios interessantes para a seleção de amostras em estudos dessa natureza (i.e., interpretação ou tradução), além de poder proporcionar a comparação dos resultados entre essas pesquisas.

Para adotá-lo, foi preciso traduzi-lo para o português⁶⁴ e adaptá-lo à presente realidade e ao contexto desta pesquisa. As alterações se baseiam, principalmente, na supressão do item A3, pelo fato deste trabalho se ater apenas a duas línguas de trabalho (i.e., português e Libras), não sendo necessário averiguar questões referentes a uma possível terceira língua. Ainda, toda seção C3, que discute etapas de preparação da interpretação, também não demonstrou necessidade.

Este questionário foi aplicado em suporte físico, impresso em papel, aos participantes, logo que adentraram à sala para a realização do estudo, de modo a

⁶³ O Módulo B do questionário destina-se a perguntas sobre competência em tradução e, por isso, não fora aplicado aos participantes deste estudo.

⁶⁴ A versão traduzida e adaptada está disponibilizada no Anexo 1.

compor todas as etapas em um mesmo espaço e duração. Eles possuíram autonomia, individualidade e liberdade de tempo para o preenchimento. Os pesquisadores se mantiveram distantes, sendo acionados, eventualmente, para esclarecer alguma pergunta.

4.4.3 Testes de fluência verbal

Os intérpretes participantes do estudo foram submetidos a dois testes de fluência verbal, um para cada língua. Segundo Giovannoli, Martella e Casagrande (2023), o teste de fluência verbal semântica é uma medida neuropsicológica baseada na eficiência da recuperação e da reprodução lexical, divididos por categorias semânticas (e.g., animais, cores, frutas, itens de vestuário, objetos domésticos, profissões), em um determinado período de tempo (e.g., sessenta segundos), para a obtenção do maior número possível de palavras. As autoras evidenciam que a computação da fluência por categorias é um processo mais automático e natural, uma vez que as representações de palavras são estruturadas por redes semânticas.

Shao *et al.* (2014), Patra, Bose e Marinis (2020), Tomczak e Whyatt (2022) e Giovannoli, Martella e Casagrande (2023) ainda avultam que esse teste foca em habilidades linguísticas e demanda, além de uma memória semântica, uma memória de trabalho (e.g., recordar das orientações para a realização da tarefa), um grau de inibição de manifestações que sejam incompatíveis com a proposta, e um gerenciamento de respostas, evitando a expressão de palavras repetidas. Para Shao *et al.* (2014), um bom acervo vocabular e um rápido acesso lexical contribuem para o bom desempenho em tarefas de fluência. No entanto, Amos e Pickering (2025) salientam que, em bilíngues, se comparados aos monolíngues, o acesso lexical pode ser mais lento, pelo fato de eles empregarem cada uma das suas línguas com menos

frequência. Sehyr, Giezen e Emmorey (2018) denotam que, em estudos envolvendo duas línguas, o teste de fluência semântica é mais utilizado em detrimento ao fonológico (i.e., reprodução de palavras que iniciam com letras específicas), pois admite-se que todas as línguas possuem domínios conceituais similares.

A partir da quantidade de itens expressos corretamente, foi possível elaborar uma sistematização dos respondentes deste estudo. Isso porque, conforme Gollan, Montoya e Werner (2002), Sehyr, Giezen e Emmorey (2018), Patra, Bose e Marinis (2020), Tomczak e Whyatt (2022), entre outras pesquisas com bilíngues, existe uma relação entre o tamanho do repertório vocabular e a proficiência linguística dos sujeitos. Assim, quanto maior for o número de léxicos corretos e distintos produzidos, maior será a pontuação (*score*) alcançada no teste.

Em posse desses dados, foi possível verificar se os participantes apresentavam ou não um nível aproximado de proficiência na língua. Esse teste contribuiu para que os participantes da pesquisa possuíssem perfis linguísticos minimamente comparáveis, evitando a presença de sujeitos na amostra que apresentassem um nível de proficiência linguística muito abaixo dos demais. Eventualmente, se algum integrante se destoasse (*outlier*) seria, portanto, excluído na etapa de análise. Vale destacar que a participante desconsiderada neste estudo se deve à tarefa interpretativa propriamente dita e não aos testes de fluência verbal.

Ao cotejar um grupo de bilíngues intermodais ASL-inglês nativos (i.e., Coda⁶⁵) e outro não nativo (i.e., aprendizes de línguas de sinais como L2) em um teste de fluência verbal semântica, Sehyr, Giezen e Emmorey (2018) detectaram que em ambos os casos, houve mais respostas em inglês (i.e., L1) do que em ASL. Apesar dos sinais e as datilologias imporem mais tempo na articulação e manifestação do que as palavras, o estudo revela que essa duração não sugere influência negativa no

⁶⁵ Apesar do grupo ter vivido/viver, desde o nascimento, em um espaço de aquisição e de exposição favorável à comunicação em ASL, Sehyr, Giezen e Emmorey (2018) consideram o inglês como a língua dominante, pelo fato de possuírem educação formal por meio dela e estarem incorporados a um ambiente oral e auditivo.

desempenho na ASL em contraposição ao inglês. Em outra comparação desses bilíngues intermodais com monolíngues ouvintes de inglês, os autores demonstram que eles obtiveram resultados semelhantes no que tange ao inglês, pelo fato de que, nessa tarefa (i.e., fluência semântica), a concorrência entre os articuladores é abrandada.

Por outro lado, Giezen e Emmorey (2017), após conduzirem um teste de fluência de letra com um grupo de Coda do par ASL-inglês e outro de monolíngues ouvintes de inglês, verificaram que os bilíngues intermodais apresentaram uma pontuação menor em relação ao inglês. Se comparado ao outro grupo, esse resultado indica que não se trata de um acervo lexical e ou frequência de uso menor, mas a existência de uma possível interferência entre as línguas, e que, embora os articuladores sejam distintos, elas competem entre si no momento da produção linguística.

Constatação semelhante também foi encontrada em Giovannoli, Martella e Casagrande (2023), ao analisarem estudos de fluência semântica e de letras, abrangendo grupos de bilíngues intramodais orais-auditivos e monolíngues orais. Entretanto, essa condição pode variar, a depender, por exemplo, das categorias semânticas e de fatores e níveis sociolinguísticos e educacionais dos falantes.

Como a presente pesquisa lida com intérpretes em tarefas de interpretação simultânea Libras-português, o teste de fluência verbal semântica foi realizado apenas para a Libras com cada um dos participantes, abarcando as categorias "animal" e "fruta", em sessenta segundos cada. A escolha dessas categorias decorreu da extensa conjuntura lexical que apresentam e da presumível facilidade e familiaridade que os participantes poderiam possuir, além da literatura indicar que são amplamente empregadas. De acordo com a revisão sistemática de Giovannoli, Martella e Casagrande (2023), que excluiu da amostra os estudos envolvendo bilíngues intermodais, dos 33 estudos que abarcam a fluência semântica, e das 35

categorias encontradas, “animais” foi a mais utilizada (i.e., 24). Para o português, será aplicado outro teste.

Para o português, o teste aplicado foi o de fluência de palavras de Thurstone, que geralmente é empregado em estudos neuropsicológicos, a fim de detectar alguma disfunção cerebral (e.g., afasia, paralisia, transtornos neurológicos de desenvolvimento) e a sua extensão. Nesse bojo, Santana e Santos (2015) destacam que Louis Leon Thurstone buscava, por meio da medição, depreender a respeito das distintas habilidades mentais, ou na abordagem dele, fatores, sendo a linguagem considerada um dos primários. Para o proponente, segundo as autoras, a linguagem apresentava dois fatores verbais, o “V”, referente a facilidade de compreensão verbal e o “W”, pautado na fluência (i.e., produção) de palavras.

Segundo Cohen e Stanczak (2000), a proposição inicial do teste de Thurstone consiste em uma associação controlada, de modo que o sujeito reproduza graficamente o máximo possível de palavras iniciadas com a letra “S” durante cinco minutos e, na sequência, em quatro minutos, o máximo de palavras formadas por quatro letras que comecem com a letra “C”. A escolha por essas letras seria pelo fato de ele assumir que haveria uma maior e uma menor associação lexical no inglês, respectivamente. No entanto, Santana e Santos (2015) indicam que, a partir da década de 1980, outros pesquisadores adaptaram o teste, verificando que a questão das letras selecionadas se basearia na frequência de uso das palavras nas respectivas línguas e no perfil da amostra de falantes (e.g., escolaridade, idade). No Brasil, por exemplo, as autoras reportam que, para o português, apesar de não ter havido adequações específicas quanto a frequência das letras, geralmente, o teste tem sido aplicado na modalidade oral e com as letras “F”, “A” e “S”. De qualquer forma, em suma, esse teste se baseia na apresentação gráfica ou oral de palavras com uma determinada letra e em um intervalo de tempo definido, a fim de medir a ligeira capacidade de produção.

Cohen e Stanczak (2000) e Santana e Santos (2015) expõem que a pontuação é obtida a partir da contagem desses itens escritos ou falados corretamente, excluindo as repetições. Tais palavras podem envolver quaisquer categorias gramaticais e campos semânticos. Afinal, conforme Santana e Santos (2015), esse teste é empregado apenas para verificar a habilidade verbal no que tange o número de produções, sem a necessidade da compreensão ou da associação propriamente dita.

De acordo com Cohen e Stanczak (2000), essa tarefa inclui importantes funções cognitivas como a memória, a velocidade psicomotora e a atenção ou concentração. Isso porque será preciso buscar e selecionar mentalmente os léxicos do comando e, enquanto isso, também coibir a expressão de palavras dissonantes ao solicitado. Santana e Santos (2015) explanam que a concepção e a condução do teste pelo registro das palavras em modalidade de uso escrita ocorrem pelo fato de, à época, Thurstone, assim como outros estudiosos, conceber que a grafia assumia uma relação direta de transcrição entre o pensamento e a fala/oralidade.

A única intenção deste estudo em adotar tal teste é evitar que haja um efeito psicológico de *priming* nos intérpretes (i.e., fenômeno inconsciente de resposta a um estímulo que pode ser influenciado pela exposição a um estímulo anterior relacionado, em níveis fonológico ou semântico). Nesse caso, a reprodução dos sinais na Libras poderia influenciar a das palavras no português e vice-versa e, assim, os participantes manifestarem os mesmos itens para ambas as línguas. Em uma tarefa de interpretação simultânea da ASL para o inglês (i.e., da L2 para a L1), McDermid, Finton e Chasney (2016) verificaram que, na fase de preparação, ao ter contato com textos que possuíam palavras que seriam soletradas, o possível efeito de *priming* auxiliou no desempenho dos intérpretes iniciantes e profissionais.

Por essa razão, neste estudo, foi realizado o teste de Thurstone somente para o português, selecionando as letras “A” e “F”, em modalidade oral, e em sessenta

segundos cada, para acompanhar os estudos já realizados nessa língua (Santana; Santos, 2015).

Sehyr, Giezen e Emmorey (2018) salientam que, em função da quase inexistência de bilíngues balanceados, existe uma forte tendência de haver um maior quantitativo de respostas na primeira língua do que na segunda, sobretudo no que se refere aos itens de baixa frequência, independentemente da modalidade das línguas. Logo, estima-se que a pontuação intrasujeito das duas línguas não será a mesma. Com esses testes (i.e., fluência verbal semântica e Thurstone), as pontuações foram cotejadas intersujeito.

4.4.4 Experimento: tarefa de interpretação das sentenças

Os intérpretes consultaram os vídeos com as sentenças no *software PsychoPy*, que possui código aberto e é disponibilizado gratuitamente. Limberger e Biasibetti (2019) salientam que, diante da sua relativa facilidade de manuseabilidade, pelo fato de existirem vários tutoriais em inglês e em português, essa ferramenta tem sido utilizada em estudos brasileiros que envolvem questões do domínio da linguística.

O *PsychoPy* é um programa iniciado em 2002 com a finalidade de realizar testes no âmbito da neurociência visual. Desde então, é direcionado a construir, a abrigar e a aplicar experimentos científicos em diversas outras áreas como a linguística e a psicologia, com a possibilidade de gerenciar o devido controle do espaço e do tempo dos estímulos (Peirce *et al.*, 2019). Segundo os autores, o *software* foi desenvolvido em uma linguagem de programação denominada *Python* e, mais recentemente, recebeu a adição de uma interface gráfica de criação dos experimentos intitulada *Builder*. Ele pode ser acessado localmente ou de maneira *on-line*, permitindo o uso em distintos sistemas operacionais (e.g., Macintosh, Linux,

Windows) e o manuseio em várias plataformas diferentes, evitando, assim, a limitação de dispositivos pelos pesquisadores.

Apesar da flexibilidade do dispositivo quanto a sua instalação, a execução ocorreu de modo *off-line* (i.e., não possui conexão com internet ou rede de aparelhos). Isso imperou que este experimento fosse desenvolvido presencialmente com todos os intérpretes e utilizado dois notebooks, um Mac e outro Dell, com o Windows 11, em que o programa fora instalado. Para cada um dos participantes empregou-se apenas um dispositivo, porém, a alternância entre eles possibilitou mais agilidade na condução das aplicações, uma vez que se trata de equipamentos particulares. Além disso, em algumas aplicações, no Mac, o *software* travou, sendo necessário a intervenção dos pesquisadores para a continuidade da exibição.

Após as instruções, os pesquisadores (i.e., ora somente o autor, ora o autor e o orientador) conduziram o manejo da atividade no programa, mas, ao iniciar a tarefa, se retiraram da sala e acompanharam visualmente o andamento, por meio de um vidro transparente. Esse momento de privacidade do participante é importante, pois pode reduzir a preocupação e o estresse causado pela observação dos pesquisadores quanto ao desempenho na interpretação. Para fins de registro, o notebook que hospedou o *PsychoPy* também gravou por áudio e por imagem/vídeo todo o procedimento.

Diante da proposta inicial, que é a estruturação em três *scripts* distintos e da existência de 144 vídeos para cada, o funcionamento do programa demonstrou relativa lentidão, acarretando mais dispêndio de tempo. Cabe mencionar que, em média, cada um dos vídeos apresentava um tamanho de 17 MB.

Por isso, para contornar essa situação, foi necessário subdividir cada *script* em três partes, de modo que cada uma delas abarcasse 48 vídeos, sendo 16 das sentenças-experimentais e 32 das sentenças-distratoras. Esse aspecto favoreceu a dissolução dos materiais, de maneira a evitar que os participantes notassem que a

datilologia seria o foco do estudo, ainda que, em várias sentenças, as palavras soletradas possuem sinais estabelecidos na Libras. Nos notebooks utilizados, as pastas com os vídeos dos *scripts*, assim como as dos áudios produzidos a partir das interpretações, também foram configuradas para o acionamento e o recebimento, respectivamente.

Para iniciar a tarefa, os pesquisadores acionaram o *script* dos vídeos desejado para cada participante. Essa seleção sucedeu de forma sequencial (i.e., 1, 2 e 3), a depender das datas e dos horários agendados com os intérpretes para a aplicação do experimento. Como o estudo abarcava o alcance de, pelo menos, 12 sujeitos, após a finalização de quatro participantes, o *script* subsequente era ativado. Esse mecanismo otimizou a operação, evitando que houvesse mais profissionais alocados em um *script* do que em outro. Importa ressaltar que a intérprete que integrou o estudo em substituição a outra pessoa, realizou o mesmo *script*.

Ao ser exibido, o programa expôs aos intérpretes uma contagem regressiva de dez segundos, seguido da mensagem escrita “Prepare-se”, em um período de dois segundos. Tal momento foi importante para que eles se conscientizassem do início da tarefa e não fossem surpreendidos pela aparição dos vídeos com as sentenças. Essa mensagem foi recorrente, precedendo cada um dos novos vídeos.

As Figuras 10 e 11 demonstram essa configuração interna do *software*, sob os comandos “START” e “COUNT” (i.e., indicação da parte do *script*), respectivamente. Na aba inferior, em ícones verdes, acrescida da seta circular, consta a estrutura e a sequência da programação, com os vídeos, representado por “trial”. Isso demonstra que em todos os *scripts*, e suas respectivas seções, os vídeos foram programados para surgir randomicamente, de modo a buscar uma aleatoriedade na apresentação.

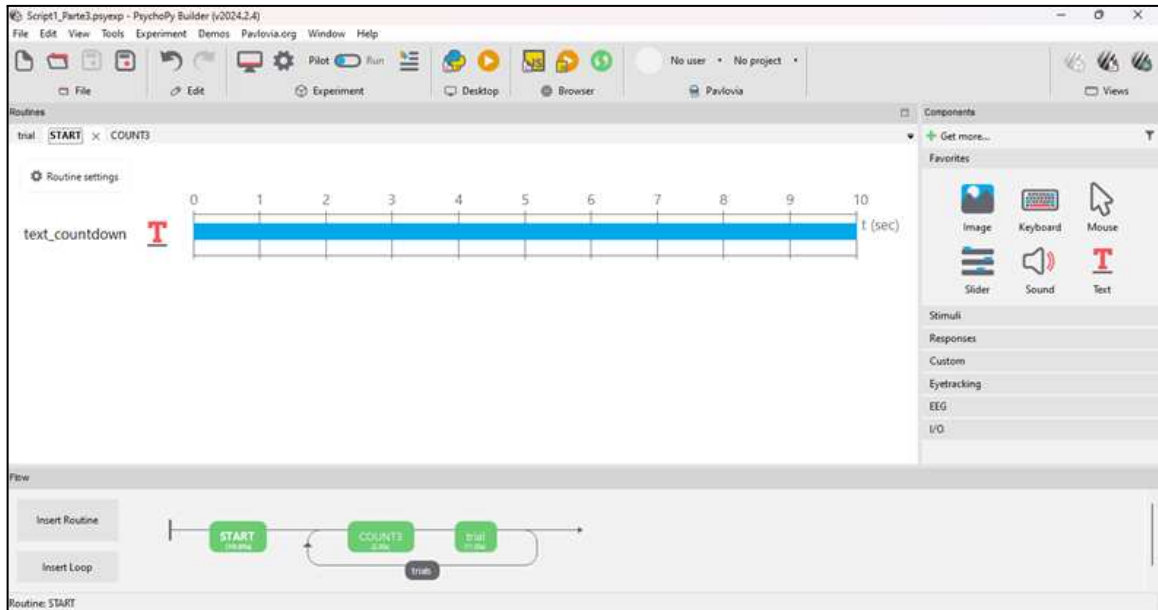


Figura 10. Layout interno com a configuração da contagem regressiva no software.
Fonte: Extraído do *PsychoPy*

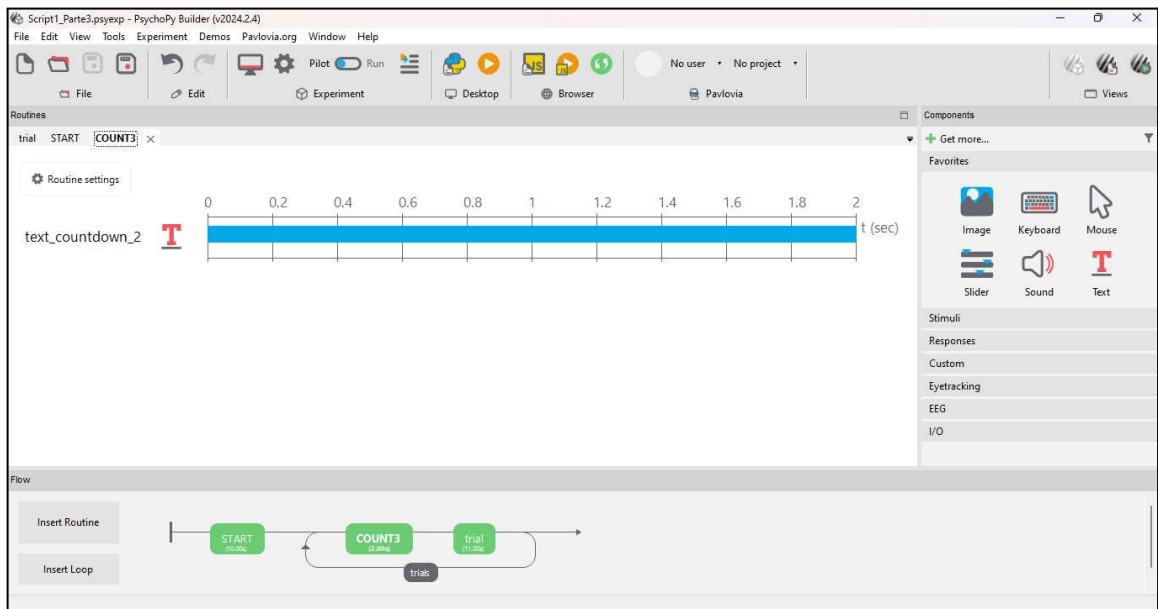


Figura 11. Layout interno com a configuração da mensagem escrita no software.
Fonte: Extraído do *PsychoPy*

A Figura 12 esboça, no centro da tela, as faixas com as estruturas da execução dos vídeos e da gravação das interpretações. O microfone estava ativado em todo o procedimento, que abarcou um intervalo de 11 segundos. Após a mensagem escrita “Prepare-se”, um indicativo sonoro era emitido por um segundo. Essa manifestação sonora foi importante para o intérprete reconhecer que houve a exibição de um novo vídeo, e para os pesquisadores, na ocasião da análise e do tratamento dos dados, se atentarem para a alteração entre sentenças, ainda que o programa gerasse as respostas separadas por vídeo.

Posteriormente ao ícone sonoro, o vídeo era transmitido para que a interpretação simultânea para o português fosse realizada. Vale mencionar que a duração dos vídeos girava em torno de cinco a sete segundos e que, ao serem finalizados, eram retirados da tela e mantinham-se o fundo em tonalidade cinza do *software*, até que o intervalo de 11s fosse concluído. Esse tempo adicional foi importante e razoável para que os intérpretes compreendessem as informações e as reformulassem, como está discriminado no estudo-piloto na subseção 4.3.3.

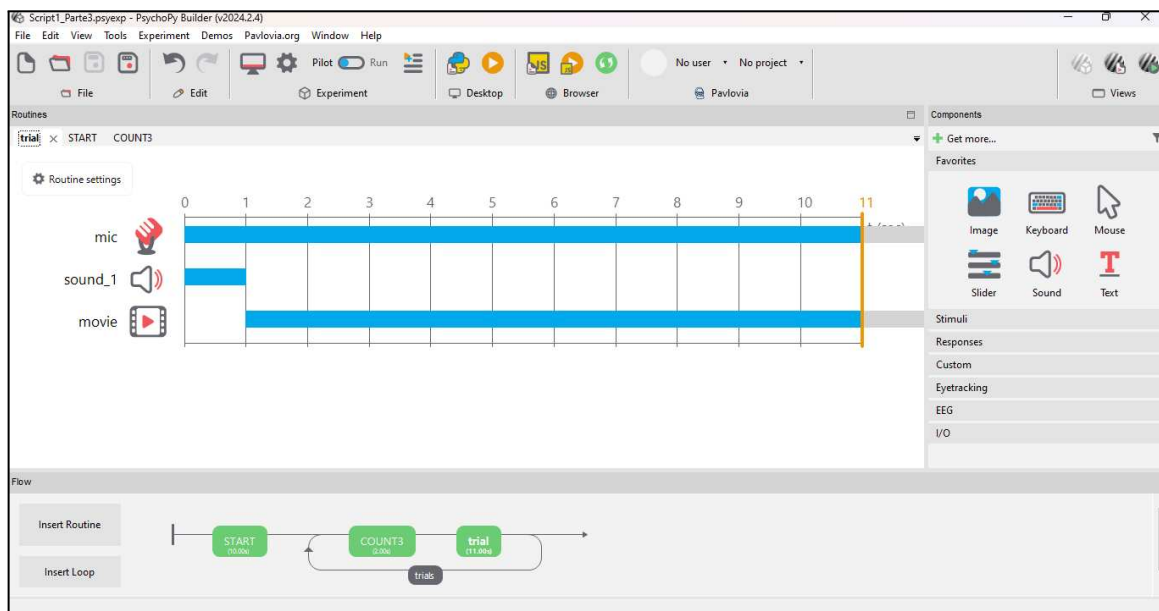


Figura 12. Layout interno com a configuração dos vídeos no *software*.

Fonte: Extraído do *PsychoPy*

A sequência das telas que emergiam para os intérpretes durante o procedimento pode ser sintetizada na Figura 13.

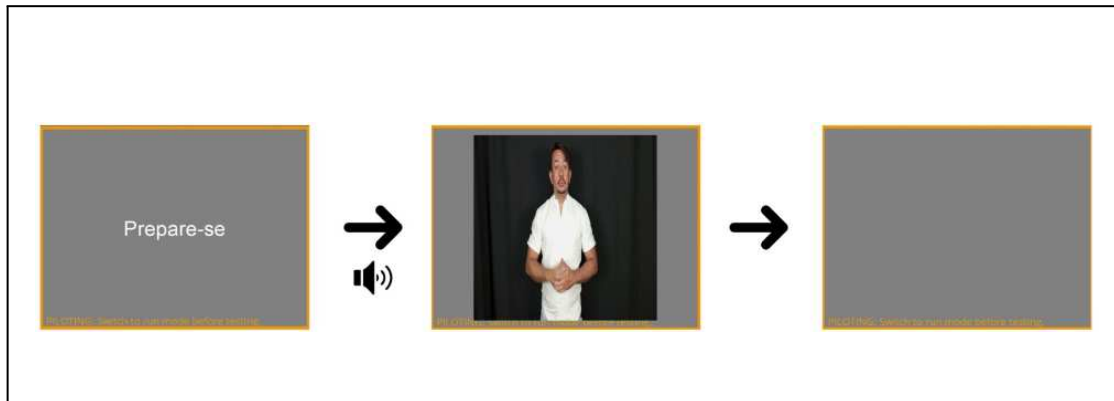


Figura 13. Sequência das telas do *PsychoPy* durante a tarefa.
Fonte: Elaborado pelo autor

A execução da tarefa ocorreu ao clicar, na aba superior, em “Desktop” (i.e., ícone laranja), surgindo uma tela para a nomeação do participante. Essa nomeação poderia ser automática, com código de números gerados pelo próprio sistema, ou aleatória, a gosto do manuseador. Para facilitar, o pesquisador inseriu o próprio nome dos participantes e o número da seção de vídeos que estão realizando (i.e., 1, 2, ou 3). Assim, o *PsychoPy* engendrou uma pasta com a formatação “nome_Scriptn_Parten_zzzz-zz-zz_wwhww.kk.kkk_mic_recorded”, em que **n** é a identificação do script e da seção; **z** representa a data da gravação, na ordem ano, mês e dia; **w**, o horário; **h**, o indicativo de hora; e **k**, uma numeração aleatória.

Ao término, o pesquisador renomeou esses dados em outro arquivo, a fim de serem convergentes com a identificação já empregada e manter resguardada a privacidade dos sujeitos. Em razão da configuração construída, a gravação das interpretações dos vídeos era direcionada para o respectivo *script*. Findado o experimento, o pesquisador extraiu as respostas e as depositou em outro compartimento do notebook.

Automaticamente, para cada uma das partes dos *scripts*, o *software* gerou um arquivo individual do áudio com a estrutura “recording_mic_####-##-##_wwhww.kk.kkk.mp3”. Esses arquivos foram renomeados com o mesmo código atribuído ao vídeo que possui a sentença em Libras (e.g., 1030, 2005, 3048). Assim, foi possível relacionar diretamente os textos de partida e de chegada. Ademais, ele também fornece uma planilha, em Excel, com a sequência exibida dos vídeos, e formatação “nome_Scriptn_Partem_####-##-##_wwhww.kk.kkk.csv”. Esse arquivo é importante, pois facilitou a identificação e a organização dos 144 materiais, já que eles foram configurados para serem transmitidos de modo randômico.

Considerando que o tempo entre cada um dos vídeos foi de 11 segundos e o quantitativo de materiais 144, ressalvado que cada uma das seções exibiu sequencialmente 48 vídeos, a estimativa mínima é que o estudo ocorresse em aproximadamente 27min (i.e., $11 \times 144 = 1584s$. $1584/60 = 26,4min$).

4.5 Pós-experimento

Encerrado o experimento, uma nova etapa se abriu, a fim de acessar os dados gerados. Para isso, a transcrição e as categorias de análise foram implementadas, dando seguimento à discussão do que eles revelavam.

4.5.1 Transcrição e anotação

Em posse dos dados, a transcrição das sentenças experimentais, produzidas pelos intérpretes em português, seguiram o Sistema de Transcrição de Jefferson. Esse método, já utilizado por Viana (2022) em pesquisa de interpretação simultânea de Libras-português, consiste na possibilidade de anotação de falas, por meio de

símbolos e códigos previamente padronizados, independentemente dos contextos e das interações estabelecidas entre os falantes e ou seus interlocutores, como sublinham Loder e Jung (2009). Dessa forma, foi exequível o registro da produção oral dos intérpretes, a fim de contemplar o que e como eles expressaram a datilologia.

Os símbolos empregados na transcrição dessas sentenças são adaptados de Viana (2022) que, por sua vez, se pautou no de Jefferson (Loder; Jung, 2009).

SÍMBOLO	DESCRIÇÃO	DEFINIÇÃO PARA USO
:	Dois pontos	Prolongamento do som, extensão do som ou da sílaba. A vogal ou consoante pronunciada de modo prolongado.
:::	Sequência de dois-pontos	Representa a intensidade (i.e., maior duração) e quantidade do prolongamento.
(2,4)	Números entre parênteses	Média de silêncio (em segundos e décimos de segundos). Ser inserido dentro do enunciado em que ocorreu o silêncio/pausa.
(.)	Ponto entre parênteses	Silêncio de menos de dois décimos de segundo.
(fala)	Segmento de fala entre parênteses	Transcrição duvidosa.

Quadro 6. Sistema de Transcrição de Jefferson.

Fonte: Adaptado de Viana (2022)

Propenso a registrar o intervalo temporal das produções para o português dos intérpretes, utilizou-se o programa Praat,⁶⁶ criado em 1992 por Paul Boersma e David

⁶⁶ O *software* pode ser encontrado e acessado pelo endereço: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. O material também abarca tutoriais para a instalação e o manuseio.

Weenink, da Universidade de Amsterdã (*University of Amsterdam*). Como explanam Cantoni, Oliveira e Nevado (2022), esse *software* é gratuito, constantemente atualizado, e com versões em sistemas operacionais distintos (e.g., Windows, Linux, Macintosh). Ele apresenta forte inserção acadêmica no campo da fonética, por possibilitar a produção e a reprodução de áudios, a marcação e a anotação (i.e., *TextGrid*) das ondas sonoras com medições e representações gráficas, culminando em relevantes e variadas análises acústicas da fala.

Ao clicar, o programa exibe duas janelas, sendo uma para o objeto, que consiste na inserção ou na geração do arquivo de som, em que é permitido a manipulação e edição. A outra é a janela de imagens, em que há a criação das representações gráficas. Essas telas podem ser verificadas na Figura 14:

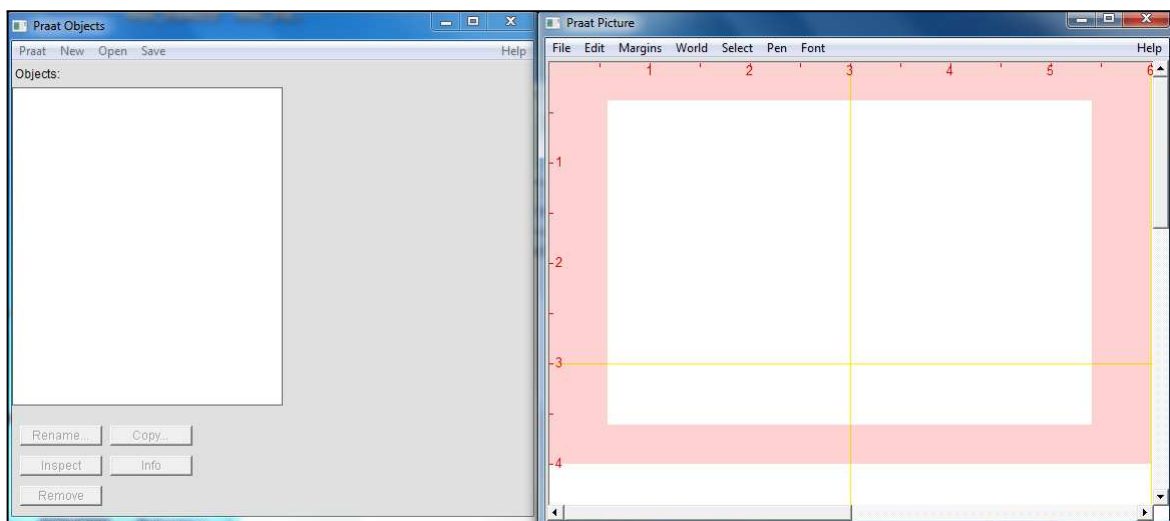


Figura 14. Janelas de objeto e de imagem do Praat.

Fonte: Extraído do Praat

Esta tese não possui a intenção de explorar nuances envolvendo sílabas, consoantes, vogais e elementos prosódicos, mas, conforme já exposto, demarcar o tempo das expressões. Assim, os arquivos de áudio gerados pelos intérpretes no *PsychoPy*, em formato mp3, foram resgatados no computador.

Inicia-se, na janela de objetos, com o ícone “Open” (i.e., abrir) e, na sequência, surge “Read from file” (i.e., ler o arquivo). Lateralmente, várias opções são esboçadas, mas, para a conceber o gráfico sonoro, é preciso clicar em “View & Edit” (i.e., visualizar e editar). Em outra tela surge o espectro, em que é possível reproduzir o áudio em “Play”, e apontar e deslocar o indicativo temporal tracejado em vermelho. Essa demonstração está ilustrada na Figura 15.

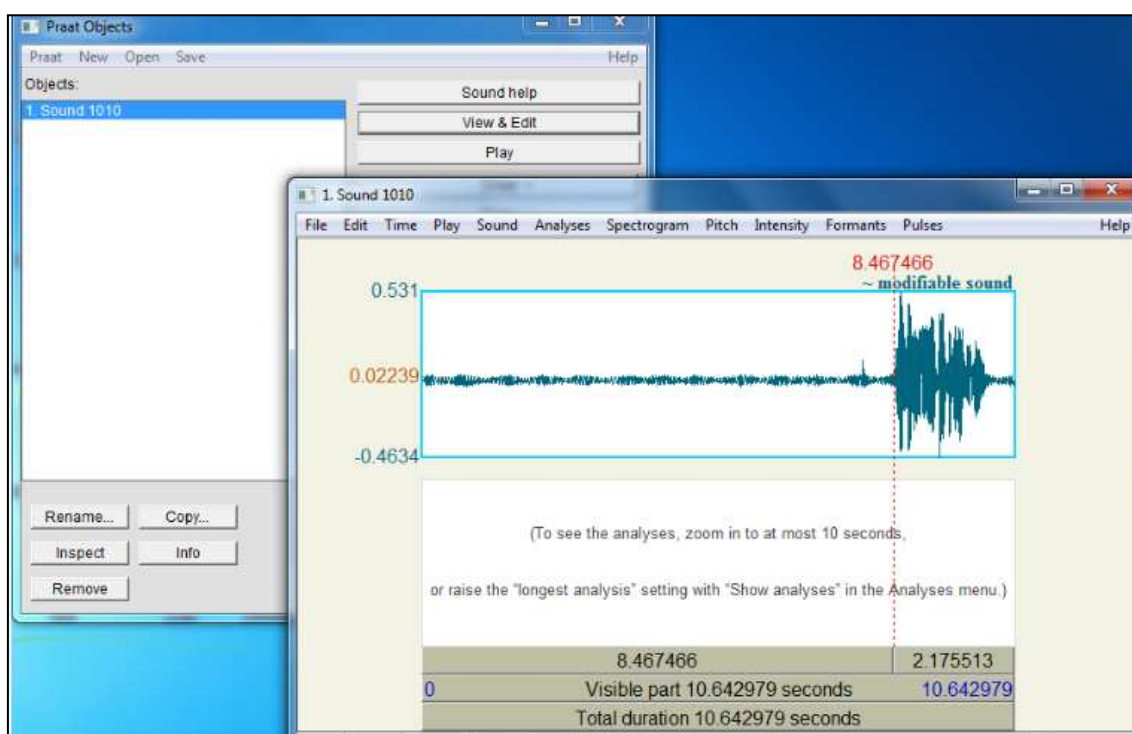


Figura 15. Layout do manuseio dos arquivos de áudio no Praat.

Fonte: Extraído do Praat

4.5.2 Categorias de análise

As categorias de análise foram consolidadas a partir das respostas dos participantes na tarefa de interpretação simultânea da Libras para o português das sentenças-experimentais.

Essa segunda etapa foi construída apresentando a sentença produzida pelos intérpretes, a partir das de partida e presentes no Apêndice 3; a palavra-alvo e a palavra-produzida, que é a referente a datilologia e a expressa; a categoria em que se enquadra a interpretação da datilologia (i.e., equivalência semântica ao texto de partida, erro, omissão, mudança de classe gramatical e indeterminação referencial); o tempo, em segundos, de início da sentença produzida; e eventual pausa, também em segundos, durante a produção das sentenças. Essa pausa é calculada suprimindo o começo do tempo da segunda parte da sentença do término da primeira.

O compilado dessas informações e alguns dos seus respectivos exemplos reais, oriundos dos dados desta tese, são esboçados no Quadro 7.

Categoria de análise	Palavra-alvo	Palavra produzida	Sentença produzida	Tempo de início da sentença produzida	Pausa intrasentencial
Equivalente	Bagagem	Bagagem	Vontade de viajar, mas...minha bagagem sumiu	2.646	2.933
Erro	Soroban	Orasban	Meu aluno usa... orasban	2.702	3.501
Omissão	Caráter	-	Infelizmente, o diretor... não tem	2.105	2.964
Mudança de classe gramatical	Relator	Relatar	O presidente escolheu o deputado... para relatar o projeto	1.947	1.337
Indeterminação referencial	Monitor	Alguma coisa	Eu comprei... alguma coisa	1.956	1.518

Quadro 7. Sistematização para a análise das interpretações

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme já explicitado, houve um intervalo de 11s para que as interpretações de cada sentença fossem registradas. Aquelas que se mostraram incompletas, sendo

interrompidas por esse tempo, ou em que os intérpretes pronunciaram “não entendi” ou “não sei”, foram catalogadas como “Descarte”. As sentenças em que os intérpretes não manifestaram qualquer indício verbal, situaram-se como “Omissão”.

Das cinco categorias de análise, importa esclarecer que a equivalência se trata do acerto do intérprete, ao produzir, em português, exatamente a palavra soletrada em Libras. Por outro lado, em caráter simplório, o erro é o distanciamento ou a distorção do que está no texto de partida e é encontrado no de chegada.

A omissão, por sua vez, merece destaque, pois figura-se como movimentos intencionais ou não, em que há a supressão de algum item ou trecho da informação na língua de chegada, considerando a de partida, não curvando, necessariamente, a uma deterioração dos sentidos das mensagens, como explanam Napier (2015) e Tayebi (2025).

Aspectos de ordem linguística (e.g., estruturas sintáticas, densidade lexical), discursiva (e.g., sotaque, velocidade de fala) e situacional (e.g., ruídos sonoros e visuais do ambiente) são elencados como os mais tendenciosos a omissões. Diante dos gatilhos de problemas (Gile, 2009; 2021) em meio a interpretação simultânea e a conseqüente elevação da carga cognitiva, a omissão assume uma função compensatória indispensável para preservar o fluxo das informações e a coerência contextual na produção para a língua de chegada. Por essa razão, Tayebi (2025, p. 39) advoga que a omissão emerge “[...] como uma resposta cognitiva e uma estratégia adaptativa [...]”.⁶⁷

Inicialmente, a mudança de classe gramatical não era esperada, apesar de ser um mecanismo derivacional possível das línguas. De acordo com Maroneze (2011), sob a perspectiva da gramática cognitiva,⁶⁸ esse processo possui motivação

⁶⁷ Tradução de: “[...] as both a cognitive response and an adaptive strategy [...]”.

⁶⁸ Esta abordagem considera as unidades da linguagem como uma estrutura semântica e representação fonológica. Esta tese não pretende aprofundar ou debater a concepção e a relevância dessa teoria. O único propósito foi conceituar a mudança de classe gramatical.

semântica, alterando o perfil do significado na unidade lexical. Essas mudanças ocorrem na expectativa do falante em engendrar o significado de uma outra forma, destacando alguns aspectos em detrimento do outro. Em português, o autor sublinha a existência de seis tipos de mudança, ao considerar somente as classes gramaticais de cunho lexical (i.e., substantivo/nome, verbo e adjetivo).

Outra categoria que, a princípio, surpreendeu, foi a indeterminação referencial. Em consonância à Faggion (2008) e Dias e Ladeira (2013), esse termo compõe o escopo de estudos sintáticos e semântico-pragmáticos, e reporta-se a uma relativa dificuldade ou inviabilidade do interlocutor de delimitar, precisamente, o referente existente em uma sentença. Tal situação pode ocorrer, por exemplo, em razão da lacuna de sujeitos identificáveis, do emprego de pronomes indefinidos ou mesmo em construções ambíguas. Entretanto, neste estudo, os itens considerados indeterminados foram nomes ou verbos, e não se tratam, necessariamente, de sujeitos das sentenças.

No âmbito do Estudos da Interpretação, outra nomenclatura utilizada para essa questão pode ser “expressões vagas”, conforme abordam Meyer e Pawlack (2010). Segundo os autores, esses elementos (e.g., por volta de; espécie de; basicamente) são incorporados ao texto de chegada, seja como acréscimo, seja como substituição ao léxico de partida, com o intuito de demarcar a informação posta ou, mais que isso, atenuar a sua carga semântica perante o público, mesmo sem a presença de potenciais gatilhos de problema. Por isso, Pöchhacker (2004) destaca que essas expressões são discutidas e inseridas nesse campo (inter)disciplinar em contextos de polidez e subjetividade.

Apesar de não haver uma fundamentação ou motivação clara quanto a esse uso, Meyer e Pawlack (2010) sugerem que elas sucedem em resposta a possíveis problemas referentes ao processamento, a limitações de memória ou o desconhecimento dos intérpretes. Essa ponderação culmina da pesquisa

desenvolvida por eles e que aborda a interpretação consecutiva e simultânea do português brasileiro para o alemão de nomes próprios produzidas por cinco intérpretes. Os autores constataram que o uso das expressões vagas não estava atrelado ao tempo e, por conseguinte, ao modo da interpretação, mas foram utilizadas em circunstâncias nas quais haviam nomes desconhecidos pelos intérpretes, termos técnicos e ou informações/pensamentos novos e inusitados.

Em posse dos dados gerados, os dos testes de fluência e da tarefa interpretativa foram analisados sob o viés estatístico,⁶⁹ por meio do Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (*Statistical Package for the Social Sciences*), o *software* SPSS.⁷⁰ Esse pacote permite flexibilidade e possibilidades de uso, a depender da amostra e dos objetivos que o interessado possuir. Strelhow e Câmara (2011) destacam a necessidade de, inicialmente, o pesquisador conhecer os seus dados para, então, escolher os testes e efetuar a análise estatística, que pode ser descritiva ou inferencial.

⁶⁹ Todas as tabelas e os gráficos estatísticos foram elaborados com o suporte do orientador desta tese.

⁷⁰ Plataforma IBM Corp. Released 2019. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 26.0. Armonk, NY: IBM Corp

Capítulo 5: Apresentação dos resultados

Neste capítulo, os resultados oriundos da avaliação das sentenças pelas pessoas surdas; dos testes de fluência verbal e da tarefa em interpretação pelos intérpretes, são detalhadamente apresentados.

5.1 Julgamento de aceitabilidade das sentenças-experimentais

Os dados da plataforma são exportados em arquivos com as respostas individuais de cada questionário e em resumo, na qual são detectadas a quantidade das respostas por pergunta, o somatório da avaliação, e a média aritmética delas. A intenção desta seção é averiguar se e como as variáveis classe gramatical, frequência e velocidade, utilizadas, neste estudo, na composição das datilologias, influenciam as notas de aceitabilidade atribuídas pelos respondentes surdos.

Os dados analisados referem-se a um pré-teste de validação de sentenças com datilologia, elaborado com o objetivo de verificar se essas sentenças seriam

adequadas para compor um experimento principal de interpretação simultânea da Libras para o português, a ser realizado com intérpretes. A proposta do pré-teste foi examinar se características como classe gramatical, frequência lexical e velocidade de reprodução influenciavam os julgamentos de aceitabilidade atribuídos por pessoas surdas às sentenças com informações datilológicas. A partir das respostas individuais extraídas da plataforma, constatou-se, inicialmente, que os dados apresentavam distribuição normal, conforme indicado pelo teste de Shapiro-Wilk (i.e., $p > 0,05$ para ambas as classes gramaticais), permitindo, assim, o uso de testes paramétricos. A homogeneidade das variâncias foi confirmada pelo teste de Levene (i.e., $p = 0,657$), o que reforça a adequação metodológica para a aplicação dos testes t de Student e das análises de variância (ANOVA).

A primeira comparação envolveu a variável classe gramatical, a fim de averiguar se nomes comuns e verbos seriam julgados de forma distinta. Os resultados revelaram médias muito próximas para ambos os grupos (i.e., nomes: $M = 7,07$; verbos: $M = 6,99$), sem diferença estatisticamente significativa (i.e., $t(142) = 0,395$; $p = 0,694$). Esse padrão se manteve mesmo nas análises fatoriais, indicando que, no conjunto de dados analisado, a classe gramatical não exerce impacto relevante sobre a aceitabilidade atribuída às datilologias.

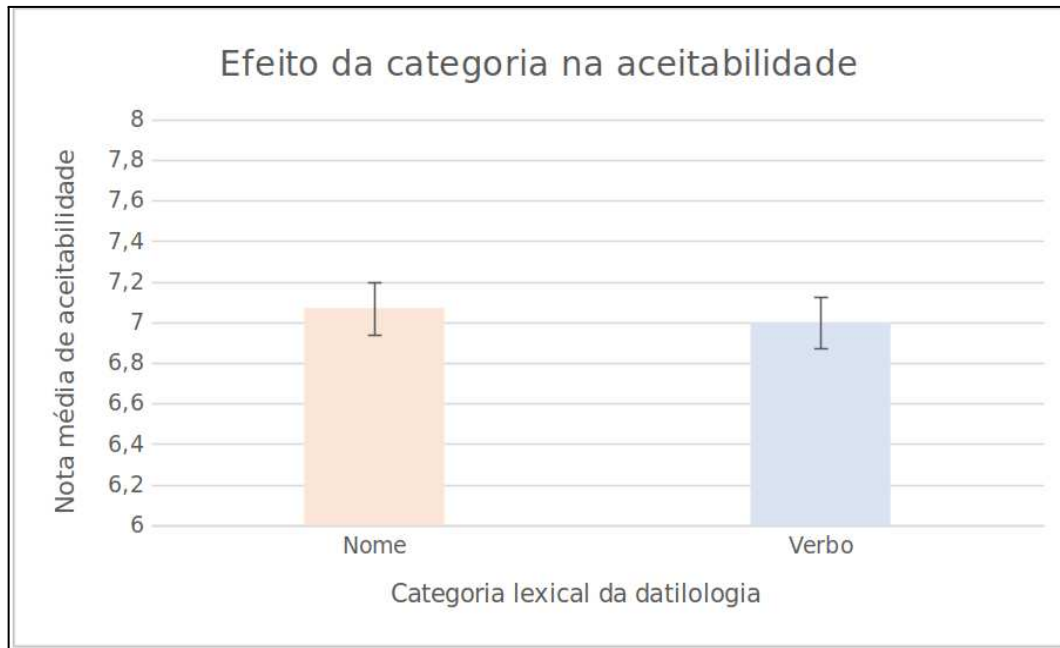


Gráfico 1. Efeito da classe gramatical sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.

Fonte: Elaboração nossa

Em relação à frequência lexical dos itens, observou-se uma diferença numérica mais expressiva: datilologias de itens frequentes obtiveram média de 7,21, enquanto os itens infrequentes apresentaram média de 6,86. A diferença, no entanto, permaneceu no limite da significância estatística (i.e., $t(142) = 1,932$; $p = 0,055$). Essa tendência se confirmou também nas ANOVAs fatoriais, com $p = 0,057$ na análise 2x2 e, $p = 0,058$ no modelo com três variáveis. Embora os valores de p não estejam abaixo do limiar convencional de 0,05, a consistência do padrão observacional sugere que a frequência pode influenciar, ainda que de forma sutil, os julgamentos de aceitabilidade — um achado coerente com a literatura sobre processamento lexical, que alude a frequência como um fator de acesso mais automatizado e menos custoso cognitivamente (Brysbaert; Manderá; Keuleers, 2018).

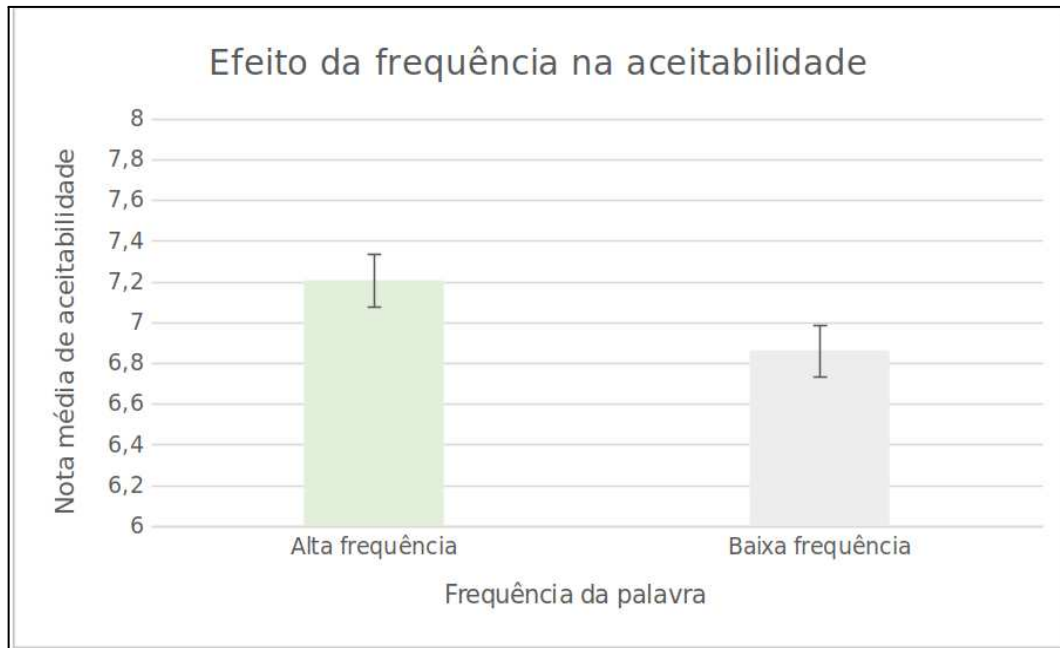


Gráfico 2. Efeito da frequência lexical sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.

Fonte: Elaboração nossa

No tocante à velocidade de reprodução das datilologias (i.e., normal, lenta ou acelerada), os resultados não revelaram qualquer diferença significativa entre as condições (i.e., ANOVA: $F(2,141) = 0,097$; $p = 0,908$). As médias entre os grupos foram praticamente equivalentes (i.e., normal: $M = 7,00$; lenta: $M = 7,01$; acelerada: $M = 7,09$), o que sugere que a manipulação da velocidade de apresentação não afetou as avaliações dos participantes, mesmo quando considerada em interação com os demais fatores. Esse dado pode indicar que, para falantes nativos de Libras, o ritmo de exposição das datilologias não interfere diretamente na percepção de aceitabilidade, ao menos dentro da faixa de variação testada.

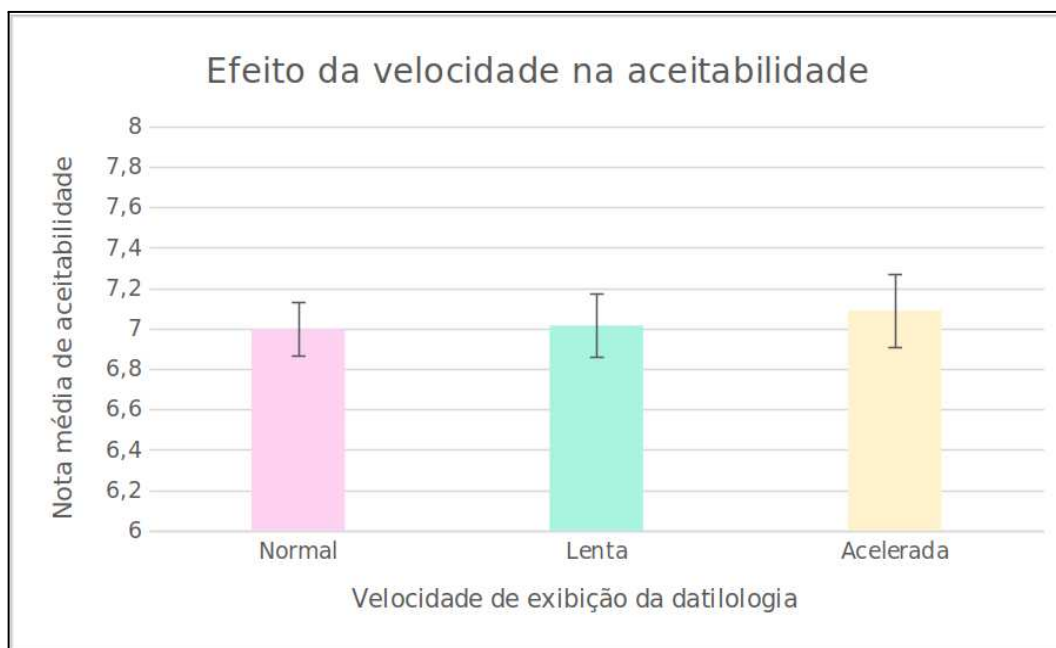


Gráfico 3. Efeito da velocidade de exibição sobre as notas de aceitabilidade atribuídas por participantes surdos.

Fonte: Elaboração nossa

Na análise fatorial 2x2x3, que considerou simultaneamente classe, frequência e velocidade, nenhum dos efeitos principais ou interações atingiu significância estatística. A frequência permaneceu como a única variável com tendência ao efeito (i.e., $F(1,132) = 3,645$; $p = 0,058$), enquanto classe (i.e., $F(1,132) = 0,156$; $p = 0,693$) e velocidade (i.e., $F(2,132) = 0,098$; $p = 0,907$) não mostraram relevância. As interações entre variáveis — classe × frequência; classe × velocidade; frequência × velocidade —, bem como a interação tripla, tampouco apresentaram efeitos significativos. Apesar de algumas flutuações visuais nos gráficos — como a queda da aceitabilidade em nomes infrequentes reproduzidos em velocidade acelerada, ou o aumento em verbos frequentes apresentados lentamente —, essas variações não foram estatisticamente confirmadas, o que limita inferências mais robustas.

Em conjunto, os resultados indicam que a classe gramatical das palavras representadas nas datilologias e a velocidade com que são apresentadas não afetam significativamente os julgamentos de aceitabilidade realizados por pessoas surdas

falantes da Libras. A única variável que demonstrou um padrão consistente — ainda que não conclusivo estatisticamente — foi a frequência lexical. Itens mais comuns na língua tenderam a receber avaliações mais altas, o que pode ser concebido como uma familiaridade que contribui para uma percepção mais fluida e natural da datilologia. Ainda que esses efeitos não tenham sido suficientemente fortes para atingir significância nos testes realizados, seu comportamento sugere um caminho promissor para investigações futuras, especialmente com amostras ampliadas ou manipulações mais refinadas da frequência.

Do ponto de vista do experimento principal, os achados do pré-teste são positivos. As sentenças com datilologias apresentaram níveis satisfatórios de aceitabilidade geral, sem distinções relevantes atribuídas a variações formais de classe ou de velocidade. Com isso, é possível afirmar que as sentenças selecionadas foram validadas como estímulos adequados para o estudo subsequente de interpretação da Libras para o português, o que fortalece a confiabilidade do material experimental e afasta a possibilidade de que a aceitabilidade dos sinais, por si só, venha a interferir nos resultados da tarefa de interpretação.

5.2 Questionário de competência em interpretação

De acordo com a explanação realizada na subseção 4.4.2, o questionário de competência em interpretação aplicada aos 12 participantes desta pesquisa foi organizado em Módulos, sendo, respectivamente, o A1 e o A2 com os dados pessoais e a aquisição da Libras; o C1 a experiência profissional; e o C2 a competência em interpretação. Por isso, a apresentação e a discussão dos resultados será manifestada seguindo essa estrutura, em três seções. Algumas respostas, quando registradas de modo discursivo e com muitas variações, serão apresentadas em quadros e tabelas, de modo a facilitar a apresentação. As demais, em gráficos.

5.2.1 Primeira seção - dados pessoais e aquisição da Libras

Esta primeira seção intui conhecer os respondentes, direcionada, principalmente, a questões de escolaridade, de fluência das línguas e de aquisição da Libras. Houve seis questionamentos referentes aos dados pessoais, e nove, com dois desdobramentos adicionais, no que tange à aquisição da Libras, sendo todas obrigatórias.

Algumas perguntas eram abertas e, por se tratar de um dado demográfico, serão reunidas no Quadro 08.

Participante	Idade (anos)	Idade de aprendizagem da Libras (anos)	Certificado de proficiência (ano de obtenção)
P01	36	16	ProLibras (2015)
P02	41	17	ProLibras (2013)
P03	39	0	ProLibras (2006)
P04	36	0	ProLibras (2006)
P05	34	21	CAS-MG (2017)
P06	44	20	ProLibras (2009)
P07	42	29	CAS-MG (2018)
P08	24	17	CAS-MG (2023)
P09	36	22	--
P10	41	28	--
P11	38	29	--
P12	40	17	ProLibras (2008)

Quadro 8. Dados demográficos dos participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Esses dados evidenciam que o grupo de intérpretes possui experiência, sendo as maiores parcelas abarcando pessoas dos 34 a 44 anos de idade. Ao mesmo tempo, nota-se que os mais jovens também têm se interessado por essa profissão.

Em relação à idade de aquisição ou de aprendizagem da Libras, os dados são interessantes, pois revelam que, atualmente profissionais, alguns intérpretes aprenderam a Libras mais jovens. É válido frisar que, nessa delimitação da idade, as participantes Coda, mencionam que o período de aprendizado/aquisição sucedeu desde muito cedo. O aspecto da aquisição ou da aprendizagem de língua materna e de língua estrangeira, há tempos, é debatido no escopo da linguística teórica e aplicada. De acordo com Eckert e Frosi (2015) e Casimiro e Souza (2022), a aquisição estaria relacionada ao processo mais biológico e natural de contato e de convivência com os falantes, enquanto a aprendizagem demandaria um movimento de prática e de escolarização, por meio de cursos formais e institucionais, nas quais elementos e regras gramaticais seriam explorados. Como os intérpretes deste estudo possuem a Libras como primeira ou segunda língua, ambos os conceitos e termos são considerados.

Os participantes foram indagados se possuíam algum certificado de proficiência da Libras, em que, primeiramente, deveriam assinalar somente “Sim” ou “Não”. Nove deles, o que corresponde a 75%, afirmaram possuir. Na sequência, em duas questões, eles informaram qual o certificado de proficiência e o ano ou a idade de obtenção.

A proficiência em uma língua é realizada a partir de um teste específico, a depender da finalidade (i.e., intérprete, professor), na qual se atesta o conhecimento avançado do candidato, envolvendo os processos de compreensão e de produção (i.e., oral e ou escrita) (Consolo; Colombo; Queiroz, 2025).

O exame ProLibras, doravante Programa Nacional para a Certificação de Proficiência em Libras, se destinado aos professores de Libras; e a Certificação de

Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras/Língua Portuguesa para os tradutores e intérpretes, foi um marco no Brasil. Quadros *et al.* (2009) destacam que a sua criação e instituição, corroborada pelo Ministério da Educação (MEC), ocorreu em 2006, com a aplicação da primeira edição pela UFSC, em uma época na qual as formações específicas para as profissões nas quais ele se designava eram escassas.

A intenção era promover edições anuais ao longo de dez anos, mas apenas sete foram efetivadas (i.e., anos 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012-2013 e 2015). Guedes (2020) discute que essa lacuna na oferta decorreu em razão da alteração, em 2010, por questões burocráticas da Administração Pública Federal, de responsabilidade pela elaboração e aplicação da universidade supracitada para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Esse movimento culminou em um atraso na implementação do exame e, devido à experiência precedente da universidade, o instituto estabeleceu um termo de cooperação com ela. Ainda, segundo Guedes (2020, p. 38), “ [...] entre os anos de 2006 e 2015 foram certificados mais de 4.000 tradutores e intérpretes de Libras-Português” [...].

Apesar de seis participantes deste estudo mencionarem o ProLibras, como já exposto, havia a possibilidade de duas habilitações, para professores e para tradutores e intérpretes. Como a questão não solicitava detalhamento, não é possível afirmar em qual dessas os referidos intérpretes alcançaram a certificação.

Além dela, três relataram possuírem o certificado do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS) de Minas Gerais/Belo Horizonte. Este está vinculado à Secretaria de Estado de Educação e visa ofertar, entre outros, formação continuada para professores surdos e ouvintes e tradutores e intérpretes de Libras-português. Apesar de relevante, esse certificado se restringe à avaliar candidatos a atuarem como intérpretes no âmbito educacional, nas escolas estaduais mineiras. Ele não possui a abrangência ou a não especificação de contexto de atuação como o ProLibras, por exemplo.

Ademais, é válido frisar que, independente da certificação, ela ocorre em um espaço-tempo único. Caso as pessoas que os conquistaram não mantiveram os estudos e a prática profissional, por exemplo, podem não permanecer em condições de assumirem tarefas de natureza interpretativa.

Outra questão tocava no gênero das pessoas, havendo, como possibilidade apenas uma alternativa a ser assinalada, feminino; masculino e outro. Nesse caso, se houvesse a marcação dessa terceira opção, o respondente poderia expressá-la, uma vez que estava seguida de um espaço para a sua especificação — apesar de poder ser algo conflitante. O Gráfico 4 revela essa composição.

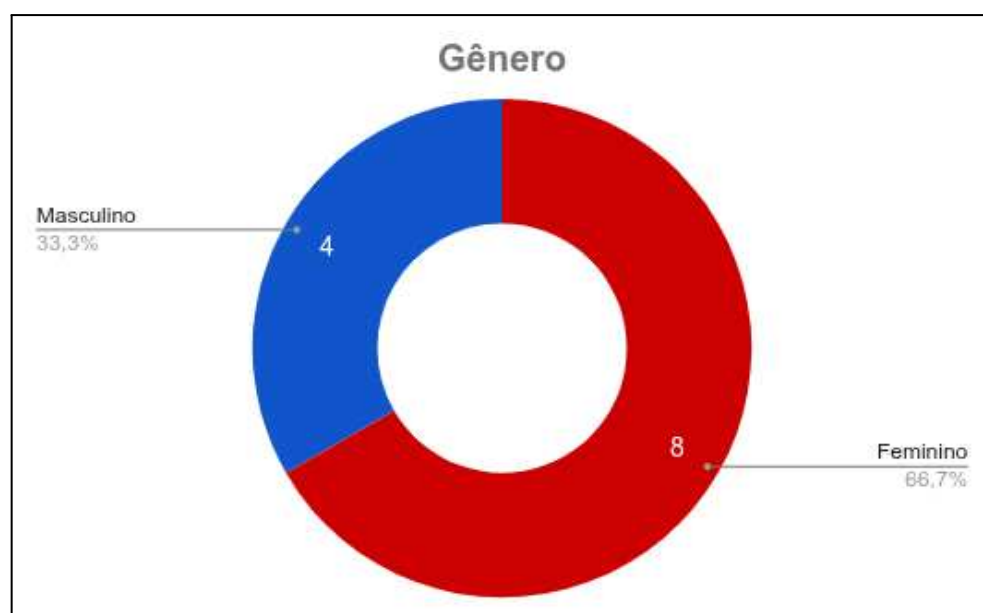


Gráfico 4. Gênero dos participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Este estudo possui um maior quantitativo de mulheres, 8. Aqui, não é possível implementar qualquer ilação a esse respeito, pois as participações dos intérpretes ocorreram a partir de contato prévio do autor. Contudo, outros estudos nacionais e internacionais que abordam questionários e ou discussões mais pontuais acerca do gênero biológico na interpretação envolvendo as línguas de sinais, constataam que o

feminino é predominante (Lacerda; Gurgel, 2011; Artl, 2015; Gomes; 2020; Silva, 2021).

Assim como no questionário de competência interpretativa original, neste, não foi acrescentado uma questão que tange às identidades de gênero, por exemplo, pois, conforme Nicoloso (2015) ressalta em seu estudo de interpretação simultânea em contexto acadêmico formal de uso das modalidades de tradução, não foi possível verificar como e se esse aspecto impacta o processo interpretativo. Todavia, a interseccionalidade é uma importante pauta a ser expandida e fortalecida nos Estudos da Interpretação.

A pergunta seguinte era de múltipla escolha e tratava-se do grau mais alto de escolaridade dos respondentes, sendo permitida somente a seleção de uma. As opções abarcavam do ensino médio a pós-graduação *stricto sensu* - doutorado, passando por três modalidades de graduação (i.e., licenciatura, bacharelado e tecnólogo); por pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* - mestrado, além de um espaço para manifestar outro. O Gráfico 5 exhibe as formações mencionadas pelos intérpretes.

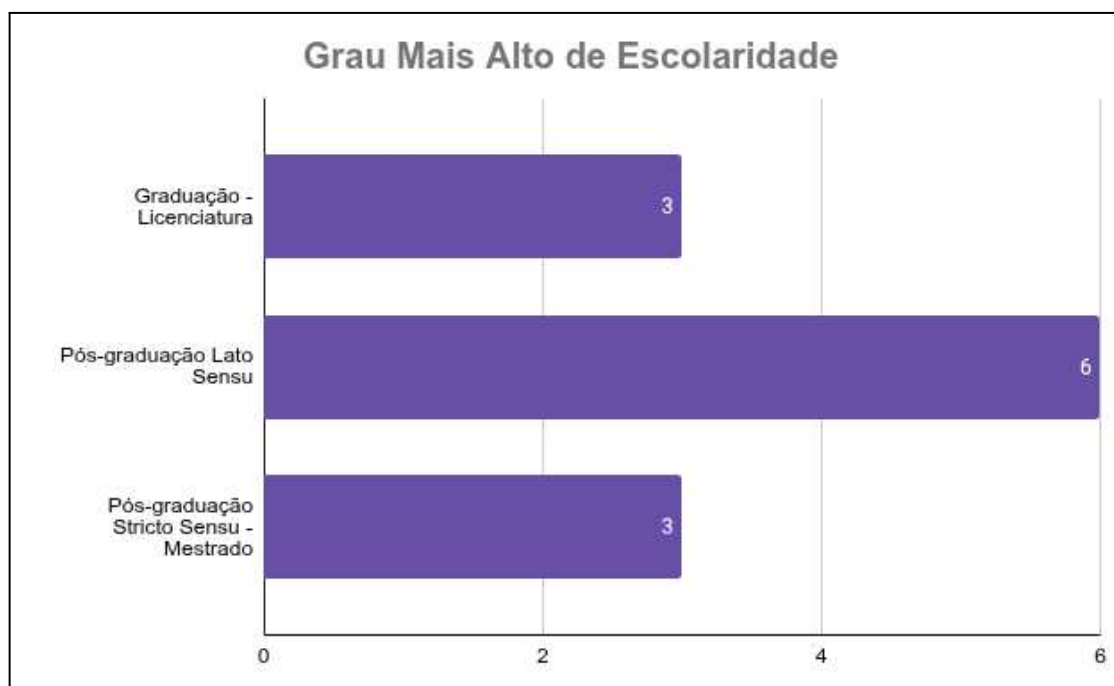


Gráfico 5. Grau de escolaridade dos participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Em subseção posterior será possível conhecer todas as graduações dos participantes. Por ora, nota-se que 50% dos intérpretes possuem a pós-graduação *lato sensu*, e 25% mestrado, demonstrando uma busca por formação acadêmica continuada. Outra parcela, 25%, aponta que o maior grau de escolaridade é a graduação em alguma licenciatura, acenando para uma possível tendência formativa no que concerne ao escopo da educação. Vale frisar que a interpretação educacional, por exemplo, é o contexto que, até o momento, mais acolhe os intérpretes de línguas de sinais (Lacerda; Gurgel, 2011; Gomes, 2020; Silva, 2021).

Outra questão, aberta, e sob um prisma mais linguístico, indaga os informantes a respeito das línguas que falam, e não guarda relação obrigatória com a tarefa de interpretação ou mesmo com a fluência. Essas informações podem ser verificadas no Gráfico 6.

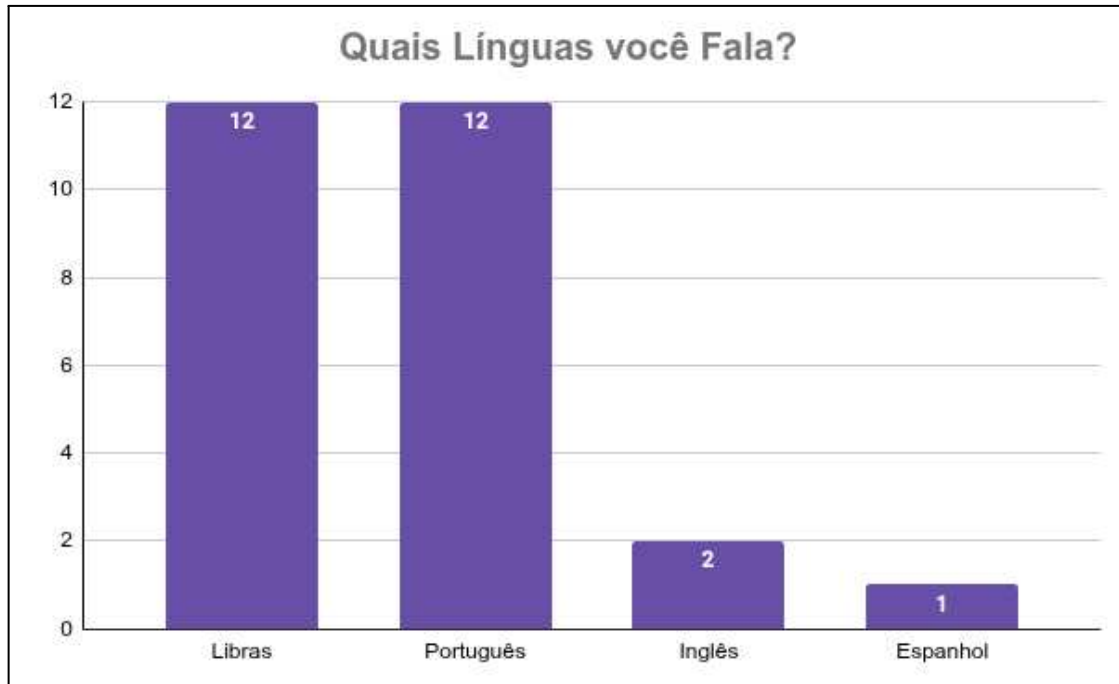


Gráfico 6. As línguas dos participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Esta questão permitia a inserção de quaisquer línguas, sendo encontrado a citação do inglês e do espanhol, por duas e uma pessoa, respectivamente. Entretanto, como esta pesquisa lida com intérpretes que realizariam uma tarefa envolvendo a Libras e o português, ambas as línguas foram aludidas por todos.

Em referência à questão anterior, a próxima, também aberta, pergunta em qual dessas línguas os participantes eram fluentes antes dos sete anos de idade. Essa delimitação está em consonância à idade na qual os complexos processos de aquisição de uma língua são desenvolvidos. Todavia, salienta-se que a fluência, condição na qual os falantes conseguem compreender, expressar e interagir diretamente em determinada língua, não é consolidada somente pela idade, mas também por interações com os interlocutores (Grosjean, 2016). O Gráfico 7 expõe esses dados:

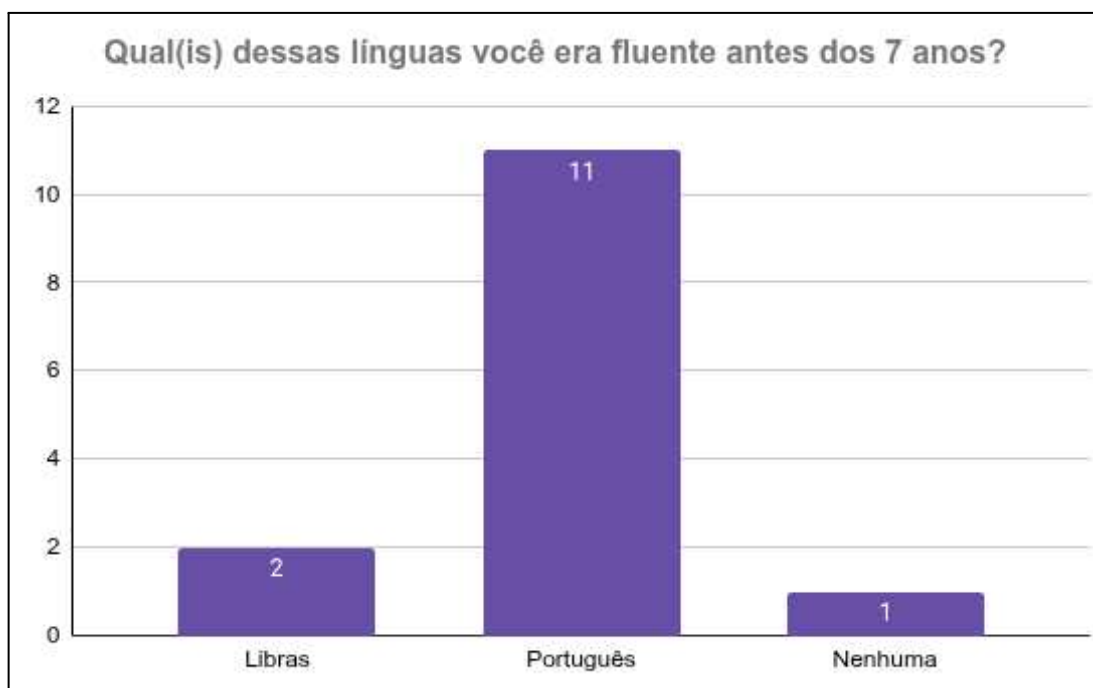


Gráfico 7. Línguas de fluência dos participantes antes dos sete anos.

Fonte: Elaborado pelo autor

Como descrito na seção dos participantes desta pesquisa, houve a participação de duas pessoas Coda que, por isso, mencionaram fluência na Libras e no português antes dos sete anos de idade. Esse cenário, conforme explana Quadros (2017), legitima a essas crianças uma condição/geração única, por possuírem, além das experiências sonoras, em razão do contato com as pessoas ouvintes e com a língua oral, as visuais. Ainda, Vieira-Machado (2024, p. 3) adita que “a infância de um Coda pode ser compreendida como um processo contínuo de desenvolvimento, onde a língua, como um acontecimento, molda as suas subjetividades”.

O português, para 11 participantes, foi referenciado como a língua de fluência, incluindo as pessoas Coda. Um intérprete demarcou “nenhuma”, antes dos sete anos de idade, indicando não ser fluente em nenhuma das línguas. Como a questão não solicitava esclarecimentos e a pessoa, ao preencher, não inseriu justificativa, não é possível inferir a razão ou o desdobramento de tal menção. Em contrapartida,

conforme os dados dos testes de fluência, que serão declarados na seção posterior, essa resposta não comprometeu o desempenho.

Em continuidade a esse ponto, a questão seguinte objetiva saber, das línguas supracitadas, qual a de instrução nas escolas, durante o processo de escolarização básica (i.e., fundamental I, II; e médio).

Como esperado, todos os intérpretes se reportaram ao português como língua de instrução. Apesar da amostra possuir participantes Coda, a educação bilíngue de Libras e português escrito, por exemplo, ainda é uma realidade inóspita às pessoas surdas. As crianças e jovens Coda poderiam também ser atendidos nessas escolas, que abordam ambas as línguas. Não obstante, Vieira-Machado (2024) pondera que os currículos e os planejamentos educacionais necessitam ser orientados para uma alfabetização que considere a especificidade desse público.

A próxima pergunta, de múltipla escolha, se debruça a conhecer o meio determinante para o aprendizado da Libras pelos intérpretes. Havia cinco opções e todas foram preenchidas, como designa o Gráfico 8, sendo possível assinalar mais de uma.

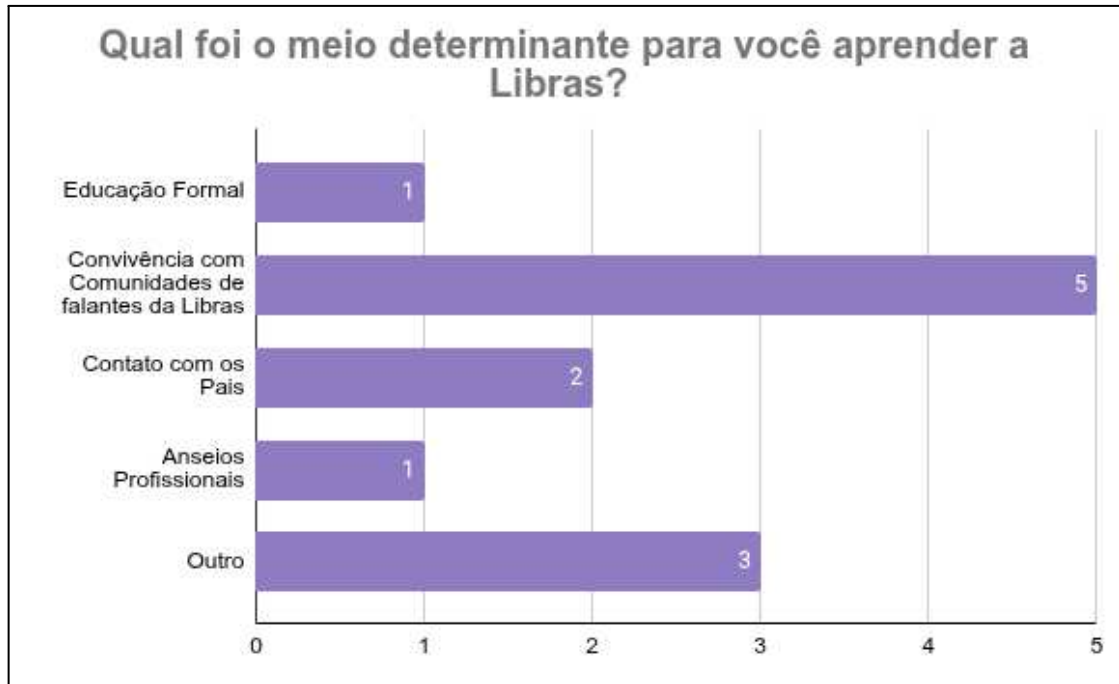


Gráfico 8. Meio determinante para o aprendizado da Libras pelos participantes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Apesar da dicotomia conceitual entre aquisição e aprendizagem, ao cotejar o meio determinante para a aprendizagem da Libras e a idade em que essa aprendizagem ocorreu, percebe-se que a convivência com as comunidades de falantes dessa língua, incluindo ouvintes, se sobressaiu. Não é possível estabelecer uma relação direta ou mesmo afirmar como se deu. Por outro lado, como se passa em um período de escolarização básica ou superior, é possível inferir que o contato com vizinhos e amigos surdos e ouvintes (e.g., intérpretes) tenha sido preponderante para tal.

A educação formal e os anseios profissionais, por sua vez, obtiveram menor incidência, indicando que o interesse e o aprendizado pela língua surgiu precedentemente ao se tornarem intérpretes.

Como esperado, diante do intenso e umbilical contato, as pessoas Coda adquiriram a Libras em contato com os pais. Ainda, a opção “outros” foi reconhecida

por três participantes, ao acrescentarem que esse meio se tratava da igreja, do contato com um estudante surdo, e por curiosidade.

A próxima questão era de múltipla escolha e destinava saber com quem os intérpretes falam em Libras. As cinco opções disponíveis foram consideradas e mais de uma poderia ser assinalada, como demonstra o Gráfico 9.



Gráfico 9. Grupos com quem os intérpretes falam em Libras.

Fonte: Elaborado pelo autor

As respostas como amigos e colegas de trabalho se destacaram (i.e., 12 e oito), pois são nichos transversais ao contato dos intérpretes, e dialogam com o meio determinante de aprendizado da Libras.

As respostas referentes ao contato com os pais e demais familiares também é notória, pois há Coda no estudo. Entretanto, outro participante não Coda marcou “demais familiares”.

As duas respostas no que tange à “outros” foram justificadas como esposa e comunidades surdas. Talvez, a menção à esposa seja a mesma referente aos demais

familiares, mas não é possível confirmar tal dubiedade. Por outro lado, apesar de as comunidades surdas também se sobreporem a amigos e colegas de trabalho, provavelmente a pessoa estava se reportando a outros espaços.

Na questão seguinte, o ponto é a frequência em que os respondentes falam em Libras. Para isso, o questionário apresentou três espectros de horas como opção e solicitou que a escolha fosse feita pela que mais se aproxima da situação na qual vive. O Gráfico 10 traz essas informações.

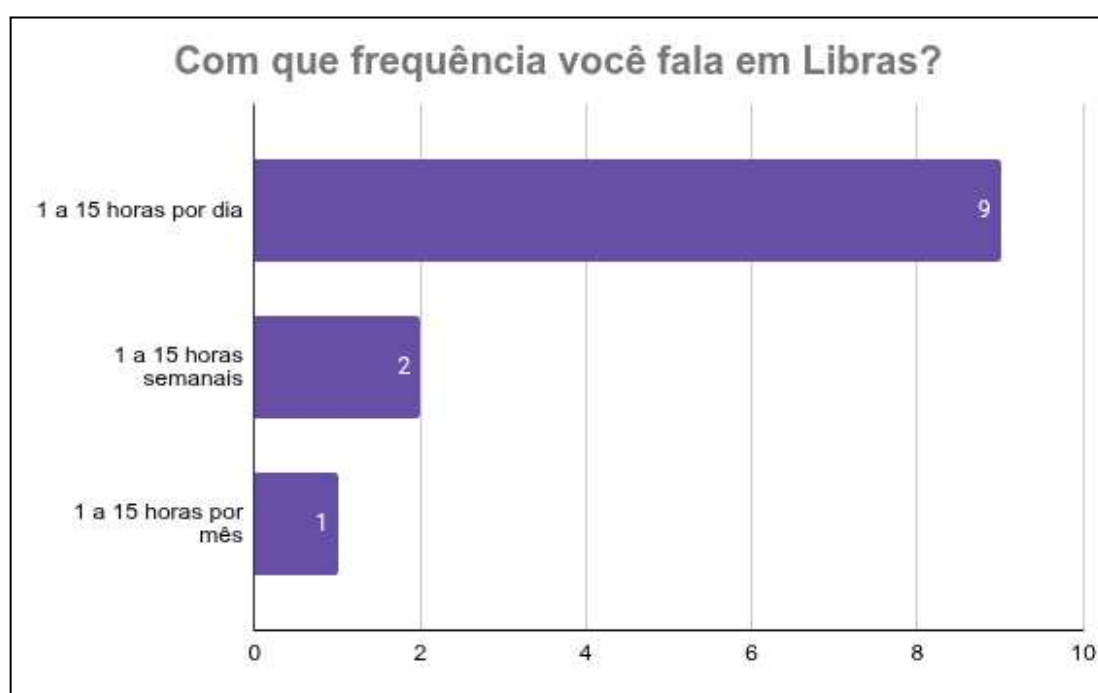


Gráfico 10. Frequência em que os intérpretes falam em Libras.

Fonte: Elaborado pelo autor

A computação dessas horas ocorreu em níveis de dia, semana e mês. A maioria, nove, inferiu com até 15 horas diárias. Porventura, esse alto quantitativo tenha sido marcado pelo fato dos respondentes o associarem à atuação como intérprete e não somente em situações cotidianas. Outros foram mais modestos ao conjecturar até 15 horas semanais ou mesmo mensais.

Ainda sob a perspectiva das estimativas, a Tabela 2 apresenta um compilado das respostas discursivas para quatro questões, em que os informantes ponderaram

quantas horas semanais leem textos em sua língua materna; assistem a vídeos em Libras; ouvem conteúdo em português; e assistem a TV/séries/filmes em sua primeira língua. Apesar de relativo, essa questão não delimita os gêneros textuais, sendo possível admitir quaisquer materiais.

Participante	Leitura de textos em L1 (horas/Semana)	Vídeos em Libras assistidos (horas/Semana)	Conteúdo em L1 ouvido (horas/Semana)	TV/filme/séries em L1 assistidos (horas/Semana)
P01	2	2	20	20
P02	36	24	0,5	1
P03	3	3	0	0
P04	10	7	20	10
P05	4	1	2	5
P06	8	1	20	3
P07	5	10	10	8
P08	20	2	14	0
P09	5	2	1	3
P10	2	1	2	0
P11	5	2	2	1
P12	30	8	30	20

Tabela 2. Dados do questionário, referentes ao contato com materiais nas línguas.

Fonte: Elaborado pelo autor

Na questão referente à leitura de textos, as pessoas Coda se circunscreveram ao português. Todavia, sabe-se que a Libras também possui textos escritos, porém em menor quantidade, fluxo e difusão social.

Nos vídeos em Libras, apesar do registro, é passível ressaltar que a língua estará em modalidade oral de uso, ou, na concepção de Silva (2019), videossinalizada. Ainda que não seja possível traçar um nível comparativo, já que são intervalos, línguas (i.e., português e Libras) e modalidades de uso (i.e., oral e escrita) distintas, os intérpretes informaram depreender um maior tempo semanal para a leitura de textos em sua primeira língua do que para assistir a vídeos em Libras, na segunda ou também primeira.

5.2.2 Segunda seção - experiência profissional

Esta seção intenta se inteirar da experiência profissional de cada um dos participantes do estudo, considerando a atuação e a formação. Foram cinco questionamentos principais, sendo que alguns, a depender da resposta, possuíam perguntas adicionais.

A primeira questão era a respeito da atual situação dos respondentes, na qual havia quatro opções a serem escolhidas, a saber, intérprete-aprendiz; intérprete-profissional; professor de Libras; e bilíngue sem qualquer treinamento para a interpretação. Todos os 12 se identificaram como intérpretes-profissionais, reforçando a condição para a participação nas demais etapas deste estudo. Caso algum deles optasse por intérprete-aprendiz, duas questões seguintes, no que tange ao ano e ao curso que realiza, seriam respondidas.

Uma pergunta discursiva seguinte alude ao par linguístico de trabalho, e exhibe no Gráfico 11 o que já era esperado.



Gráfico 11. Par linguístico de trabalho dos intérpretes.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os 12 intérpretes responderam que o par linguístico de trabalho envolve a Libras e o português, centro desta pesquisa. É válido realçar a alusão ao inglês e Libras, pois esse cenário tem se ampliado em eventos acadêmicos e em conferências, nas quais as línguas de sinais têm sido de partida ou de chegada de ou para línguas estrangeiras, como denotam Santiago e Turcado (2023). Contrastando com o Gráfico 6, que indagou as línguas que os sujeitos possuem fluência, percebe-se que, apesar do inglês ter sido indicado por duas pessoas e o espanhol por uma, elas não são línguas que compõem o trabalho como intérpretes.

Houve perguntas discursivas em torno da formação inicial universitária (i.e., graduação), do treinamento profissional e da idade à época em que realizou tal capacitação, como é apresentado no quadro a seguir.

Participante	Graduação	Treinamento profissional	Duração do treinamento profissional	Idade à época (anos)
P01	Pedagogia	CAS-MG	1 semana	22
P02	Sistema de Informação e Letras-Libras	ProTILS	6 meses	30
P03	Letras-Libras e Jornalismo	-	-	-
P04	Letras-Libras e Psicologia	-	-	-
P05	Letras-Libras e Letras-Português	-	-	-
P06	Enfermagem; Letras-Libras e Pedagogia	-	-	-
P07	Letras-Libras	CAS-MG	1 semana	28
P08	Pedagogia	-	-	-
P09	Letras-Português e Letras-Libras	-	-	-
P10	Letras-Espanhol	Pós-Graduação em Libras	24 meses	28
P11	Letras-Libras	Cursos livres	6 meses	29
P12	Ciências Biológicas	-	-	-

Quadro 9. Dados do questionário, referentes à formação.

Fonte: Elaborado pelo autor

Alguns sujeitos inseriram mais de uma graduação, demonstrando a diversidade presente como em Sistema de Informação, Jornalismo, Enfermagem,

Psicologia e Ciências Biológicas, todas com uma menção; Pedagogia com duas; Letras-Português com duas; Letras-Espanhol, uma; e Letras-Libras, oito.

Historicamente, os intérpretes e tradutores de Libras-português possuem formações iniciais variadas e difusas que, por vezes, não dialogam diretamente com a atuação profissional. Dessa forma, o aprendizado da Libras ocorre em meio ao constante contato, prática e afeto às comunidades surdas, sendo ratificado, neste grupo.

É interessante observar o destaque para os cursos de Letras que, juntos, alcançaram 11, e podem ser realizados como licenciaturas e ou bacharelados. Não possuímos elementos consistentes para afirmar de qual se trata, pois, apesar do Gráfico 5 mencionar a graduação-licenciatura, outros participantes podem possuir o bacharelado, mas com titulação mais alta de pós-graduação. Ainda assim, verifica-se um movimento em se aproximar da grande área da Letras, que lida, substancialmente, com a linguagem e alguns campos como a linguística e a literatura.

Pensando especificamente na formação específica desses profissionais, a graduação em Letras-Libras bacharelado ou em nomenclaturas adjacentes como tradução e interpretação ou tradutor e intérprete, seria a mais recomendada, possibilitando mais aprofundamento na área e reconhecimento profissional, como sustenta Rodrigues (2019). No Brasil, até o momento, existem nove cursos, sendo sete presenciais, em oito universidades federais, a saber, UFSC, pioneira, que possui um curso presencial e um em formato de educação à distância; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); UFG; Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade Federal de São Carlos (UFScar); UFRGS; e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), o mais recente e com curso em educação à distância.

É sabido que todos os participantes concluíram uma graduação, mas somente cinco participaram de um treinamento profissional em interpretação. Dos

treinamentos informados, dos quais a mesma poderia ter feito mais de um, insere-se uma indicação de pós-graduação em Libras, cuja duração é mais longa, 24 meses. A princípio, essa informação poderia ser contraditória, uma vez que pede-se um treinamento antes da graduação. Todavia, alguns respondentes possuem mais de uma formação inicial. Por isso, é provável que esse treinamento profissional em interpretação tenha ocorrido antes da graduação que, ao julgamento do sujeito, mais se aproxima do momento em começou a atuar na área e com a sua formação superior enquanto intérprete.

O CAS-MG, já citado na primeira seção quanto a certificação em proficiência, foi também tido por um participante como um curso de treinamento profissional, ainda que em curta duração. Esse Centro ofereceu, em Belo Horizonte ou em cidades de outras regiões que estivessem a ele vinculados, cursos intensivos com a finalidade de preparar os candidatos que buscam a certificação de intérpretes para atuarem nas escolas estaduais. Esses cursos, ministrados pelos professores-formadores ouvintes e surdos, continham módulos teóricos e práticos de linguística e de estratégias de interpretação.

Houve duas referências a cursos livres, que são promovidos e disponibilizados de maneira mais pulverizada e por distintas instituições.

Ainda, o ProTILS,⁷¹ que é o Projeto de capacitação de tradutores e intérpretes de língua de sinais, ofertado pela Faculdade de Letras da UFMG. O Projeto originou no ano de 2015, sendo que, recentemente, em 5 de julho de 2025, uma nova turma, destinada a intérpretes da educação básica, iniciou as atividades. O curso busca oportunizar o aprendizado e o aperfeiçoamento da prática profissional por meio de três módulos, como a introdução aos Estudos da Interpretação; a interpretação da Libras para o português; e a interpretação do português para a Libras.

⁷¹ Mais informações podem ser conhecidas e acessadas em: <<http://www.lettras.ufmg.br/protils/>>.

No que tange à idade à época dos cursos, um quantitativo maior, quatro, apresentou entre 28 e 30 anos, indicando que a graduação, pelo menos na área mais aproximada à interpretação, segundo os respondentes, foi alcançada mais tardiamente. Um realizou esse treinamento mais jovem, entre 20 e 22 anos. Esses intervalos são oriundos das respostas, que não cravaram exatamente um número.

Outra questão, com seus desdobramentos discursivos, foi dedicada a contemplar os participantes que também trabalhem ou se reconhecem como professores de Libras. Embora tenha havido respostas nessa condição, é importante reforçar que todos são intérpretes profissionais e atuam como tal.

Dos 12 participantes, dois responderam a essas questões, sendo que um, no momento da participação do estudo, estava em fase de conclusão do mestrado e a outra já havia concluído.

Em relação ao ano de conclusão do curso, um foi em 2022 e outro cita duas graduações, em 2015 e em 2022. Possivelmente, uma dessas formações seja em Letras-Libras e a outra em uma área da Letras que a permitia atuar como professora de Libras.

No que tange ao local e aos níveis de ensino em que trabalha como professor de Libras, apenas uma resposta foi constatada, se referindo a aulas e faculdade particulares. Para essas aulas foram incluídos como básico, intermediário e avançado, e, na faculdade, as graduações como pedagogia, educação física e enfermagem. Esses cursos superiores que ofertam a disciplina de Libras, seja como obrigatória, seja como optativa, seja como eletiva, estão em consonância ao Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005).

A ausência de preenchimento do outro participante a esses itens sugere que, apesar da formação e habilitação como professor de Libras, no momento, se dedica, profissionalmente, somente à interpretação.

5.2.3 Terceira seção - competência em interpretação

A presente seção é composta por oito questões, sendo as duas primeiras discursivas, na qual se dispensa a abordagem de nuances da interpretação.

A primeira e a segunda pergunta são autoperceptivas e solicitam aos intérpretes que classifiquem a sua capacidade de interpretar da primeira língua para a Libras, e da Libras para a L1, respectivamente. Elas ainda incluem um espectro, sendo 1 considerado muito ruim e 10 muito bom. Reafirma-se que, para os participantes Coda, tanto a Libras quanto o português se constituem como primeira língua. A Tabela 3 apresenta essas avaliações.

Participante	Capacidade de interpretar da L1 para a Libras (nota)	Capacidade de interpretar da Libras para a L1 (nota)
P01	6	6
P02	9	8
P03	10	10
P04	9	8
P05	8	7
P06	8	8
P07	8	8
P08	7	10
P09	9	8
P10	10	9
P11	5	5
P12	8	8

Tabela 3. Dados do questionário, referentes à capacidade de interpretação.

Fonte: Elaborado pelo autor

Realizar uma introspecção profissional nem sempre é um processo trivial, pois pode sub ou superestimar o indivíduo. Pesquisas desenvolvidas em âmbito nacional e internacional têm evidenciado que os intérpretes intermodais geralmente preferem atuar na direção de uma língua oral para outra de sinais em detrimento da direção para a língua oral (Nicodemus; Emmorey, 2013; Lourenço, 2018a; Rodrigues, 2018b, Gomes, 2020, Silva, 2021).

Ainda que a preferência possa se aproximar ou assemelhar da autopercepção de atuação, a amostra deste estudo não demonstra diferença numérica quanto a capacidade em interpretar de uma direção para outra. Os participantes atribuíram as notas que julgaram pertinentes.

A terceira questão, assim como as três seguintes, retoma uma apreciação feita na seção de aquisição da Libras, quanto a horas de dedicação a determinada atividade. Agora, a partir de três alternativas, os sujeitos foram indagados a respeito do quantitativo de horas semanais que atuam na interpretação da língua materna para a Libras. O Gráfico 12 revela os resultados.

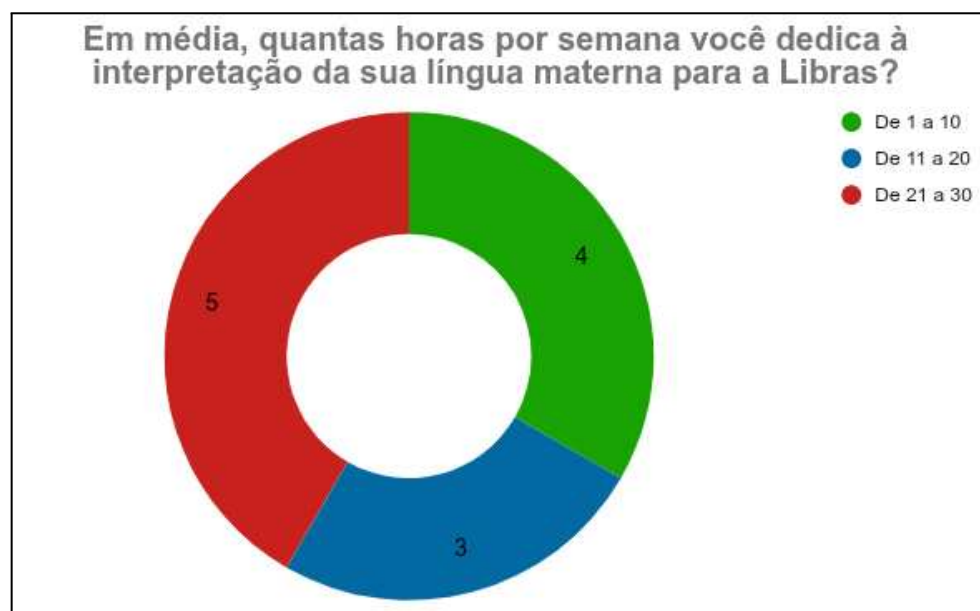


Gráfico 12. Quantitativo de horas semanais dedicado à interpretação da L1 para a Libras.
Fonte: Elaborado pelo autor

Cinco sujeitos assinalaram de 21 a 30 horas, denotando que a sua atividade profissional é mais intensa nessa direção, enquanto quatro para 1 a 10 horas; e três de 11 a 20 horas. Vale sublinhar que a questão não delimita o contexto a ser considerado.

Na sequência, a quarta pergunta mantém a mesma direção, da língua materna para a Libras, porém altera o quantitativo para dias do ano, como demonstra o Gráfico 13.

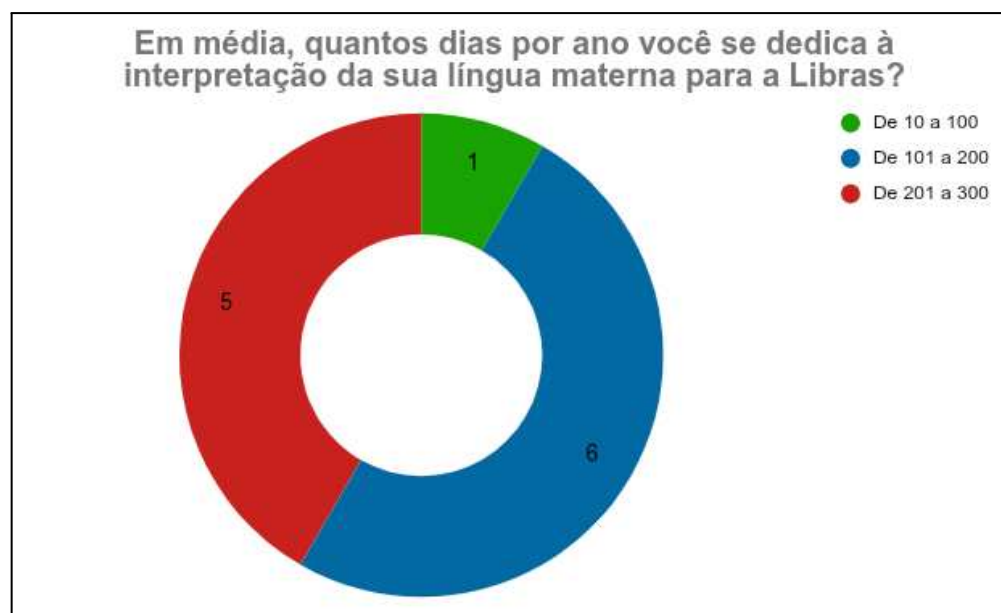


Gráfico 13. Quantitativo de dias anuais dedicado à interpretação da L1 para a Libras.
Fonte: Elaborado pelo autor

Estimar a atuação em dias ao longo do ano talvez seja um exercício inesperado e mais hercúleo. Todavia, ele poderia se alinhar ao semanal. Seis pessoas indicaram de 101 a 200 dias; cinco de 201 a 300; e uma de 10 a 100 dias.

A quinta questão segue a mesma tônica, porém, focaliza na quantidade de dias semanais relacionados a interpretação da Libras para o português, como está no Gráfico 14.



Gráfico 14. Quantitativo de horas semanais dedicado à interpretação da Libras para a L1.
Fonte: Elaborado pelo autor

Essa, assim como a terceira, também apresentou três alternativas, porém a de 11 a 20 horas não foi assinalada. Nota-se uma parcela expressiva mensurando de 1 a 10 horas, e duas pessoas de 21 a 30 horas. Comparando com o Gráfico 13 da interpretação da L1 para Libras, percebe-se que a interpretação da Libras para o português é realizada em menor frequência pelos profissionais, aparentando que, em suas experiências profissionais, o público surdo é mais consumidor (i.e., público-alvo) de informações proferidas em uma língua oral. Essa baixa atuação, conforme destacam Nicodemus e Emmorey (2013) e Gomes (2020), é, também, um dos motivos que implicam na menor preferência por parte dos intérpretes em atuar nessa direção.

A sexta questão segue na direção da Libras para o português, mas com a estimativa em dias ao longo do ano, como evidencia o Gráfico 15.

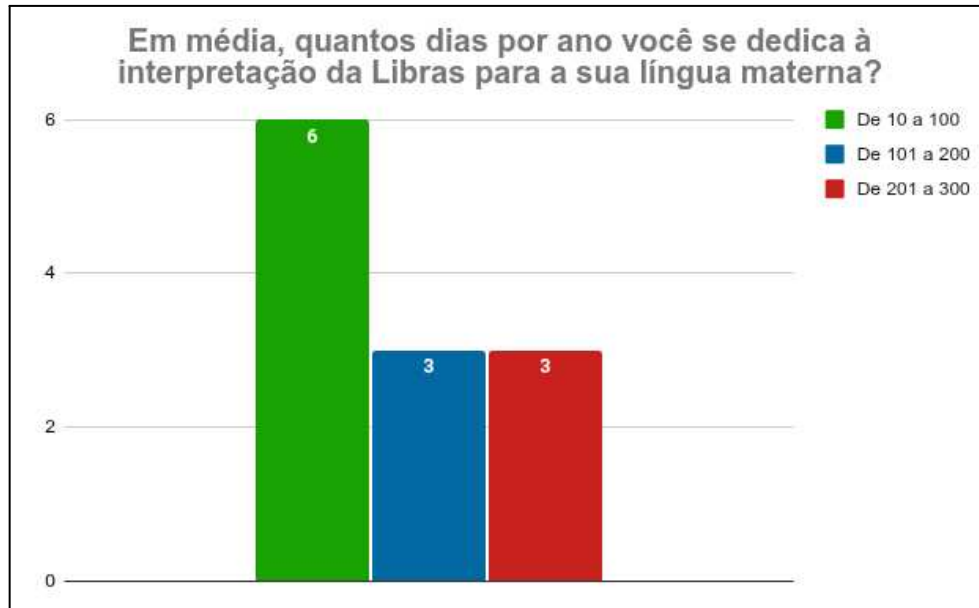


Gráfico 15. Quantitativo de dias anuais dedicado à interpretação da Libras para a L1.
Fonte: Elaborado pelo autor

Essa redução continua sendo mantida, ao ser definida de 10 a 100 dias por seis intérpretes, se comparada à interpretação para a Libras. Já os intervalos entre 101 e 200 e 201 e 300 foram selecionados por três pessoas cada.

A sétima questão também é uma estimativa semanal, mas a respeito da modalidade de interpretação. Os sujeitos avaliaram em qual proporção trabalham com a interpretação simultânea e a consecutiva, a partir de três opções. As respostas estão no Gráfico 16.



Gráfico 16. Proporção semanal de atuação entre interpretação simultânea e consecutiva.
Fonte: Elaborado pelo autor

A interpretação simultânea se sobressaiu em relação à consecutiva, sendo indicada por nove intérpretes como a única modalidade de trabalho semanalmente. Alguns fatores podem legitimar essa frequência, como a natureza da interpretação simultânea, que se realiza quase ao mesmo tempo em que o texto de partida está sendo proferido, e com isso, praticamente não interfere na duração temporal do evento comunicativo (Pagura, 2015; Aal-Hajiahmed, 2022). Além disso, alguns contextos de atuação requerem esse modo, como eventos e espaços acadêmicos, artísticos, políticos, midiáticos e educacionais.

De acordo com Romão (2014) e Maulida e Saehu (2022), a interpretação consecutiva, que pode ser curta ou longa, ocorre em blocos, geralmente orientados ou definidos pelo orador, de maneira que, ao término das falas na língua de partida, o intérprete as reformula para a língua de chegada. A memória, sem dúvidas, também é um fator relevante e bastante requisitado, porém, os registros por tomadas de notas são peças que auxiliam na condução e na efetivação do trabalho. Reuniões

comerciais, consultas médicas, procedimentos legais ou jurídicos são alguns dos ambientes em que essa modalidade interpretativa se intensifica.

É importante relevar que a interpretação educacional, principalmente de aulas, nas quais os professores explanam os conteúdos, impõe o modo simultâneo. Por outro lado, em determinadas situações, quando os estudantes surdos manifestam dúvidas e indagações, é possível e, até mesmo comum, que os intérpretes optem pela interpretação consecutiva curta.

Três intérpretes deste estudo assinalaram a opção da proporção de quatro para três, enquanto nenhum marcou a outra possibilidade dois vs. cinco, em que haveria uma inversão para a maior demanda pela interpretação consecutiva.

Por fim, a oitava questão, composta por duas alternativas, “Sim” ou “Não”, se dirigia à filiação dos participantes a associações de intérpretes do Estado. O panorama é evidenciado no Gráfico 17.

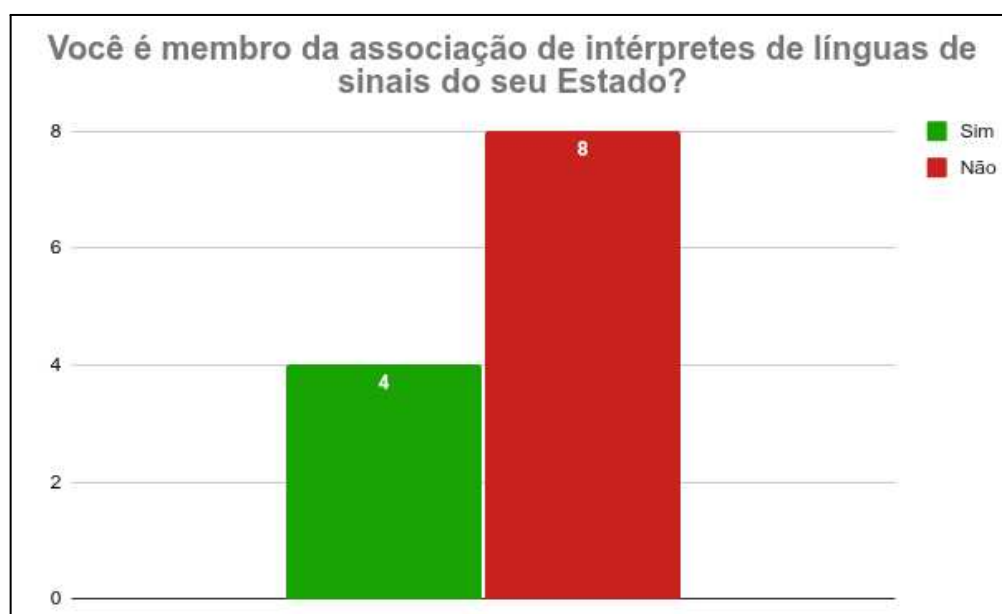


Gráfico 17. Filiação à associação de intérpretes de línguas de sinais do estado.

Fonte: Elaborado pelo autor

As associações de intérpretes são importantes na representação, na luta e na defesa dos direitos da categoria, bem como na profissionalização e na formação da área, como denota Silva (2020). No que tange às línguas orais, Carneiro (2017) destaca que a Associação Profissional de Intérpretes de Conferência (APIC)⁷² foi a primeira a ser criada no Brasil, em 1971, nomeada, na época, como Associação Paulista de Intérpretes de Conferência. Atualmente, essa associação contempla 18 línguas e dezenas de profissionais membros, sendo a Libras e os intérpretes intermodais inseridos nesse bojo.

Em Minas Gerais, sediada em Belo Horizonte, há a Associação Mineira de Tradutores, Intérpretes e Guias-Intérprete de Língua de Sinais (Amitils),⁷³ fundada em 19 de junho de 2021. Essa associação surge em substituição à extinta Associação dos Profissionais Intérpretes da Língua de Sinais do Estado de Minas Gerais. O fechamento da primeira ocorreu por orientação burocrática e jurídica, diante de longa inatividade, gerando, por exemplo, encargos bancários difíceis de serem contornados.

As associações estaduais, por sua vez, são vinculadas à Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Línguas de Sinais (FEBRAPILS),⁷⁴ fundada em 2008, e que atua em três principais frentes como a formação, a profissionalização e o engajamento político.

Apesar dessa reconhecida relevância, oito intérpretes deste estudo afirmaram não estar associados, enquanto somente quatro estão. Para além de mobilização e tentativa de aproximação com os pares, Carneiro (2017) discute que, apesar da plena expansão profissional, a baixa associatividade dos intérpretes de línguas de sinais

⁷² Mais informações podem ser conhecidas e acessadas em: <<https://apic.org.br/pt/>>.

⁷³ Até a conclusão desta tese, a associação ainda não possuía um sítio eletrônico. As informações são divulgadas apenas por redes sociais, como um perfil próprio no Instagram (i.e., @ami.tils).

⁷⁴ Mais informações podem ser conhecidas e acessadas em: <<https://febrapils.org.br/>>.

pode estar atrelada a aspectos de remuneração, uma vez que a tabela de honorários aprovada pela Federação das associações apresenta valores inferiores, se comparada aos do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA). Todavia, a autora frisa a necessidade de empreender pesquisas que toquem mais especificamente nessa seara, além de cotejar com a experiência e a realidade vivenciada em outros países.

5.3 Testes de fluência verbal

Antes da realização do experimento principal, foi avaliada a fluência verbal dos 12 participantes nas duas línguas envolvidas – Libras e português – com o objetivo de verificar se o grupo era razoavelmente homogêneo e, portanto, comparável em termos de desempenho linguístico. Cada participante realizou dois testes de fluência verbal em Libras (i.e., listando sinais das categorias “animais” e “frutas”) e dois em português (i.e., listando palavras iniciadas com as letras “A” e “F”). A partir desses quatro testes, foram calculadas médias por língua para cada sujeito, gerando dois escores compostos: um para a fluência em Libras, e outro para a fluência em português.

Para avaliar o grau de variação dentro do grupo, calculou-se o coeficiente de variação (CV) para cada um desses escores. O CV é uma medida que relaciona o desvio padrão à média, indicando, em termos percentuais, o quanto os escores se dispersam entre si. Os resultados mostraram um CV de 26,2% para a fluência em Libras e de 28,9% para a fluência em português, o que representa uma variabilidade moderada. Em termos práticos, isso significa que, embora haja diferenças individuais esperadas, o grupo é relativamente equilibrado em suas habilidades verbais nas duas línguas. Essa homogeneidade é importante, pois garante que as diferenças observadas no experimento de interpretação não sejam causadas por discrepâncias extremas nos níveis de fluência dos participantes.

No Gráfico 18, os boxplots individuais de cada teste revelam padrões semelhantes de dispersão, com medianas próximas e amplitudes comparáveis. Observa-se um único ponto fora da curva no teste “Português – A”, mas sem impacto significativo na mediana ou no padrão geral.

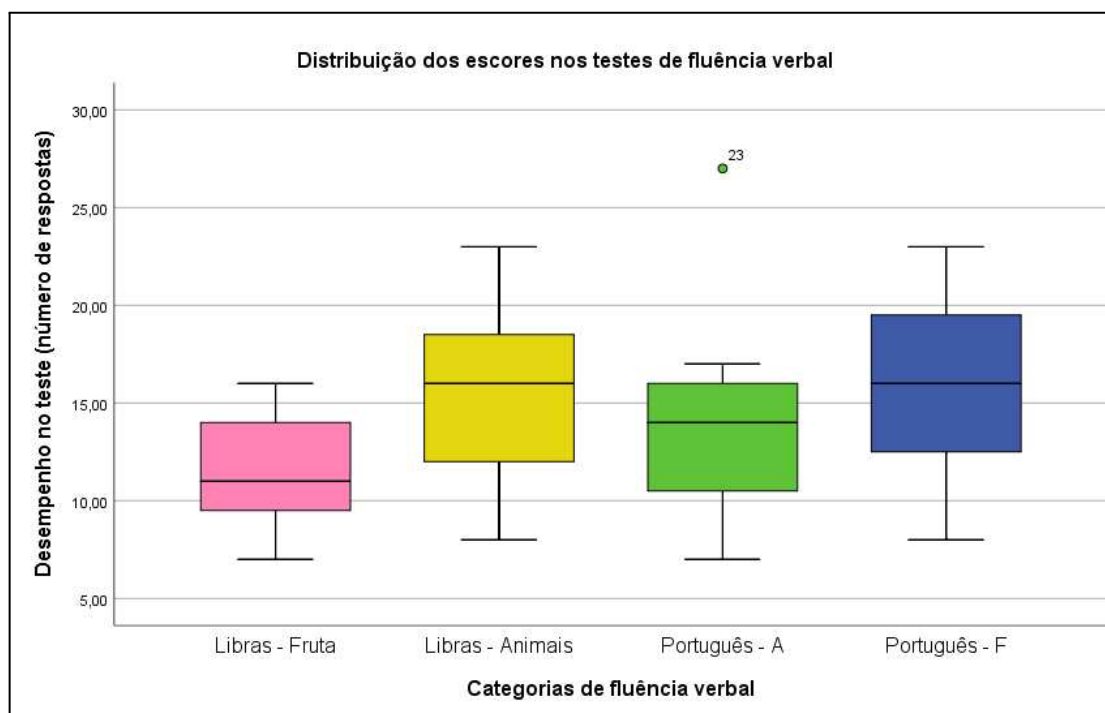


Gráfico 18. Boxplot comparando o desempenho dos intérpretes nos testes de fluência, por categoria.
Fonte: Elaboração nossa

A análise combinada das médias por língua, presentes no Gráfico 19, também confirma a ausência de assimetrias relevantes entre as línguas, demonstrando que os escores médios de fluência em Libras e em português são muito próximos, com distribuições equivalentes. Cada caixa mostra a variação dos escores, com a linha central indicando a mediana.

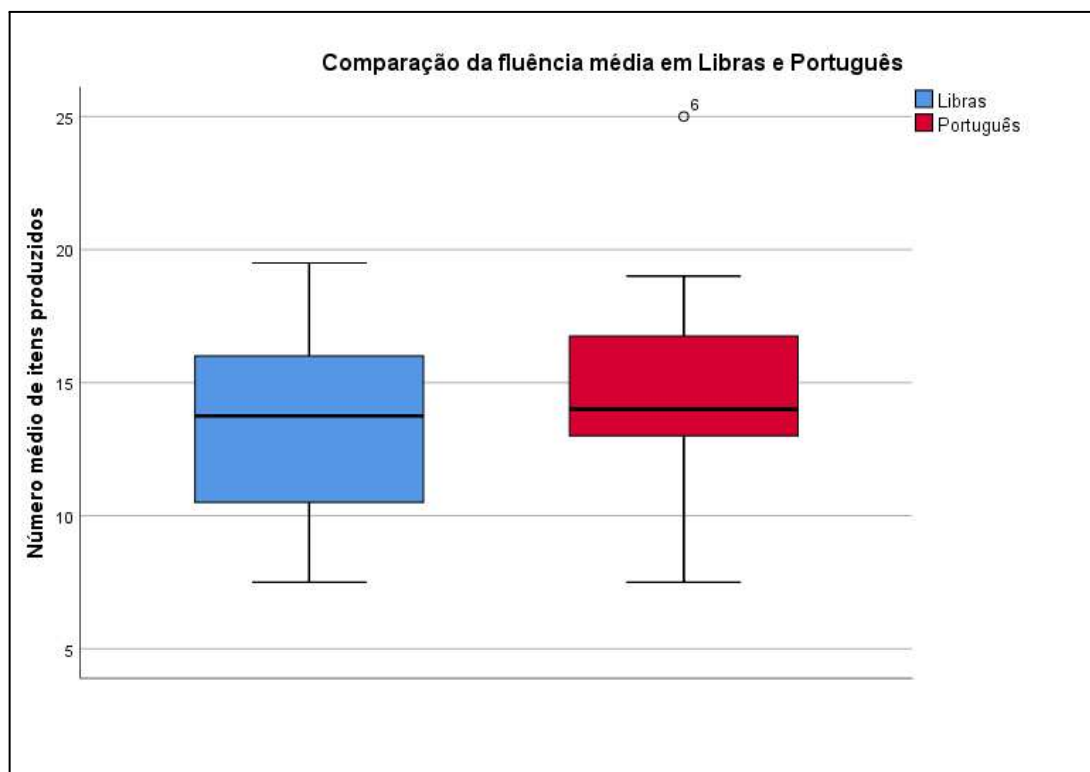


Gráfico 19. Boxplot comparando a fluência média dos intérpretes, por categoria.
Fonte: Elaboração nossa

Por fim, o Gráfico 20, de dispersão com identificação individual, permite visualizar a distribuição dos 12 sujeitos em um plano cartesiano, evidenciando uma tendência de equilíbrio entre os dois domínios linguísticos. Esses dados, tomados em conjunto, indicam que a composição do grupo é adequada e que os participantes podem ser considerados comparáveis para fins do experimento de datilologia.

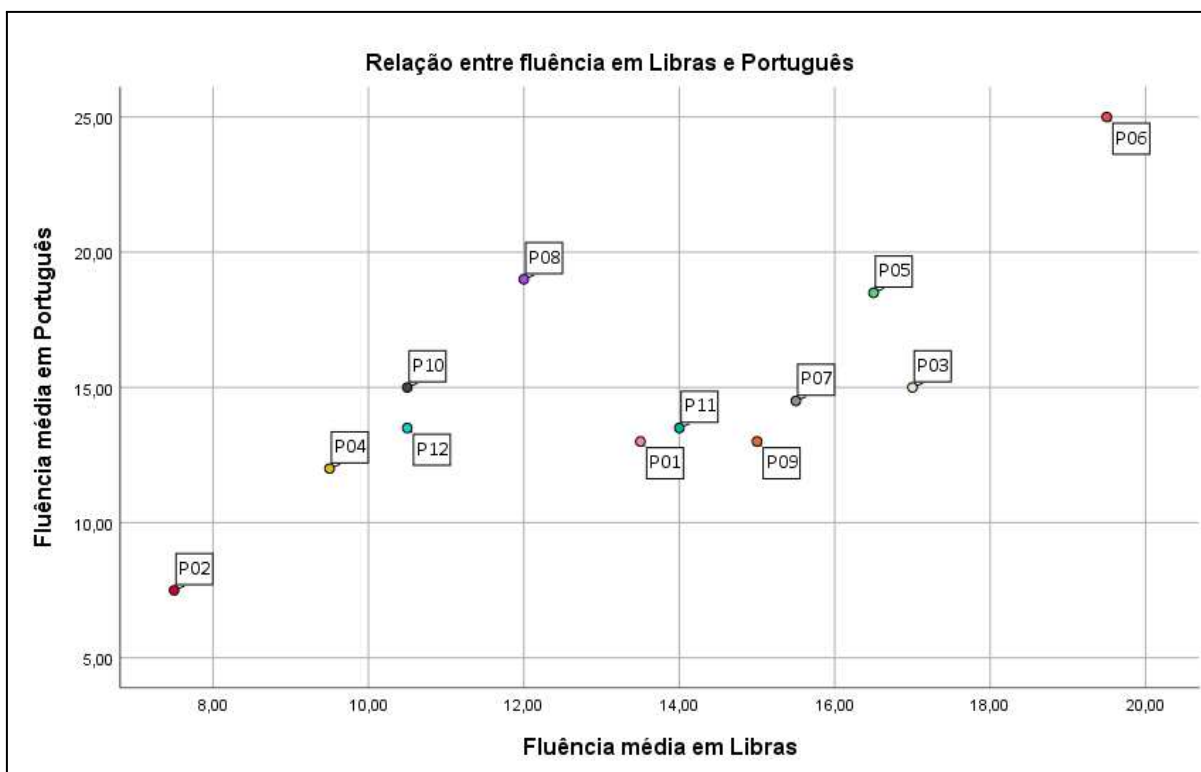


Gráfico 20. Dispersão dos escores médios de fluência verbal dos intérpretes, com identificação individual.

Fonte: Elaboração nossa

Antes de aplicar os testes de hipótese, foi realizada uma verificação preliminar da distribuição das variáveis “Fluência em Libras” e “Fluência em Português”. Ambas as variáveis apresentaram distribuição normal, conforme indicado pelo teste de Shapiro-Wilk (i.e., Libras: $p = 0,992$; português: $p = 0,202$). Complementarmente, os valores de assimetria e curtose (i.e., descrição da forma como ocorre a distribuição da probabilidade, caracterizando o achatamento da curva) permaneceram dentro dos limites considerados aceitáveis para amostras pequenas, sem indícios de desvios severos da normalidade.

Do ponto de vista descritivo, a média de fluência em Libras foi de 13,41 itens, com desvio padrão de 3,51, enquanto a média em português foi ligeiramente superior, com 14,96 itens e desvio padrão 4,33. As duas variáveis exibem amplitude

similar e variabilidade moderada. Esses resultados permitem o uso de testes paramétricos pareados para comparação direta entre os escores.

A fim de verificar a existência de diferenças sistemáticas entre os escores médios de fluência em Libras e em português, foi aplicado um teste t para amostras pareadas. O resultado não indicou diferença estatisticamente significativa entre as médias (i.e., $t(11) = -1,77$; $p = 0,104$), com intervalo de confiança de 95% variando entre $-3,45$ e $0,37$. A média dos escores em português (i.e., média 14,96 e desvio padrão 4,33) foi ligeiramente superior à média em Libras (i.e., média 13,42 e desvio padrão 3,52), mas essa diferença não foi suficiente para rejeitar a hipótese nula de equivalência entre os desempenhos nas duas línguas. A correlação significativa entre as variáveis (i.e., $r = 0,72$; $p = 0,008$) indica, ainda, que os participantes com maior fluência em uma língua tendem a apresentar também maior fluência na outra.

Em resumo, os dados preconizam que os participantes apresentam níveis equilibrados de fluência verbal em Libras e em português, com variabilidade moderada entre os sujeitos e padrões de desempenho relativamente consistentes entre as tarefas. A ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os escores médios nas duas línguas (i.e., $t(11) = -1,77$; $p = 0,104$), aliada à correlação positiva entre os escores compostos (i.e., $r = 0,72$; $p = 0,008$), reforça a percepção de que não há assimetrias relevantes entre os domínios linguísticos. Esses resultados, somados à inspeção gráfica e aos coeficientes de variação, sustentam a conclusão de que o grupo é suficientemente homogêneo e linguística e funcionalmente comparável, atendendo aos critérios necessários para a realização do experimento principal quanto à interpretação da datilologia.

5.4 Tarefa de interpretação das sentenças

Passemos agora a apresentar os resultados da tarefa de interpretação de sentenças da Libras para o português, que constitui o ponto principal deste trabalho.

5.4.1 As produções dos intérpretes e as três variáveis do estudo

As respostas dos 12 intérpretes, conforme as categorias de análise explicitadas no capítulo da Metodologia, foram reunidas e cotejadas estatisticamente com as variáveis deste estudo.

Para verificar a existência de associação entre o tipo de resposta fornecida pelos intérpretes e a classe lexical das palavras (i.e., nome ou verbo), foi conduzido um teste qui-quadrado de independência. Os resultados indicaram que não houve associação estatisticamente significativa entre as variáveis (i.e., $\chi^2(4) = 7,467$, $p = 0,113$), e embora o teste de razão de verossimilhança tenha indicado uma tendência marginal (i.e., Likelihood Ratio = 9,067, $p = 0,059$), os valores não atingiram o nível convencional de significância (i.e., $p < 0,05$). Ainda, a análise dos resíduos padronizados não revelou desvios localizados relevantes, já que nenhum residual ultrapassou o valor absoluto de 1,96. Em conjuntura descritiva, tem-se o Gráfico 21.

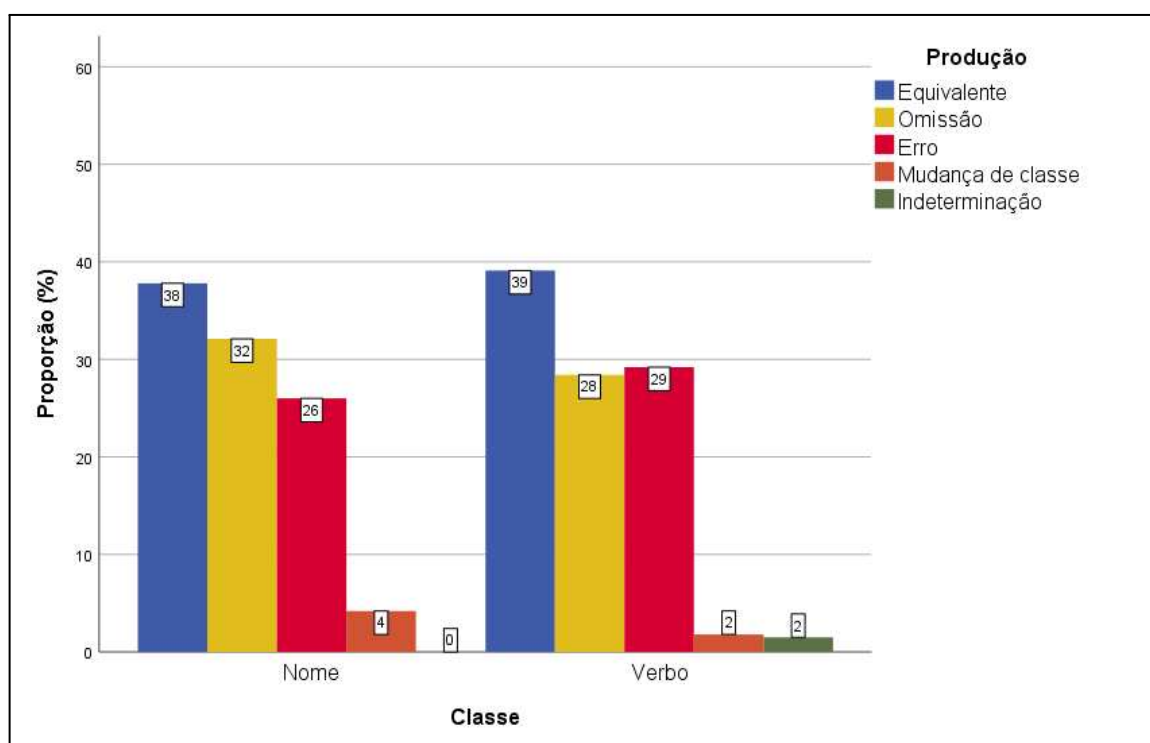


Gráfico 21. Produção dos intérpretes, com base na classe gramatical.

Fonte: Elaboração nossa

Observa-se que, entre os nomes, 37,8% das respostas foram classificadas como equivalentes; 32,1% como omissões; 26,0% como erros; e 4,2% como mudanças de classe gramatical; sem ocorrências de indeterminação referencial. Entre os verbos, os valores foram de 39,1% para equivalentes; 28,4% para omissões; 29,2% para erros; 1,8% para mudanças de classe; e 1,5% para indeterminação.

Esses resultados sugerem que, independentemente da classe lexical, os intérpretes apresentaram padrões similares de desempenho, sem efeito robusto da natureza gramatical das palavras sobre a taxa de acertos, de omissões ou de erros.

No que tange à frequência lexical (i.e., frequente ou infrequente), e averiguar a presença de alguma combinação entre ela e as produções dos intérpretes, também se realizou um teste qui-quadrado de independência. Os resultados demonstraram uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis (i.e., $\chi^2(4) = 24,224$, $p < 0,001$), atestada também pelo teste de razão de verossimilhança (i.e., Likelihood Ratio = 25,946, $p < 0,001$). A análise dos resíduos padronizados revelou que, entre as palavras frequentes, houve mais respostas equivalentes (i.e., resíduo = +2,1) e menos omissões (i.e., resíduo = -2,3) do que o esperado sob independência. Enquanto isso, entre as palavras infrequentes notou-se o padrão inverso, com mais omissões (i.e., resíduo = +2,3) e menos respostas equivalentes (i.e., resíduo = -2,2). O Gráfico 22 mostra, descritivamente, essas proporções.

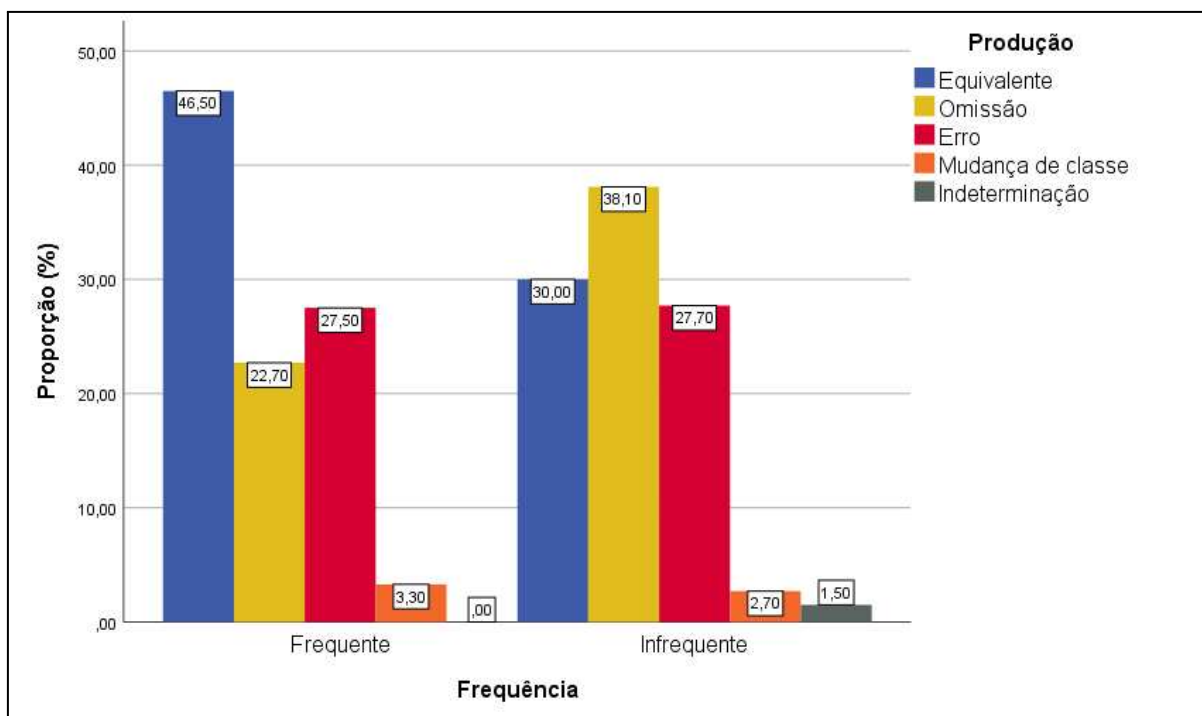


Gráfico 22. Produção dos intérpretes, com base na frequência.

Fonte: Elaboração nossa

Nas palavras frequentes, 46,5% das respostas foram classificadas como equivalentes; 22,7% como omissões; 27,5% como erros; e 3,3% como mudanças de classe; sem ocorrências de indeterminação. Nas palavras infrequentes, os valores foram de 30,0% para equivalentes; 38,1% para omissões; 27,7% para erros; 2,7% para mudanças de classe; e 1,5% para indeterminação.

Esses dados preconizam que a frequência lexical exerceu influência sobre o desempenho dos intérpretes, especialmente no aumento das omissões em palavras menos comuns, e na maior proporção de acertos equivalentes nas palavras mais frequentes.

A fim de examinar a existência de associação entre a categoria da resposta manifestada pelos intérpretes e a velocidade de apresentação dos estímulos (i.e., lento, normal ou acelerado), mais uma vez foi efetuado um teste qui-quadrado de independência. Os dados demonstraram associação estatisticamente significativa

entre as variáveis (i.e., $\chi^2(8) = 52,744$, $p < 0,001$), corroborada também pelo teste de razão de verossimilhança (i.e., Likelihood Ratio = 54,506, $p < 0,001$).

A análise dos resíduos padronizados denota desvios localizados relevantes, em que houve mais respostas equivalentes do que o esperado na condição lenta (i.e., resíduo = +3,6) e menos na condição rápida (i.e., resíduo = -3,6), além de mais omissões na condição rápida (i.e., resíduo = +2,6) e menos na condição lenta. O Gráfico 23 evidencia os achados pormenorizados.

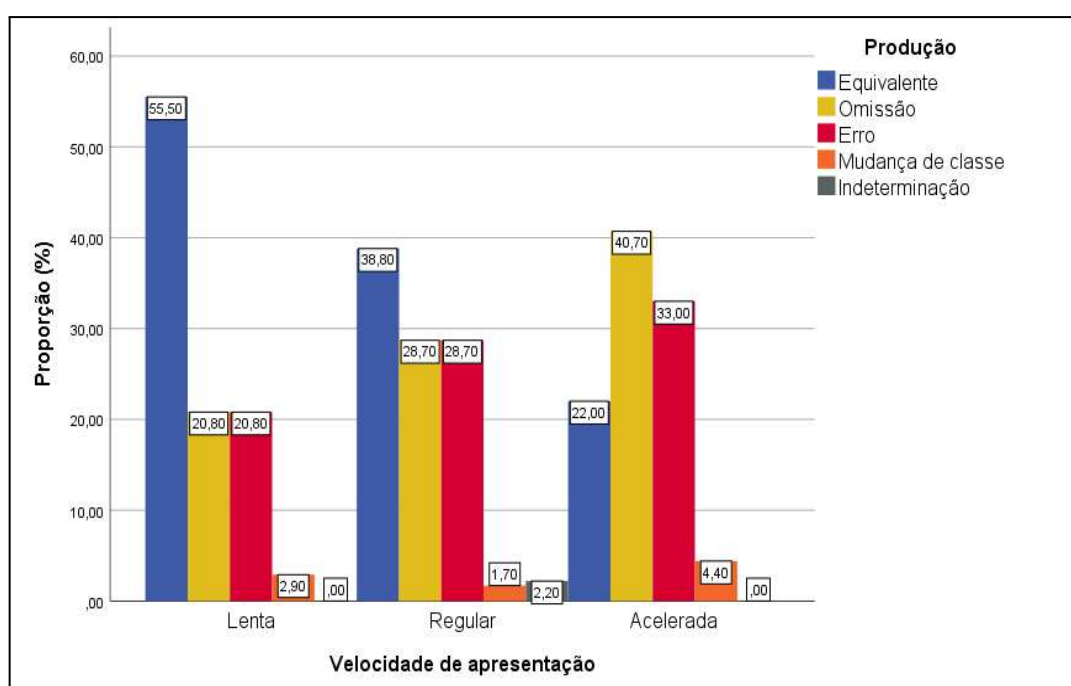


Gráfico 23. Produção dos intérpretes, com base na velocidade.

Fonte: Elaboração nossa

É perceptível que na condição lenta, 55,5% das respostas foram equivalentes; 20,8% omissões; 20,8% erros; 2,9% mudanças de classe; e não houve indeterminações. Na velocidade normal/regular, os valores pactuam como 38,8% equivalentes; 28,7% omissões; 28,7% erros; 1,7% mudanças de classe; e 2,2% indeterminações. Na exibição acelerada, 22,0% equivalentes; 40,7% omissões; 33,0% erros; 4,4% mudanças de classe; e não houve indeterminações.

Esses resultados indicam que a velocidade de apresentação impactou significativamente o desempenho dos intérpretes, favorecendo respostas equivalentes em velocidades mais lentas e aumentando as omissões em velocidades mais aceleradas.

Para investigar se a classe gramatical (i.e., nome ou verbo), a frequência (i.e., frequente ou infrequente) e a velocidade de apresentação (i.e., lenta, normal ou acelerada) exerciam influência sobre o tipo de resposta dos intérpretes, uma análise de regressão logística multinomial foi empreendida, tomando como referência a categoria “Equivalente”, que se referem às respostas que correspondiam corretamente ao texto de partida. A Tabela 4 apresenta essas informações.

Categoria Comparada	Preditor (comparado à referência)	B	SE	OR (Exp(B))	95% IC (Inf – Sup)	p-valor
Omissão	Frequency (Freq)	-1,03	0,23	0,36	0,23 – 0,56	<0,001
	Speed (Lento)	-1,67	0,28	0,19	0,11 – 0,33	<0,001
	Speed (Normal)	-0,96	0,28	0,38	0,22 – 0,66	0,001
	Lexical (Nome)	0,14	0,22	1,15	0,75 – 1,79	0,523
Erro	Frequency (Freq)	-0,51	0,23	0,60	0,39 – 0,93	0,023
	Speed (Lento)	-1,42	0,29	0,24	0,14 – 0,42	<0,001
	Speed (Normal)	-0,72	0,28	0,49	0,28 – 0,84	0,009
	Lexical (Nome)	-0,09	0,22	0,91	0,59 – 1,41	0,681
Mudança de classe	Speed (Lento)	-1,36	0,60	0,26	0,08 – 0,84	0,024
	Speed (Normal)	-1,55	0,71	0,21	0,05 – 0,85	0,029
	Lexical (Nome)	0,86	0,56	2,37	0,79 – 7,10	0,125
Interações (Exemplos)	Nome–Freq–Lento	-2,30	0,60	0,10	0,03 – 0,33	<0,001
	Nome–Freq–Normal	-1,59	0,55	0,21	0,07 – 0,61	0,004
	Verbo–Freq–Lento	-2,22	0,58	0,11	0,04 – 0,34	<0,001
	Nome–Infreq–Lento	-1,18	0,54	0,31	0,11 – 0,89	0,029
	Nome–Infreq–Acel	0,99	0,67	2,70	0,72 – 10,10	0,140

Tabela 4. Influência das variáveis sobre o tipo de resposta dos intérpretes.

Fonte: Elaboração nossa

Esses resultados mostraram que, comparadas às respostas equivalentes, as chances de ocorrência de omissões foram significativamente menores para palavras

frequentes (i.e., redução de 64%, OR = 0,36, $p < 0,001$), e em condições de apresentação lenta (i.e., redução de 81%, OR = 0,19, $p < 0,001$) ou normal (i.e., redução de 62%, OR = 0,38, $p = 0,001$), em relação à exibição acelerada. Padrão similar foi encontrado para os erros, com redução de cerca de 40% para palavras frequentes (i.e., OR = 0,60, $p = 0,023$), e reduções ainda mais acentuadas nas condições lenta (i.e., OR = 0,24, $p < 0,001$) e normal (i.e., OR = 0,49, $p = 0,009$).

Para as respostas classificadas como “Mudança de classe”, observaram-se reduções significativas associadas à apresentação lenta (i.e., OR = 0,26, $p = 0,024$) e normal (i.e., OR = 0,21, $p = 0,029$), mas sem efeito significativo da frequência ou da classe lexical. Importante destacar que, nos efeitos principais, a variável classe lexical (i.e., nome ou verbo) não apresentou influência estatisticamente significativa.

Explorou-se também a presença de efeitos combinados entre as variáveis (i.e., *Lexical class* × *Frequency class* × *Presentation speed*), por meio da inclusão das interações de três vias no modelo. Essas análises revelaram que combinações envolvendo apresentação lenta e palavras frequentes — independentemente de serem nomes ou verbos — estavam consistentemente associadas à redução das chances de omissões e de erros. Por exemplo, a combinação Nome–Freq–Lenta reduziu as chances de omissão em cerca de 90% (i.e., OR = 0,10, $p < 0,001$), enquanto que Verbo–Freq–Lenta teve efeito semelhante (i.e., OR = 0,11, $p < 0,001$). No entanto, os resultados para a categoria “Mudança de classe” foram mais heterogêneos, e a categoria “Indeterminação” apresentou problemas de modelagem devido ao número muito baixo de casos, recomendando-se cautela na observação dessas interações específicas.

De forma geral, os achados sugerem que tanto a frequência lexical quanto, sobretudo, a velocidade de apresentação, exercem impacto substancial no desempenho dos intérpretes, enquanto a distinção entre nomes e verbos não mostrou influência robusta. Além disso, os efeitos combinados reforçam o papel protetivo da

apresentação lenta, reduzindo significativamente as ocorrências de omissões e de erros em diferentes condições.

Além da análise de regressão, foram extraídas as probabilidades médias previstas pelo modelo multinomial para cada tipo de resposta, considerando as combinações de classe lexical, frequência e velocidade de apresentação, como se observa na Tabela 5.

Grupo	Equivalente	Omissão	Erro	Mudança de classe	Indeterminação
Classe Lexical					
Nome	37,8%	32,1%	26,0%	4,2%	0,0%
Verbo	39,1%	28,4%	29,1%	1,9%	1,5%
Frequência					
Frequente	46,5%	22,7%	27,5%	3,3%	0,0%
Infrequente	30,0%	38,1%	27,7%	2,7%	1,5%
Velocidade					
Lento	55,5%	20,8%	20,8%	2,9%	0,0%
Normal	38,8%	28,6%	28,6%	1,7%	2,3%
Acelerada	22,0%	40,7%	33,0%	4,4%	0,0%

Tabela 5. Probabilidade média entre as variáveis e os tipos de respostas dos intérpretes.

Fonte: Elaboração nossa

Os resultados indicaram que, em tese, a probabilidade média de respostas equivalentes foi mais alta para itens apresentados lentamente, 55,5%, e para palavras frequentes, 46,5%, enquanto foi mais baixa em condições de alta velocidade, 22,0%, e para palavras infrequentes, 30,0%. A omissão, por sua vez, mostrou tendência inversa, sendo mais provável em condições aceleradas, 40,7%, e para palavras infrequentes, 38,1%, e menos provável nas condições lentas, 20,8%, e com palavras frequentes, 22,7%.

No que diz respeito à classe lexical, os padrões foram mais equilibrados, com percentuais semelhantes entre nomes e verbos (i.e., 37,8% vs. 39,1% para

equivalentes; 32,1% vs. 28,4% para omissões; e 26,0% vs. 29,1% para erros), reforçando a ausência de efeito significativo dessa variável já observada nos testes anteriores.

Esses valores previstos fornecem uma visão mais apurada do padrão de respostas esperado sob diferentes combinações experimentais, destacando especialmente o papel robusto da velocidade de apresentação e da frequência lexical no desempenho dos intérpretes.

Ilustrando a distribuição das probabilidades estimadas de respostas equivalentes (i.e., acertos) geradas pelo modelo logístico multinomial, inserindo a frequência lexical, a classe gramatical e as velocidades de apresentação, tem-se os Gráficos 24, 25 e 26 em formato boxplot.

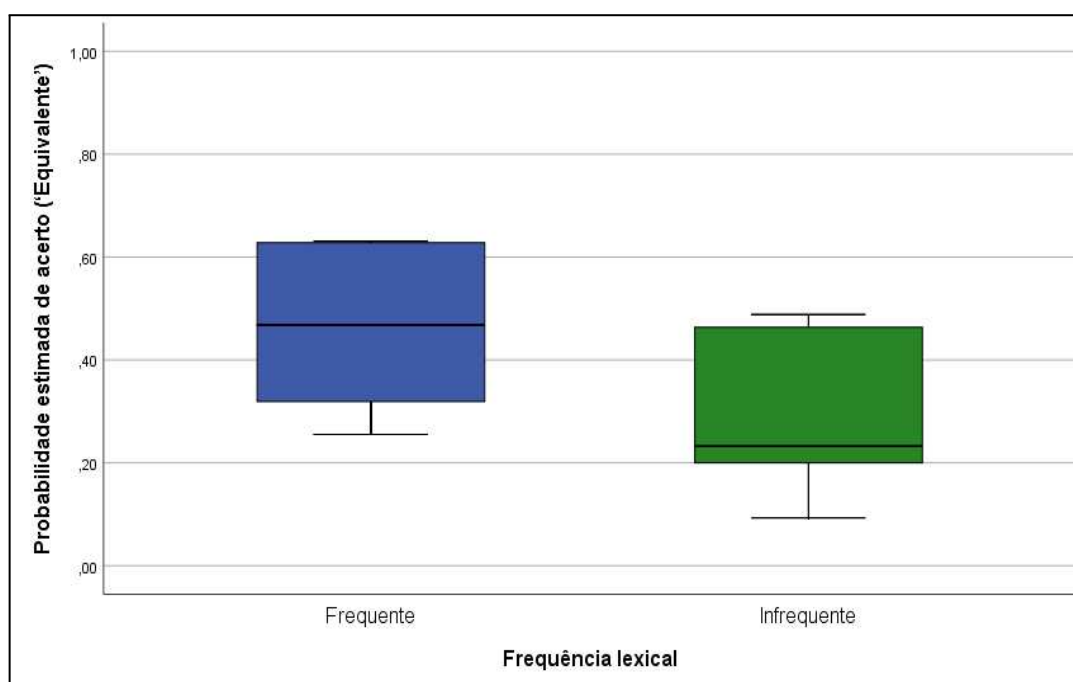


Gráfico 24. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na frequência.

Fonte: Elaboração nossa

Os itens frequentes apresentaram uma média de probabilidade de acerto de 46,5% (i.e., $\pm 14,3\%$), enquanto itens infrequentes tiveram média menor, de 30,0% (i.e., $\pm 14,1\%$). Além da média mais alta, os itens frequentes mostraram uma distribuição mais concentrada e menos assimétrica, com valores mínimos em torno de 26%, e máximos próximos a 63%. Os infrequentes, por sua vez, exibiram maior dispersão inferior, com mínimos tão baixos quanto 9%, sugerindo maior vulnerabilidade a falhas. Esse padrão indica que a frequência tem impacto positivo nas chances de acerto, em consonância com a literatura sobre facilitação lexical (Brysbart; Manderá; Keuleers, 2018).

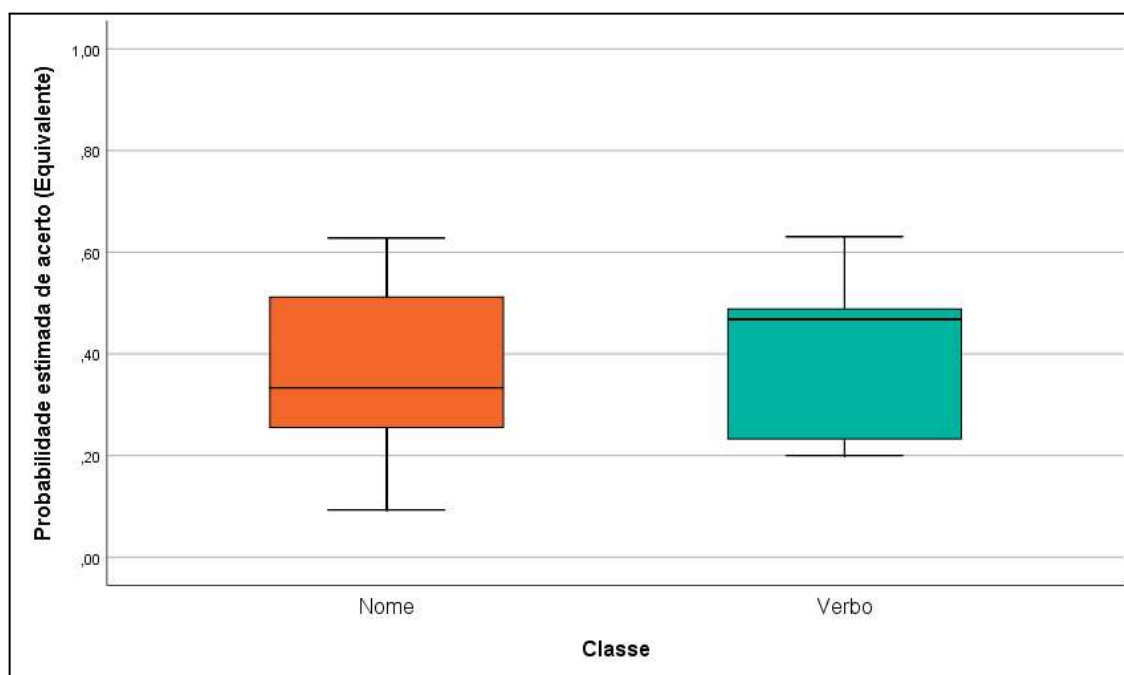


Gráfico 25. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na classe gramatical.

Fonte: Elaboração nossa

A média de probabilidade de acerto para nomes foi de 37,8% (i.e., $\pm 17,6\%$), enquanto que para verbos foi de 39,1% (i.e., $\pm 15,3\%$), denotando valores muito próximos entre as classes. O Gráfico 25 confirma essa semelhança geral, embora nomes apresentem distribuição mais dispersa, com valores mínimos bem mais baixos

(i.e., 9% para nomes vs. 20% para verbos). Isso sugere que, embora a classe lexical não tenha emergido como preditor significativo no modelo, os nomes apresentaram maior variabilidade entre os intérpretes, enquanto os verbos geraram padrões de resposta ligeiramente mais estáveis.

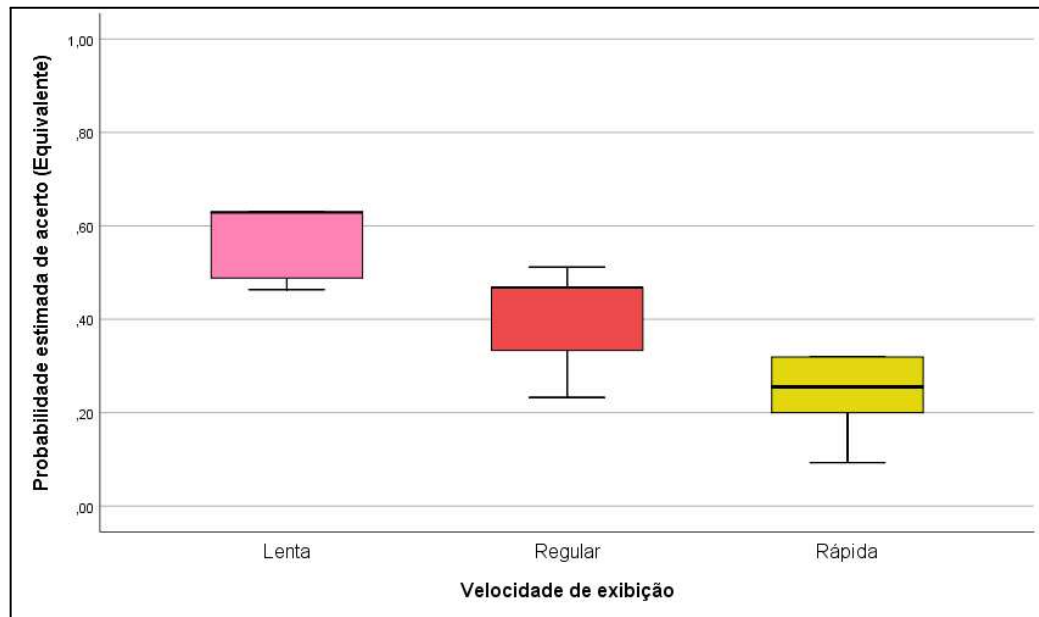


Gráfico 26. Probabilidade estimada dos acertos dos intérpretes, com base na velocidade.

Fonte: Elaboração nossa

Os efeitos da velocidade de apresentação são mais expressivos. Itens apresentados lentamente alcançaram a maior média de probabilidade de acerto, em 55,5% (i.e., $\pm 7,7\%$), seguidos pelos de velocidade normal/regular, com 38,8% (i.e., $\pm 11,0\%$), ao passo que os itens rápidos obtiveram a menor média (i.e., 22,0%, $\pm 8,3\%$). Esse gráfico mostra claramente que a condição acelerada/rápida não só reduziu as médias, mas também puxou os valores mínimos para baixo, até 9%, enquanto a condição lenta gerou distribuições mais concentradas e elevadas. Tal resultado revigora a evidência de que a velocidade de apresentação é o fator com mais peso no desempenho, funcionando como uma barreira cognitiva significativa para os intérpretes.

Em conjunto, os dados desses três gráficos reforçam os achados estatísticos prévios, preconizando que a frequência lexical e a velocidade de apresentação têm impacto direto e consistente nas chances de acerto, enquanto a classe gramatical não apresenta papel robusto. A combinação de valores médios, intervalos e assimetrias nas distribuições permite compreender não apenas os efeitos centrais, mas também a variabilidade interindividual e a consistência do desempenho dos intérpretes em cada uma das condições.

5.4.2 As produções equivalentes dos intérpretes e algumas respostas do questionário

Este tópico apresenta associações estatísticas entre os resultados das produções equivalentes dos intérpretes e as respostas proferidas por eles em três perguntas do questionário, a saber, a idade de aquisição da Libras; o quantitativo de horas semanais expostos à vídeos em Libras; e a autoavaliação da capacidade para interpretar da Libras para o português.

Primeiramente, para investigar a relação entre o número total de respostas equivalentes (i.e., acertos) e a idade de aquisição da Libras, foram realizadas análises correlacionais utilizando os coeficientes de Pearson e Spearman, que medem a relação linear entre as duas variáveis, como demonstra o Gráfico 27.

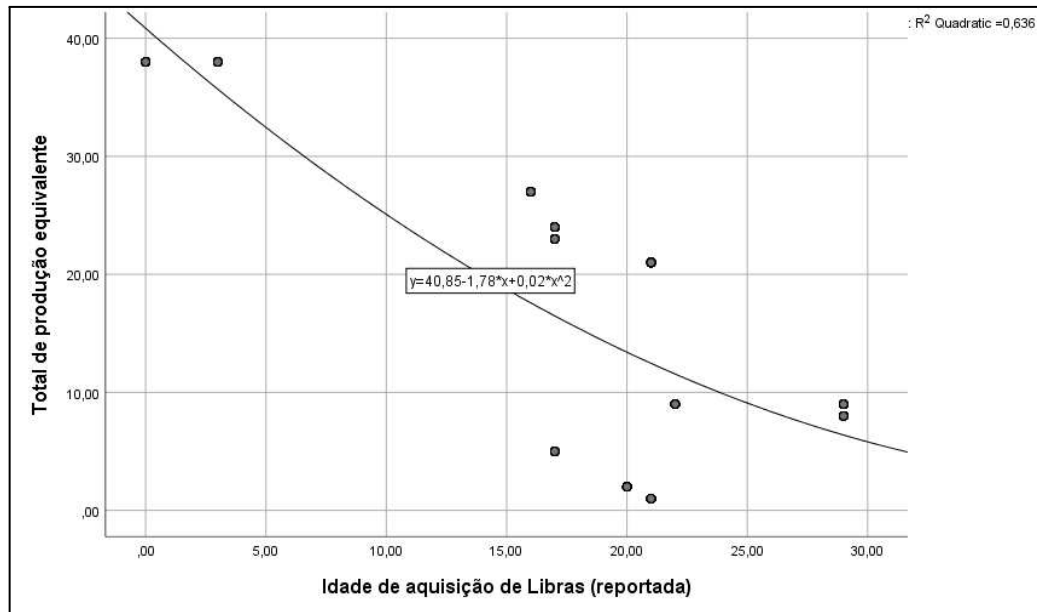


Gráfico 27. Relação entre o total de acertos dos intérpretes e a idade de aquisição da Libras.

Fonte: Elaboração nossa

O teste de Pearson revelou uma correlação negativa forte e estatisticamente significativa entre as variáveis (i.e., $r = -0,786$, $p < 0,001$), indicando que quanto mais tardia a idade de aquisição, menor tende a ser a quantidade de acertos. O teste não paramétrico de Spearman, que considera possíveis desvios de normalidade, confirmou essa associação (i.e., $\rho = -0,689$, $p < 0,001$).

Esses resultados sugerem que a idade em que os intérpretes começaram a aprender a Libras tem impacto substancial sobre seu desempenho na tarefa interpretativa, reforçando o argumento de que uma aquisição mais precoce de uma língua de sinais está associada a uma performance mais precisa e eficiente.

Tratando desse mesmo número de interpretações equivalentes, mas relacionada ao tempo semanal de exposição a vídeos em Libras, tem-se o Gráfico 28.

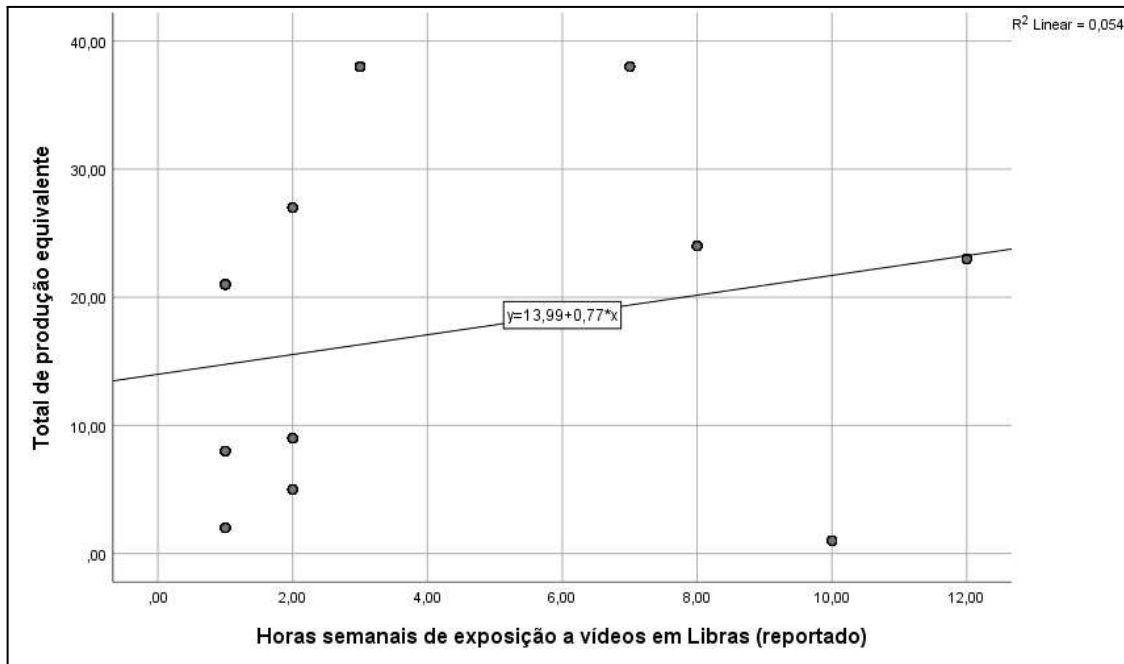


Gráfico 28. Relação entre o total de acertos dos intérpretes e o tempo de exposição à vídeos em Libras.
Fonte: Elaboração nossa

Esses dados descrevem uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis, tanto pelo coeficiente de Pearson (i.e., $r = 0,232$, $p < 0,001$) quanto pelo coeficiente de Spearman (i.e., $\rho = 0,342$, $p < 0,001$). Esse padrão recomenda que intérpretes que relatam maior exposição a vídeos em Libras tendem a apresentar uma maior quantidade de acertos equivalentes no experimento. Em termos práticos, o contato regular com materiais em Libras — mesmo de forma não formal, como vídeos — parece estar associado a um desempenho melhor, indicando um possível efeito de imersão e de manutenção do *input* linguístico visual.

Ainda, foi realizada uma análise de correlação para investigar se a capacidade autorrelatada de interpretação da Libras para o português estava associada à quantidade total de respostas equivalentes fornecidas pelos intérpretes no experimento. Os resultados evidenciaram ausência de associação estatisticamente significativa entre as variáveis, tanto pelo coeficiente de Pearson (i.e., $r = 0,028$, $p = 0,524$) quanto pelo coeficiente de Spearman (i.e., $\rho = -0,072$, $p = 0,095$).

Esses achados sugerem que a percepção subjetiva dos intérpretes sobre sua própria habilidade de interpretação na direção sobredita não corresponde de forma confiável ao seu desempenho real em tarefas experimentais controladas. Em outras palavras, o fato de um intérprete relatar que se considera capaz de interpretar entre as línguas não significa necessariamente que ele apresente, na prática, um desempenho superior no que tange a acertos e equivalências.

Essa dissociação entre autorrelato e desempenho real pode refletir dificuldades dos participantes em avaliar com precisão suas próprias habilidades linguísticas e interpretativas. Isso reforça a importância de combinar medidas subjetivas e objetivas em estudos a respeito da competência em interpretação, já que confiar apenas no julgamento dos sujeitos pode fornecer uma visão parcial ou enviesada sobre suas reais capacidades.

5.4.3 As produções dos intérpretes e o tempo de início das respostas

Em continuidade à geração dos dados estatísticos oriundos da tarefa interpretativa, conduziu-se uma análise não paramétrica de Kruskal-Wallis para verificar se o tempo em segundos até o início da resposta (i.e., *onset*) variava em função do tipo de resposta emitida pelos intérpretes (i.e., equivalente, omissão, erro, mudança de classe, indeterminação referencial). O Gráfico 29 expõe esses resultados.

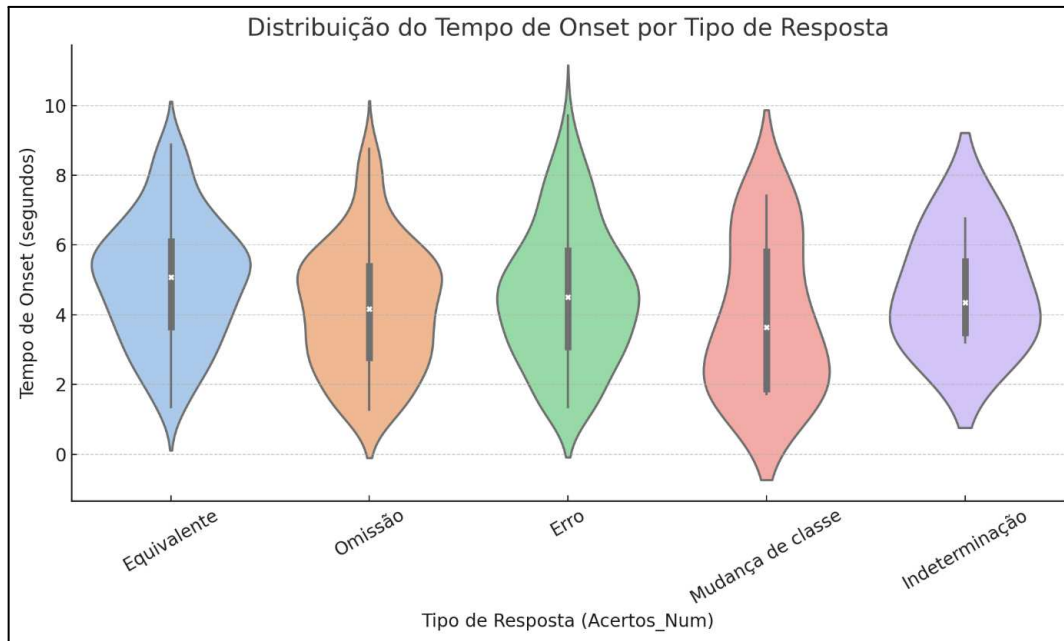


Gráfico 29. Distribuição do tempo de início e o tipo de resposta dos intérpretes.
Fonte: Elaboração nossa

Houve diferenças significativas entre os grupos (i.e., $H(4) = 26,04$, $p < 0,001$), alvitrando que o tempo até o início da produção não foi homogêneo entre as categorias de resposta.

As comparações múltiplas com correção de Bonferroni indicaram que as respostas equivalentes apresentaram tempos de início significativamente maiores do que as omissões (i.e., p -ajustado $< 0,001$), enquanto as demais comparações não atingiram significância após ajuste. Esse padrão reflete que, paradoxalmente, respostas corretas (i.e., equivalentes) podem envolver um tempo inicial de processamento mais longo, possivelmente associado a mecanismos de monitoramento e autocorreção antes da produção. Em contrapartida, as omissões tenderam a ocorrer com períodos iniciais mais curtos.

As mudanças de classe também foram encontradas em tempos de inícios ínfimos, porém, por ser um tipo de resposta com baixa incidência, não é possível render inferências.

Realizou-se uma análise de regressão logística binária para investigar se o tempo, em segundos, que os intérpretes levaram para iniciar a produção da resposta prediz a probabilidade de acerto equivalente no experimento.

Os resultados indicaram que o tempo de início foi um preditor estatisticamente significativo do tipo de resposta (i.e., $B = 0,191$, $SE = 0,046$, $Wald = 17,45$, $p < 0,001$). O odds ratio associado, que se refere a força da associação entre a exposição e o resultado (i.e., $Exp(B) = 1,210$), revelou que, a cada segundo adicional de *onset*, as chances de o intérprete produzir uma resposta equivalente aumentam em aproximadamente 21%. Em outras palavras, intérpretes que demoraram mais tempo para começar a manifestar o texto de chegada tendem, em média, a apresentar maior probabilidade de acerto equivalente.

O modelo logístico apresentou ajuste significativamente melhor em relação ao modelo nulo (i.e., $\chi^2(1) = 18,016$, $p < 0,001$), demonstrando que o tempo inicial contribui para explicar parte da variação nas respostas. No entanto, o poder explicativo geral foi modesto, com valores de Cox & Snell $R^2 = 0,035$ e Nagelkerke $R^2 = 0,048$, sugerindo que apenas cerca de 3,5% a 4,8% da variância total no tipo de resposta foi explicada por esse tempo de *onset*. Além disso, o teste de Hosmer-Lemeshow (i.e., $\chi^2(8) = 6,199$, $p = 0,625$) retratou que o modelo ajustou-se bem aos dados observados.

A análise da matriz de classificação expressou que o modelo conseguiu prever corretamente 83,7% dos casos “Não equivalente”, mas somente 24,9% dos “Equivalente”, com uma taxa geral de acerto de 59,5%. Isso reforça que, embora o tempo de *onset* tenha um efeito estatisticamente robusto, ele, sozinho, não é suficiente para discriminar com precisão os acertos equivalentes dos demais tipos de resposta.

Esses achados sugerem que intérpretes que iniciam a resposta com maior tempo de planejamento apresentam ligeira vantagem em termos de precisão. Entretanto, o baixo poder preditivo remonta que outros fatores — como a fluência

em Libras, a idade de aquisição da língua, e as características linguísticas dos itens — também desempenham papéis relevantes no desempenho. Assim, o tempo de início pode ser considerado como um indicador parcial de cautela ou planejamento prévio, mas não como determinante exclusivo da qualidade das respostas.

Complementarmente, uma análise exploratória foi desenvolvida agrupando os dados em faixas de *onset* (i.e., baixo: até três segundos; médio: entre três e seis segundos; alto: acima de seis segundos), com o objetivo de visualizar tendências médias de desempenho, como representa a Tabela 6.

Faixa	Total Respostas	Total Equivalente	% Equivalente
Baixo ($\leq 3s$)	158	42	26,6%
Médio (3-6s)	197	91	46,2%
Alto ($> 6s$)	144	72	50,0%

Tabela 6. Agrupamento de faixas de *onset* e respostas equivalentes.

Fonte: Elaboração nossa

Os resultados desvelaram que os intérpretes na faixa de baixo *onset* apresentaram, em média, 26,6% de acertos equivalentes. Na faixa de médio *onset*, a média subiu para 46,2%, enquanto na faixa de alto *onset* atingiu 50,0%. Esse padrão sugere que respostas muito rápidas tendem a ser menos precisas, enquanto respostas dadas após maior tempo de preparação apresentam taxa mais elevada de equivalência.

Articulando os dois achados, observa-se que, apesar de o tempo de *onset* explicar apenas uma parte limitada da variação nas respostas, ele alude para um fenômeno interessante, que é o papel do planejamento e da cautela na performance interpretativa. A demora inicial antes de começar a resposta parece operar como uma estratégia de processamento que favorece respostas mais precisas, ainda que não

garanta por si só um desempenho de alta qualidade. Esses resultados revelam que, em contextos de interpretação, é preciso considerar não apenas habilidades linguísticas e de fluência, mas também aspectos temporais e cognitivos, como o tempo dedicado ao planejamento prévio.

Por fim, conduziu-se uma análise de correlação para averiguar se o tempo em segundos que os intérpretes levaram para iniciar a produção das respostas estaria associado ao número total de respostas equivalentes no experimento.

Os resultados apresentaram uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre as variáveis, tanto pelo coeficiente de Pearson (i.e., $r = 0,159$, $p < 0,001$) quanto pelo coeficiente de Spearman (i.e., $\rho = 0,203$, $p < 0,001$). Esse padrão indica que intérpretes que registraram tempos médios de *onset* mais longos tendem também a alcançar um número maior de acertos equivalentes. Expresso de outra forma, intérpretes que esperaram mais antes de iniciar a resposta mostraram, em média, um desempenho superior.

Embora os coeficientes indiquem apenas uma associação fraca a moderada, esses dados intensificam o argumento de que o tempo de planejamento prévio — refletido no *onset* — exerce um papel relevante na qualidade das respostas. Além disso, tais resultados estão em consonância com as análises de regressão anteriores, que já demonstravam um efeito positivo do tempo de início sobre a probabilidade de acerto equivalente em nível itemizado. Portanto, esse tempo pode ser admitido como um indicador parcial de cautela e de monitoramento linguístico, com impactos tanto locais quanto globais no desempenho interpretativo.

Capítulo 6: Discussão dos resultados

Este capítulo foca na discussão dos resultados encontrados, verificando os efeitos e os impactos que podem provocar no desempenho dos intérpretes. Além disso, reconhece as limitações do presente estudo, acenando para possíveis desdobramentos.

6.1 Aspectos da datilologia e a produção dos intérpretes

A datilologia é um elemento importante e pertencente ao léxico das línguas de sinais que, por diversas vezes, é renegado ao segundo plano como uma mera ferramenta de representação manual de palavras ou de termos das línguas orais (e.g., nomes de pessoas, de entidades, de locais) que são desconhecidas ou inexistentes nas línguas de sinais. Apesar de não ser a maneira hegemônica de comunicação nessas línguas, a soletração manual é frequentemente utilizada em diversas interlocuções, assumindo, de acordo com Leeson *et al.* (2020) e Lee e Secora (2022), funções

discursivas para enfatizar e esclarecer itens de baixa incidência e ou mesmo contrastar classes lexicais.

Miller (2020) e Lee e Secora (2022) evidenciam a complexidade da constituição dessa soletração, por serem manifestadas, essencialmente, pelas configurações de mão, por uma sequência de movimentos internos e transicionais, além da orientação da palma da mão e do ponto de articulação. Por isso, Lee e Secora (2022) sublinham que, se confrontada aos sinais, o seu período de execução é mais extenso, admitindo, também, que cada uma das letras, representadas pelas configurações de mão, possuem distinta duração, que poderá ser modificada a depender da CM anterior e posterior na composição de uma palavra. Ainda, Occhino *et al.* (2024) destacam que a datilologia abarca restrições fonéticas e fonológicas, coarticulação e processamento convencionado das unidades, independentemente de experimentarem um processo de lexicalização e se tornarem um sinal datilológico.

No âmbito da interpretação simultânea intermodal nas duas direções, a datilologia pode ser considerada um gatilho de problema, pois, com base em Gile (2009b), Lourenço e Viana (2022, p. 116) denotam que “[...] são itens que não necessariamente requerem uma maior capacidade de processamento, mas que, dada a situação de recursos já limitados durante a tarefa de interpretação, tornam-se mais vulneráveis em seu processamento pelo intérprete”.

Gile (2021) elucubra que, diante de alguma intercorrência gerada na compreensão, podendo haver até mesmo pausas, o intérprete estará com um atraso maior que o habitual entre as mensagens de chegada e de partida, necessitando, por vezes, acelerar a produção, o que reduzirá, também, a atenção às novas informações do texto de partida. Para o autor, esses efeitos sequenciais geram uma carga importada, que seria uma carga cognitiva adicional imputada ao segmento de fala atual que, na verdade, é oriunda do processamento do excerto precedente. Segundo

Seeber (2015), diante do comportamento na interpretação, é possível inferir a respeito da capacidade de processamento dos intérpretes.

Na interpretação simultânea na direção do português para a Libras, Barbosa (2020) identificou a datilologia como uma estratégia linguística empregada pelos intérpretes. Da Libras para o português, ela não se posiciona assim, uma vez que se trata de um item existente no texto de partida.

A partir da tarefa interpretativa implementada no presente estudo, ao se depararem com as sentenças-experimentais curtas, os 12 intérpretes responderam à datilologia de cinco maneiras, a depender das variáveis classe gramatical, frequência lexical e velocidade de exibição. As respostas mais salientes foram de equivalência, de omissão e de erro entre os textos de partida e de chegada. A mudança de classe, e, principalmente, indeterminação referencial, apresentaram baixas incidências.

No que tange a classe gramatical, disposta em nomes e em verbos, percebe-se que as proporções de todas as respostas são muito semelhantes, não havendo uma distinção ou precisão consolidada entre uma ou outra categoria, demonstrando que a classe não é preponderante para o desempenho dos intérpretes. Esse dado é similar ao encontrado no julgamento de aceitabilidade linguística das sentenças pelas pessoas surdas.

Contudo, em certa medida, ele diverge da expectativa de que os verbos seriam mais desafiadores e, a depender do contexto sintático, rogaria mais dispêndio de tempo de processamento aos intérpretes. Isso porque, consoante a Padden e Gunsauls (2003), Schembri e Johnston (2007) e Xavier e Souza (2022), que discutem, respectivamente, a ASL, a Auslan e a Libras, a datilologia de verbos é contabilizada substancialmente em menor ocorrência, se comparadas com as de nomes. Além disso, em português, língua de chegada desta pesquisa, a morfologia — que se ocupa da estrutura e da formação de palavras — verbal é mais complexa do que a nominal,

dos tempos, dos modos, além de compartilharem, cada uma a sua forma, as flexões (e.g., presença de radical, de vogal temática, afixos) (Cintra, 2004; Salum, 2007).

A frequência lexical se mostrou mais consistente em seus resultados, nas quais, para as palavras frequentes, houve mais ocorrências de equivalências, menos omissões e a mesma porcentagem de erros, em relação às infrequentes. De acordo com Brysbaert, Manderá e Keuleers (2018), as palavras de alta frequência são processadas mais eficientemente, tendendo a ser mais reconhecidas e, também, em processos interpretativos, mais facilitadas pela decisão lexical, do que as menos comuns. Nesse cenário, os autores ressaltam que a frequência de uma palavra pode estar atrelada a outros pontos como o seu comprimento, a idade em que foi adquirida/aprendida e a semelhança com outras palavras.

Além disso, a contagem e o efeito da frequência dependem de fatores como o tamanho do *corpus*, a exposição de determinado público àquela amostra, ou mesmo o grau de conhecimento da língua em questão. Esse aspecto também corrobora o uso dos testes de fluências para atestar a factível possibilidade de comparação entre os participantes. Conforme explicitado no capítulo da Metodologia, as palavras soletradas foram retiradas do *corpus* LexPorBR. Ainda, estudos mais recentes, como o de Brysbaert, Manderá e Keuleers, (2018), indicam a importância da diversidade de situações e de locais em que as palavras são encontradas, do que somente o número de ocorrências em que as palavras surgem.

No que compete a interpretação simultânea, Chmiel *et al.* (2023), com base em um *corpus* de interpretação do polonês, discorrem que as palavras de baixa frequência do texto de partida elevam a carga cognitiva dos intérpretes, sobretudo na direção da L2 para a L1, evidenciando possíveis dificuldades na compreensão da mensagem. Todavia, os autores não identificaram elementos de que esse aumento poderia prejudicar o desempenho dos intérpretes em segmentos posteriores aos referentes a palavra menos conhecida (i.e., efeito de transbordamento). Dessa forma,

como evidenciado nos dados deste estudo, a frequência lexical operou influência no desempenho dos intérpretes.

A velocidade foi a variável que mais evidenciou impacto na atuação e na qualidade do desempenho dos intérpretes, por ser um fator diretamente interligado à fluência da interpretação. Nas reformulações linguístico-cultural simultâneas, Combe e Stosic (2024) argumentam que, em virtude da velocidade, os intérpretes podem omitir itens ou trechos e cometer erros linguísticos (i.e., léxicos) e paralinguísticos (e.g., pronúncia, ritmo e tom da voz). Assim, conforme seja a velocidade recebida do texto de partida, o entendimento da mensagem tenderá a ser mais custoso para eles.

Nos resultados apresentados, a condição acelerada se mostrou a mais deletéria aos intérpretes, com um expressivo número de erros e de omissões, e um decaimento no de acertos. Es-sousy, Alaoui e Jalid (2024) explicam que, quanto mais veloz o discurso na língua de partida, mais rapidamente os intérpretes necessitarão demandar recursos atencionais para processar as informações e manifestá-las na língua de chegada, podendo acarretar esses infortúnios.

O destaque retumbante deste estudo está na proporção de acertos para a condição mais lenta de apresentação da datilologia, alcançando 55%, conspirando para que uma exibição mais pausada seja melhor legível e compreensível ao receptor. Entretanto, de acordo com Leannah, Willis e Quandt (2022) e Lee e Secora (2022), a soletração manual não é entendida letra por letra, mas a partir de blocos e grupos das letras, que são dispostos e manifestos por movimentos das mãos. Quando uma soletração manual é realizada vagorosamente, a cada letra, há, conseqüentemente, uma perda desses movimentos. Conforme for a lentidão, haverá um aumento do processamento da cognição, da carga cognitiva, consoante a leitura e a memorização dessas letras individuais, para, então, construir e formar o léxico pretendido, o que seria mais desfavorável para o intérprete. Por isso, infere-se que a velocidade de 4,5s

ou de 650 ms/caractere utilizada foi confortável. Talvez, sendo superior, poderia causar o efeito negativo supracitado.

Tomando como base as respostas equivalentes, os efeitos combinados entre as três variáveis, as probabilidades médias e as estimadas para cada tipo de resposta, é substancialmente vigorosa a presença da frequência e da velocidade no desempenho positivo dos intérpretes perante a datilologia, enquanto que a classe gramatical não se revelou potente para tal. Nessa conjuntura, os intérpretes foram exitosos na interpretação de palavras frequentes e, principalmente, com velocidade lenta, corroborando com Brysbaert, Mander e Keuleers (2018), Gile (2021) e Chmiel *et al.* (2023), já que as palavras infrequentes e mais rápidas requisitam mais recursos atencionais, podendo suscitar mais omissões e erros.

Ao concatenar as respostas equivalentes dos intérpretes à idade de aquisição ou de aprendizagem da Libras informadas no questionário, verificou-se uma tendência de que, se mais tardia for, menor a quantidade dos acertos, havendo, assim, uma importante repercussão na performance dos profissionais. Essa exposição remonta às discussões já pacificadas nos estudos linguísticos em torno de primeira e de segunda língua, em que uma aquisição mais cedo da língua, aqui a de sinais, está conectada a uma atuação mais próspera, mesmo que, na fase de aquisição, a compreensão seja mais hábil do que a produção, partindo, especialmente, do processamento semântico para o sintático (Izumi, 2003). Caselli e Pyers (2017) destacam que a iconicidade é um fator relevante para o aprendizado de uma língua de sinais como L2, mas, assim como em L1, não é suficiente. Swabey *et al.* (2022) acentuam também que a aquisição pode ser precoce, porém isso não interdita a existência de variações na proficiência linguística. Ademais, conforme Karabüklü *et al.* (2025), quanto mais for a proficiência, mais experiência e conhecimento linguístico possuirá para antever e reconhecer estímulos visuais.

Na esteira da aquisição, o *input* linguístico visual é o motor da cadeia de processamento das informações da Libras, por exemplo. É interessante mencionar que, estatisticamente, os dados permitiram indicações de que quanto mais tempo os participantes mantiveram contato com vídeos em Libras, independentemente da temática ou da finalidade, melhor foi a atuação na tarefa. Karabüklü *et al.* (2025) avultam que o processamento da ASL, que pode ser estendido para as línguas de sinais em geral, demanda ao falante a alocação de atenção ao rosto, ao corpo e às mãos do interlocutor, estimulando e potencializando a capacidade de processar informações no campo visual periférico. Assim, a regularidade e a manutenção de acesso a esses estímulos, como os vídeos, pode contribuir.

A tentativa estatística de relacionar a quantidade de acertos dos intérpretes com a autoavaliação quanto a capacidade interpretativa da Libras para o português não se revelou promissora, já que tal avaliação não se refletia, necessariamente, no resultado prático.

Essa dissonância, entre a percepção e o desempenho real, também foi encontrada por Nicodemus e Emmorey (2015), ao confrontarem preferências e produções dos intérpretes intermodais nas duas direções. Em um estudo experimental com 15 intérpretes iniciantes e 15 profissionais de ASL-inglês, as autoras constataram, por meio da precisão do conteúdo semântico da interpretação e da qualidade de articulação (e.g., fluxo, velocidade de expressão e prosódia), que os intérpretes profissionais evidenciaram uma produção semelhante nas duas direções, e os iniciantes melhor desenvoltura na direção para o inglês, embora ambos tenham preferência pela a da ASL, como havia sido reportado em Nicodemus e Emmorey (2013). Para elas, o melhor comportamento na interpretação para o inglês pode estar atrelado ao menor esforço cognitivo em produzir na primeira língua.

Diante dessa incongruência entre a preferência e o desempenho, Nicodemus e Emmorey (2015) arrazoam três possíveis razões, sendo, todas, relacionadas à

modalidade das línguas. Uma delas é referente ao uso da datilologia como uma estratégia reparativa para expressar as informações nas línguas de sinais, ao passo que, na direção para a língua oral, ela se torna uma dificuldade, pois, não sendo compreendida, não há o que ser manifestado. Outra justificativa razoável seria o emprego, em línguas de sinais, de sentenças agramaticais ou que são extremamente subordinadas às construções das línguas orais. Em quaisquer que sejam as direções, essa conduta é inapropriada e pode comprometer o entendimento do público. Todavia, Nicodemus e Emmorey (2013) e Nicodemus, Lang e Haug (2023) mencionam que, geralmente, as pessoas surdas aceitam tais produções, seja por compreensão bilíngue, seja por ser um grupo minorizado perante a sociedade como um todo, enquanto que a audiência ouvinte, não. Ainda, uma terceira possibilidade posta por Nicodemus e Emmorey (2015) é o automonitoramento da produção, uma vez que, ao expressar as informações nas línguas de sinais, os intérpretes não acompanham, realmente, a assertividade e a efetividade dessa etapa. Caso fosse para a língua oral, haveria o retorno auditivo do que estão emitindo.

A documentação do tempo de início da produção dos intérpretes proporcionou indícios estatísticos de que as respostas equivalentes são potencialmente atingidas quando os intérpretes são mais parcimoniosos e demoram um pouco mais, até compreender com exatidão toda a sentença, para realizarem a interpretação. Ao mesmo tempo, as omissões foram proeminentes nas respostas em períodos iniciais mais curtos. Embora o quesito tempo não seja exclusivo ou preponderante para a assertividade das interpretações, já que outros aspectos como a fluência na Libras, a idade de aquisição da língua e as características e as condições dos itens linguísticos, ele revela-se como um dispositivo de planejamento e de monitoramento da produção. Cabe destacar que não foi registrado o tempo inicial ou o intervalo temporal em que os participantes pronunciaram a palavra soletrada.

Além desse tempo inicial, as pausas empreendidas pelos intérpretes em meio a produção das sentenças também foram anotadas, porém, como nem todos as realizaram, não foi possível estabelecer, estatisticamente, algum eixo comparativo ou indicativo em relação, por exemplo, aos acertos ou a alguma das variáveis. Entretanto, conforme Aal-Hajiahmed (2024) e Bartłomiejczyk e Gumul (2024), a literatura dos Estudos da Interpretação alega que essas pausas, inseridas no escopo das disfluências, sugerem uma amplificação da carga cognitiva e um prejuízo no processo interpretativo, seja dos estudantes, seja dos profissionais.

6.2 Limitações do estudo

A realização de estudos experimentais é um desafio, pois envolve, para além da presença fundamental dos participantes, a identificação e seleção do objeto, e da meticulosidade na construção do desenho. Considera-se, nesta pesquisa, quatro principais pontos limitantes e que, em alguma medida, estão interligados.

Gile (2016a) pondera que o comportamento dos sujeitos apresenta alta variabilidade interindividual, o que implicaria na ampliação da amostra. Esse, talvez, tenha sido o maior gargalo deste trabalho. Mesmo diante de compromissos profissionais e pessoais dos intérpretes no que tange ao agendamento das sessões, ainda assim o montante de 12 se mostrou factível, sendo quatro interpretações para cada *scritp*. Se houvesse uma expansão desse quadro, os resultados e as análises estatísticas poderiam ter sido mais robustas. No entanto, é válido reavivar que a presente direção interpretativa escolhida, da Libras para o português, é a de menor preferência por parte dos profissionais, como Lourenço (2018a), Gomes (2020) e Silva (2021) já demonstraram. Por essa razão, é possível que o número de intérpretes continuaria sendo uma limitação, ao não se prontificarem ou declinarem da participação.

Em relação aos materiais em vídeo, para evitar o enviesamento dos resultados, foram produzidas 48 sentenças-experimentais e 96 sentenças-distratoras, totalizando 144. Como se tratava de palavras em datilologia, muitas possuem itens lexicais convencionalizados na Libras, o que causou, certamente, estranhamento nos participantes. Por isso, para que eles não notassem fortemente essa questão, talvez esse montante precisaria ser maior, em que as distratoras alcançassem algo com torno de 500% das experimentais, elevando o estudo para 288 sentenças. Todavia, transcendendo o trabalho hercúleo na elaboração e na gravação de todas essas sentenças, a principal dificuldade residiria no agendamento, com um mesmo intérprete, várias sessões, ao longo de dias, para a conclusão do estudo. Isso poderia reduzir drasticamente a quantidade de participantes.

Ademais, a intenção, perseguida e concluída quase com êxito, era realizar todas as gerações de dados no LETRA da UFMG. Entretanto, diante da necessidade de exclusão de uma participante e da incompatibilidade de agendas entre alguns potenciais participantes e o autor, foi necessário completar a amostra em um outro local, semelhante ao primeiro, e seguindo as mesmas orientações.

Ainda, apesar de já validado em contexto europeu e ajustado para a realidade brasileira, o questionário de competência em interpretação empregado neste estudo se mostrou um tanto quanto insuficiente, ao não conseguir se cercar em todos os pontos. Um destaque especial para a questão da proficiência em Libras, em que poderia ter sido mais restritiva ao citar, por exemplo, o certificado do ProLibras para tradução e interpretação.

Diante desses apontamentos, importa destacar e enaltecer que essas limitações não comprometem ou minimizam a relevância e a finalidade desta pesquisa. Certamente, ela contribuirá para o campo (inter)disciplinar por seu posicionamento inovador e por relacionar a datilologia com questões de ordem linguística e cognitiva em interpretações simultâneas.

6.3 Perspectivas futuras

Este trabalho proporciona aos estudiosos e aos profissionais da área de interpretação, de línguas de sinais ou orais, a oportunidade de debater e de problematizar o impacto da modalidade de língua, indicado aqui pela datilologia no modo simultâneo.

Por isso, ainda nessa direção interpretativa, seria interessante a continuidade de estudos experimentais que verificassem alguns aspectos como: (i) a realização de estudos comparativos com outros pares intermodais; (ii) o cotejamento dos presentes dados com palavras em datilologia controladas em um texto/contexto; (iii) a aplicação de sinais datilológicos em condições similares a esta pesquisa; (iv) a mensuração do tempo que os intérpretes começam a produzir especificamente a palavra soletrada na língua de chegada (i.e., português); (v) a mensuração do tempo das pausas, das retomadas/reformulações e dos prolongamentos durante as manifestações das datilologias para o português; (vi) a redução da velocidade lenta, a fim de ratificar ou não que essa condição é a mais favorável ao desempenho dos intérpretes; (vii) a comparação no desempenho dos intérpretes na expressão soletrada de nomes próprios e comuns para o português; (viii) a aplicação de estudo semelhante de análise das datilologias, porém em situações reais de interpretação (e.g., contextos de conferência, educacional); e (ix) o uso de outros gatilhos de problema como itens de densidade técnica em datilologia.

Ainda, é possível desenvolver pesquisas experimentais em que a datilologia seja interpretada do português para a Libras.

Capítulo 7: Considerações Finais

Este capítulo cumpre a missão de reunir todas as discussões realizadas nesta pesquisa, perpassando pelos dados gerados e pela retomada dos objetivos e das hipóteses que nortearam todo o desenvolvimento, além de vislumbrar possíveis implicações para a área.

Inicialmente, é válido resgatar que os Estudos da Interpretação se situam como um campo (inter)disciplinar consistente que, para se edificar e se legitimar, movimentou-se da prática ao profissionalismo, e da pré-teoria ao cientificismo (Silva, 2020; Gile, 2021). Proposições de Teorias e de Modelos foram fundamentais para aquecer as discussões e pavimentar essa trajetória e o atual estatuto alcançado. Não obstante, é importante ter clareza de que a construção é contínua, e novas contribuições são benéficas para compor o processo, ao lidar com desafios que certamente surgirão.

No domínio da interpretação simultânea — modo altamente complexo e requisitado cognitiva e profissionalmente —, a literatura indica que alguns itens,

como os de ordem linguística (e.g., nomes próprios e números) e presentes na língua de partida, podem ser desencadeadores de problemas durante a atividade, elevando a capacidade de processamento dos intérpretes e provocando fragilidades na produção da língua de chegada.

Em reformulações envolvendo pares de línguas intermodais como a Libras e o português, nota-se que a datilologia, por ser a manifestação em configurações de mão de palavras e termos das línguas orais, e comumente usada para representar nomes de pessoas, de locais e termos especializados ou itens com baixa frequência em interações comunicativas, é um elemento que pode impactar o processo nessa modalidade interpretativa. Na direção de uma língua de sinais para uma oral, reconhecidamente de baixa adesão e preferência pelos intérpretes, como destacam Nicodemus e Emmorey (2013), Lourenço (2018a) e Gomes (2020), a datilologia pode ser desafiadora por sua constituída densidade visual, e pelo fato de serem itens tipicamente menos previsíveis, aumentando a carga cognitiva e, assim, afetar a compreensão e a produção na interpretação.

Para verificar esses possíveis impactos, as três variáveis independentes (i.e., classe gramatical - nome vs. verbo; frequência lexical - alta vs. baixa; e velocidade de apresentação - lenta vs. normal vs. acelerada) foram acionadas e controladas no estudo experimental com 12 intérpretes profissionais, ao interpretarem 144 sentenças curtas, das quais 48 eram as experimentais e 96 distratoras. Todas essas sentenças possuíam cinco léxicos, mas as experimentais eram compostas pela palavra soletrada na quarta posição, sendo que as palavras foram extraídas do *corpus* psicolinguístico LexPorBR.

Certificando de que se tratavam de sentenças gramaticais, naturais e coerentemente semânticas, 21 pessoas surdas com graduação e ou pós-graduação em andamento ou concluídas as julgaram, relevando que seriam condizentes à aplicação, e não comprometeria a interpretação a ser realizada pelos participantes.

Estatisticamente, os dados gerados pela aceitabilidade linguística das pessoas surdas revelaram que nenhuma das variáveis foram determinantes para a sua avaliação. Todavia, ainda que em baixa proporção, as sentenças com as palavras de alta frequência obtiveram, vagamente, uma maior pontuação.

Os resultados da tarefa interpretativa foram estatisticamente comparáveis, pois os participantes se submeteram a um teste de fluência verbal semântica para a Libras e um de palavras de Thurstone para o português, cujos dados evidenciaram não existir assimetria de fluência intersujeitos em ambas as línguas.

Entre as categorias de análise das respostas, que abarcavam a equivalência semântica, a omissão, o erro, a mudança de classe gramatical e a indeterminação referencial, constatou-se que a classe gramatical não apresentou significativa relevância, embora os verbos tenham se suplantado um pouco. Em relação à frequência, as com mais ocorrências se mostraram mais consolidadas. A velocidade, por sua vez, demonstrou ser a variável mais potente para o (in)sucesso nas interpretações. A acelerada apresentou um maior número de omissões e de erros, seguida da condição normal e, com um expressivo montante de equivalências, a velocidade lenta sustentou-se como muito relevante para esse favorável desempenho dos intérpretes.

Na sequência, cotejando esses achados com as respostas do questionário, verificou-se que a idade de aquisição ou de aprendizagem da Libras tem forte relação com o bom desempenho na tarefa interpretativa. Além desse ponto que se remete a aquisição precoce de língua, o contato regular com vídeos na Libras também indicou o maior número de acertos, aparentando melhor performance dos intérpretes.

Ao examinar a correlação entre as respostas equivalentes e as notas auto atribuídas pelos intérpretes quanto a sua capacidade de interpretar da Libras para o português, percebe-se que nenhum resultado estatisticamente significativo e produtivo foi extraído. Isso remonta que relatos próprios não sustentam,

necessariamente, na prática, uma atuação superior, recheada com mais ocorrências de acertos. Além disso, é possível refletir, também, até que ponto os participantes se engajaram nessa questão da autoavaliação.

Ainda, ao analisar as respostas coerentes e o tempo de início registrado das produções dos intérpretes, percebe-se, mesmo que pequena, uma tendência de que quanto mais demorada foi a largada da manifestação, mais exitosa ela se despontou. Reforça-se que esse tempo de início não é unicamente decisivo para a qualidade e a precisão das respostas, mas um indicativo parcial de cautela e de planejamento precedente na compreensão para, então, produzir a mensagem na língua de chegada. Esse pode ser, inclusive, um objeto a ser examinado mais a fundo em outras pesquisas.

Recuperando os dois objetivos específicos desta tese, é possível afirmar que, mesmo parcialmente, ambos estavam coerentes, pois, diante da sua natureza e imprevisibilidade na interpretação, a datilologia figurou como um desencadeador de problema. Lourenço e Viana (2022) destacam que a soletração manual pode não rogar imperiosamente uma capacidade elevada de processamento nos intérpretes, mas, diante da restrição de recursos em meio a tarefa interpretativa, torna-se um item mais frágil para o profissional. Essa abordagem corrobora as duas primeiras hipóteses levantadas, ressaltando que, por ser um potencial gatilho, omissões e erros seriam detectados.

No que circunscreve as variáveis, a classe gramatical não apresentou significância, demonstrando não ser, portanto, um fator determinante. Ao mesmo tempo, esses resultados vão de encontro com a terceira das hipóteses de que diante da menor incidência de datilologia de verbos, como identificado por Padden e Gunsauls (2003), Schembri e Johnston (2007) e Xavier e Souza (2022), essa seria uma classe que importaria mais dificuldade e tempo de processamento aos intérpretes.

A frequência lexical revelou ser importante, uma vez que as palavras mais conhecidas obtiveram um maior número de respostas equivalentes. Já a velocidade de exibição se mostrou uma vigorosa variável associada ao desempenho dos intérpretes, declarando que as em condição mais lenta abarcaram um maior quantitativo de acertos e as aceleradas ampla incidência de omissões e de erros.

Nesse íterim, em partes, a quarta hipótese se confirma, revelando que as palavras, de baixa frequência e soletradas aceleradamente, presentes nas sentenças-experimentais foram as mais desafiadoras, aglomerando mais omissões e erros, mas podendo ser nomes ou verbos, embora os nomes tenham se destacado nesse escopo negativo. Dessa maneira, sumariza-se que o melhor desempenho dos intérpretes ocorreu com as datilologias de palavras com alta frequência e em velocidade lenta, com uma leve tendência para os verbos.

A consciência e a expectativa é de que esta pesquisa se finda como um importante vetor de conhecimento dos Estudos da Interpretação, ao abordar e descrever evidências empíricas nas quais a modalidade das línguas de sinais, neste caso, a soletração manual, interage com fatores cognitivos e linguísticos em tarefas simultâneas.

Além disso, esses resultados podem subsidiar o planejamento e a implementação de ações e de protocolos de avaliação, de atuação, de capacitação e de formação de intérpretes, considerando a conjuntura e a complexidade multimodal da interpretação envolvendo línguas de sinais, com demandas que envolvam imprevisibilidade lexical.

No espectro da formação, seja inicial, seja continuada, a datilologia se insere como um desafio, pois, em geral, ainda é pouco estudada e compreendida como um relevante elemento linguístico. É importante ressaltar que, para as pessoas surdas, por exemplo, ela não é introduzida com a finalidade de empréstimo ou para reproduzir, conscientemente, uma palavra da língua oral. Por isso, é preciso,

primeiro, descortinar as suas nuances e funções enfáticas e discursivas nas línguas de sinais para, então, promover ações em que os intérpretes, e também os tradutores, possam lidar com a recepção/leitura e a produção da soletração manual, nas duas direções.

Ainda, diante desse cenário, este trabalho pode contribuir para os esclarecimentos dos clientes, que serão os oradores na Libras, ao empregarem datilologia, quando estiverem sendo acompanhados por intérpretes em suas falas.

Referências

- AAL-HAJIAHMED, M. J. **Cognitive Processes in Simultaneous Interpreting From English Into Arabic and From Arabic Into English: A Study of Problems and Interpreter Strategies**. 2022, 762 f. Tese de Doutorado em Tradução e Estudos Interculturais, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2022.
- AAL-HAJIAHMED, M. J. The Investigation of Interpreters' Stress during Simultaneous Interpretation from English into Arabic and Vice Versa. *العدد الخاص*, v. 4. p. 209-238, 2024.
- ALAWAD, H.; MUSYOKA, M. Examining the effectiveness of fingerspelling in improving the vocabulary and literacy skills of deaf students. **Creative Education**, v. 9, p. 456-468, 2018.
- ALBL-MIKASA, M.; EHRENSBERGER-DOW, M.; HEEB, A. H.; LEHR, C.; BOOS, M.; KOBI, M.; JÄNCKE, L.; ELMER, S. Cognitive load in relation to non-standard language input: Insights from interpreting, translation and neuropsychology. **Translation, Cognition & Behavior**, v. 3, n. 2, p. 263-286, 2020.
- ALBUQUERQUE, T. R. Atitude linguística: Aceitabilidade de sinais no Enem em Libras. **Fórum Linguístico**, v. 21, n. especial, p. 10510-10523, 2024.
- ALVES, D. A. S.; VASCONCELLOS, M. L. B. Metodologias de pesquisa em Estudos da Tradução: uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010. **Revista DELTA**, v. 32, n. 2, p. 375-404, 2016.
- ALVES, F. Bases epistemológicas e paradigmáticas para pesquisas empírico-experimentais sobre competência tradutória: uma reflexão crítica. **Revista DELTA**, v. 31, n. especial, p. 283-315, 2015.
- ALVES, F. Ritmo Cognitivo, meta reflexão e experiência: parâmetro de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. *In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Orgs.). Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 109-172, 2005.
- ALZHRANI, A. The role of fingerspelling in Saudi Arabian Deaf Culture. **International Journal of Disability, Development and Education**, v. 69, n. 6, p. 2155-2171, 2022.
- AMOS, R. M.; SEEBER, K. G.; PICKERING, M. J. Prediction during simultaneous interpreting: Evidence from the visual-world paradigm. **Cognition**, v. 220, p. 1-16, 2022.
- AMOS, R.; PICKERING, M. J. A new perspective on models and theories of simultaneous interpreting. **Target**, v. 37, n. 2, p. 159-183, 2025.
- APFELTHALER, M. Directionality. *In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). Routledge Encyclopedia of Translation Studies 2*. 3rd Editio ed. London and New York: Routledge, p. 152-155, 2020.

- ARTL, G. B. **Act like a lady: the impact of gender identity on American Sign Language – English interpreters**, 2015, 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Interpretação – Letras), Western Oregon University, Monmouth, Oregon, 2015.
- ARUM, A. A. Effects of presentation delivery rate on errors in simultaneous interpreting: A pilot study. **Indonesian Journal of Applied Linguistics**, v. 12, n. 1, p. 28-39, 2022.
- BABCOCK, L.; VALLESI, A. Are simultaneous interpreters expert bilinguals, unique bilinguals, or both?. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 20, n. 2, p. 403-417, 2017.
- BARAKAT, E. The strategic behavior of undergraduate students in simultaneous interpreting. **Journal of Social Studies**, v. 24, n. 3, p. 113-137, 2018.
- BARBOSA DA SILVA, D. Contato linguístico e influências de línguas orais na Libras: uma análise a partir do léxico da Língua Brasileira de Sinais. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, p. 1-18, 2023.
- BARBOSA, D. M. **Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: Língua Portuguesa - Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência**. 2020, 248 f. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- BARBOSA, D. M.; LIMA, A. C. M. A interpretação de português para Língua Brasileira de Sinais (Libras) na programação da TV UFG e o uso do empréstimo linguístico. **Tradução em Revista**, v. 32, p. 144-170, 2022.
- BARBOSA, D. M.; QUENTAL, R. Signed Language Interpreting – a Treasure Trove for Interpreting Studies: An Interview with Daniel Gile. **Tradução em Revista**, v. 33, p. 200-214, 2022.
- BARTLOMIEJCZYK, M.; GUMUL, E. Disfluencies and directionality in simultaneous interpreting: A corpus study comparing into-B and into-A interpretations from the European Parliament. **Translation & Interpreting**, v. 16, n. 1, p. 38-54, 2024.
- BARTLOMIEJCZYK, M.; ROJCZYK, A. How native-like do conference interpreters sound in L2?: A phonetic analysis of retour interpretations into English in the European Parliament. **Translation, Cognition & Behavior**, p. 1-24, 2025.
- BAXTER, R. N. Trending topics in current interpreting research: an overview of twenty years of interpreting studies seen through the lens of T&I journals. **Transletters: International Journal of Translation and Interpreting**, v. 6, p. 1-30, 2022.
- BEHR, M. Interpreting Studies and the Need for a Systemic Turn. **Lublin Studies in Modern Languages and Literature**, v. 48, n. 3, p. 53-64, 2024.
- BELLUGI, U.; FISCHER, S. **A comparison of sign language and spoken language**. *Cognition*, v. 1, p. 173-200, 1972.
- BERNARDINO, E. L. A.; MARTINS, D. A.; MOURA, J. C. B.; BASTOS, S. V. A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva. **Signótica**, v. 32, p. 1-27, 2020.

- BISNATH, F. Mouthing constructions in 37 Signed Languages: Typology, Ecology and Ideology. **Journal of Language Contact**, v. 16, n. 4, p. 565-614, 2024.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei nº 12.319**, de 01 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei nº 14.704**, de 25 de outubro de 2023. Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras).
- BROŚ, K.; CZARNOCKA-GOLEBIEWSKA, K.; MOLCZANOW, J.; SZUPICA-PYRZANOWSKA, M. The role of expertise in coping with accents during simultaneous interpreting. **Interpreting**, v. 27, n. 1, p. 52-86, 2025.
- BROSS, F. **Acceptability Ratings in Linguistics: A Practical Guide to Grammaticality Judgments, Data Collection, and Statistical Analysis**. Version 1.02. Mimeo, 2019.
- BRYLSBAERT, M.; MANDERA, P.; KEULEERS, E. The word frequency effect in word processing: an updated review. **Current Directions in Psychological Science**, v. 27, n. 1, p. 45-50, 2018.
- CANTONI, M. M.; OLIVEIRA, B. G.; NEVADO, H. M. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v.15, p. 1-23, 2022.
- CARNEIRO, T. D. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social. **Tradução em Revista**, v. 23, p. 1-19, 2017.
- CASELLI, N. K. PYERS, J. E. The road to language learning is not entirely iconic: iconicity, neighborhood density, and frequency facilitate acquisition of sign language. **Psychological Science**, v. 28, n. 7, p. 979-987, 2017.
- CASIMIRO, E. R.; SOUZA, N. N. Aquisição de linguagem e aprendizado de língua estrangeira. **Porto das Letras**, v. 8, n. 2, p. 1-22, 2022.
- CASTRO-JÚNIOR, G.; FAULSTICH, E.; PROMETI, D.; FRANCISCO, G. S. A. M. Gramática da datilologia em Libras. **Peer Review**, v. 5, n. 3, p. 135-150, 2023.
- CAVALLO, P. **Reelaboração de um modelo de competência do intérprete de conferências**, 2019, 361 f. Tese de Doutorado em Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- CAVALLO, P.; REIULLARD, P. C. R. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, v. 32, n. 1, p. 353-368, 2016.

- CHANNER, C. S. **Coarticulation in American Sign Language Fingerspelling**, 2012, 40 f. Dissertação de Mestrado em Linguística, University of New Mexico, Albuquerque, 2012.
- CHEN, S. The construct of cognitive load in interpreting and its measurement. **Perspectives**, v. 25, n. 4, p. 640-657, 2017.
- CHERNOV, G. V. **Inference and anticipation in simultaneous interpreting: a probability-prediction**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 299, 2004.
- CHMIEL, A. Effects of simultaneous interpreting experience and training on anticipation, as measured by word-translation latencies. **Interpreting**, v. 23, n.1, p. 18-44, 2021.
- CHMIEL, A.; JANIKOWSKI, P.; KORZINEK, D.; LIJEWSKA, A.; KAJZER-WIETRZNY, M.; JAKUBOWSKI, D.; PLEVOETS, K. Lexical frequency modulates current cognitive load, but triggers no spillover effect in interpreting. **Perspectives**, p. 1-19, 2023.
- CHRISTOFFELS, I. K. **Cognitive studies in simultaneous interpreting**. 2004, 163 f. Tese de Doutorado em Psicologia, Universiteit Van Amsterdam, Amsterdam, 2004.
- CHRISTOFFELS, I. K.; GROOT, A. M. B.; KROLL, J. F. Memory and language skills in simultaneous interpreters: The role of expertise and language proficiency. **Journal of Memory and Language**, v. 54, p. 324-345, 2006.
- CINTRA, G. A flexão nominal em Mattoso Câmara e outras análises. **D.E.L.T.A.**, v. 20, p. 85-104, 2004.
- COHEN, M.; STANCZAK, D. On the Reliability, Validity, and Cognitive Structure of the Thurstone Word Fluency Test. **Archives of Clinical Neuropsychology**, v. 15, n. 3, p. 267-279, 2000.
- COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. *In*: COKELY, D. (Org.). **Sign Language Interpreters and Interpreting**. Burtonsville, MD: Linstok Press, p. 39-69, 1992.
- COMBE, C.; STOSIC, D. Processing manner under high cognitive pressure: evidence from French-English and English-French simultaneous interpreting. **Language and Cognition**, p. 1-29, 2024.
- CONSOLO, D. A.; COLOMBO, C. S.; QUEIROZ, R. N. Exame de proficiência para professores de língua estrangeira: histórico e avanços. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 36, p. 1-26, 2025.
- COONS, C. Nominal Word Order Typology in Signed Languages. *In*: CUCCIO, V., WILKINSON, E., GARCIA, B., SCHEMBRI, A., MORIARTY, E., FONTANA, S., (Orgs.). **Sign Language Research Sixty Years Later: Current and Future Perspectives**. Lausanne: Frontiers Media SA, p. 120-141, 2022.

- CORDEIRO, R. A. A. **Sinal Datilológico em Libras**, 2019, 205 f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- CORMIER, K.; SCHEMBRI, A.; TYRONE, M. E. One hand or two?: nativisation of fingerspelling in ASL and BANZSL. **Sign Language & Linguistics**, v. 11, n. 1. p. 3-44, 2008.
- DIAS, L. F.; LADEIRA, E. C. Domínio de referência na constituição do sujeito gramatical: o indefinido, o inespecífico e o indeterminado. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 7, n. 8, p. 90- 104, 2013.
- DÍAZ-GALAZ, S.; PADILLA, P.; BAJO, M. T. The role of advance preparation in simultaneous interpreting. **Interpreting**, v. 17, n. 1, p. 1-25, 2015.
- DINIZ, H. G. Descrição da variação fonético-fonológica na letra manual “E” em Libras. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, p. 452-459, 2020.
- DINIZ, H. G. **Variação fonológica das letras manuais na soletração manual em Libras**, 2023, 257 f. Tese de Doutorado em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- EBLING, S.; WOLFE, R.; SCHNEPP, J.; BAOWIDAN, S.; MCDONALD, J.; MONCRIEF, R.; SIDLER-MISEREZ, S.; TISSI, K. Synthesizing the finger alphabet of Swiss German Sign Language and evaluating the comprehensibility of the resulting animations. **6th Workshop on Speech and Language Processing for Assistive Technologies**, p. 10-16, 2015.
- ECKERT, K.; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. **Domínios de Lingu@gem**, v. 9, n. 1, p. 198-216, 2015.
- EL-SOUSY, A.; ALAOUI, Y.; JALID, K. The influence of speed on error rates in simultaneous interpreting: an observational study (English to Arabic). **International Journal of Linguistics, Literature and Translation**, v. 7, n. 11, p. 116-128, 2024.
- EMMOREY, K. Ten things you should know about sign languages. **Current Directions in Psychological Science**, v. 32, n. 5, p. 387-394, 2023.
- EMMOREY, K.; MIDGLEY, K. J.; HOLCOMB, P. J. Tracking the time course of sign recognition using ERP repetition priming. **Psychophysiology**, v. 59, n. 3, e13975, 2022.
- ESTIVALET, G. L.; MEUNIER, F. *Corpus psicolinguístico Léxico do Português Brasileiro*. **SOLETRAS**, n. 33, p. 212-229, 2017.
- FAGGION, C. M. **A indeterminação em português: uma perspectiva diacrônico-funcional**. 2008, 197 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

- FENLON, J.; SCHEMBRI, A.; RENTELIS, R.; VINSON, D.; CORMIER, K. Using conversational data to determine lexical frequency in British Sign Language: the influence of text type. *Lingua*, n. 143, p. 187-202, 2014.
- FERRARA, L.; ANIBLE, B.; HODGE, G.; JANTUSEN, T.; LEESON, L.; MESCH, J.; NILSSON, A. A cross-linguistic comparison of reference across five signed languages. *Linguistic Typology*, v. 27, n. 3, p. 591-627, 2023.
- FERREIRA, A.; SCHWIETER, J.W.; FESTMAN, J. Cognitive and Neurocognitive Effects From the Unique Bilingual Experiences of Interpreters. *Frontiers in Psychology*, v. 11, p. 1-10, 2020.
- FINAU, R. A. As marcas linguísticas para as categorias tempo e aspecto na Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, p. 258-298, 2008.
- FREIRE, E. L. Teoria interpretativa da tradução e teoria dos modelos dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 22, p. 151-174, 2008.
- FREITAS-JÚNIOR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S.; DINIZ, R. S. Mudanças graduais e abruptas: reflexões sobre sinais soletrados e compostos da Libras em uma abordagem construcional baseada no uso. *Revista Linguística*, v. 16, n. 3, p. 146-169, 2020.
- GARCÍA, A. M. Mind and brain in the study of translation and interpreting. In: *The Neurocognition of Translation and Interpreting*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/ Philadelphia, v. 147, p. 11-40, 2019.
- GARCÍA, A. M.; MIKULAN, E.; IBÁÑEZ, A. A neuroscientific toolkit for translation studies. In: MARTÍN, R. M. (Ed.). *Reembedding Translation Process Research*. Amsterdam: John Benjamins, p. 21-46, 2016.
- GEER, L.; KEANE, J. Improving ASL fingerspelling comprehension in L2 learners with explicit phonetic instruction. *Language Teaching Research*, v. 22, n. 4, p. 439-457, 2018.
- GERVER, D. A Psychological approach to simultaneous interpretation. *Meta*, v. 20, n. 2, p. 119-128, 1975.
- GERVER, D. Empirical studies of simultaneous interpretation: a review and a model. In: BRISLIN, R. W. (Org.). *Translation: Application and research*. New York: Garden Press, p. 165-207, 1976.
- GIEZEN, M. R.; EMMOREY, K. Evidence for a bimodal bilingual disadvantage in letter fluency. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 20, n. 1, p. 42-48, 2017.
- GILE, D. Experimental research. In: ANGELELLI, C. V.; BAER, B. J. (Orgs.). *Researching Translation and Interpreting*. Oxon and New York: Routledge, p. 220-228, 2016a.
- GILE, D. Forty years of Effort Models of Interpreting: looking back, looking ahead. *Japan Translation and Interpretation Forum*, p. 1-17, 2020.

- GILE, D. Interpreting Studies: a critical view from within. **Monografias de Traducción e Interpretación**, Universitat de Valencia, n. 1, p. 135-155, 2009a.
- GILE, D. Language skills under pressure: the case of simultaneous interpreting. **Proceedings of Sophia University Linguistic Society**, n. 31, p. 65-81, 2016b.
- GILE, D. Simultaneous interpreting. In: CHAN, S. (Org.). **An Encyclopedia of Practical Translation and Interpreting**. Hong Kong: The Chinese University Press, p. 531-561, 2018.
- GILE, D. **The Effort Models and Gravitational Model: clarifications and update**, 2025. Disponível em: <https://https://cirin-gile.fr/powerpoint/The-Effort-Models-and-Gravitational-Model-Clarifications-and-update.pdf>. Acesso em 16 abr.2025.
- GILE, D. The Effort Models in Interpretation. In: **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, p. 159- 190, 1995.
- GILE, D. The Effort Models of interpreting as a didactic construct. In: **Advances in Cognitive Translation Studies**. MUÑOZ MARTÍN, R.; SANJUM, S.; LI, D. Singapore: Springer Nature Singapore Pte Ltda. p. 139-160, 2021.
- GILE, D. The Effort Models of interpreting. In: **Basic concepts and models for Interpreter and Translator training**. Revised edition. Benjamins Translation Library: John Benjamins Publishing Company, p. 157-190, 2009b.
- GILE, D. Traditions and innovation in Interpreting Studies: a personal analysis for 2016. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 5, p. 1424-1439, 2017.
- GILE, D.; NAPIER, J. Spoken Language Interpreters and Signed Language Interpreters: Towards Cross-fertilization, **International Journal of Interpreter Education**, v. 12, n. 1, p. 62-71, 2020.
- GIOVANNOLI, J.; MARTELLA, D.; CASAGRANDE, M. Executive functioning during verbal fluency tasks in bilinguals: a systematic review. **International Journal of Language and Communication Disorders**, v. 58, n. 4, p. 1316-1334, 2023.
- GOLLAN, T. H.; MONTOYA, R. I.; WERNER, G. A. Semantic and letter fluency in Spanish- English bilinguals. **Neuropsychology**, v. 16, p. 562-576, 2002.
- GOMES, E. A. “Falou por quê?”: reflexões quanto ao gerenciamento e uso de *mouthings* na interpretação simultânea intermodal indireta. **Translatio**, n. 17, p. 18-32, 2019.
- GOMES, E. A. **Interpretação simultânea em conferência acadêmica: a reformulação de nomes de pessoas da Libras para o português**. 2020. 187 f. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- GOMES, E. A. Interpretação simultânea intermodal da Libras para o português em conferência acadêmica: em foco os nomes próprios nacionais ou nacionalizados de pessoas. **Tradução em Revista**, v. 32, p. 66-93, 2022.

- GOMES, E. A. Panorama das pesquisas a respeito da interpretação simultânea Libras-português: ascensão e posicionamento acadêmico. **Revista Belas Infiéis**, v. 13, n. 1, p. 1-19, 2024.
- GROSJEAN, F. The complementarity principle and its impact on processing, acquisition, and dominance. In: SILVA-CORVALANT, C.; TREFFERS-DALLER, J. (Orgs.) **Language Dominance in Bilinguals: issues of measurement and operationalization**. Cambridge University Press: Cambridge, p. 66-84, 2016.
- GUEDES, F. E. **Tradução de Provas para Libras em Vídeo: mapeamento das videoprovas brasileiras de 2006 a 2019**, 2020, 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- GUIMARÃES, S. R. K. O papel das pistas do contexto verbal no reconhecimento de palavras. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 2, p. 279-289, 2004.
- GUMUL, E. Evidence of cognitive effort in simultaneous interpreting: Process versus product data. **Beyond Philology**, v. 16, n. 4, p. 11-45, 2019.
- HERVAIS-ADELMAN, A.; BABCOCK, L. The neurobiology of simultaneous interpreting: Where extreme language control and cognitive control intersect. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 23, p. 740-751, 2020.
- IBRAHIM, I. T. Simultaneous Interpreter as a Speaker. **Journal of cultural linguistic and artistic studies issued**, p. 506-521, 2021.
- IZUMI, S. Comprehension and production processes in second language learning: in search of the psycholinguistic rationale of the output hypothesis. **Applied Linguistics**, v. 24, n. 2, p. 168-196, 2003.
- JAMROZIK, D. G.; DAVIDSON, M. J.; McDONALD, J. C.; WOLFE, R. Teaching Students to Decipher Fingerspelling through Context: A New Pedagogical Approach. **Proceedings of the 17th National Convention – Conference of Interpreter Trainers**, p. 29-47, 2010.
- JARAISSY, M.; STAMP, R. Word of mouth: Mouthing patterns in a bimodal multilingual deaf community. **Language in Society**, p. 1-26, 2024.
- JERDE, T. E.; SOECHTING, J. F.; FLANDERS, M. Coarticulation in fluent fingerspelling. **The Journal of Neuroscience**, v. 23, n. 6, p. 2383-2393, 2003.
- KARABÜKLÜ, S.; WOOD, S.; BRADLEY, C.; WILBUR, R. B.; MALAIA, E. A. Effect of sign language learning on temporal resolution of visual attention. **Journal of Vision**, v. 25, n. 3, p. 1-11, 2025.
- KEANE, J. **Towards an articulatory model of handshape: What fingerspelling tells us about the phonetics and phonology of handshape in American Sign Language**. 2014. 303 f. Tese de Doutorado em Linguística, University of Chicago, Chicago, 2014.
- KEANE, J.; BRENTARI, D.; RIGGLE, J. Coarticulation in ASL fingerspelling. 2012. **Proceedings of the North East Linguistic Society [...]**. [S. l.: s. n.], 2012.

- KIM, T. **American Sign Language fingerspelling recognition from video: Methods for unrestricted recognition and signer-independence**. 2016. 65 f. Tese de Doutorado em Filosofia em Ciência da Computação, Toyota Technological Institute at Chicago, Chicago, 2016.
- KINCAL, S. The impact of non-native english on omissions in simultaneous interpreting. **Çeviribilim ve Uygulamaları Dergisi - Journal of Translation Studies**, n. 28, p. 98-109, 2020.
- KOPAR, P.; STACHOWIAK-SZYMCZAK, K. Combined problem triggers in simultaneous interpreting: exploring the effect of delivery rate on processing and rendering numbers, **Perspectives**, v. 28, n. 1, p. 126-143, 2020.
- KOTAIT, R. M. Conceptual Processing in Simultaneous Interpreting: A Cognitive Model of Mental Operations in the Interpretation of Three Speeches by President El-Sisi. **Occasional Papers**, v. 66, p. 441-494, 2019.
- KROUGLOV, A. Emergency remote teaching and learning in simultaneous interpreting: Capturing experiences of teachers and students. **Training, Language and Culture**, v. 5, n. 3, p. 41-56, 2021.
- LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.
- LADD, N. P. Deafhood and Deaf History. *In: Northern Ireland Associate of The Deaf*, Belfast, 2004.
- LEANNAH, C.; WILLIS, A. S.; QUANDT, L. C. Perceiving fingerspelling via point-light displays: The stimulus and the perceiver both matter. **PLoS ONE**, v. 17, n. 8, p. 1-17, 2022.
- LEE, B.; SECORA, K. Fingerspelling and its Role in Translanguaging. **Languages (Basel)**, v. 7, n. 4, p. 1-27, 2022.
- LEESON, L.; SHERIDAN, S.; CANNON, K.; MURPHY, T.; NEWMAN, H.; VELDHEER, H. Hands in Motion: Learning to Fingerspell in Irish Sign Language. **TEANGA**, v. 11, p. 120-141, 2020.
- LEITE, T. A.; McCLEARY, L. A identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada-no-uso. **Revista Todas as Letras**, v. 15, n. 1, p. 62-87, 2013.
- LEONARD, M. K.; LUCAS, B.; BLAU, S.; CORINA, D. P.; CHANG, E. F. Cortical encoding of manual articulatory and linguistic features in American Sign Language. **Current Biology**, v. 30, n. 22, p. 4342-4351, 2020.
- LEONEL, D. C. **A articulação labial (mouththing) como estratégia de diferenciação de sinais e construção de significados**. 2019, 63f. Trabalho de conclusão do curso Bacharelado em Letras Libras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- LEPIC, R. A usage-based alternative to “lexicalization” in sign language linguistics. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 4, n. 1, p. 1-30, 2019.

- LEUENBERGER, H. **La dactylogogie comme tactique**. 2017, 52 f. Dissertação de Mestrado em Interpretação. Programa de Pós-graduação em Linguística, Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle - Ecole supérieure d'interprètes et de traducteurs, Paris, 2017.
- LIMBERGER, B. K.; BIASIBETTI, A. P. C. S. Questões metodológicas envolvidas no design de experimentos de processamento de leitura com o uso do *software PsychoPy*. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 2, p. 659-689, 2019.
- LIU, M. "How do experts interpret? Implications from research in interpreting studies and cognitive science". In: HANSEN, G.; CHESTERMAN, A.; GERZYMISCH-ARBOGAST, H. (Orgs.). **Efforts and Models in Interpreting and Translation Research: A Tribute to Daniel Gile**. Amsterdam: John Benjamins, p. 159-177, 2008.
- LIU, M. Methodology in interpreting studies: a methodological review of evidence-based research. In: NICODEMUS, B.; SWABEY, L. (Orgs.). **Advances in Interpreting Research**, Benjamins Translation Library, Amsterdam: John Benjamins, p. 85-119, 2011.
- LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Análise de fala-em-interação institucional: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica**. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 128, 2009.
- LOPES, C. R.; MOTA, M. A. A percepção e a aceitabilidade de formas de tratamento no português europeu (PE): uma abordagem experimental. **Working Papers em Linguística**, v. 20, n. 2, p. 135-174, 2019.
- LOURENÇO, G. A interpretação simultânea Libras-português: diferenças morfossintáticas entre as línguas e seus efeitos em uma tarefa de interpretação-voz. **Tradução em Revista**, v. 24, p. 1-22, 2018a.
- LOURENÇO, G. Layering de informações visuais e a estrutura morfofonológica dos verbos em Libras. In: **II Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras**, Florianópolis, 2018b.
- LOURENÇO, G.; VIANA, L. M. G. Gatilhos de problemas na interpretação simultânea Libras-para-português: um estudo sobre a interpretação de informações numéricas e de datilologia. In: GONTIJO, T.; MARQUES-SANTOS, L.; BARROS, S. **Discussões sobre os Estudos da Tradução e Interpretação e a atuação dos TILS no Brasil**, Campinas: Pontes Editores, p. 113-131, 2022.
- MACHADO, R. N. **O processo de empréstimos linguísticos na Libras: modalidades e categorização**. 2022, 187 f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.
- MAIA, M. I. S.; CARNEIRO, B. G. Cinesiologia do punho e dos dedos e a predileção de configurações de mão na Libras. **Revista Sinalizar**, v. 8, p. 1-31, 2023.
- MALCOLM, K. "Transliteration". In: PÖCHHACKER, F. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. New York: Routledge, p. 423, 2015.

- MANKAUSKIENĖ, D. Problem trigger classification and its applications for empirical research. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, n. 231, p. 143-148, 2016.
- MANKAUSKIENĖ, D. **Problem triggers in simultaneous interpreting from english into lithuanian**. 2018, 64 f. Summary of Doctoral Dissertation. Vilnius University, 2018.
- MANKAUSKIENĖ, D. **Problems and difficulties in simultaneous interpreting from the point of view of skill acquisition**, p. 1-24, s/d.
- MARONEZE, B. O. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades neológicas**. 2011, 201 f. Tese de Doutorado em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MAULIDA, D. S.; SAEHU, A. The procedures of consecutive interpreting. **Linguists: Journal of Linguistics and Language Teaching**, v. 8, n. 1, p. 130-142, 2022.
- MCDERMID, C.; FINTON, L.; CHASNEY, A. Contextualized Recognition of Fingerspelled Words. **Journal of Interpretation**, v. 25, p. 1-24, 2016.
- MCDERMID, C.; HUMPHREY, C.; HARDING, A. Interpretation and Explication Process. **FEAST**, v. 5, p. 132-144, 2023.
- MEIER, R. P. Why different, why the same? explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. *In*: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. (Eds.). **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-25, 2004.
- MEYER, B., PAWLACK, B. Mitigating and being vague in interpreter-mediated discourse. **New Approaches to Hedging, Studies in Pragmatic**, p. 73-92, 2010.
- MILLER, M. A Case Study Comparing Fingerspelling Production Between Two Interpreters with EIPA Scores of 3.0 and 4.0. **Theses/Capstones/Creative Projects**, p. 1-21, 2020.
- MONTEMURRO, K.; BRENTARI, D. Emphatic fingerspelling as code-mixing in American Sign Language. **Proceedings of the Linguistic Society of America**, v. 3, n. 61, p. 1-13, 2018.
- MORFORD, J. P.; WILKINSON, E.; VILLWOCK, A.; PIÑAR, P.; KROLL, J. F. When deaf signers read English: Do written words activate their sign translations?. **Cognition**, v. 118, n. 2, p. 286-292, 2011.
- MOSER-MERCER, B. Identifying and interpreting scientific phenomena: Simultaneous challenges to interpreting research. *In*: NICODEMUS, B.; SWABEY, L. (Orgs.). **Advances in Interpreting Research**, Benjamins Translation Library, Amsterdam: John Benjamins, p. 47-58, 2011.
- MOSER-MERCER, B. Simultaneous interpretation: a theoretical model and its practical application. *In*: GERVER, D.; SINAIKO, W. H. (Org.). **Language, interpretation and communication**. New York: Plenum Press, p. 353-368, 1978.

- MUSTAFAKULOVICH, R. M. History of Simultaneous Interpretation. **International Journal of Advanced Multidisciplinary Research and Studies**, v. 3, n. 1, p. 802-804, 2023.
- NAPIER, J. University interpreting: linguistic issues for consideration. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**. v. 7, n. 4, p. 281-301, 2002.
- NASCIMENTO, C. B. Alfabeto manual da Língua de Sinais Brasileira (Libras): uma fonte produtiva para importar palavras da Língua Portuguesa. **Revista Trama**, v. 7, n. 14, p. 33-55, 2011.
- NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016, 318 f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.
- NEUNZIG, W. Empirical Studies in Translation: Methodological and Epistemological Questions. **TTR - Traduction, Terminologie, Rédaction**, v. 24, n. 2, p. 15-39, 2011.
- NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction Asymmetries in Spoken and Signed Language Interpreting. **Bilingualism: Language and Cognition**. v. 16, n. 3, p. 624-636, 2013.
- NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Directionality in ASL-English interpreting: Accuracy and articulation quality in L1 and L2. **Interpreting**, v. 17, n. 2, p. 145-166, 2015.
- NICODEMUS, B.; LANG, C.; HAUG, T. Perspectives about language direction from signed language interpreters in the United States and Switzerland. **Translation & Interpreting**, v. 15, n. 1, p. 98-119, 2023.
- NICODEMUS, B.; SWABEY, L.; LEESON, L.; NAPIER, J.; PETITTA, G.; TAYLOR, M. M. A Cross-Linguistic Analysis of Fingerspelling Production by Sign Language Interpreters. **Sign Language Studies**, Published By: Gallaudet University Press, v. 17, n. 2, p. 143-171, 2017.
- NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-Português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**, 2016, 211 f. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- OCCHINO, C.; LIDSTER, R.; GEER, L. C.; LISTAMN, J.; HAUSER, P. C. Development of the American Sign Language Fingerspelling and Numbers Comprehension Test (ASL FaN-CT). **Language Testing**, v. 41, n. 1, p. 135-161, 2024.
- OCELKOVÁ, T. **Problem triggers in simultaneous interpreting and their impact on the processing capacity of an interpreter**, 2019, 82 f. Trabalho de conclusão do curso Bacharelado em Inglês, Palacký University, Olomouc, 2019.
- PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the alphabet came to be used in a sign language. **Sign Language Studies**, v. 4, n. 1, p. 10-33, 2003.
- PADDEN, C. Learning to Fingerspell Twice: Young Signing Children's Acquisition of Fingerspelling. In: SCHICK, B.; MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. (Orgs.).

- Advances in the Sign-Language Development of Deaf Children.** Oxford: Oxford University Press, p. 189-201, 2005.
- PAGANO, A. **Metodologias de Pesquisa em Tradução.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
- PAGURA, R. J. A Teoria Interpretativa da Tradução (*Théorie du Sens*) revisitada: um novo olhar sobre a desverbalização. **TradTerm**, v. 19, p. 92-108, 2012.
- PAGURA, R. J. Tradução e interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C.C.; STUPIELLO, E. N. (Org). **Tradução &: Perspectivas teóricas e práticas.** São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.
- PATRA, A.; BOSE, A.; MARINIS, T. Performance difference in verbal fluency in bilingual and monolingual speakers. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 23, p. 204-218, 2020.
- PÊGO, C. F. **Articulação-boca na Libras:** um estudo tipológico semântico-funcional. 2021, 158 f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- PEIRCE, J. CINZA, J. R., SIMPSON, S.; MacASKILL, M.; HOCHENBERGER, R.; SOGO, H.; KASTMAN, E.; LINDELOV, J. L. PsychoPy2: Experiments in behavior made easy. **Behavior Research Methods**, v. 51, n. 1, p. 195-203, 2019.
- PENHA, J. N.; TRAVASSOS, P. F.; TEIXEIRA, R. B. S. A pesquisa experimental na análise de construções com verbo suporte. In: VIEIRA, M. S. M. (Org.). **Predicar:** uma rede de perspectivas metodológicas. 1 ed.: Blucher, v. 1, p. 161-174, 2022.
- PEREIRA, M. C. P. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?. **Tradução em Revista**, n. 24, p. 1-21, 2018.
- PETTITA, G.; HALLEY, M.; NICODEMUS, B. Managing metalinguistic references in bimodal interpreted discourse: an analysis of an American Sign language-English interpretation. In: PINTO, M. A.; RINALDI, P. (Orgs.). **Journal of Applied Psycholinguistic.** Special issue: Metalinguistic awareness and bimodal bilingualism: studies on deaf and hearing subjects, p. 53-69, 2016.
- PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de língua de sinais brasileira**, v. 1, Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.
- PINHEIRO, V.; XAVIER, A. N. Análise preliminar de empréstimos linguísticos do português na libras via alfabeto manual. In: **Anais da XXI Semana de Letras**, v. 2, Universidade Federal do Paraná, p. 45-55, 2019.
- PLASSARD, F. D. Seleskovitch et M. Lederer: Interpréter pour traduire. **Traduire**, n. 232, p. 141-143, 2015.
- PÖCHHACKER, F. Interpreters and interpreting: shifting the balance?. **The Translator**, v. 28, n. 2, p. 148-161, 2022.
- PÖCHHACKER, F. Interpreting Studies. In: GAMBIER, Y.; DOORSLAER, L. V. (Orgs.). **Handbook of Translation Studies**, Amsterdam: John Benjamins, p. 158-172, 2010.

- PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. New York: Routledge, p. 265, 2004.
- PÖCHHACKER, F. Is machine interpreting interpreting?. **Translation Spaces**, p. 1-21, 2024.
- PÖCHHACKER, F. Issues in Interpreting Studies. In: MUNDAY, J. **The Routledge Companion to Translation Studies**. London: Routledge, p. 128-140, 2009.
- PÖCHHACKER, F. Moving Boundaries in Interpreting. In: DAM, H. V.; BRØGGER, M. N.; ZETHSEN, K. K. (Org). **Moving Boundaries in Translation Studies**. London/New York: Routledge, p. 45-63, 2019.
- PÖCHHACKER, F. Pioneering interpreting studies: The extraordinary case of Ingrid Kurz. **Interpreting**, v. 25, n. 2, p. 159-185, 2023.
- PÖCHHACKER, F. Researching interpreting: Approaches to inquiry. In: NICODEMUS, B.; SWABEY, L. (Orgs.). **Advances in Interpreting Research**, Benjamins Translation Library, Amsterdam: John Benjamins, p. 5-25, 2011.
- PÖCHHACKER, F.; LIU, M. Interpreting technologized: Distance and assistance. **Interpreting**, v. 26, n. 2, p. 157-177, 2024.
- POINTURIER-POURNIN, S. **L'interprétation en Langue des Signes Française: contraintes, tactiques, efforts**. 2014, 461 f. Tese de Doutorado em Tradutologia. Programa de Pós-graduação em Linguística, Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle, Paris, 2014.
- POINTURIER-POURNIN, S.; GILE, D. As táticas do intérprete de Língua de Sinais diante do vazio lexical: um estudo de caso. Tradução de Giovana Bleyer Ferreira dos Santos, Alexandra Almeida de Oliveira e Adriano Mafra. **Revista Belas Inféis**, v. 8, n. 1, p. 279-299, 2019.
- QUADROS, R. M. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006.
- QUADROS, R. M. **Libras**. 1. ed. São Paulo: Parábola, v. 1, p. 192, 2019.
- QUADROS, R. M. **Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, v. 1, p. 247, 2017.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, p. 222, 2004.
- QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; MACHADO, R. N.; LUDWIG, C. R. Inventário Nacional de Libras. **Fórum linguístico**, v. 17, n. 4, p. 5457-5474, 2020.
- QUADROS, R. M.; ZEREMETA, J. F.; COSTA, E.; FERRARO, M. L.; FURTADO, O.; SILVA, J. C. **Exame Prolibras**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 87, 2009.
- QUER, J.; STEINBACH, M. Handling sign language data: the impact of modality. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 483-490, 2019.
- QUINTO-POZOS, D.; MUROSKI, K.; SAUNDERS, E. Pronouns in ASL-English Simultaneous Interpretation. **Journal of Interpretation**, v. 27, n. 1, p. 1-22, 2019.

- QUINTO-POZOS, D.; QUADROS, R. M.; MAYNARD, B. Reference switching in sign and speech: grammatical and discourse features across modalities within signed-to-spoken language interpretation. **Revista Linguística**, v. 16, n. 3, p. 274-310, 2020.
- REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p. 308-326, 2007.
- REN, W. The evolution of interpreter's perception and application of (codes of) ethics in China since 1949: a sociological and historical perspective. **The Translator**, v. 26, n. 3, p. 274-296, 2020.
- RINNE, J. O., TOMMOLA, J.; LAINE, M.; KRAUSE, B. J.; SCHMIDT, D.; KAASINEN, V.; TERAS, M.; SIPILA, H.; SUNNARI, M. The translating brain: cerebral activation patterns during simultaneous interpreting. **Neuroscience Letters**, v. 294, n. 2, p. 85-88, 2000.
- RODRIGUES, C. H. A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais. 2013, 255 f. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 57, v. 1, p. 287-318, 2018a.
- RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, *performance* corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018b.
- RODRIGUES, C. H. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil: conteúdos, carga horária e competências. **Belas Infiéis**, v. 8, n. 1, p. 145-162, 2019.
- RODRIGUES, C. H. Translation and sign language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, v. 38, n. 2, p. 294-319, 2018c.
- RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p.17-45, 2015.
- RODRIGUES, C. H.. MEDEIROS, D. O uso de mouthing na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais. In: **V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-15, 2016.
- RODRIGUES, C. H.; CHRISTMANN, F. As pesquisas brasileiras sobre tradução e interpretação de línguas de sinais: os ETILS na pós-graduação em Estudos da Tradução. **Cadernos de Tradução**, v. 43, p. 1-44, 2023.
- ROMÃO, T. L. C. A tomada de notas em interpretação consecutiva: algumas considerações históricas. **TradTerm**, v. 24, p. 281-300, 2014.
- ROSA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da Língua de Sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Editora Arara Azul, p. 201, 2005.

- SAAVEDRA-RODRÍGUEZ, S.; GONZÁLEZ-MONTESINO, R. H. Preferencias de direccionalidad en la interpretación de la lengua de signos española. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, v. 98, p. 141-152, 2024.
- SALEVSKY, H. S. The Distinctive Nature of Interpreting Studies. **Target International Journal of Translation Studies**, v. 5, n. 2, p. 149-167, 1993.
- SALUM, M. E. L. **Morfologia do verbo português em obras de referência**. 2007, 232 f. Tese de Doutorado em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SAMPAIO, G. R. L. O papel dos aportes teóricos na formação do intérprete. **Tradução em Revista**, v. 23, p. 1-17, 2017.
- SANTANA, A. P. O.; SANTOS, K. P. Verbal Fluency Test: A historical-critical review of the concept of fluency. **Distúrbios da Comunicação**, v. 27, n. 4, p. 807-818, 2015.
- SANTIAGO, V. A. A.; TURCADO, E. M. V. Interpretação intermodal em conferência multilíngue: de língua estrangeira para língua de sinais. **Tradterm**, v. 43, p. 27-53, 2023.
- SANTOS, R. F.; RODRIGUES, C. H. Interpretação Simultânea Intermodal Culturalmente Marcada do Português Oral para a Libras Oral. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed., v. 5, Florianópolis, SC: Editora Insular, p. 263-285, 2020.
- SCHAEFFER, M.; HUEPE, D.; HANSEN-SCHIRRA, S.; HOFMANN, S.; MUÑOZ, E.; KOGAN, B.; HERRERA, E.; IBÁÑEZ, A.; GARCÍA, A. The Translation and Interpreting Competence Questionnaire: an online tool for research on translators and interpreters. **Perspectives Studies in Translation Theory and Practice**, v. 28, p. 90-108, 2019.
- SCHEMBRI, A.; JOHNSTON, T. Sociolinguistic Variation in the Use of Fingerspelling in Australian Sign Language: A Pilot Study. **Sign Language Studies**, n. 7, p. 319-47, 2007.
- SEEBER, K. Cognitive load in simultaneous interpreting. Existing theories – new models. **Interpreting**, v. 13, n. 2, p. 176-204, 2011.
- SEEBER, K. G. Simultaneous interpreting. In: MIKKELSON, H.; JOUDERNAIS, R. (Org.). **The Routledge handbook of interpreting**, London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, p. 79-95, 2015.
- SEHYR, Z. S.; GIEZEN, M. R.; EMMOREY, K. Comparing semantic fluency in American sign language and English. **The Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 23, n. 4, p. 399-407, 2018.
- SEHYR, Z. S.; MIDGLEY, K. L.; EMMOREY, K.; HOLCOMB, P. J. Asymmetric event-related potential priming effects between English letters and American Sign Language fingerspelling fonts. **Neurobiology of Language**, v. 4, n. 2, p. 361-381, 2023.

- SELESKOVITCH, D. Interpreting for international conferences. **Tradução de L'interprète dans les conférences internationales**. Washington: Pen and Booth, 1978a.
- SELESKOVITCH, D. Language and cognition. *In*: GERVER, D.; SINAIKO, H. W. (Orgs.). **Language Interpretation and Communication**. New York: Plenum Press, p. 333-341, 1978b.
- SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. Interpréter pour traduire. **Babel**, v. 31, n. 2, p. 106, 1985.
- SETTON, R. From practice to theory and back in interpreting: the pivotal role of training. **The Interpreters' Newsletter**, v. 15, p. 1-18, 2011.
- SETTON, R. Seleskovitch: A Radical Pragmatist Before Her Time: Langage, langues et mémoire: études de la prise de notes en interprétation consécutive. Danica Seleskovitch. Paris: Minard Lettres Modernes, 1975. **The Translator**, v. 8, n. 1, p. 117-124, 2002.
- SHAMY, M.; RICOY, R. P. Retrospective protocols: Tapping into the minds of interpreting trainees. **Translation & Interpreting**, v. 9, n. 1, p. 51-71, 2017.
- SHAO, Z.; CHAI, M. The effect of cognitive load on simultaneous interpreting performance: an empirical study at the local level. **Perspectives**, v. 29, n. 5, p. 778-794, 2021.
- SHAO, Z.; JANSE, E.; VISSER, K.; MEYER, A. What do verbal fluency tasks measure? Predictors of verbal fluency performance in older adults. **Frontiers in Psychology**, v. 5, p. 1-10, 2014.
- SILVA, A. A. Uma proposta de categorização das apontações laterais em Libras. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-27, 2021.
- SILVA, C. S. V. Um olhar sobre a evolução histórica dos Estudos da Interpretação no Brasil. **Tradução em Revista**, v. 28, p. 87-116, 2020.
- SILVA, J. B.; QUADROS, R. M. Aspectos linguísticos das LS. *In*: QUADROS, R. M.; SILVA, J. B.; ROYER, M.; SILVA, V. R. (Orgs.), **Gramática da Libras**, v. 1, p. 29-61, 2023.
- SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica**: a prova como foco de análise, 2019, 241 f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- SILVA, V. T. C. **Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português**, 2021, 201 f. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.
- SILVA-REIS, D.; BAGNO, M. Os intérpretes e a formação do Brasil: os quatro primeiros séculos de uma história esquecida. **Cadernos de Tradução**, v. 36, n. 3, p. 81-108, 2016.

- SOFIATO, C. G.; REILY, L. H. Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 1, p. 109-126, 2014.
- SOUZA, C. B. **Análise de processos fonológicos na soletração manual em Libras**, 2023, 104 f. Dissertação de Mestrado em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.
- SOUZA, T. A. F. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**, 1998, 159 f. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- STERN, L.; LIU, X. Interpreting studies. In: LAVIOSA, S.; GONZÁLEZ-DAVIES, M. (Orgs.). **The Routledge Handbook of Translation and Education**. London: Taylor and Francis Group, p. 226-244, 2020.
- STRELHOW, M. R. W.; CÂMARA, S. G. Descobrimo a estatística usando o SPSS. **Aletheia**, n. 35-36, p. 202-205, 2011.
- SWABEY, L. OSOLON, A. M.; SEVER-HALL, A. M.; GAMACHE, K. Novice Interpreters, American Sign Language Proficiency, and the National Interpreter Certification Performance Exam National Interpreter Certification Performance Exam. **Journal of Interpretation**, v. 30, n. 1, p. 1-24, 2022.
- SWABEY, L., NICODEMUS, B., TAYLOR, M. M., GILE, D. Lexical Decisions and Related Cognitive Issues in Spoken and Sign Language Interpreting: A Case Study of Obama's Inaugural Address. **Interpreting**, v. 18, n. 1, p. 34-56, 2016.
- TASSARA, V.; RODRIGUES, C. H.; FONSECA, N. B. L. Efeitos de modalidade na interpretação intermodal de fábulas no par linguístico Libras-Português: recorte de uma pesquisa empírico-experimental. **PERcursos Linguísticos**, v. 12, n. 32, p. 127-143, 2022.
- TAYEBI, M. R. Omission as an indicator of challenge in simultaneous interpreting: the interpreters' perspective. **Applied Linguistics Compass**, v. 1, n. 1, p. 39-70, 2025.
- TAYLOR, M. M. **Interpretation skills: American Sign Language to English**. Edmonton, Alberta: Interpreting Consolidated, p. 193, 2022.
- THÓRODDSDÓTTIR, H.; GÍSLADÓTTIR, K. R. The Effect of Preparation on the Quality of Sign Language Interpretation. **Journal of Interpretation**, v. 32, n. 1, p. 1-22, 2024.
- THUMANN, M. M. A. Fingerspelling in a Word. **Journal of Interpretation**, v. 19, n. 1, p. 104-126, 2012.
- TISELIUS, E. Expertise without Deliberate Practice? The case of simultaneous interpreters. **The Interpreter's Newsletter**, v. 18, p. 1-15, 2013.
- TISELIUS, E.; JENSET, G. B. Process and Product in Simultaneous Interpreting: what they tell us about experience and expertise. In: ALVSTAD, C.; HILD, A.; TISELIUS, E. (Orgs.). **Methods and Strategies of Process Research Integrative**

- approaches in Translation Studies.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 269-300, 2011.
- TOMCZAK, E.; WHYATT, B. Directionality and lexical selection in professional translators: evidence from verbal fluency and translation tasks. **Translation & Interpreting**, v. 14, n. 2, p. 120-136, 2022.
- VALDEÓN, R. A. Perspectives on interpreting, **Perspectives**, v. 29, n. 4, p. 441-453, 2021.
- VASCONCELLOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na pós-graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 26, p. 119-143, 2010.
- VASCONCELLOS, M. L.; BARTHOLAMEI JR, L. A. **Estudos da Tradução I.** Bacharelado em Letras Libras na modalidade a distância. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 54, 2009.
- VESEL, J.; GREENE, A.; HAUSCHILDT, S.; CLARK, M, D. Increasing undergraduate student interpreters’ fluency and accuracy in interpreting STEM content. **Forum for Linguistic Studies**, v. 6, n. 2, p. 1-13, 2024.
- VIANA, L. M. G. **Gatilhos de problema e seus efeitos na interpretação simultânea de Libras para português:** um estudo sobre informações numéricas e datilológicas, 2022, 132 f. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- VIEIRA-MACHADO, L. M. C. A língua de sinais como língua de uma geração CODA: aprendimentos e literacia familiar. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 22, p. 1-18, 2024.
- VILLAMERIEL, S.; COSTELLO, B.; DIAS, P.; GIEZEN, M.; CARREIRAS, M. Language modality shapes the dynamics of word and sign recognition. **Cognition**, v. 191, 103979, 2019.
- WAGER, D. S. **Fingerspelling in American Sign Language:** A case study of styles and reduction, 2012, 61 f. Dissertação de Mestrado em Letras, University of Utah, Salt Lake City, 2012.
- WANG, J.; NAPIER, J. Directionality in Signed Language Interpreting. **Meta**, v. 60, n. 3, p. 518-541, 2015.
- WANG, Y. Strategies in Simultaneous Interpreting Based Upon Effort Model. **Scholars International Journal of Linguistics and Literature**, v. 5, n. 12, p. 431-435, 2022.
- WHYATT, B. In search of directionality effects in the translation process and in the end product. *In: Translation, Cognition & Behavior*, John Benjamins Publishing Company, v. 2, n. 1, p. 79-100, 2019.
- WILCOX, S.; MARTÍNEZ, R. The conceptualization of space: places in signed language discourse. **Frontiers in Psychology**, v. 11. p. 1 -16, 2020.
- WILCOX, S.; SHAFFER, B. Towards a cognitive model of interpreting. *In: JANZEN, T. (Org.) Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice.*

- Benjamins Translation Library: John Benjamins Publishing Company, p. 27-50, 2015.
- WILLIAMS, J. T.; NEWMAN, S. D. Connections between fingerspelling and print: the impact of working memory and temporal dynamics on lexical activation. **Sign Language Studies**, v. 16, n. 2, p. 157-183, 2016.
- WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies, Manchester: **St. Jerome Publishing**, 2002.
- WILLIAMS, J.; DARCY, I.; NEWMAN, S. Fingerspelling and print processing similarities in deaf and hearing readers. **Journal of Language and Literature**, v. 6, n. 1, p. 56-65, 2015.
- WIT, M.; CRASBORN, O.; NAPIER, J. Interpreting international sign: mapping the interpreter's profile. **The Interpreter and Translator Trainer**, v. 15, n. 2, p. 205-224, 2021.
- XAVIER, A. N.; SOUZA, C. B. O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras. **Cadernos do Instituto de Letras, Estudos Linguísticos**, n. 65, p. 296-328, 2022.
- XU, H.; LIU, K. The impact of directionality on interpreters' syntactic processing: Insights from syntactic dependency relation measures. **Lingua**, v. 308, p. 1-16, 2024.
- ZESHAN, U.; PALFREYMAN, N. Comparability of signed and spoken languages: absolute and relative modality effects in cross-modal typology. **Linguistic Typology**, v. 24, n. 3, p. 527-562, 2020.
- ZIOBRO-STRZEPEK, J. Simultaneous interpreting: walking a tightrope. **Zeszyty naukowe Uniwersytetu Rzeszowskiego**, v. 69, p. 377-392, 2011.
- ZWISCHENBERGER, C. Quality criteria in simultaneous interpreting: an international vs. a national view. **The Interpreters' Newsletter**, n. 15, p. 127-142, 2010.

Anexo 1: TICQ (*Translation and Interpreting Competence Questionnaire*)

QUESTIONÁRIO

Identificação:

Módulo A1: Dados pessoais

1. Idade:

2. Gênero:

Por favor, escolha apenas uma das opções:

() feminino

() masculino

() outro: _____

3. Qual é o seu grau mais alto de escolaridade?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

() ensino médio

() graduação - licenciatura

() graduação - bacharelado

() graduação - tecnólogo

() pós-graduação *lato sensu*

() pós-graduação *stricto sensu* - mestrado

() pós-graduação *stricto sensu* - doutorado

() outro: _____

4. Quais línguas você fala?:

5. Em qual(is) dessas línguas você era fluente antes dos 7 anos?:

6. Qual era a língua de instrução em suas aulas (por exemplo, matemática, biologia, etc.) durante o ensino fundamental e o ensino médio?

Módulo A2: Aquisição da Libras

1. Com que idade você começou a aprender a Libras?

2. Qual foi o meio determinante para você aprender a Libras?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

educação formal

convivência com comunidades de falantes da Libras

contato com os pais

anseios profissionais

outro: _____

3. Você possui algum certificado de proficiência em Libras?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

Sim

Não

3.1. Se sim, qual certificado?:

3.2. Se sim, com que idade ou ano você o alcançou?:

4. Com quem você fala em Libras?

Pode assinar mais de uma opção:

pais

demais familiares

amigos

colegas de trabalho

outros: _____

5. Com que frequência você fala em Libras?

Escolha a opção mais próxima da sua situação.

de 1 a 15 horas por dia

de 1 a 15 horas semanais

de 1 a 15 horas por mês

6. Quantas horas por semana você lê textos em sua língua materna?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

7. Quantas horas por semana você assiste a vídeos em Libras?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

8. Quantas horas por semana você ouve conteúdo de áudio em sua língua materna?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

9. Quantas horas por semana você assiste a TV/filmes/séries na sua língua materna?
Por favor, escreva a sua resposta aqui:

Módulo C1: Experiência profissional

1. Qual é a sua atual situação?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

- intérprete-aprendiz
- intérprete-profissional
- professor de Libras
- bilíngue sem qualquer treinamento para a interpretação

1.1. Se for aprendiz, em que ano de estudo você está atualmente?:

1.2. Se for aprendiz, qual é o nome do seu curso?:

2. Você já tem um diploma universitário?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

- Sim
- Não

2.1. Se sim, qual é o nome da graduação realizada?:

3. Qual é o seu par linguístico de trabalho?:

4. Você participou de algum treinamento profissional em interpretação antes de iniciar a sua graduação na universidade?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

- Sim
- Não

4.1. Se sim, qual tipo de formação?:

4.2. Se sim, quanto tempo durou o treinamento? (em meses):

4.3. Se sim, qual a sua idade a época?:

5. Se você é um professor de Libras, qual grau de escolaridade você possui?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

Se você é professor de Libras, quando obteve o seu diploma?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

Se você é um professor de Libras, onde você leciona?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

Se você é professor de Libras, em qual(is) nível(is) você leciona?

Por favor, escreva a sua resposta aqui:

Módulo C2: Competência em interpretação

1. Como você classifica a sua capacidade de interpretar da língua materna para a Libras? De 1 (muito ruim) a 10 (muito bom):

2. Como você classifica a sua capacidade de interpretar da Libras para a sua língua materna? De 1 (muito ruim) a 10 (muito bom):

3. Em média, quantas horas por semana você dedica à interpretação da sua língua materna para a Libras?:

() de 1 a 10

() de 11 a 20

() de 21 a 30

4. Em média, quantos dias por ano você se dedica à interpretação da sua língua materna para a Libras?:

() de 10 a 100

() de 101 a 200

() de 201 a 300

5. Em média, quantas horas por semana você dedica à interpretação da Libras para a sua língua materna?:

() de 1 a 10

() de 11 a 20

() de 21 a 30

6. Em média, quantos dias por ano você se dedica à interpretação da Libras para a sua língua materna?:

de 10 a 100

de 101 a 200

de 201 a 300

7. Aproximadamente, qual é a proporção de interpretação simultânea vs. consecutiva que você atua semanalmente?

7 vs. 0

4 vs. 3

2 vs. 5

8. Você é membro da associação de intérpretes de línguas de sinais do seu Estado?

Por favor, escolha apenas uma das opções:

Sim

Não

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA LIBRAS-PORTUGUÊS”, realizada pelo doutorando Eduardo Andrade Gomes, sob orientação do Prof. Dr. Guilherme Lourenço, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

O projeto de pesquisa que desenvolvemos tem como foco estudar as nuances e os processos que compõem a interpretação simultânea na direção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o português, conhecida como interpretação-voz, discutindo de que forma os efeitos de modalidade podem impactar essa atividade. Se você se interessar em participar da pesquisa, sua tarefa consistirá em: i) responder a um questionário demográfico, em que iremos realizar perguntas sobre sua aquisição da Libras e sua experiência e competência profissional em interpretação; ii) participar de um teste de fluência, em que você expressará sinais em Libras e palavras em português, conforme categoria lexical e letra; e (iii) realizar uma atividade de interpretação simultânea da Libras para o português de sentenças curtas em vídeo. A sessão terá duração estimada em 1 hora e 30 minutos, podendo exceder um pouco mais ou menos de acordo com a velocidade individual de cada participante. Além disso, as sessões ocorrerão individualmente e, o teste de fluência gravado em vídeo e a tarefa interpretativa em áudio.

Esta pesquisa envolve riscos mínimos, porém há a possibilidade de desconforto, estresse e cansaço ao responder ao questionário, ao realizar o teste de fluência e a tarefa interpretativa. De modo a minimizar esses riscos, todos esses procedimentos serão confidenciais, não havendo identificação pelo nome, mantendo o anonimato. Os indivíduos receberão todo o esclarecimento prévio sobre a pesquisa e quaisquer uma das etapas poderá ser interrompida a qualquer momento, se assim for de sua vontade.

Você não é obrigado(a) a participar do estudo e os resultados serão utilizados apenas para propósitos de pesquisa. A participação não acarretará custos para você e também não será oferecida nenhuma compensação financeira em virtude de sua participação neste estudo.

Reiteramos que caso você sinta constrangimento e ou desconforto frente ao computador ou à câmera, poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer

momento oportuno, sem nenhum prejuízo. A fim de garantir o anonimato de todos os participantes, em nenhum momento seu nome será utilizado na divulgação dos dados da pesquisa. Além disso, o acesso aos dados, às filmagens e aos áudios será permitido apenas para este pesquisador e orientador. Em nenhum momento, a sua imagem será exibida, visto que a identidade dos participantes será preservada. As gravações serão mantidas sob a responsabilidade do doutorando e do professor-orientador da pesquisa e serão descartadas em um período de 10 anos após a coleta dos dados.

Caso surja qualquer dúvida ou problema relacionado aos procedimentos adotados nesta pesquisa, você poderá contatar o pesquisador e orientador responsável na Faculdade de Letras da UFMG através do e-mail: guilhermelourenco@ufmg.br, ou do telefone (31) 3409-6050. Você pode também buscar informações sobre aspectos éticos desta pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, localizado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2. andar, sala 2005, CEP: 31270-901, BH-MG, fone (31) 3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Espera-se que o resultado desta pesquisa traga contribuições para a formação e a capacitação de intérpretes de Libras-português que atuam em modalidade simultânea.

Assim, se você se sentir suficientemente esclarecido(a) e desejar colaborar com esta pesquisa, solicitamos que assine o presente termo externando o seu consentimento em duas vias, uma das quais será entregue a você.

Agradecemos pela sua participação.

Eu, _____
_____, confirmo estar esclarecido (a) sobre a pesquisa e concordo em dela participar.

Assinatura do participante

Telefone e ou e-mail: _____
Belo Horizonte, ____ de _____ de _____.

Eduardo Andrade Gomes
Faculdade de Letras/UFMG

Prof. Dr. Guilherme Lourenço
Faculdade de Letras/ UFMG

Apêndice 2: Frequência absoluta das palavras selecionadas para o experimento

PALAVRAS DE ALTA FREQUÊNCIA

CLASSE	PALAVRA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA (freq_orto)
Nome	futebol	8116
Nome	general	1849
Nome	relator	1635
Nome	bagagem	547
Nome	caráter	2104
Nome	garagem	335
Nome	japonês	296
Nome	ditador	213
Nome	funeral	100
Nome	capital	6077
Nome	monitor	389
Nome	litoral	1236
Verbo	colocar	2548
Verbo	decidir	1560
Verbo	repetir	951
Verbo	relaxar	153
Verbo	começar	2445
Verbo	visitar	871
Verbo	dividir	564
Verbo	resumir	103
Verbo	dirigir	779
Verbo	namorar	146
Verbo	coletar	80
Verbo	revogar	97

PALAVRAS DE BAIXA FREQUÊNCIA

CLASSE	PALAVRA	FREQUÊNCIA ABSOLUTA (freq_orto)
Nome	bolador	1
Nome	lajotas	1
Nome	papadas	1
Nome	rebocos	1
Nome	salivas	1
Nome	soroban	1
Nome	taludes	1
Nome	tylenol	1
Nome	cágados	2
Nome	catéter	2
Nome	cozumel	2
Nome	galletos	2
Verbo	cobiçar	1
Verbo	defecar	1
Verbo	marinar	1
Verbo	picotar	1
Verbo	refogar	1
Verbo	xavecar	1
Verbo	deletar	2
Verbo	licitar	2
Verbo	depenar	2
Verbo	galopar	2
Verbo	latejar	2
Verbo	rebocar	2

Apêndice 3: Sentenças-experimentais em Libras (glosas)

Classe	Frequência	Palavra	Sentença
Nome	Frequente	Bagagem	VONTADE VIAJAR MAS B-A-G-A-G-E-M SUMIR
Nome	Frequente	Capital	EU MUDAR BH C-A-P-I-T-A-L MINAS-GERAIS
Nome	Frequente	Carater	INFELIZMENTE EMPRESA DIRETOR C-A-R-A-T-E-R TER-NAO
Nome	Frequente	Ditador	EU ODIO HISTÓRIA D-I-T-A-D-O-R CHILE
Nome	Frequente	Funeral	FILHO RESPONSÁVEL ORGANIZAR F-U-N-E-R-A-L MÃE
Nome	Frequente	Futebol	MEU PAI PENSAR F-U-T-E-B-O-L TODO-DIA
Nome	Frequente	Garagem	MEU VIZINH@ EMPRESTAR-EU G-A-R-A-G-E-M DELE
Nome	Frequente	General	ELE TIO É G-E-N-E-R-A-L FAMOSO
Nome	Frequente	Japones	MEU CHEFE É J-A-P-O-N-E-S REAL
Nome	Frequente	Litoral	MEU TIO AMAR L-I-T-O-R-A-L PERNAMBUCO
Nome	Frequente	Monitor	EU COMPRAR PRECISAR M-O-N-I-T-O-R NOVO
Nome	Frequente	Relator	PRESIDENTE ESCOLHER DEPUTADO R-E-L-A-T-O-R PROJETO
Nome	Infrequente	Bolador	POLÍCIA QUERER ENCONTRAR B-O-L-A-D-O-R MACONHA
Nome	Infrequente	Cagados	AUSTRÁLIA TER VÁRIOS C-Á-G-A-D-O-S DIFERENTES
Nome	Infrequente	Cateter	CUIDADO HOSPITAL TER C-A-T-E-T-E-R SUJO
Nome	Infrequente	Cozumel	QUERER BEBER MAS C-O-Z-U-M-E-L CARO
Nome	Infrequente	Galetos	PEDIR PODER 10 G-A-L-E-T-O-S FRITO
Nome	Infrequente	Lajotas	PRÉDIO CONSTRUIR USAR L-A-J-O-T-A-S CARA
Nome	Infrequente	Papadas	DUAS MULHERES OPERAR P-A-P-A-D-A-S HOJE
Nome	Infrequente	Rebocos	LOJA CENTRO TER R-E-B-O-C-O-S MUITO
Nome	Infrequente	Salivas	TRÊS BEIJAR PEGAR S-A-L-I-V-A-S ESTRANHO
Nome	Infrequente	Soroban	MEU ALUNO USAR S-O-R-O-B-A-N- SEMPRE
Nome	Infrequente	Taludes	PREFEITURA PRECISAR CONSTRUIR T-A-L-U-D-E-S NOVO
Nome	Infrequente	Tylenol	FEBRE PRECISAR REMEDIO T-Y-L-E-N-O-L HOJE
Verbo	Frequente	Coletar	MEU PADRINHO ENSINAR-EU C-O-L-E-T-A-R FRUTAS
Verbo	Frequente	Colocar	ONDE SEU FILHO C-O-L-O-C-A-R BANANA?
Verbo	Frequente	Começar	SIM VOCÊ PODE C-O-M-E-Ç-A-R DE NOVO?
Verbo	Frequente	Decidir	ONTEM EU PENSAR D-E-C-I-D-I-R COMPRAR
Verbo	Frequente	Dirigir	EU SONHAR SEMPRE D-I-R-I-G-I-R CAMINHÃO
Verbo	Frequente	Dividir	DEUS ENSINAR IMPORTANTE D-I-V-I-D-I-R PÃO
Verbo	Frequente	Namorar	ELA AVISAR-EU QUERER N-A-M-O-R-A-R OUTRO
Verbo	Frequente	Relaxar	TRABALHO PESADO POR-ISSO R-E-L-A-X-A-R IMPORTANTE
Verbo	Frequente	Repetir	EU DÚVIDA PRECISAR R-E-P-E-T-I-R CÁLCULOS
Verbo	Frequente	Resumir	EU PEDIR VOCÊ R-E-SU-M-I-R HISTORIA
Verbo	Frequente	Revogar	POVO PEDIR DEPUTADO R-E-V-O-G-A-R LEI
Verbo	Frequente	Visitar	HOJE EU IR V-I-S-I-T-A-R BEBÊ

Verbo	Infrequente	Cobiçar	HOMEM PERIGOSOS PORQUE C-O-B-I-Ç-A-R OURO
Verbo	Infrequente	Defecar	ELE COITADO SEMPRE D-E-F-E-C-A-R RUA
Verbo	Infrequente	Deletar	EU PODER JÁ D-E-L-E-T-A-R SOFTWARE?
Verbo	Infrequente	Depenar	DOMINGO MINHA MÃE D-E-P-E-N-A-R GALINHA
Verbo	Infrequente	Galopar	EU ACOSTUMAR JÁ G-A-L-O-P-A-R MANHÃ
Verbo	Infrequente	Latejar	MULHER BICICLETA PEDALAR-CAIR L-A-T-E-J-A-R DEDO
Verbo	Infrequente	Licitar	HOSPITAL COMEÇAR PODER L-IC-I-T-A-R REMEDIO?
Verbo	Infrequente	Marinar	MINHA AVÓ ENSINAR M-A-R-I-NA-R PEIXE
Verbo	Infrequente	Picotar	PASSADO ESCOLA GOSTAR-NÃO P-I-C-O-T-A-R PAPEL
Verbo	Infrequente	Rebocar	ELE APRENDER PRECISAR R-E-B-O-C-A-R PAREDE
Verbo	Infrequente	Refogar	MÉDICO ORIENTAR-EU SAÚDE R-E-F-O-G-A-R LEGUMES
Verbo	Infrequente	Xavecar	ELE EXPERIÊNCIA NUNCA X-A-V-E-C-A-R AMIGO

Apêndice 4: Sentenças-distratoras em Libras (glosas)

1	D-A-N-I-E-L ONTEM QUASE QUEBRAR PERNA-QUEBRAR
2	MEU AMIGO-HOMEM RUA ANDAR CAIR
3	SORVETE GOSTOSO NÓS GOSTAR TODO-DIA
4	MESA NÓS COMER VÁRIOS DOCE
5	ELA MULHER VENDER TAMBÉM MAÇÃ
6	ONTEM EU VIAJAR ONIBUS CONFORTÁVEL
7	MINHA IRM@ JUNTO BRINCAR TODO-DIA
8	ELA MULHER COITAD@ ELA GRAVE DOENÇA
9	DEPOIS EU IR CASA SUA
10	<ACONTECER O-QUE>qu EU LEMBRAR NÃO
11	MEU GRUPO PREPARAR CHURRASCO ÓTIMO
12	ELE PREOCUPAR POR-CAUSA SUMIR PAI
13	MINHA PRIM@ EU JUNTO DANÇAR
14	ONTEM EU CASA FUGIR INFELIZMENTE
15	<POR QUE SUA MÃE BRAVA POR QUÊ>qu
16	MINHA CASA TER ÁRVORE BONITA
17	EU SABER ESCREVER MEU NOME
18	ELA NAMORAD@ É BONITO UAU
19	MEU COMPUTADOR QUEBRAR POR-CAUSA VELHO
20	QUERER-NAO TRABALHAR HOJE NÃO
21	EU COMPRAR VÁRIOS PRESENTE BONITO
22	AGORA MEIO-DIA EU ESQUECER TOMAR-REMEDIO
23	TOMAR-BANHO QUENTE GOSTAR MAIS TODO-DIA
24	BRINCAR GOSTAR MAS TEMPO TER-NAO
25	ELA MULHER GOSTAR SÓ LEITE
26	HOJE MINHA IRMÃ ENCONTRAR FELIZ
27	ONTEM M-A-R-C-O-S COMPRAR NOVO VIDEOGAME
28	ELA CURSO ESTUDAR INGLES JÁ
29	PROFESSOR GOSTAR PESSOA ALUNO INTELIGENTE
30	CHUVA ESSA MULHER ESCORREGAR POR-CAUSA
31	LIVRO ESTE ROMANCE GOSTAR LER
32	EU QUERER MORAR JUNTO VOCÊ
33	MEU TIO COMPRAR REFRIGERANTE QUENTE
34	NÓS VIAJAR CARRO MAS CANSAR
35	MOTO EU GOSTAR-NÃO PORQUE PERIGOSO

36	ASSISTIR DOCUMENTÁRIO TEMA ALIMENTOS VEGETAIS
37	ÀS-VEZES MINHA IRMÃ COZINHAR BOLO
38	ELE MARIDO MORRER POR-CAUSA INFARTO
39	ONTEM DORMIR MADRUGADA PORQUE PREOCUPAR
40	ELE PENSAR EU SAIR SOZINHO
41	J-O-A-N-A SINAL J VIAJAR AUSTRÁLIA
42	MINHA MAE SAUDADE ELE MARIDO
43	MINAS-GERAIS ESTADO CACHOEIRA MAIS BONITA
44	EU ANDAR SOZINHO CANSADO TODO-DIA
45	ELE TER-NÃO DINHEIRO PAGAR BANCO
46	MINHA DISSERTAÇÃO MEU JÁ DEFENDER
47	MEU FILHO COMER BEM NÃO
48	EU ASSISTIR FILME XUXA JÁ
49	MEU AMIGO TER FILHO TRÊS
50	MEU VIZINHO ELE GATO SUMIR
51	MEU CHINELO ARREBENTAR PORQUE MARCA RUIM
52	FOFOCA EU GOSTAR-NÃO POR-CAUSA PERIGOSO
53	MINHA PLANTAÇÃO ALI ARROZ BONITA
54	MEU NAMORADO PARECER REI INGLATERRA
55	MULHER FUNCIONÁRIA LIMPAR QUARTO QUATRO
56	EU BRAVO QUERER-NÃO CONVERSAR VOCE
57	MEU FILH@ QUERER MUDAR ESCOLA
58	EU GOSTAR BALADA SEXTA-FEIRA SEMPRE
59	MINHA RUA SUPERMERCADO ELE BOM NÃO
60	EU HOJE PRECISAR MÉDICO REPETIR
61	MINHA FAZENDA GALINHA TER-NÃO MARROM
62	EU ADORAR-AMAR SUA FESTA FORMATURA
63	ELES DIZER EU DORMIR MUITO
64	DOIS PRIMO IMITAR MACACO
65	IMPORTANTE CUIDAR SUA SAÚDE-MENTAL SEMPRE
66	VOLEI EU GOSTAR JUNTO AMIGOS
67	CHAMAR P-A-U-L-A TER VESTIDO LARANJA
68	EU IDADE 80 JÁ VELHO
69	MEU WHATSAPP ENVIAR-MENSAGEM TER GRUPO TODO-DIA
70	MEU AMIGO GOSTAR SLAM MAIS
71	PERGUNTAR COR QUAL VOCÊ PREFERIR
72	HOJE ACORDAR MAS ESQUECER ESCOVAR-DENTE
73	LÁ SÃO-PAULO GOSTAR MUSEU VISITAR
74	BEBE CHORAR PORQUE SAUDADE MÃE
75	MINHA CASA CHAVE EU EMPRESTAR-VOCÊ

76	PRIMA ELA DESEMPREGADA ANOS JÁ
77	PROFESSOR UNIVERSIDADE ESTAR GREVE
78	FRUTA ESTA AMARELA EU CONHECER-NÃO
79	MINHA CIDADE BAGUNÇA TAMBÉM SUJA
80	MINHA TIA COMPRAR VÁRIOS BISCOITO
81	MACARRÃO JUNTO FEIJÃO EU GOSTAR-NÃO
82	MULHER ABANDONAR CACHORRO SOZINHO RUA
83	VELÓRIO EU GOSTAR-NÃO IR TRISTE
84	LÁ BRASÍLIA DEPUTADOS DINHEIRO DESVIAR
85	DESCULPA SEU ANIVERSARIO HOJE ESQUECER
86	TEXTO EU LER MAS ENTENDER-NÃO
87	SEU SÍTIO EU VOU DORMIR
88	PRAIA DOMINGO SEMPRE IR EU GOSTAR
89	EU ONTEM COMPRAR ESTE BISCOITO
90	MEU AMIGO TRAIR ESPOSA DELE
91	ELA MUDAR PORQUE LUGAR-ESPAÇO PERIGOSO
92	D-I-A FERIADO NATAL TODOS VIAJAR
93	PEIXE ELE TER ESPINHO CUIDADO
94	MINHA AVÓ EU DORMIR JUNTO
95	ELE PEDIR TRANFERÊNCIA FACULDADE PARTICULAR
96	-E-B-O-R-A ELA HOJE BEBER-NÃO ÁGUA